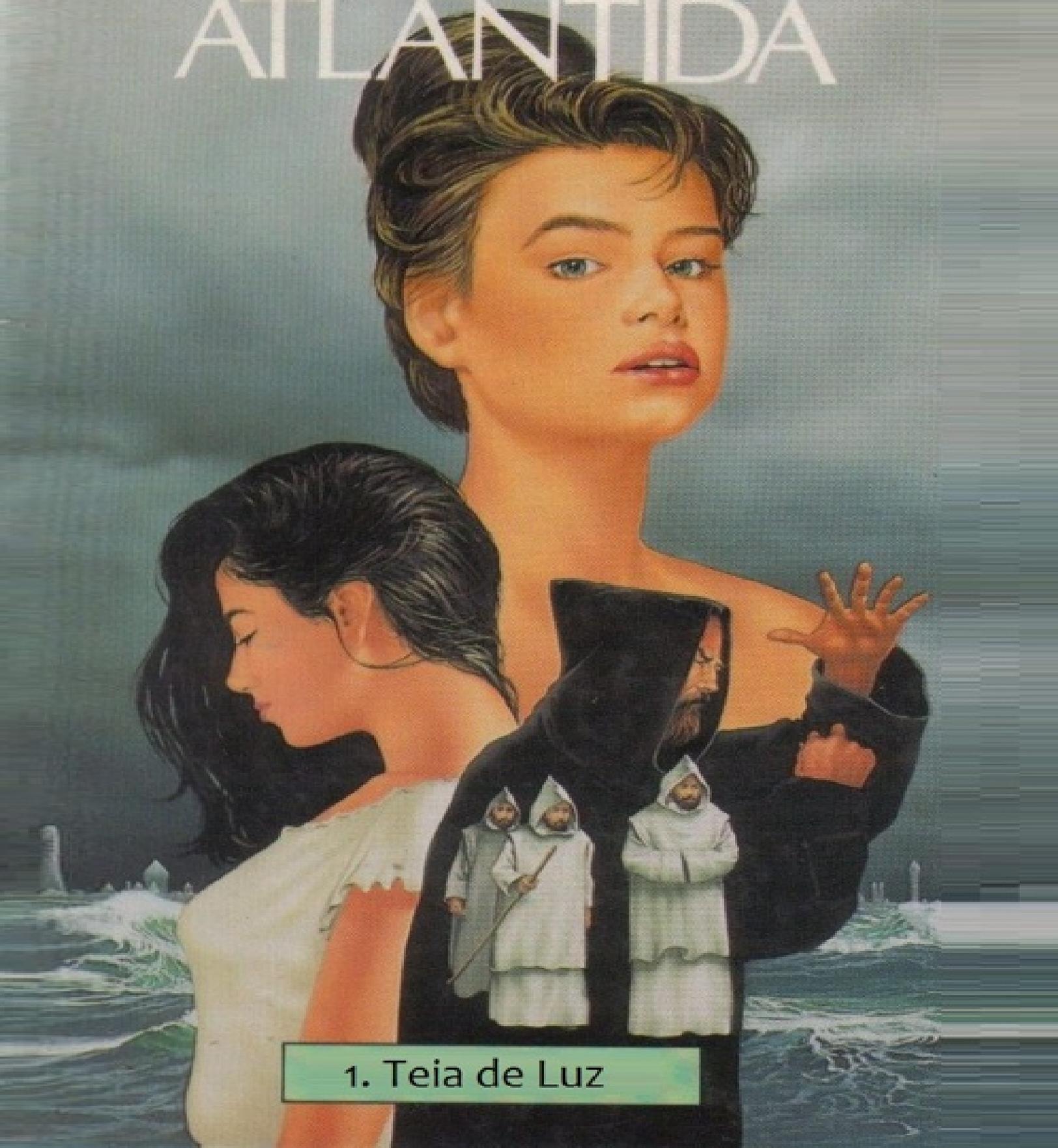


MARION ZIMMER BRADLEY

A QUEDA DE ATLÂNTIDA



1. Teia de Luz

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Série Avalon

MARION ZIMMER BRADLEY

A Queda de Atlântida

I

Teia de Luz

Português/Brasil

Primeiro, à minha querida amiga e mentora Dorothy G. Quinn, que, por mais anos do que me agrada lembrar, explorou o passado comigo; juntas, escrevemos diversas cenas com as personagens Domaris e Micon. O livro foi reescrito quatro vezes desde então, e Dorothy provavelmente não reconheceria a sua criação; mas foi em sua companhia que primeiro avancei por esse caminho, e a dívida é inestimável.

Segundo, a David R. Bradley, meu filho, que preparou o esboço final desta história para publicação e que providenciou, de várias fontes, inclusive dos escritos inéditos de seu falecido pai, Robert A. Bradley, as citações filosóficas que aparecem no início de cada seção.

Marion Zimmer Bradley

LIVRO UM

Micon

"Todos os eventos não passam de consumação de causas anteriores, percebidas claramente, mas não apreendidas com nitidez. Quando a melodia soa, até o ouvinte mais inculto pode compreender que deve terminar com uma determinada tônica, embora não seja capaz de perceber por que cada compasso sucessivo deve levar ao acorde conclusivo. A Lei do Carma é a força que leva todos os acordes à mesma tônica, que espalha as ondulações de uma pequena pedra largada num remanso, até que ondas gigantescas afundem um continente, muito tempo depois de a pedra sumir e ser esquecida.

Esta é a história de uma pedra assim, largada no remanso de um mundo que submergiu muito antes de os faraós do Egito empilharem uma pedra sobre outra."

– Os ensinamentos de Rajasta, o Mago

Um

Emissários

I

Ao ouvir passos sobre as pedras, o sacerdote Rajasta ergueu os olhos do pergaminho que estava aberto sobre seus joelhos. A biblioteca do templo estava vazia àquela hora, e ele passara a considerar como privilégio pessoal estudar ali todos os dias, sem ser incomodado. Sua testa enrugou-se um pouco, não com raiva, pois não era propenso à ira, mas com uma certa contrariedade, pois encontrava-se bastante absorto.

Mas os dois homens que entravam na biblioteca despertaram seu interesse, e ele se empertigou para observá-los: Talkannon, Arquiaadministrador do Templo da Luz, um homem corpulento, de rosto jovial, cuja afabilidade aparente era um disfarce astuto para um temperamento analítico, que podia se tornar frio e rigoroso, até mesmo implacável. O outro era um estranho, com seu gracioso corpo de dançarino a se movimentar devagar e com esforço; seu sorriso sombrio era um pouco amargo, como se os lábios contraídos na dor pudessem encontrar algum alívio numa careta. Um homem alto, aquele estranho, bronzeado e bonito, vestido com uma túnica branca de tecido desconhecido, que brilhava com uma tênue luminosidade das sombras varadas pelos raios do sol.

— Rajasta — disse o Arquiaadministrador —, nosso irmão deseja adquirir um conhecimento mais profundo. Ele está autorizado a estudar como quiser. Receba-o como hóspede.

Talkannon fez uma pequena reverência para Rajasta, ainda sentado, depois tornou a se virar para o estranho e acrescentou:

— Micon de Ahtarrath, eu o deixo com o nosso maior estudioso. O Templo e a Cidade do Templo estão à sua disposição, meu irmão; e tem toda a liberdade para me chamar a qualquer momento.

Talkannon fez outra reverência e se retirou, deixando os dois homens se conhecerem. Enquanto a porta se fechava devagar por trás do vulto poderoso do Arquadministrador, Rajasta tornou a contrair o rosto; estava acostumado às maneiras bruscas de Talkannon, mas receava que o estranho as julgasse descorteses. Largando o pergaminho, ele se levantou e se aproximou do hóspede, com as mãos estendidas — uma recepção cortês. De pé, Rajasta era muito alto; passara bastante da meia-idade, e caminhava com passos e movimentos disciplinados e meticulosos.

Micon continuava parado no lugar em que Talkannon o deixara, ainda exibindo o sorriso solene e torto. Seus olhos eram de um azul profundo como o céu de tempestade, e as pequenas rugas que os circundavam davam mostras de bom humor e uma enorme tolerância.

"Este homem é um dos nossos, com toda a certeza", refletiu o Sacerdote da Luz, enquanto fazia uma reverência cerimoniosa e esperava. O estranho continuou parado, sorrindo, indiferente. A testa de Rajasta voltou a se franzir.

— Micon de Ahtarrath...

— Assim sou chamado — disse o estranho, formalmente. — Vim lhe pedir permissão para prosseguir meus estudos aqui.

A voz era baixa e ressonante, mas tinha uma impressão de esforço, como se ele a mantivesse sob cuidadoso controle.

— É bem-vindo para partilhar o conhecimento de que disponho e ofereço a melhor acolhida à sua pessoa... — Rajasta disse com uma cortesia solene, hesitou por um instante e acrescentou, num súbito impulso: — Filho do Sol.

Com a mão, ele fez um determinado sinal.

— Apenas um filho de criação — disse Micon, com seu sorriso breve e torto. — Mas sinto-me muito orgulhoso do relacionamento.

Mesmo assim, em resposta às palavras rituais de identificação, ele levantou a mão e retribuiu o gesto arcaico.

Rajasta adiantou-se para abraçar o hóspede; estavam ligados não apenas pelos vínculos da sabedoria e pesquisa partilhadas, mas também pelo poder que havia por trás da magia secreta do Sacerdócio da Luz: como Rajasta, Micon era um dos iniciados nos

níveis mais elevados. Rajasta ficou impressionado... Micon parecia tão jovem! Depois, ao se separarem, Rajasta percebeu o que não notara antes. Seu rosto ensombrou-se com pesar e compaixão. Pegou as mãos emaciadas de Micon e levou-o para um assento, dizendo:

— Micon, meu irmão!

— Um filho de criação, como eu disse. Mas como soube? Disseram-me que não haveria cicatriz exterior nem...

— E não há — interrompeu-o Rajasta. — Eu adivinhei. Sua serenidade... alguma coisa em seus gestos. Mas como isso lhe aconteceu, meu irmão?

— Permite que eu fale a respeito em outra ocasião? O que é... — Micon hesitou, e sua voz estava tensa quando voltou a falar —. . . não pode ser remediado. É suficiente que eu tenha... respondido ao Sinal.

A voz de Rajasta estava trêmula de emoção:

— É realmente um Filho da Luz, embora caminhe nas trevas. Talvez... talvez o único filho daquela luz que pode encarar seu esplendor.

— Mas só porque talvez eu nunca possa contemplá-la — murmurou Micon.

Os olhos vazios pareciam se fixar atentamente no rosto que jamais veria. Silêncio, enquanto o sorriso torto e aflito voltava ao rosto de Micon e persistia. Rajasta finalmente comentou: — Mas... você retribuiu o Sinal... e pensei que estava enganado... que havia visto...

— Acho... que posso ler um pouco os pensamentos — murmurou Micon. — Só um pouco e apenas em casos de necessidade. Ainda não sei até que ponto posso confiar. Mas com você... — o sorriso tornou a emprestar brilho ao rosto moreno e tenso — não senti a menor hesitação.

Outra vez em silêncio, as emoções muito intensas para se falar; e no instante seguinte, do corredor, uma voz de mulher chamou:

— Senhor Rajasta!

O rosto tenso de Rajasta relaxou.

— Estou aqui, Domaris. — Ele explicou a Micon: — Minha discípula, uma jovem... a filha de Talkannon. Ainda não despertou, mas quando aprender e estiver... completa... ela possui as sementes da grandeza.

— Que a luz dos céus conceda conhecimento e sabedoria a ela — disse Micon, com um desinteresse polido.

Domaris entrou na sala: uma jovem alta, de bom porte, com cabelos cor de cobre, que projetavam brilho nos lugares escuros e nas sombras. Adiantou-se como uma ave ágil, mas parou a alguma distância dos homens, tímida demais para falar na presença de um estranho.

— Minha criança — disse Rajasta, gentilmente —, este é Micon de Ahtarrath, meu irmão na Luz, que deve ser tratado como eu, em todas as coisas.

Domaris virou-se para o estranho, com cortesia... e seus olhos se arregalaram, uma expressão de reverência estampou-se em seu rosto. Com um gesto que parecia forçado, como se o fizesse contra a vontade, ela pôs a mão direita no peito e depois levantou-a devagar até a testa, na saudação oferecida apenas aos mais altos iniciados do Sacerdócio da Luz. Rajasta sorriu: era um instinto correto e deixou-o satisfeito, mas rompeu o encantamento, pois Micon apresentava uma palidez intensa.

— Micon é meu hóspede, Domaris. Ficará alojado comigo... e essa a sua vontade, irmão? — A um aceno de cabeça de Micon, ele acrescentou: — Vá agora, filha, procure a Escriba-Mãe e peça que mantenha um escriba sempre de prontidão para meu irmão.

Ela estremeceu ligeiramente, lançou um olhar respeitoso para Micon, depois inclinou a cabeça em reverência a seu mestre e saiu para cumprir a missão.

— Micon! — disse Rajasta, com veemência. — Você veio para cá do Santuário das Trevas!

Micon acenou com a cabeça, especificando:

— De suas masmorras.

— Eu... eu temia isso...

— Não sou um apóstata — garantiu Micon, com firmeza. — Não servi lá. Meu serviço não está sujeito a compulsão.

— Compulsão?

Micon não se mexeu, mas o altear de suas sobrancelhas e a contração de seus lábios tiveram o mesmo efeito de um dar de ombros.

— Eles me teriam compelido. — Micon estendeu as mãos mutiladas. — Pode constatar que eles foram... eloqüentes na persuasão.

Diante da exclamação de horror de Rajasta, Micon recolheu as mãos e tornou a ocultar a traição que elas revelavam nas mangas da túnica.

— Mas minha missão foi desfeita. E até que seja concluída, mantenho a morte à distância com estas mãos... embora seja a minha companheira mais íntima.

Era como se Micon estivesse falando sobre a chuva da noite passada. Rajasta inclinou a cabeça diante do rosto impassível e disse, em tom amargo: — Há aqueles a quem chamamos de Túnicas Negras. Escondem-se entre os membros da Seita dos Magos, os que guardam o Santuário do Deus Irrevelado... aos quais chamamos aqui de Túnicas Cinzentas. Ouvi dizer que esses... Túnicas Negras... torturam! Mas cometem suas iniquidades em segredo. Malditos sejam!

Micon mexeu-se.

— Não amaldiçoe, meu irmão! — protestou, bruscamente. — Você, entre todos os homens, deveria saber o perigo que isso representa.

— Não temos meios de agir contra eles — comentou Rajasta, sem qualquer inflexão na voz. — Como disse, desconfiamos de membros da seita dos Túnicas Cinzentas. Mas... todos se mantêm na penumbra!

— Sei disso. Vi tudo claramente e agora... Não vejo mais nada. Mas já chega. Tenho a libertação dentro de mim, meu irmão, mas ainda não posso aceitá-la. Não falaremos mais sobre isso, Rajasta.

Micon levantou-se, com uma cautela lenta, encaminhou-se determinado para a janela e ergueu o rosto para o sol.

Com um suspiro, Rajasta aceitou a proibição. Era verdade que geralmente os Túnicas Negras se escondiam tão bem, que nenhuma

vítima jamais podia identificar seus algozes. Mas por que aquilo?

Micon era um estranho e dificilmente poderia ter incorrido na hostilidade deles; e nunca antes haviam ousado se intrometer com alguém tão importante. O conhecimento do que acontecera a Micon desencadeava um novo estágio numa guerra tão antiga quanto o Templo da Luz.

E as perspectivas deixavam Rajasta consternado.

II

Na Escola de Escribas, Mãe Lydara empenhava-se em disciplinar um de seus pupilos mais jovens.

Os escribas eram os filhos e filhas da Casta dos Sacerdotes que mostravam, aos doze ou treze anos, um talento para escrever: e não era fácil manter em ordem trinta e tantas crianças inteligentes.

Mãe Lydara refletiu que em toda a sua memória nenhuma criança jamais representara um problema tão grande quanto a garotinha soturna que estava agora à sua frente: era magra e angulosa, em torno dos treze anos, com olhar impetuoso e cabelos que caíam desgrenhados em cachos pretos.

Mantinha-se empertigada, com as mãos nervosas obstinadamente cerradas e um desafio tenso no rosto pálido. — Deoris, minha filha — disse a Escriba-Mãe, inabalável e paciente —, deve aprender a controlar sua língua e temperamento, se espera algum dia servir nos níveis superiores. A filha de Talkannon deve ser um exemplo e modelo para os outros. Agora, peça desculpas a mim e à sua colega Ista, depois vá dar uma satisfação a seu pai.

A idosa sacerdotisa esperou, de braços cruzados sobre o peito amplo, por uma desculpa que não veio. Em vez disso, a garota explodiu em lágrimas: — Não vou pedir desculpa! Não fiz nada de errado, Mãe! Sua voz era plangente, vibrando com a doçura palpitante que a

caracterizava, entre as crianças do Templo, como uma futura Cantora de Encantamento; parecia pulsar de paixão como uma

harpa dedilhada. A Escriba-Mãe fitou-a com uma paciência aturdida e cansada.

— Não é assim que se fala com os mais velhos, minha criança. Obedeça, Deoris.

— Não!

A velha estendeu a mão, indecisa, sem saber se devia apaziguar ou esbofetear a criança, quando soou uma batida na porta.

— Quem é? — indagou a sacerdotisa, impaciente.

A porta se abriu e Domaris insinuou a cabeça por ela.

— Tem tempo para mim, Mãe?

O rosto conturbado de Mãe Lydara se desanuviou, pois Domaris fora uma de suas prediletas, por muitos anos.

— Entre, minha criança. Sempre tenho tempo para você. Domaris parou na porta, olhando para a garota de expressão tempestuosa, com a túnica de escriba.

— Eu não fiz nada, Domaris! — balbuciou Deoris, jogando-se desesperada, como um pequeno ciclone, nos braços da irmã e enlaçando-a pelo pescoço. Seus soluços eram histéricos. — Não fiz nada!

— Deoris... irmãzinha! — Com firmeza, Domaris desvencilhou-se dos braços da irmã. — Perdoe-a, Mãe Lydara... ela se meteu em encrenca de novo? Não diga nada, Deoris. Não perguntei a *você*.

— Ela é impertinente, atrevida, impaciente com a correção e totalmente incontrolável — declarou Mãe Lydara. — Dá um mau exemplo na escola e se comporta da pior maneira possível no dormitório. Detesto puni-la, mas...

— A punição só serve para piorar Deoris — comentou Domaris, calmamente. — Nunca deveria ser severa com ela.

Ela puxou Deoris, alisando os cachos rebeldes. Sabia como controlar a garota através do amor e por isso se ressentia do rigor de Mãe Lydara.

— Enquanto Deoris estiver na Escola de Escribas — disse a Escriba-Mãe, com uma serena determinação —, será tratada e punida como todos os outros. E a menos que faça algum esforço para se comportar como os colegas, não ficará por muito mais tempo na escola.

Domaris alteou as sobrancelhas.

— Ahn... Acabei de falar com o senhor Rajasta. Ele precisa de um escriba para servir a um hóspede, e Deoris é competente; não se sente feliz na escola e você não a quer aqui. Deixe-a servir ao homem.

Ela olhou para a cabeça arriada, agora aninhada em seu ombro; Deoris levantou os olhos com uma expressão de adoração. Domaris sempre fazia com que tudo desse certo de novo!

Mãe Lydara franziu o cenho, mas sentia-se secretamente aliviada: Deoris era um problema grande demais para sua capacidade limitada, e o fato de aquela criança mimada ser filha de Talkannon complicava ainda mais a situação. Teoricamente, Deoris se encontrava na mesma posição que os outros, mas a filha do Arquadministrador não podia ser castigada ou controlada como um filho de um sacerdote comum.

— Seja como quiser, Filha da Luz — disse a Escriba-Mãe, bruscamente. — Mas providencie para que ela continue seus estudos!

— Fique tranqüila, pois não negligenciarei sua instrução — respondeu Domaris, friamente.

Ao deixarem o prédio, ela estudou Deoris, com olhar de censura. Pouco vira a irmã nos últimos meses; quando Domaris fora escolhida para Acólita de Rajasta, a criança ingressara na Escola de Escribas — mas antes eram inseparáveis, embora os oito anos de diferença fizessem com que o relacionamento fosse menos de irmãs e mais de mãe e filha. Agora, Domaris sentia uma mudança na irmã menor que a assustava. Antes, Deoris sempre fora alegre e dócil; o que haviam feito com ela para que se transformasse naquela pequena rebelde e soturna? Ela decidiu, com um ímpeto de raiva, que pediria permissão a Talkannon para ter Deoris outra vez sob os seus cuidados.

— Posso mesmo ficar com você?

— Não prometo, mas tentarei. — Domaris sorriu. — É o que você quer?

— É, sim! — exclamou Deoris, com veemência.

Ela tornou a enlaçar a irmã, com tanta intensidade que Domaris sentiu uma profunda perturbação. O que haviam feito com Deoris? Desvencilhando-se dos braços que a apertavam, Domaris advertiu:

— Calma, calma, irmãzinha...

E as duas subiram os degraus que levavam à Casa dos Doze.

III

Domaris era uma dos Doze Acólitos: seis rapazes e seis moças escolhidos a cada três anos entre as crianças da Casta dos Sacerdotes, pela perfeição física, beleza e algum talento especial, que os faziam arquétipos da Casta dos Sacerdotes da Terra Antiga. Quando alcançavam a maturidade, residiam por três anos na Casa dos Doze, estudando toda a sabedoria antiga da Casta e preparando-se para o serviço dos deuses e de seu povo. Dizia-se que, se alguma calamidade destruísse toda a Casta dos Sacerdotes, toda a sabedoria dos Templos poderia ser reconstituída a partir somente desses Doze Acólitos. Ao final do período de três anos, os jovens casavam entre si; esses seis casais eram escolhidos com tanto esmero que os filhos dos acólitos raramente deixavam de ascender aos níveis mais altos do Sacerdócio de sua casta. A Casa dos Doze era um prédio espaçoso, coroando uma colina verdejante, apartada das construções agrupadas da área, cercada por gramados amplos, jardins murados e fontes de água fresca.

Enquanto as irmãs subiam pelo caminho, entre canteiros de arbustos em flor, na direção dos muros brancos do refúgio, uma moça, mal saída da infância, atravessou apressada o gramado, encaminhando-se para elas.

— Domaris! venha até aqui, preciso de você... É você mesma, Deoris? Conseguiu se libertar da Prisão dos Escribas?

— Espero que sim — murmurou Deoris, timidamente.

As moças se abraçaram. A recém-chegada tinha uma idade intermediária entre Domaris e Deoris; podia quase ser outra irmã, pois as três eram as mais parecidas, no jeito de ser e nas feições, altas e esguias, mãos e braços delicados, traços firmes e bem

desenhados, da Casta dos Sacerdotes. Só diferiam nas cores. Domaris, a mais alta, tinha cabelos compridos e ondulados cor de fogo, olhos de um cinza suave. Deoris era mais franzina e menor, com cabelos pretos anelados e olhos que pareciam violetas; e os cachos de Elis eram lustrosos, de um marrom-avermelhado de madeira envernizada e seus olhos joviais eram azul-claros. Entre todas as moças da Casa dos Doze ou de todo o Templo, a que as filhas de Talkannon mais amavam era sua prima Elis.

— Há enviados de Atlântida aqui — informou Elis, com evidente ansiedade.

— Do Reino do Mar? É mesmo?

— É, sim. Do Templo de Ahtarrath. O jovem Príncipe de Ahtarrath foi enviado para cá com seu irmão menor, mas nunca chegaram. Foram seqüestrados ou assassinados, talvez tenham naufragado, agora estão vasculhando toda a costa à procura deles.

Domaris estava aturdida. Ahtarrath era um nome formidável. O Templo-Mãe, ali, na Terra Antiga, tinha pouco contato com os Reinos do Mar, de que Ahtarrath era o mais poderoso; naquele dia, já ouvira duas vezes uma referência a ele. Elis continuou, muito excitada:

— Há alguns indícios de que ele chegou a desembarcar, e estão falando nos Túnicas Negras!

Rajasta fez algum comentário a respeito, Domaris?

Domaris franziu o rosto. Ela e Elis pertenciam ao círculo interno da Casa dos Sacerdotes, mas não tinham direito de falar sobre velhos, muito menos na presença de Deoris.

— Rajasta não me tem por sua confidente, e uma acólita não deve dar atenção aos rumores dos portões.

Elis ficou rosada e Domaris abrandou um pouco, comentando jovialmente: — Não há enxame que não comece com uma única abelha. Rajasta tem um hóspede de Ahtarrath. Seu nome é Micon.

— Micon! — exclamou Elis. — É como dizer que o nome de uma escrava é Lia! Há mais Micons nos Reinos do Mar do que folhas numa árvore da canção...

Elis parou de falar quando uma garotinha, que mal conseguia ficar de pé sozinha, agarrou sua saia. Olhou para baixo, impaciente depois abaixou-se para pegar a criança no colo; mas a menina de

covinhas riu, esquivou-se na direção de Deoris, tropeçou e caiu, gritando. Deoris levantou-a, e Elis olhou com alguma irritação para a pequena mulher de pele morena que se aproximava, apressada, atrás da criança desobediente.

— Simila — censurou ela —, será que não consegue manter Lissi longe de nossos pés... ou pelo menos ensiná-la como cair?

A aia chegou para pegar a criança, mas Deoris não quis entregá-la.

— Oh, Elis, deixe-me ficar um pouco com ela! Não a vejo há tanto tempo... Ontem nem sabia engatinhar e agora já está andando! Já desmamou? Não? Como você consegue? Lissi, querida, você se lembra de mim, não é mesmo?

A criança soltou um gritinho de prazer, enfiando as mãos entre os cachos escuros de Deoris.

— Ah, minha gordinha adorada! — arrulhou Deoris, cobrindo de beijos as faces rechonchudas.

— Um problema gordinho, isso sim...

Elis olhou para a filha com uma risada amarga; Domaris lhe fez um afago de compreensão.

Como as mulheres dos acólitos eram dadas em casamento sem qualquer consideração por seus próprios desejos, desfrutavam de liberdade até o dia do casamento; e Elis aproveitara, escolhera um amante e gerara uma criança. Era perfeitamente admissível, pelas leis do Templo; mas o que *não* era permissível, de jeito nenhum, era que o amante deixasse de se apresentar e de assumir a paternidade. Havia terríveis penalidades para uma criança não-reconhecida; para que lhe fosse concedida a inclusão na casta das crianças, Elis se vira obrigada a colocar-se à mercê de seu marido designado, um acólito, como ela, chamado Chedan. Ele demonstrara generosidade e reconhecera Lissi, mas todos sabiam que não era o pai; nem mesmo Domaris sabia quem gerara a pequena Lissi. O verdadeiro pai sofreria uma penalidade severa por sua covardia, se Elis o denunciasse; mas ela se recusava firmemente a fazer isso. Domaris disse gentilmente, contemplando os olhos amargurados de Elis: — Por que não se desfaz da criança, Elis, já que Chedan a detesta

tanto? Ela não pode ser tão importante para perturbar a paz dos acólitos dessa maneira, e você terá outros filhos...

A boca de Elis se contraiu por um instante, numa expressão escarninha.

— Espere para saber do que está falando antes de me dar qualquer conselho. — Ela estendeu os braços para tirar a filha de Deoris. — Dê-me a pestinha. Tenho de voltar.

— Nós também vamos — disse Domaris.

Mas Elis ajeitou Lissi debaixo do braço e afastou-se apressada.

Domaris ficou olhando para ela, transtornada. Até aquele momento sua vida seguira por canais ordenados e definidos, tão previsíveis quanto o curso de um rio. Agora, parecia que o mundo mudara: falava-se nos Túnicas Negras, havia o estranho de Ahtarrath que tanto a impressionara... sua vida serena parecia subitamente repleta de eventos insólitos e de perigos. Não podia imaginar por que Micon lhe causara uma impressão tão profunda.

Deoris a observava com uma expressão perturbada e desconfiada nos olhos cor de violeta.

Mas enquanto tomava as providências para a permanência da irmã na Casa dos Doze, Domaris retornou, com alívio, ao mundo dos deveres familiares.

Mais tarde, naquele mesmo dia, recebeu um cortês pedido por escrito de Micon, perguntando se ela podia lhe levar o escriba escolhido ao anoitecer.

IV

Na biblioteca, Micon estava sozinho, sentado ao lado de uma janela, à sombra; mas a sua túnica branca estava ligeiramente luminosa na semi-escuridão. Exceto por sua presença silenciosa, a biblioteca estava deserta, sem qualquer outra luz além da ligeira luminosidade da túnica.

Domaris entoou uma nota de tom baixo e uma claridade dourada e bruxuleante os envolveu; outra nota, ainda mais suave, aumentou a luz para uma radiância firme, aparentemente sem qualquer fonte.

O atlante virou-se ao som de sua voz e indagou: — Quem está aí? É você, filha de Talkannon? Domaris adiantou-se, segurando a mão tímida de Deoris.

— Senhor Micon, eu lhe trago a escriba-estudante Deoris. Ela foi designada para servi-lo em todos os momentos. — Encorajada pelo sorriso afetuoso de Micon, acrescentou: — Deoris é minha irmã.

— Deoris... — Micon repetiu o nome com um leve sotaque. — Eu lhe agradeço. E como é seu nome, Acólita de Rajasta? Ah, sim... Domaris... — Sua voz era suave e vibrante, demorando-se nas sílabas. — E a pequena escriba é sua irmã? Venha até aqui, Deoris.

Domaris afastou-se, enquanto Deoris se adiantava timidamente para ajoelhar-se diante de Micon.

O atlante protestou, perturbado:

— Não deve se ajoelhar para mim, criança!

— É o costume, senhor.

— Não resta a menor dúvida de que uma filha de Sacerdote é bem instruída. — Micon sorriu. — E se eu proibir?

Deoris levantou-se, obediente.

— Conhece bem o que existe aqui na biblioteca, pequena Deoris? Parece muito jovem e terei de depender inteiramente de você, para escrever e também para ler.

— Por quê? — indagou Deoris, antes de poder se controlar. — Fala nossa língua como se tivesse nascido aqui. Não pode ler também?

Apenas por um momento, uma expressão atormentada insinuou-se no rosto moreno e contraído, mas se desvaneceu um instante depois.

— Pensei que sua irmã tivesse lhe dito. Sou cego.

Deoris ficou imóvel por um instante, atordoada pela surpresa. Um olhar para Domaris, que estava em pé a seu lado, revelou que a irmã estava muito pálida; ela também não sabia.

Houve um momento de silêncio contrafeito; depois, Micon pegou um pergaminho que estava a seu lado.

— Rajasta deixou isto para mim. Gostaria que o lesse.

Ele estendeu o pergaminho para Deoris com um gesto cortês; desviando os olhos de Domaris, a criança pegou-o e sentou-se no banco de escriba, na frente da cadeira de Micon. Começou a ler, com

a voz firme e controlada de um escriba treinado, sempre no mesmo timbre, quaisquer que fossem as suas emoções.

Domaris, a alguma distância, recuperou o controle; retirou-se para um nicho na parede e murmurou uma nota suave para iluminá-lo. Tentou se concentrar num texto; por mais que se esforçasse em fixar a atenção em suas tarefas, no entanto, seus olhos voltavam a todo instante, como se possuíssem vontade própria, ao homem sentado imóvel, escutando o murmúrio suave e monótono da leitura da criança. Ela nem sequer desconfiara! Seus movimentos eram tão normais, seus olhos profundos tão belos... por que deveria afetá-la tanto? Quer dizer que ele fora prisioneiro dos Túnicas Negras... Ela vira suas mãos, paródias esqueléticas e retorcidas de carne e osso, talvez outrora hábeis e fortes. Quem e o que era aquele homem?

Na estranha confusão das emoções de Domaris, não havia um vestígio sequer de compaixão. Por que não podia sentir pena dele, como acontecera antes com outros que haviam sido cegados, torturados ou mutilados? Por um momento, ela sentiu um ressentimento intenso... como aquele homem ousava ser tão imune à sua compaixão? *"Mas eu invejo Deoris"*, pensou ela, de forma irracional. "E por quê?"

Dois

Tempestades distantes

I

Não havia trovoadas, mas o relampejar insistente de verão brilhava pela janela aberta. Lá dentro, fazia um calor úmido. As duas garotas estavam deitadas em catres estreitos, lado a lado, sobre o chão frio de ladrilhos, quase nuas, por baixo de um fino lençol de linho. O mais tênue dos mosquiteiros pairava imóvel acima delas. O calor aderiu ao corpo como uma túnica grossa.

Domaris, que fingia dormir, virou-se subitamente e puxou uma mecha dos cabelos compridos de baixo do braço estendido de Deoris. Sentou-se na cama.

— Não precisa ficar tão quieta, criança. Também não estou dormindo.

Deoris sentou-se, passando os braços pelos joelhos salientes. Seus cachos abundantes estavam grudados nas têmporas; ela despreendeu-os, num gesto impaciente.

— E também não somos as únicas pessoas acordadas — disse ela, com absoluta convicção. — Tenho ouvido vozes, passos, alguém cantando em algum lugar. Não... não cantando, mas entoando. E de maneira assustadora, longe, muito longe.

Domaris parecia muito jovem, sentada ali, em seu delicado traje de dormir, delineado em contrastantes manchas pretas e brancas pelo lampejar agitado; e naquela noite ela não se sentia muito mais velha do que a irmã.

— Acho que também ouvi.

— É mais ou menos assim.

Deoris cantarolou um trecho da melodia, sussurrando. Domaris estremeceu.

— Não! Deoris... onde foi que ouviu esse canto?

— Não sei... — disse Deoris com o cenho carregado. — Muito longe. Como se viesse do fundo da terra... ou do céu... não, nem mesmo tenho certeza se ouvi ou sonhei. — Ela pegou uma das tranças da irmã e começou a desembaraçá-la, apaticamente. — Há muitos relâmpagos, mas nenhuma trovoadas.

E quando ouço canto, os relâmpagos parecem mais brilhantes...

— Deoris, *não!* Isso é impossível!

— Por quê? — indagou Deoris, destemida. — Entoar um canto em determinados aposentos faz com que uma luz se acenda; por que não poderia acender uma luz diferente?

— Por que é uma blasfêmia, é coisa do mal interferir assim com a natureza! — Um frio intenso, quase medo, parecia ter envolvido a mente de Domaris. — Há poder na voz. Vai aprender isso quando se tornar mais velha e ascender no sacerdócio. Mas não deve falar nessas forças do mal!

Os pensamentos rápidos de Deoris se deslocaram para outra parte.

— Arvath está com ciúme por eu ficar junto de você, quando ele não pode. Domaris! — Seus olhos exibiam um riso alegre que se transformou em som. — Era por isso que você queria que eu dormisse em seus aposentos?

— Talvez.

O rosto delicado da irmã mais velha ficou matizado de vermelho.

— Está apaixonada por Arvath, Domaris?

Domaris desviou os olhos da atenção inquisitiva da irmã.

— Estou prometida a Arvath — respondeu ela, solenemente. — O amor virá quando estivermos prontos. Não é certo ficar muito ansiosa pelas dádivas da vida.

Ela sentiu-se pomposa, um tanto hipócrita, ao expressar tais sentimentos; mas seu tom sossegou Deoris. O pensamento de separar-se da irmã, mesmo para o casamento, provocava em Deoris um ciúme causado em parte pelos filhos que Domaris teria... Afinal, por toda a sua vida, *e/la* fora como uma filha de Domaris. Para evitar essa perda, Deoris disse, suplicante: — Nunca mais me obrigue a ficar longe de você! Domaris envolveu com o braço os ombros pequenos da irmã.

— Nunca, a menos que você assim deseje, irmãzinha. — Mas ela se sentia perturbada pela adoração que havia na voz da criança. Pôs a mão sob o queixo de Deoris e virou o rostinho em sua direção. — Não deve me idolatrar assim, Deoris. Não me agrada.

Deoris não respondeu, e Domaris suspirou. Deoris era uma criança estranha: quase sempre reservada e retraída, amava umas poucas pessoas com tanta intensidade que assustava Domaris; parecia não ter qualquer moderação no amor ou ódio. Domaris se perguntou: "Serei a culpada por isso? Deixei que ela me idolatrasse de forma irracional quando era pequena?"

A mãe morrera quando Deoris nasceu. Domaris, com oito anos, resolvera naquela noite que a irmã recém-nascida nunca sentiria alta dos cuidados de uma mãe. A ama de Deoris tentara impor alguma moderação no relacionamento, mas sua influência acabara quando Deoris fora desmamada: as duas se tornaram inseparáveis. Para Domaris, a irmã caçula substituíra as bonecas de que se descartara naquele dia. Mesmo depois de crescida, quando Domaris passara a ter aulas e depois deveres no mundo do Templo, Deoris continuara sistematicamente a segui-la por toda parte. Nunca haviam se separado, por um dia sequer, até que Domaris entrara na Casa dos Doze.

Domaris tinha apenas treze anos quando fora prometida a Arvath de Alkonath. Ele também era um acólito: o único dos Doze cujo Signo dos Céus era oposto e compatível com o dela. Domaris sempre aceitara o fato de que um dia casaria com Arvath, assim como aceitava o nascer e o pôr-do-sol — e isso a afetava da mesma forma. Domaris não tinha realmente a menor idéia de que era uma bela mulher. Os sacerdotes entre os quais fora criada a tratavam com a mesma afeição natural e íntima; só Arvath procurara uma ligação mais profunda, ao que Domaris reagia com emoções contraditórias.

Sentia-se atraída pela juventude e o amor à vida de Arvath, mas não havia um amor de verdade ou mesmo um desejo consciente. Honesta demais para simular uma aquiescência que não sentia, era muito gentil para repeli-lo totalmente e muito inocente para procurar

outro amante. Arvath era um problema que às vezes absorvia sua atenção, mas sem chegar a perturbá-la seriamente.

Continuou sentada ao lado de Deoris, em silêncio, vagamente apreensiva. Os relâmpagos brilhavam de maneira irregular, como frases de um canto entrecortado. Uma friagem estranha sussurra-va pelo ar.

Um longo calafrio percorreu o corpo de Domaris e ela abraçou a irmã, estremecendo sob o medo súbito e gelado.

— O que foi, Domaris?

A respiração de Domaris saía ofegante, seus dedos apertavam com toda a força o ombro da irmã.

— Não sei... gostaria de saber... — balbuciou, aterrorizada. Abruptamente, com um esforço deliberado, ela se recuperou.

Os ensinamentos de Rajasta estavam em sua mente e tentou aplicá-los.

— Deoris, nenhuma força do mal pode nos prejudicar, a menos que permitamos. Deite... — Ela deu o exemplo, depois se estendeu para pegar as mãos da irmã, na escuridão. — E agora vamos dizer a oração que fazíamos quando éramos pequenas, na hora de deitar.

Apesar da voz serena e das palavras tranquilizadoras, Domaris apertou os dedos frios entre os seus com uma força um pouco exagerada. Aquela era a Noite de Nadir, em que todas as forças da terra estavam à solta, boas e más, em equilíbrio, para todos os homens aproveitarem como quisessem.

— Criador de todas as coisas mortais... — ela começou, em voz baixa mas firme, devido ao rigoroso autocontrole.

Trêmula, Deoris acompanhou-a na oração, cuja santidade as envolveu. A noite, que fora tão anormalmente quieta até aquele momento, parecia de certa forma menos assustadora, e o calor já não era tão opressivo. Domaris sentiu os músculos contraídos se soltarem, os nervos tensos relaxarem.

O mesmo não aconteceu com Deoris, que balbuciou, aninhando-se contra a irmã, como uma gatinha assustada.

— Fale comigo, Domaris. Estou com tanto medo, e as vozes continuam...

Domaris interrompeu-a, em tom de censura:

— Nada pode prejudicar você aqui, mesmo que entoeem a música do mal do próprio Santuário das Trevas! — Percebendo que falara mais asperamente do que deveria, ela se apressou em acrescentar: — Conte-me sobre o senhor Micon.

Deoris animou-se no mesmo instante, falando quase com reverência: — Ah, ele é tão gentil e bom... e não *inumano*, Domaris, como tantos dos iniciados... como o Pai ou Cadamiri! — Uma pausa e ela continuou, em voz abafada: — E ele sofre tanto! Parece estar sempre sentindo dor, Domaris, embora nunca fale a respeito. Mas seus olhos, sua boca e suas mãos me dizem isso. E às vezes... às vezes finjo estar cansada, só para ele me mandar embora e descansar um pouco.

O rostinho de Deoris exibia compaixão e adoração, mas por uma vez Domaris não a culpou.

Sentia um pouco da mesma emoção e com muito menos motivo. Embora Domaris visse Micon com freqüência, nas semanas que se seguiram à sua chegada, não haviam trocado uma dúzia de palavras, além das saudações mais formais. Sempre havia a estranha sensação de algo apenas meio percebido, mais sentido do que sabido. E Domaris se contentava em deixar amadurecer lentamente. Deoris continuou a falar, ainda em tom de adoração:

— Ele é bom para todo mundo, mas me trata como... quase como uma irmã. Muitas vezes, quando estou lendo, ele me faz parar só para explicar alguma coisa que acabei de dizer, como se fosse sua discípula...

— É mesmo muita gentileza — concordou Domaris. Como a maioria das crianças, ela servira de leitora na infância

e sabia como aquilo era excepcional: tratar uma pequena escriba como qualquer coisa mais que uma conveniência impessoal, como um lampião ou banquinho para os pés. Mas sempre se podia esperar o inesperado de Micon.

Como Acólita escolhida de Rajasta, Domaris ouvia muitas das conversas do Templo. O perdido Príncipe de Ahtarrath não fora encontrado, e os enviados planejavam voltar, uma vez fracassada a missão. Por meios indiretos, Domaris descobrira que Micon se mantivera à distância dos enviados, sem sequer querer que eles

soubessem de sua presença no Templo da Luz. Ela não podia imaginar seus motivos — mas ninguém podia atribuir qualquer motivo a não ser os mais elevados em relação a Micon. Embora não tivesse qualquer prova, Domaris estava convencida de que Micon era um dos procurados, talvez o irmão mais moço do príncipe... Os pensamentos de Deoris passaram para outra tangente.

— Micon fala muito em você, Domaris. Sabe como ele a chama?

— Como? — balbuciou Domaris, com a voz trêmula de emoção.

— Mulher-vestida-de-sol.

A escuridão generosa escondeu o brilho das lágrimas de mulher.

II

Um relâmpago f piscou, definindo os contornos de um jovem na porta.

— Domaris? — murmurou uma voz grave. — Está tudo bem com você? Eu me senti apreensivo... numa noite assim...

Domaris focalizou os olhos para ver através da escuridão.

— Arvath! Entre, se quiser. Não estamos dormindo.

O jovem adiantou-se, levantou a rede e sentou-se de pernas cruzadas na beira do catre mais próximo, ao lado de Domaris. Arvath de Alkonath — um atlante, filho de uma mulher da Casta dos Sacerdotes que casara com um homem dos Reinos do Mar — era o mais velho dos Doze eleitos, e tinha quase dois anos mais que Domaris. Os relâmpagos intermitentes mostravam feições brandas e tolerantes, francas e solenes, de quem ainda amava a vida, com um amor inabalável e convicto. As rugas que havia em torno de sua boca eram, apenas em parte, uma decorrência da autodisciplina; o resto eram as marcas do riso. Domaris disse, com uma sinceridade escrupulosa: — Ouvimos um canto e sentimos... que havia alguma coisa errada. Mas não permitirei que isso me assuste ou aflija.

— E não deve mesmo — concordou Arvath, com alguma veemência. — Mas pode haver mais distúrbio no ar. Há forças estranhas em ação, pois esta é a Noite de Nadir. Ninguém dorme na Casa; Chedan e eu estávamos nos banhando na fonte. O senhor Rajasta circula de um lado para outro, com a vestimenta de Guardião, com uma cara... Para dizer a verdade, eu não gostaria de cruzar o seu caminho!

— Uma pausa. — Há rumores...

— Rumores, rumores! Cada brisa está impregnada de escândalo! Elis tem uma porção! Não posso me virar sem deparar com algum!

— Domaris deu de ombros. — E até mesmo Arvath de Alkonath não tem nada melhor para fazer do que dar ouvidos aos rumores do mercado?

— Nem tudo é apenas rumor — garantiu Arvath, lançando um olhar para Deoris, que se metera por baixo das cobertas, deixando à mostra apenas a ponta de um cacho escuro. — Ela está dormindo?

Domaris tornou a dar de ombros.

— Nenhuma vela se agita sem vento — continuou Arvath, mudando de posição e inclinando-se um pouco na direção de Domaris. — Já ouviu falar dos Túnicas Negras?

— Quem não ouviu? E parece até que há dias não ouço falar de outra coisa!

Arvath observou-a atentamente, por um longo momento, antes de acrescentar: — Então sabe que todos dizem que eles se escondem entre os Túnicas Cinzentas?

— Não sei quase nada sobre os Túnicas Cinzentas, Arvath, a não ser que guardam o Deus Irrevelado. Nós, da Casta dos Sacerdotes, não somos admitidos entre os Magos.

— Mas muitos de vocês se associam aos adeptos deles para aprender as artes da cura — comentou Arvath. — Em Atlântida, os Túnicas Cinzentas merecem o maior respeito... Estão dizendo que no fundo do Templo Cinzento, onde se encontra Avatar, o Homem com as Mãos Cruzadas, há um ritual que não é realizado há séculos, uma cerimônia proscrita... um Ritual Negro... e um apóstata no Círculo de Cheia...

Sua voz se extinguiu num murmúrio sinistro. Domaris, com seus temores atizados por aquelas informações que ignorava, com insinuações de horrores desconhecidos, indagou: — Onde ouviu essas histórias? Arvath deu uma risada.

— Não passam de rumores. Mas se chegar aos ouvidos de Rajasta...

— Então haverá problemas — assegurou Domaris, solene — para os Túnica Cinzentas, se as histórias forem verdadeiras; para os responsáveis pelos boatos, se forem falsas.

— Tem toda a razão, não temos nada a ver com isso. Arvath apertou-lhe a mão e sorriu, aceitando a censura. Ele

estendeu-se na cama, ao lado de Domaris, mas sem tocá-la — aprendera há bastante tempo que era melhor assim. Deoris dormia profundamente, mas sua presença permitiu que Domaris conduzisse a conversa pelos canais impessoais, como desejava, evitando falar das relações pessoais ou dos assuntos do Templo. E quando Arvath foi embora, de volta a seus próprios aposentos, já bem tarde, Domaris continuou acordada, com os pensamentos tão obstinados que sua cabeça latejava.

Pela primeira vez nos vinte e dois verões de sua jovem vida, Domaris questionava sua própria sabedoria na decisão de continuar como Sacerdotisa e estudante sob a orientação de Rajasta. Talvez fosse melhor se deixasse o Sacerdócio; tornar-se simplesmente outra mulher, contente em viver como mera esposa de um sacerdote no Templo em que nascera, uma das muitas mulheres no mundo do Templo, esposas e filhas de sacerdotes que enxameavam pela cidade, sem o menor conhecimento da vida interior daquele enorme berço em que residiam, satisfeitas com seus lares e crianças, com as manifestações externas das obras sacerdotais... "O que está havendo comigo?", perguntou-se Domaris, apreensiva. "Por que não posso ser como todos os outros? Casarei com Arvath, como devo fazer, e depois..."

E depois o quê?

Teria filhos, com toda a certeza. Anos de crescimento e mudança. Mas Domaris não podia projetar seus pensamentos tão longe. Ainda tentava em vão imaginar esse futuro distante, quando adormeceu.

Três

O tear do destino

I

O Templo da Luz, construído nas praias da Terra Antiga, ficava próximo ao mar; erguia-se acima da Cidade da Serpente Circulante, que o envolvia como uma lua em crescente. O templo, entre as pontas do crescente, no foco de forças naturais que as muralhas deviam interceptar e conduzir, era como uma mulher no arrebatamento envolvente dos braços de um amante.

Era de tarde; o verão e o sol aderiam como manteiga sobre a cidade e como topázio sobre o mar dourado, havendo vestígio de uma brisa e o cheiro desagradável de maresia.

Três navios grandes balançavam nas ondas da enseada. A poucos metros do ancoradouro os mercadores já haviam erguido suas tendas e apregoavam suas mercadorias. A chegada dos navios era sempre um evento e tanto para os habitantes da cidade e dos campos, para camponeses e aristocratas.

Nas ruas apinhadas, sacerdotes em túnicas luminosas andavam junto a impassíveis mercadores e mendigos esfarrapados; um esbarrão ou pisada de algum desajeitado incauto, que em outro dia acarretaria alguns açoites, agora custava ao descuidado apenas um olhar duro; garotos maltrapilhos corriam entre a multidão, sem surripiarem sequer uma moeda de um único mercador gordo.

Um pequeno grupo, no entanto, não levava esbarrões, não era alvo de liberdades: sorrisos respeitosos acompanhavam Micon, enquanto ele avançava pelas ruas, com uma das mãos pousada de leve no braço de Deoris. Sua túnica luminosa, de um branco estranhamente imaculado, cortada e cintada num estilo diferente, indicava que não se tratava de um sacerdote comum que ali estava para abençoar as crianças ou energizar as terras de plantio; e é claro que todos conheciam as filhas do poderoso Talkannon. Muitas

jovens na multidão sorriram à passagem de Arvath, mas os olhos escuros do jovem sacerdote fixavam-se ciumentos em Domaris. Ele se ressentia do efeito de Micon sobre sua prometida. Arvath quase que lhes impusera sua companhia naquele dia.

Pararam no topo de dunas de areia, de onde se podia descortinar o mar.

— Os navios! — exclamou Deoris, com um prazer infantil. Por hábito, Micon virou-se para ela.

— Como são os navios? Diga-me tudo, irmãzinha.

Seu interesse era afetuoso, e Deoris descreveu de forma vivida os navios altos, balançando sobre as ondas, e os estandartes da serpente brilhando escarlates na proa. O rosto de Micon se manteve distante e sonhador enquanto escutava.

— Navios da minha terra — murmurou ele, melancólico. — Em todos os Reinos do Mar, não há navios como os de Ahtarrath. Meu primo hasteia a serpente escarlate...

Arvath interrompeu-o, abruptamente:

— Também sou das Ilhas Douradas, senhor Micon.

— E qual é a sua linhagem? — inquiriu Micon, com um interesse sincero. — Estou com saudade de um nome familiar. Já esteve alguma vez em Ahtarrath?

— Passei grande parte de minha juventude sob a montanha da Estrela — respondeu o homem mais jovem. — Mani-toret, meu pai, era Sacerdote dos Portões Externos do Novo Templo. Sou filho por adoção de Rathor de Ahtarrath.

O rosto de Micon se iluminou e ele estendeu as mãos deformadas para o jovem com evidente alegria.

— Pois então você é de fato meu irmão, jovem Arvath! Rathor foi meu primeiro mestre no Sacerdócio e quem me orientou na Iniciação!

Os olhos de Arvath se arregalaram.

— Mas... você é esse Micon? — balbuciou ele. — Durante toda a minha vida ouvi dizer que você... Micon franziu o cenho e deteve-o:

— Deixe como está. Não fale sobre isso. Intimidado e impressionado, o jovem murmurou: — Você lê pensamentos!

— Não era necessário isso para saber, irmão mais jovem — comentou Micon, ironicamente. — Conhece aqueles navios?

Arvath observava-o com a maior atenção.

— Conheço. E se deseja se esconder, não deveria ter vindo aqui. Mudou bastante, é verdade, pois não o reconheci; mas há quem possa reconhecê-lo.

Aturdidas e intrigadas, as duas moças permaneciam juntas, alternadamente fitando os dois homens e trocando olhares entre si.

— Você não... — Micon fez uma pausa —... me reconheceu? Já nos encontramos antes?

Arvath deu uma risada retumbante.

— Eu não esperava mesmo que você se lembrasse de mim! Escutem, Domaris e Deoris, pois vou lhes contar a história desse Micon! Quando eu era menino, ainda não tinha sete anos, fui enviado para a casa de Rathor, o velho eremita da montanha da Estrela. É o homem a quem os antigos chamam de santo; sua sabedoria é tanta que mesmo aqui reverenciam seu nome. Mas, naquela ocasião, eu sabia apenas que muitos jovens compenetrados o procuravam para estudar; e muitos me davam doces e brinquedos, me agradavam. Enquanto Rathor oferecia seus ensinamentos, eu brincava pela montanha com um gato de estimação. Um dia escorreguei numa encosta rochosa e rolei, torcendo o braço por baixo do corpo...

Micon sorriu, interrompendo-o:

— Então você é *aquela* criança? Estou lembrando, agora! Arvath continuou, em tom reminiscendente:

— Desmaiei com a dor, Domaris, não soube de mais nada até que abri os olhos e deparei com um jovem sacerdote ao meu lado, um dos discípulos de Rathor. Ele me levantou e ajeitou-me em seus joelhos, limpou o sangue de meu rosto. Parecia haver um poder de cura em suas mãos...

Com um movimento espasmódico, Micon virou-se, murmurando, com a voz sufocada: — Já chega...

— Não, irmão mais velho, contarei tudo! Depois que ele limpou o sangue e a sujeira, não senti mais dor, embora os ossos tivessem perfurado a carne. Ele disse: "Não tenho capacidade para cuidar

disso pessoalmente". Levou-me em seus braços para a casa de Rathor, porque eu estava machucado demais para andar. E depois, como eu senti medo do Sacerdote Curandeiro que veio cuidar do osso quebrado, ele continuou a me segurar no colo durante o tratamento. E durante a noite inteira, como eu estivesse com febre e não conseguisse dormir, permaneceu sentado ao meu lado, alimentou-me com pão, leite e mel, cantou e contou histórias, até que esqueci a dor. É uma história tão terrível assim? Tem medo de que estas donzelas possam julgá-lo efeminado só porque foi gentil com uma criança doente?

— Eu disse que já chega! — suplicou Micon outra vez. Arvath virou-se para ele com uma expressão de incredulidade;

mas o que viu no rosto moreno e cego fê-lo se abrandar.

— Que assim seja. Mas não esqueci, meu irmão, jamais esquecerei. — Arvath levantou a manga da túnica, mostrando a Domaris uma cicatriz comprida e lívida na pele bronzeada. — Foi aqui que o osso perfurou a carne...

— E o jovem sacerdote era Micon? — indagou Deoris.

— Isso mesmo. Ele me levava doces e brinquedos enquanto fiquei de cama. Mas desde aquele verão nunca mais tornei a vê-lo.

— Como é estranho que vocês voltem a se encontrar tão longe de sua terra!

— Não é tão estranho assim, irmãzinha — disse Micon, em sua voz sonora e gentil. — Nossos destinos tecem as suas teias e nossas ações geram os frutos que semearam. Aqueles que se encontraram e amaram não podem ser separados; se não se encontram nesta vida, encontram-se na outra.

Deoris aceitou as palavras sem qualquer comentário, mas Arvath indagou, agressivo: — Acredita então que você e eu estamos ligados um ao outro dessa maneira?

A insinuação de um sorriso torto surgiu no rosto de Micon.

— Quem sabe? Talvez, quando o recolhi das pedras naquele dia, apenas redimisse um serviço antigo que você tivesse me prestado, antes de estas colinas aflorarem. — Ele gesticulou com uma expressão divertida, na direção do templo. — Não sou vidente. Pergunte à sua própria sabedoria, meu irmão. Talvez o serviço deva

ser cumprido. E que os deuses permitam que ambos o cumpramos como homens.

— Amém a isso — murmurou Arvath, muito sério. E depois, como estava profundamente comovido, suas emoções desviaram-se para outro lado. — Domaris veio à cidade para fazer algumas compras. Vamos voltar ao bazar?

Domaris emergiu de uma preocupação profunda.

— Os homens não gostam de ver tecidos e fitas — comentou ela, jovialmente. — Por que não ficam aqui no porto?

— Não me agrada deixá-la longe de minha vista na cidade, Domaris — informou Arvath.

Irritada, Domaris empinou a cabeça, num gesto orgulhoso.

— Não pense que pode controlar meus passos! Se quer vir comigo... então me siga!

Ela pegou a mão de Deoris e as duas se afastaram, a caminho do mercado.

II

O sonolento bazar, despertado pelos navios dos Reinos do Mar, fervilhava com o movimento intenso de compra e venda. Uma mulher vendia pássaros canoros em gaiolas de junco entrelaçado; Deoris parou para ver e escutar, encantada. Com uma risada indulgente, Domaris determinou que um dos pássaros fosse enviado à Casa dos Doze. Continuaram em frente, devagar, e Deoris transbordava de felicidade.

Um velho sonolento vigiava sacos de cereais e cântaros de óleo; um garoto nu estava sentado de pernas cruzadas entre barris de vinho, pronto a despertar seu amo se um comprador aparecesse.

Domaris tornou a parar, num estande um pouco maior do que os outros, em que estavam expostas peças de tecidos de padrões brilhantes; Micon e Arvath, acompanhando lentamente, ouviram por um momento suas vozes infantis absortas na própria conversa sorriram um para o outro com a maior espontaneidade e continuaram em frente, juntos, passando pelo vendedor de flores e

por uma velha camponesa. Galinhas faziam o maior barulho em cestos, disputando com os gritos dos vendedores de peixe seco e peixe fresco, de frutas frescas, bolos, doces e cerveja amarga ordinária, entre tendas de tapetes deslumbrantes e ornamentos reluzentes e as mais modestas, com objetos de cerâmica e caldeirões.

Um pequeno ilhéu encarquilhado vendia perfumes sob um toldo listrado; quando Micon e Arvath passaram, o rosto murcho demonstrou um interesse intenso. Empertigou-se, mergulhou um pequeno pincel num frasco e sacudiu-o no ar, já perfumado por fragrâncias diversas.

— Perfumes de Kei-lin — anunciou ele, com voz rouca e sibilante. — E também especiarias do Ocidente. As fragrâncias das mais belas flores, das mais suaves especiarias...

Micon parou; depois, com seus habituais passos firmes, encaminhou-se para a tenda listrada. O vendedor de fragrâncias, reconhecendo a nobreza do templo, tornou-se reverente e loquaz.

— Os melhores perfumes e essências, meus senhores, as mais doces especiarias e unguentos de Kei-lin, fragrâncias e óleos para o banho, tudo o que existe de melhor neste vasto mundo para sua namorada... — O prolixo homenzinho suspendeu a frase abruptamente e logo se apressou em corrigir: — Para sua esposa ou irmã, Senhor Sacerdote...

O sorriso torto de Micon foi tranqüilizador.

— Não tenho esposa nem namorada, meu velho — comentou ele, secamente. — E também não estou interessado em loções ou unguentos, mas talvez possa nos servir. Há um perfume feito em Ahtarrath e somente ali, com o lírio escarlata que floresce sob a montanha da Estrela.

O vendedor de fragrâncias olhou curioso para o Iniciado, antes de se virar para a tenda e procurar por um longo tempo, remexendo em tudo, como um camundongo numa pilha de feno.

— Não são muitos os que pedem por esse perfume — murmurou ele, à guisa de desculpa.

Finalmente encontrou o que procurava e não perdeu tempo em enaltecer suas virtudes, limitando-se a sacudir no ar uma gota do

perfume.

Domaris e Deoris, aproximando-se, pararam para aspirar o perfume. Os olhos de Domaris se arregalaram.

— Que maravilha!

A fragrância perdurou obsedante no ar, enquanto Micon entregava algumas moedas ao velho e pegava o pequeno frasco. Examinou-o meticulosamente com as mãos, passando os dedos mutilados delicadamente pelos entalhes filigranados.

— Os arabescos de Ahtarrath... mesmo agora, ainda posso identificar. — Sorriu para Arvath. — Em nenhum outro lugar existe um trabalho assim, esses tecidos...

Ainda sorrindo, Micon estendeu o frasco para as moças, que se inclinaram para examinar os arabescos, soltando exclamações de admiração.

— Que perfume é este? — perguntou Domaris, levando o frasco junto ao rosto.

— Uma flor de Ahtarrath, uma erva daninha comum — respondeu Arvath, bruscamente.

O rosto de Micon parecia partilhar um segredo com Domaris, e ele perguntou: — Acha que é encantador, como eu?

— Uma maravilha — repetiu Domaris, com expressão sonhadora. — Mas uma fragrância estranha. Muito estranha e fascinante.

— É uma flor de Ahtarrath — murmurou Micon —, o lírio escarlate que floresce sob a montanha da Estrela, uma flor silvestre que os camponeses arrancam porque se encontra em toda parte. O ar fica impregnado de seu perfume. Mas acho mais adorável do que qualquer outra flor que nasce num jardim cuidado, muito mais linda. Escarlate... um escarlate tão intenso que dói nos olhos quando o sol brilha, uma cor alegre, turbulenta... uma flor do sol.

Sua voz pareceu subitamente cansada. Pegou a mão de Domaris e colocou o frasco nela, determinado, fechando os dedos ao seu redor, gentilmente.

— É para você, Domaris — murmurou Micon, sorrindo. — Também é coroada pela luz do sol.

Suas palavras foram fortuitas, mas Domaris teve de fazer um esforço para reprimir lágrimas espontâneas. Tentou manifestar seu

agradecimento, mas suas mãos tremiam, e não conseguiu emitir qualquer palavra. Micon parecia não esperar resposta, pois acrescentou, em voz baixa, destinada apenas aos ouvidos dela:

— Coroadade-Luz, eu gostaria de poder contemplar seu rosto... flor de radiância...

Arvath empertigou-se, com uma expressão furiosa. Foi ele quem rompeu o silêncio, com voz truculenta:

— Vamos continuar? Ou seremos surpreendidos pela noite aqui!

Deoris adiantou-se até o jovem e segurou-o pelo braço, com firmeza, deixando Domaris seguir à frente com Micon — um privilégio que Deoris em geral reivindicava para si mesma, com o maior ciúme.

— Um dia ainda encherei os braços de Domaris com aqueles lírios — murmurou Arvath, olhando fixamente para a jovem alta que caminhava ao lado de Micon, com os cabelos flamejantes faiscando ao sol.

Mas quando Deoris lhe perguntou o que dissera, ele não repetiu.

Quatro

As mãos do curandeiro

I

Erguendo os olhos do pergaminho que absorvera sua atenção, percebeu que a enorme biblioteca estava deserta. Poucos momentos antes, ao que parecia, ele se achava virtualmente cercado pelo farfalhar de papel e o suave murmúrio dos escribas. Agora, os nichos estavam escuros e a única pessoa que podia divisar era um bibliotecário, vestido de maneira andrógina, recolhendo vários pergaminhos das mesas em que haviam sido deixados.

Sacudindo a cabeça, Rajasta guardou o pergaminho que estivera estudando no seu estojo e o pôs de lado. Embora não tivesse encontros marcados naquele dia, descobriu-se um pouco irritado por ter passado tanto tempo lendo e relendo um único pergaminho — e que, ainda por cima, podia recitar frase a frase. Um pouco exasperado, ele se levantou e preparou-se para ir embora... só então constatando que a biblioteca não estava tão vazia quanto pensara.

Micon encontrava-se sentado a uma mesa escura, não muito distante, com o sorriso torto habitual quase perdido nas sombras que envolviam seu rosto. Rajasta parou a seu lado e ficou imóvel por um momento, olhando para as mãos de Micon e o que denunciavam: eram estranhas, dando a impressão de afiladas, como se os dedos tivessem sido alongados à força; estavam sobre a mesa, inertes, mas também tensas e contorcidas. Num gesto rápido e suave, Rajasta pegou os dedos sem força entre os seus, apertando-os de leve. Inquisitivo, Micon levantou a cabeça.

— Eles pareciam... uma dor viva — disse o Sacerdote da Luz.

— E assim seria, se eu permitisse. — O rosto de Micon estava treinado para se manter impassível, mas seus dedos tremeram um pouco. — Até determinados limites, posso me manter alheio à dor. Claro que eu sinto... — Micon sorriu, cansado. — Mas o *eu* essencial

pode reprimi-la... até que fico cansado. E é da mesma forma que mantenho a morte à distância.

Rajasta estremeceu pela calma do atlante. As mãos entre as suas se moveram, cautelosa e deliberadamente, para se desvencilharem.

— Deixe-as — pediu Rajasta. — Posso lhe proporcionar algum alívio. Por que recusa a minha força? — Posso dar um jeito. — Os sulcos em torno da boca de Micon se contraíram, mas relaxaram no instante seguinte. — Perdoe-me, irmão. Mas sou de Ahtarrath. Meu dever não foi cumprido. Ainda não tenho o direito de morrer... porque não tenho filhos. Preciso deixar um filho. — Era como se ele repetisse uma argumentação que já apresentara a si mesmo muitas vezes. — Além disso, outros sem qualquer direito vão se apossar dos meus poderes.

— Que assim seja. — A voz de Rajasta era gentil, pois ele também vivia pela lei. — E a mãe?

Micon manteve-se em silêncio por um momento, cauteloso, sem denunciar qualquer emoção; mas essa hesitação foi breve, e ele respondeu:

— Domaris.

— Domaris?

— Isso mesmo. — Micon suspirou. — Não o surpreende, não é verdade?

— Não muito. É uma escolha sensata. Mas ela está prometida a seu conterrâneo, o jovem Arvath... — Rajasta franziu o cenho, pensativo. — Seja como for, cabe a ela decidir. Domaris tem o direito de gerar o filho de outro, se assim quiser. Você... a ama?

Suas feições tensas se desanuviaram, e Rajasta descobriu-se a especular o que aqueles olhos cegos estariam contemplando.

— Amo, sim — murmurou Micon. — Como jamais sonhei que poderia amar...

O atlante parou de falar, com um gemido, no momento em que Rajasta apertou suas mãos com mais força. Consternado, o Sacerdote da Luz largou as mãos mutiladas de Micon. Houve um silêncio prolongado e um tanto constrangedor, enquanto Micon tornava a controlar a dor, pacientemente.

Rajasta ficou olhando sem poder fazer nada, já que Micon recusava sua ajuda.

— Você alcançou um desenvolvimento extraordinário — disse Rajasta subitamente. — E eu ainda não fui realmente tocado pela Luz. Pelo tempo que lhe for concedido... poderia me aceitar como seu discípulo?

Micon levantou o rosto, com um sorriso transcendental.

— Qualquer poder da Luz que eu possa lhe proporcionar haverá de iluminá-lo, mesmo sem a minha participação. Mas aceito-o. — Uma pausa e Micon acrescentou, em tom mais baixo, mais solene: — Eu acho... espero poder lhe oferecer um ano. Deve ser o suficiente. Se não for, poderá concluir o Último Selo sozinho. Isso eu lhe prometo.

Devagar, como tudo o que fazia, Micon levantou-se e ficou de frente para Rajasta. Alto e magro, quase translúcido aos tênues raios de sol que entravam pelas janelas da biblioteca, o atlante pôs as mãos retorcidas nos ombros do Sacerdote e puxou-o. Com uma das mãos, traçou um sinal na testa e peito de Rajasta; depois, com um toque suave, passou os dedos expressivos pelo rosto do homem mais velho.

Os olhos de Rajasta ficaram úmidos. Era algo incrível o que lhe estava acontecendo — chamara um estranho para o mais importante dos relacionamentos; ele, Rajasta, Sacerdote da Luz, filho de uma linhagem antiga de sacerdotes, pedira para ser discípulo de um forasteiro, um representante do povo a que a Casta dos Sacerdotes classificava desdenhosamente como "aqueles arrogantes sacerdotes de regiões remotas no meio do oceano".

Mas Rajasta não estava arrependido — apenas, pela primeira vez em sua vida, sentia a verdadeira humildade. "Talvez minha casta tenha se tornado orgulhosa demais", pensou o Sacerdote, "por isso os deuses se apresentam através deste forasteiro cego e torturado, a fim de lembrar-nos que a Luz atinge não somente os que são ordenados pela hereditariedade... A simplicidade e a coragem deste homem serão como um talismã para mim."

Os lábios de Rajasta se contraíram, numa expressão firme e sombria.

— Quem o torturou? — indagou ele, enquanto Micon o soltava. — Guerreiro da Luz... *quem?*

— Não sei. — A voz de Micon não tremia. — Todos estavam mascarados e de preto. Mas, por um momento, eu vi claramente. E depois não vi mais. Que assim seja. As ações produzem a sua própria vingança.

— Assim será, mas a vingança protelada permite mais tempo para outras ações similares. Por que me pediu para permanecer oculto enquanto os enviados de Ahtarrath estavam entre nós?

— Eles teriam abatido muitos, torturado mais, para me vingar... desencadeando assim um mal maior.

Rajasta começou a responder, mas hesitou, outra vez impressionado com a força daquele homem.

— Não contestarei sua sabedoria, mas... é certo deixar que seus pais lamentem desnecessariamente?

Sentando-se de novo, Micon riu suavemente.

— Não deixe que isso o perturbe, meu irmão. Meus pais morreram antes de eu sair da infância.

Escrevi que estou vivo, como e por quanto tempo... e com isso meu avô não terá qualquer ilusão, não poderá se enganar. Minha mensagem segue no mesmo navio que leva a notícia de minha morte. Eles compreenderão.

Rajasta balançou a cabeça em aprovação; depois, lembrando que o atlante podia dar a impressão de que fitava a sua própria alma, mas não podia vê-lo, disse em voz alta: — Assim é que deve ser. Mas o que fizeram com você? E por que motivo? — Micon fez menção de protestar, e Rajasta se apressou em acrescentar, mais alto: — Não! É meu direito... mais do que isso, meu dever, saber de tudo! Afinal, sou o Guardiã aqui.

Sem que Rajasta soubesse, e esquecida por Micon, Deoris estava empoleirada na beira de seu banco de escriba, não muito longe. Silenciosa como uma pequena estátua branca, ouvira tudo o que se dissera, fascinada. Não entendera quase nada, mas Domaris fora mencionada e por isso estava ansiosa em saber mais. Não a preocupava absolutamente o fato de que aquela conversa não se destinava a seus ouvidos; o que envolvia Domaris, refletiu, era

também da sua conta. Fervorosa, Deoris torceu para que Micon continuasse a falar, esquecido de sua presença. Domaris precisava saber de tudo! Deoris cerrou os punhos ao pensar na irmã como mãe de um bebê... Um ciúme reprimido e infantil, de que Deoris nunca tivera plena consciência, converteu sua consternação em mágoa. Por que Micon tinha de escolher logo Domaris? Deoris sabia que a irmã estava prometida a Arvath... mas o casamento só se realizaria em algum momento do futuro distante. Agora, eles falavam numa união imediata! Como Micon e Rajasta ousavam falar de sua irmã assim? Como Micon se atrevia a amar sua irmã? Ah, se não percebessem que ela estava ali...

E eles não notaram. Os olhos de Micon tornaram-se sombrios, a estranha luminosidade foi velada pela emoção contida.

— O ecúleo e a corda, o fogo para cegar, porque arranquei uma máscara antes de me manietarem. — Sua voz era baixa e rouca de exaustão, como se ele e Rajasta não fossem sacerdotes num lugar antigo e sagrado, mas lutadores engalfinhados numa esteira. — O motivo? Nós, de Ahtarrath, possuímos uma capacidade inata de usar... certas forças da natureza, a chuva, a trovoada e o relâmpago, até mesmo o terrível poder do terremoto e do vulcão. É... nossa herança e nossa verdade, sem o que talvez a vida nos Reinos do Mar se tornasse impossível. Há lendas...

Micon sacudiu a cabeça abruptamente e, sorrindo, acrescentou em tom mais ameno: — Mas já deve saber ou ter adivinhado coisas. Usamos esses poderes em benefício de todos, até mesmo dos que se declaram nossos inimigos. A capacidade de controlar essas forças, porém, pode ser...

roubada e desvirtuada para a mais sórdida feitiçaria! Mas nada conseguiram arrancar de mim. Não sou apóstata... e tive a força para derrotar seus fins, embora não para me salvar... Não sei o que aconteceu a meu meio irmão e por isso devo me forçar a viver, neste corpo, até ter certeza de que é seguro morrer.

— Oh, meu irmão! — balbuciou Rajasta, tornando a abraçar Micon.

O atlante baixou a cabeça.

— Receio que Reio-ta tenha sido conquistado pelos Túnicas Negras... Meu avô é idoso e já está senil. O poder passa para meu irmão, com a minha morte, se eu morrer sem descendentes. E não deixarei esse poder nas mãos de feiticeiros e apóstatas! Conhece a lei. Isso é que é importante, não este corpo frágil ou quem o habita e sofre. Eu... o eu essencial... permaneço intato, porque nada pode me afetar, a menos que eu permita!

— Deixe-me lhe emprestar alguma força — suplicou Rajasta, mais uma vez. — Com o que eu sei... — Em caso de necessidade, pode ser — respondeu Micon, calmo de novo. — Mas agora preciso apenas de descanso. A necessidade pode surgir de repente. E se tal acontecer, aceitarei a sua palavra...

Uma pausa e o rosto de Micon se iluminou com aquele sorriso raro e maravilhoso, e o timbre de sua voz recuperou a sonoridade quando ele arrematou: — E muito lhe agradeço!

Deoris fixou os olhos no pergaminho, para dar a impressão de estar absorvida, mas sentiu o olhar firme de Rajasta sobre ela.

— Deoris, o que está fazendo aqui? Micon deu uma risada.

— Ela é minha escriba, Rajasta, e esqueci de dispensá-la. — Levantando-se, aproximou-se de Deoris e pôs a mão em sua cabeça. — Já chega por hoje. Pode ir, minha criança. Vá brincar.

II

Dispensada pelo sorriso torto de Micon, Deoris saiu à procura de Domaris, com a mente jovem fervilhando de palavras desconcertantes: Túnicas Negras, vida, morte, apostasia — o que quer que isso significasse — tortura, um filho gerado por Domaris... Imagens caleidoscópicas se contorciam e cintilavam em sua cabecinha atordoada, e Deoris entrou ofegante nos aposentos que partilhava com a irmã.

Domaris supervisionava as escravas que dobravam e separavam a roupa limpa. O aposento estava dominado pelo sol da tarde e a fragrância de roupa lavada. As mulheres — pequenas, morenas, de cabelos trançados e feições fortes da raça dos pigmeus, que eram os

escravos do templo — conversavam em trinados que pareciam de passarinhos, com seus diminutos corpos pardos se movimentando irrequietos em torno da moça alta que se encontrava no meio, orientando-as gentilmente e escutando suas vozinhas estridentes.

Os cabelos soltos de Domaris ondularam em seus ombros quando ela se virou, inquisitiva, para a porta.

— Deoris! A esta hora! Micon está...? — Ela parou de falar e olhou para uma mulher mais velha; não uma escrava, mas uma habitante da cidade, que era sua atendente pessoal. — Continue a cuidar de tudo, Elara.

Depois, Domaris fez sinal para que a irmã se adiantasse. Prendeu a respiração ao ver o rosto de Deoris.

— Você está chorando, Deoris! O que aconteceu?

— Não estou não! — protestou Deoris, erguendo um rosto afogueado, mas sem lágrimas. — Só vim... lhe contar uma coisa...

— Espere um pouco. Não aqui. Venha comigo...

Ela levou Deoris para o aposento em que dormiam e tornou a examinar o rosto afogueado da criança, desconsolada.

— O que faz aqui a esta hora? Micon está doente? Ou...

Domaris não pôde continuar, incapaz de expressar o pensamento que a torturava, incapaz até de defini-lo claramente em sua mente. Deoris sacudiu a cabeça. Agora, na presença de Domaris, mal sabia como começar. E foi com a voz trêmula que disse: — Micon e Rajasta estavam falando de você... e disseram...

— Cale-se, Deoris! — Chocada, Domaris estendeu a mão para cobrir os lábios muito ansiosos da irmã. — Nunca deve me contar o que ouviu entre os sacerdotes!

Deoris desvencilhou-se, furiosa com a censura implícita.

— Mas falaram bem na minha frente e sabiam que eu estava ali! E conversaram a seu respeito, Domaris, Micon disse que você...

— *Deoris!*

Diante dos olhos flamejantes da irmã, a criança compreendeu que aquela era uma das raras ocasiões em que não se atrevia a desobedecer. Olhou mal-humorada para o chão. Angustiada, Domaris acrescentou:

— Sabe muito bem que um escriba nunca deve repetir qualquer coisa que os sacerdotes dizem, Deoris. É a primeira regra que deveria ter aprendido!

— Ora, deixe-me em paz! — gritou Deoris.

Saiu correndo do aposento, com a garganta comprimida por soluços irados e dominada por um medo que não podia controlar nem esconder. Que direito tinha Micon... que direito tinha Rajasta... não era certo, não podia ser assim... e se Domaris nem sequer queria escutar, o que ela podia fazer?

III

Assim que Deoris deixou a biblioteca, Rajasta tornou a se virar para Micon e declarou: — Esse problema deve ser levado ao conhecimento de Riveda. Micon suspirou, cansado.

— Por quê? Quem é Riveda?

— O Primeiro Iniciado dos Túnicas Cinzentas. O problema o envolve diretamente.

Micon sacudiu a cabeça, em negativa.

— Prefiro não incomodá-lo com...

— Não há outro jeito, Micon. Aqueles que prostituem a magia legítima, transformando-a na mais sórdida feitiçaria devem ajustar contas com os guardiães de tudo o que profanam, caso contrário acarretarão danos para todos nós, talvez a um ponto tal que não possamos combatê-los. É muito fácil dizer, como você faz, "Que eles colham o que semearam"... e não tenho a menor dúvida de que será uma colheita amarga! Mas o que será dos que forem prejudicados? Prefere deixá-los em liberdade para que possam torturar outros?

Micon desviou o rosto em silêncio, seus olhos cegos se movimentando ao acaso. Rajasta não gostou da percepção das visões que havia naquele momento na mente do atlante. Micon acabou for-

çando um sorriso, quase uma risada.

— E pensei que eu seria o mestre e você o discípulo! Mas tem razão... — Apesar da aceitação, ainda havia um protesto humano em

sua voz quando acrescentou: — Apenas temo o que pode acontecer. O interrogatório e todo o resto...

— Eu o pouparia, se fosse possível. Micon suspirou.

— Sei disso. Seja como quiser. Eu... eu... só espero que Deoris não tenha ouvido tudo o que falamos! Esqueci que a criança estava aqui.

— Eu nem reparei em sua presença. Os escribas são obrigados a não revelar qualquer coisa que ouvirem, é claro... mas Deoris é jovem e as crianças têm a maior dificuldade para manterem suas línguas dentro da boca. Ah, Deoris, que criança!

A exasperação cansada na voz de Rajasta levou Micon a perguntar, com alguma perplexidade: — Não gosta dela?

— Não, não! — Rajasta apressou-se em tranquilizá-lo. — Amo Deoris tanto quanto a Domaris.

E muitas vezes até penso que Deoris é a mais inteligente das duas. Mas é apenas esperteza. Ela nunca será tão... tão *completa* quanto Domaris. Carece de... paciência. A perseverança não é uma das virtudes de Deoris.

— Não concordo, Rajasta. Tenho passado muito tempo com Deoris e acho-a paciente e prestativa. Além de gentil, possui um tato excepcional. Eu diria que ela é até mais brilhante do que Domaris. Mas ainda é apenas uma criança, enquanto Domaris é... — Micon parou de falar abruptamente e sorriu. — Preciso me encontrar com esse... Riveda?

— Acho que seria melhor.

Prestes a acrescentar mais alguma coisa, Rajasta se conteve e inclinou-se para observar atentamente o rosto de Micon. Percebeu os sulcos profundos, o que o levou a chamar um servo.

— Vou procurar Riveda agora — anunciou ele, enquanto o servo se aproximava. — Leve o Senhor Micon a seus aposentos.

Micon cedeu sem qualquer protesto... mas enquanto se afastava, Rajasta pôde perceber que os músculos de seu rosto se contraíam em dúvida e preocupação. Ouvira dizer que os atlantes sentiam pelos Túnicas Cinzentas uma espécie de reverência que beirava a adoração... o que, de certa forma, era compreensível, quando se levava em consideração as doenças que constantemente assolavam

os Reinos do Mar. Os Túnicas Cinzentas haviam feito maravilhas ali no controle das pragas e pestilências... Mas Rajasta não esperava que Micon reagisse daquela maneira.

O Sacerdote, no entanto, logo descartou suas apreensões. Só podia ser para o melhor. Riveda era o maior de todos os Curandeiros e poderia ajudar Micon onde Rajasta não era capaz; talvez fosse por isso que o atlante estivesse perturbado. "Afinal," pensou Rajasta, "Micon é de uma linhagem nobre; apesar de sua humildade, ele tem orgulho. E se um Túnica Cinzenta lhe disser que deve descansar mais, ele terá de atender!"

Virando-se, Rajasta deixou a biblioteca, com a túnica branca sibilando em torno de seus pés. Anteriormente, já ouvira rumores de rituais proibidos entre os Túnicas Cinzentas, de feiticeiros vestidos de preto que trabalhavam em segredo com as antigas forças do mal, no coração da natureza, forças que não tinham a menor consideração pela humanidade e inexoravelmente tornavam os seus usuários menos humanos.

Rajasta parou no corredor e balançou a cabeça, aturdido. Seria possível que Micon acreditasse nos rumores e temesse que Riveda abrisse o caminho para que os Túnicas Negras o recapturassem?

Mas depois que se encontrassem, tais dúvidas certamente se dissipariam. Afinal, Riveda, o Primeiro Iniciado entre os Túnicas Cinzentas, era quem tinha melhores condições de cuidar daquele problema. Rajasta também não duvidava de que se faria justiça. Conhecia Riveda.

Tendo tomado sua decisão, Rajasta atravessou o saguão, percorreu uma passagem coberta e entrou em outro prédio, indo parar diante de uma porta. Bateu na madeira três vezes: batidas firmes e com o mesmo intervalo.

IV

O Mago Riveda era enorme, mais alto até do que Rajasta, de corpo firme e musculoso, ombros largos, dando a impressão de que era bastante forte — o que de fato acontecia — para derrubar um

touro. Em sua túnica de capuz cinzenta, parecia ainda maior do que era ao se virar da contemplação que fazia do céu a escurecer.

— Senhor Guardião — disse ele, cortesmente —, qual é a urgência desta vista?

Rajasta manteve-se em silêncio, continuando a estudar o outro homem por mais um momento. O

capuz estava caído sobre os ombros de Riveda, deixando à mostra uma cabeça enorme, sobre um pescoço grosso, coroada por uma mecha de cabelos rentes — de um dourado-prateado, uma cor estranha, por cima de um rosto estranho. Riveda não era da verdadeira Casta dos Sacerdotes, mas um nortista do reino de Zaiadan; suas feições rudes eram um atavismo de uma era mais rude, sobressaindo-se estranhamente em contraste com as características mais refinadas da Casta dos Sacerdotes.

Sob o escrutínio silencioso e rigoroso de Rajasta, Riveda inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— A necessidade deve ser mesmo intensa!

Rajasta reprimiu sua irritação — Riveda sempre tivera a capacidade de exasperá-lo — e disse, em voz calma, o que prontamente fez com que o Primeiro Iniciado assumisse uma atitude séria: — Ahtarrath enviou um filho para o nosso templo, o Príncipe Micon. Ele foi capturado pelos Túnicas Negras, torturado, acabou cego... por se recusar a servir à Ilusão que eles apregoam. Vim adverti-lo: cuide de sua Ordem.

Os frios olhos azuis de Riveda foram invadidos por sombras sinistras.

— Eu não sabia de nada disso. Estava absorvido no estudo... Não duvido de sua palavra, Rajasta, mas o que os Ocultos esperam alcançar?

Rajasta hesitou.

— O que sabe dos poderes de Ahtarrath?

Riveda franziu o cenho e respondeu com franqueza: — Quase nada... e mesmo esse pouco não passa de rumores. Dizem que alguns da linhagem podem provocar a chuva de nuvens relutantes e produzir relâmpagos... que causam a devastação com suas tempestades e outras coisas assim. — Ele sorriu, sardônico. —

Ninguém me explicou como eles conseguem ou por quê, e por isso até agora me abstive de qualquer julgamento.

— Os poderes de Ahtarrath são bastante reais. Os Túnicas Negras querem desviá-los para... uma prostituição espiritual. Para servir a seus demônios.

Os olhos de Riveda se estreitaram.

— E o que aconteceu?

— Eles fracassaram. Micon morrerá... mas somente quando assim decidir. — O rosto de Rajasta estava impassível, mas Riveda, sempre eficiente em perceber as traições involuntárias, podia registrar os indícios de emoção. — Apesar de cego e alquebrado... a Libertadora do Homem não o conquistará enquanto Micon não permitir! Ele é uma... uma Taça de Luz!

Riveda acenou com a cabeça, um pouco impaciente.

— Quer dizer que seu amigo se recusou a servir ao Santuário das Trevas e eles tentaram lhe impor a apostasia? Hum... é possível... Eu bem que poderia admirar esse príncipe de Ahtarrath, se tudo o que você diz é verdade. Ele deve ser de fato um homem e tanto.

O rosto austero do Túnica Cinzenta se desanuviou por um momento num sorriso; depois, seus lábios tornaram a se contrair numa expressão carrancuda.

— Pode estar certo, Rajasta, de que descobrirei a verdade sobre essa história.

— Eu sabia que assim seria — murmurou Rajasta.

Os olhos dos dois homens se encontraram, em respeito mútuo.

— Precisarei interrogar Micon.

— Pois então me procure, na quarta hora a partir deste instante. Rajasta virou-se para sair, mas Riveda deteve-o com um gesto.

— Está esquecendo. O ritual de minha Ordem exige que eu faça determinados preparativos prolongados. Só depois...

— Não esqueci — interrompeu-o Rajasta, friamente. — Mas o caso é urgente, e você tem alguma liberdade de movimentos em tais casos.

E, com isso, Rajasta retirou-se. Riveda ficou olhando para a porta fechada, perturbado, mas não pela arrogância de Rajasta; podia-se

esperar tais atitudes dos guardiães, e as circunstâncias geralmente as justificavam.

Sempre houvera — e Riveda desconfiava que sempre haveria — uns poucos magos que não podiam se abster de experiências com as artes negras e proibidas do passado; e Riveda sabia muito bem que sua Ordem era automaticamente suspeita em qualquer distúrbio no templo. Fora uma insensatez concentrar-se no estudo e deixar que iniciados menores dirigissem os Túnicas Cinzentas; agora, até mesmo inocentes poderiam sofrer pela insensatez e crueldade de uns poucos.

"Idiotas, piores do que idiotas," pensou Riveda, "não confinam suas artes infernais a pessoas sem importância! E quando se atrevem a interferir com pessoas tão elevadas, são tão ineptos que deixam as vítimas escaparem com vida para contarem suas histórias!"

O rosto austero de Riveda demonstrava uma expressão sombria e implacável enquanto recolhia apressado os estudos que o haviam absorvido por tanto tempo.

Estava na hora de cuidar de sua Ordem.

V

Num canto da sala reservada para o trabalho administrativo de Rajasta, o Arqui-Sacerdote Talkannon estava sentado em silêncio, em aparente alienação total da humanidade e seus problemas.

Domaris encontrava-se de pé ao seu lado, imóvel, lançando olhares de esguelha para Micon.

O atlante recusara uma cadeira e permanecia de pé, apoiado a uma mesa. A imobilidade de Micon era excepcional — uma atitude treinada, que deixava Rajasta apreensivo, pois sabia o que ocultava.

Pensativo, Rajasta desviou os olhos e divisou, além da janela, o vulto cinzento de Riveda, facilmente identificável, mesmo à distância, aproximando-se. Sem se mexer, Micon indagou: — Quem chega?

Rajasta estremeceu. A percepção do atlante era uma contínua fonte de espanto para ele; embora cego, Micon discernira o que Talkannon e Domaris não haviam notado.

— Não é Riveda? — acrescentou Micon, antes que Rajasta pudesse responder.

Talkannon levantou a cabeça, mas não falou. Riveda entrou na sala, cumprimentando os sacerdotes negligentemente, mas com suficiente cortesia. Domaris, é claro, foi ignorada por completo.

Nunca antes vira Riveda e então se encolheu, atordoada. Seus olhos se encontraram com os do Iniciado por um momento; depois, rapidamente, ela baixou a cabeça, lutando com um medo irracional e uma aversão imediata. Compreendeu no mesmo instante que podia odiar aquele homem que nunca lhe fizera qualquer mal... e também que nunca deveria deixar transparecer o menor sinal desse ódio.

Tocando de leve nos dedos de Riveda, Micon pensou: "Este homem podia ir longe e..." Mas o atlante também se sentia inquieto, sem saber por quê.

— Seja bem-vindo, Senhor de Ahtarrath — disse Riveda, com uma deferência descontraída, desprovida de cerimônia. — Lamento profundamente não ter sabido antes...

Ele parou de falar, e seus pensamentos mais profundos afloraram abruptamente. Aquele homem estava marcado para a Morte. Isso sobressaía em tudo de Micon: a força estimulada, avivada intermitentemente; os movimentos lentos e cuidadosos; o fogo abafado de sua vontade; a deliberada economia de energia... tudo isso e mais o seu corpo magro e quase translúcido proclamavam que aquele homem não tinha forças de sobra. E, no entanto, era igualmente evidente que o atlante era um Iniciado... nos mistérios mais profundos.

Riveda, com sua sede por conhecimento e o poder que este proporcionava, sentiu uma estranha mistura de inveja e pesar. "Que terrível desperdício!", pensou ele. "Este homem serviria melhor a si mesmo — e a seus ideais — se enveredasse pelos caminhos mais escuros da Luz!" Afinal, Luz e Trevas eram manifestações equilibradas do Todo. Havia uma força a se extrair da luta com a Morte que a Luz nunca poderia revelar ou oferecer...

Os cumprimentos de Micon eram sons sem sentido, palavras de discurso polido, e Riveda não prestou muita atenção; mas de repente, espantado e incrédulo, percebeu o que Micon estava dizendo.

— Fui incauto. — A voz sonora do atlante ressoou pela sala fechada. — O que me aconteceu não tem a menor importância. Mas havia e há alguém que deve retornar ao Caminho da Luz. Descubra meu meio irmão, se puder. Quanto ao resto... eu não poderia agora apontar o culpado. Nem o faria. — Micon fez um pequeno gesto de determinação. — Não haverá vingança. A ação consumada encerra a sua própria penalidade.

Riveda sacudiu a cabeça.

— Minha Ordem deve ser purificada.

— É uma decisão toda sua. Não posso ajudá-lo. — Micon sorriu, e pela primeira vez Riveda sentiu todo o fervor que se irradiava do homem. Micon virou-se ligeiramente para Domaris. — O que acha, Coroada-de-Luz?

Riveda e Talkannon ficaram escandalizados com o convite à intervenção de uma simples acólita...

e ainda por cima mulher!

— Acho que tem toda a razão, mas Riveda também está certo — respondeu Domaris, falando bem devagar. — Muitos discípulos vêm para cá em busca de conhecimento. Se a bruxaria e a tortura ficarem impunes, então os agentes do mal haverão de vicejar.

— E qual é a sua opinião, meu irmão? — Micon perguntou a Rajasta.

Riveda sentiu um ímpeto de ressentimento invejoso; ele também era um Iniciado, mas Micon não reivindicava nenhum parentesco espiritual em relação à sua pessoa!

— Domaris é sábia, Micon. — Rajasta pôs a mão gentilmente no braço do atlante. — Bruxaria e tortura profanam o nosso templo. O dever exige que outros não enfrentem os perigos pelos quais você passou.

Micon suspirou, com um gesto desolado.

— Muito bem, vocês são os juízes. Mas não tenho meios agora de identificar os envolvidos...

Receberam-nos no cais com toda a cortesia, e alojaram-nos entre os Túnicas Cinzentas. Ao cair da noite, levaram-nos para uma cripta e exigiram certas coisas, sob ameaça de tortura e morte.

Recusamos...

Um sorriso estranho se estampou no rosto fino e moreno de Micon. Ele estendeu as mãos mutiladas.

— Como podem ver, as ameaças não foram em vão. E meu meio irmão... — Ele parou de falar outra vez, e houve um breve silêncio angustiado, antes que acrescentasse, quase como se pedisse desculpa: — Ele é pouco mais que um menino. Podiam usá-lo, embora não plenamente. Desvencilhei-me por um momento, antes de me agarrarem, e arranquei a máscara de um rosto. Depois...

Micon fez outra pausa.

— Não vi mais nada. Mais tarde... acho que muito mais tarde... fui libertado. Homens de bem, que não me conheciam, levaram-me à casa de Talkannon, onde reencontrei meus servos. Não sei que história se contou a meu respeito. — Ele fez mais uma pausa. — Talkannon me disse que estive doente por um longo tempo. E há um período totalmente em branco na minha mente.

Talkannon apertou firmemente o braço da filha, obrigando-a a ficar quieta. Riveda, com as mãos cruzadas, fitou Micon, pensativo e silencioso, antes de indagar: — Há quanto tempo isso aconteceu? Micon deu de ombros, quase embaraçado.

— Não tenho a menor idéia. Meus ferimentos estavam curados... da forma que foi possível...

quando despertei na casa de Talkannon.

Talkannon, que quase nada falara até aquele momento, rompeu seu silêncio: — Ele me foi trazido por plebeus... pescadores, que disseram tê-lo encontrado caído na praia, desfalecido e quase nu. Sabiam que era um sacerdote pelos ornamentos que ainda usava no pescoço.

Interroguei-os. Não sabiam de mais nada.

— *Você* interrogou! — O desdém de Riveda era fulminante. — Como sabe que eles disseram a verdade?

Talkannon reagiu em tom firme e incisivo:

— Eu não podia interrogá-los sob tortura!

— Já chega — interveio Rajasta, pois Micon começava a tremer. Riveda reprimiu novos comentários escarninhos e virou-se para Micon.

— Fale-me mais de seu irmão, pelo menos.

— Ele é apenas meio irmão — respondeu Micon, um pouco hesitante. Sua fantástica imobilidade desaparecera; os dedos retorcidos e sem força se contraíam espasmodicamente, e ele se apoiou ainda mais na mesa. — Seu nome é Reio-ta. É muitos anos mais moço do que eu, mas na aparência não somos... não éramos... muito diferentes.

A voz de Micon definhou, e ele cambaleou um pouco, sem sair do lugar.

— Farei o que puder — prometeu Riveda, com uma súbita e surpreendente gentileza. — Se eu tivesse sido informado antes... não tenho palavras para expressar quanto lamento...

O Túnica Cinzenta inclinou a cabeça, consternado pela inutilidade de suas palavras.

— Depois de tanto tempo, não posso garantir coisa alguma...

— E nada lhe peço, Senhor Riveda. Sei que fará o que deve. Mas eu suplico... não peça a minha ajuda em suas... investigações. Não tenho mais forças e não poderia ser muito útil, pois não tenho agora como saber...

Riveda empertigou-se, de cara amarrada, a expressão decidida de um pragmático.

— Disse que viu um rosto. Descreva-o.

Todos se inclinaram na direção de Micon, esperando. O atlante empertigou-se.

— Este segredo morrerá comigo. Já disse: *não haverá vingança!* Talkannon recostou-se no assento com um suspiro. O rosto

de Domaris revelava emoções conflitantes. Rajasta não questionou Micon nem mesmo em pensamento; entre todos, era o que conhecia melhor o atlante e passara a aceitar sua atitude, embora no fundo não concordasse com ela. Riveda franziu o cenho.

— Eu lhe peço que reconsidere, Senhor Micon. Sei que seus juramentos proíbem que se vingue por qualquer coisa que lhe façam

de mal, mas... — Ele cerrou os punhos. — Não prestou também o juramento de proteger os outros do mal?

Mas Micon se manteve inflexível.

— Repito que não falarei nem prestarei testemunho.

— Que assim seja! — O tom de Riveda era amargo. — Não posso obrigá-lo a falar contra sua vontade. Pela honra da minha Ordem, devo investigar... mas pode estar certo de que não tornarei a incomodá-lo!

A ira na voz de Riveda penetrou fundo; Micon se abateu e ficou derreado, apoiando-se em Rajasta, que no mesmo instante esqueceu todo o resto e ajudou-o a ocupar o assento que ele antes recusara.

A compaixão desanuviou as feições do Iniciado das Túnicas Cinzentas. Riveda podia ser gracioso quando lhe convinha, e seu impulso agora era de conciliação.

— Se o ofendi, Senhor Micon, tenho uma desculpa a oferecer: o que lhe aconteceu afeta a honra de minha Ordem, que devo guardar tão zelosamente quanto você cumpre seus votos. Gostaria de acabar com esse ninho de aves do mal... até a última pena, asa e ovo! Não apenas por sua causa, mas por todos que o sucederão nas portas de nosso templo.

— Posso aceitar esses objetivos — murmurou Micon, quase humildemente, fixando os olhos cegos em Riveda. — Mas os meios que você empregar não são da minha conta.

Ele suspirou, e seus nervos tensos pareceram relaxar um pouco. Talvez ninguém ali, à exceção da anormalmente sensível Domaris, tivesse percebido quanto o atlante temera aquela entrevista. Agora, pelo menos, ele sabia que o próprio Riveda não estivera entre seus algozes. Tenso por essa possibilidade e preparado para ocultá-lo se fosse procedente, o alívio deixou-o inerte de cansaço.

— Meus agradecimentos nada valem, Senhor Riveda, mas aceite minha amizade com eles.

Riveda pegou levemente os dedos mutilados entre os seus, examinando-os secretamente com os olhos de um curandeiro, a fim de verificar até que ponto estavam curados. As mãos de Riveda eram grandes e duras, calejadas pelo trabalho manual realizado na

infância, mas tão sensíveis quanto as de Micon. O atlante sentiu que as mãos de Riveda continham alguma força sob controle — uma força desafiadora, dominada e por isso ainda mais poderosa. As forças dos dois iniciados se encontraram; mas mesmo o breve contato foi demais para Micon, pela intensa vitalidade. Retirou a mão abruptamente, com o rosto muito pálido. Virou-se e encaminhou-se para a porta.

Rajasta deu um passo para acompanhá-lo, depois parou, obedecendo a alguma ordem inaudível que dizia claramente "não".

VI

Depois que a porta foi fechada, Rajasta virou-se para Riveda.

— E então?

Riveda estava imóvel, olhando para as próprias mãos, com a cara fechada. E foi com visível inquietação que murmurou:

— O homem é um canal de força totalmente aberto.

— Como assim? — indagou Talkannon.

— Quando nossas mãos se tocaram, pude sentir a força vital me deixando; ele parecia extraí-la de mim, como um vampiro ou...

Rajasta e Talkannon olhavam consternados para o Túnica Cinzenta. A descrição de Riveda constituía um segredo da Casta dos Sacerdotes, invocado apenas raramente e com infinita cautela. Rajasta sentiu-se irracionalmente enfurecido: Micon recusara tal ajuda de sua parte, com uma determinação que não deixava margem a argumentos... Abruptamente, Rajasta compreendeu que Riveda não tinha a menor noção do que acontecera. O sussurro áspero do Túnica Cinzenta parecia quase assustado:

— Acho que ele sabia também... e se afastou de mim, não queria mais me tocar...

Talkannon interveio com voz rouca:

— Não fale nada sobre isso, Riveda!

— Não se preocupe... — Num gesto insólito, Riveda cobriu o rosto com as mãos e estremeceu, enquanto se virava para o outro lado. —

Eu não podia... não pude... eu estava muito forte, podia tê-lo matado!

Domaris ainda se apoiava no pai; o rosto estava tão branco quanto a túnica de Talkannon; a mão livre apertava a borda da mesa com tanta força que suas articulações estavam esbranquiçadas.

Talkannon ergueu a cabeça bruscamente.

— O que a aflige, menina?

Recuperando o autocontrole, Rajasta virou-se para ela, preocupado.

— Domaris! Está doente, criança?

— Não... — balbuciou ela. — Mas Micon...

Lágrimas começaram a escorrer por seu rosto. Ela desvencilhou-se do pai e saiu correndo da sala.

Todos ficaram observando-a, perplexos; o silêncio na sala tornou-se opressivo. Riveda finalmente foi fechar a porta que Domaris deixara aberta em sua fuga, comentando, com uma rispidez sarcástica: — Noto uma certa falta de decoro entre suas acólitas, Rajasta. Dessa vez, Rajasta não se sentiu ofendido com a atitude brusca de Riveda, limitando-se a dizer, suavemente: — Ela é apenas uma criança, e essa história é terrível.

— Tem razão — concordou Riveda. — Muito bem, vamos começar.

Fixando os gelados olhos azuis em Talkannon, o Iniciado passou a interrogá-lo com insistência, exigindo os nomes dos pescadores que haviam "encontrado" Micon, a hora em que tudo acontecera, esmiuçando as menores circunstâncias que pudessem revelar alguma coisa, os detalhes insignificantes que poderiam se tornar significativos. Esperava reunir fragmentos de informações esquecidos numa seqüência coerente para investigações adicionais. Mas só descobriu pouco mais do que já sabia.

A reinquirição de Rajasta pelo Túnica Cinzenta foi ainda menos produtiva. Riveda, cujo temperamento nas melhores ocasiões era apenas indefinido, acabou ficando furioso e quase gritou: — Não posso trabalhar nas trevas! Vocês estão me transformando também em um cego!

Contudo, mesmo no auge de sua frustração e irritação, Riveda sabia que realmente sondara até os limites do conhecimento que os

dois tinham do assunto. O Iniciado inclinou a cabeça para trás, como a lançar um desafio.

— Que assim seja! Se os Sacerdotes da Luz não podem iluminar esse mistério para mim, então terei de aprender a divisar os vultos negros em movimento na mais total escuridão! — Virou-se para sair e acrescentou, olhando para trás: — Agradeço a vocês pela oportunidade de refinar minhas percepções!

VII

Em seus aposentos isolados, Micon estendeu-se na estreita cama, cobriu o rosto com os braços e começou a respirar devagar deliberadamente. A vitalidade de Riveda, fluindo pelo descuido momentâneo de Micon, perturbara o precário controle que exercia sobre seu corpo. O desequilíbrio resultante deixara o atlante completamente atordoado, aterrorizado. Era paradoxal que justamente aquilo que, numa situação menos crítica, teria acelerado a recuperação de Micon, agora ameaçava-o com uma recaída total ou algo ainda pior. Ele estava quase fraco demais para dominar aquele fluxo de força. Micon descobriu-se a pensar, com uma sombria convicção, que a tortura inicial e o que sofria agora eram apenas as preliminares de uma longa e amarga punição — e por quê? Por ter resistido ao mal!

Embora sendo Sacerdote, Micon ainda era bastante jovem para se sentir amargamente desnorteado. E pensou, numa fúria súbita: "A integridade é um luxo dispendioso demais!" Mas tratou de reprimir os exploradores inquisitivos desse ânimo, sabendo que tais pensamentos eram do agrado dos sinistros, acarretando mais sacrilégios, através das aberturas causadas por suas torturas. Desesperado, Micon lutou para aquietar a rebelião mental que reduziria o seu controle já escasso — e que precisava manter a qualquer custo — sobre o tormento do corpo.

"Um ano. Pensei que poderia suportar por um ano!"

Mas tinha um trabalho a concluir, não importando o que pudesse acontecer. Fizera algumas promessas e deveria cumpri-las. Aceitara

Rajasta como discípulo. E havia Domaris... *Domaris...*

Cinco

A noite do zênite

I

O céu noturno era uma abóbada silenciosa de azuis empilhados sobre azuis, púrpura sobre índigo, com uma poeira de estrelas que começavam a desabrochar. Uma tênue luminosidade, pálida demais para ser a luz das estrelas, difusa demais para ser qualquer luz pertencente à Terra, pairava pelo caminho sem lua; por sua claridade, Rajasta avançava seguro. Micon, a seu lado, caminhava com uma determinação tranqüila, que não errava um único passo.

— Mas por que vamos ao Campo da Estrela esta noite, Rajasta?

— Esta noite... pensei que tivesse lhe dito... é a noite em que Caratra, a Estrela da Mulher, alcança o zênite. Os Doze Acólitos vão esquadrihar os céus e cada um interpretará os presságios de acordo com sua capacidade. Deve interessá-lo. — Rajasta sorriu para o companheiro. — Domaris lá estará, e espero que sua irmã também. Ela me pediu para levá-lo.

Pegando o braço de Micon, ele passou a guiar o atlante gentilmente, enquanto o caminho subia para a encosta de uma colina.

— Tenho certeza de que vou gostar.

Micon sorriu, sem a contração de dor que desfigurava suas feições com tanta freqüência. Onde Domaris estava, estava o esquecimento; e ele não se sentia constantemente tão revigorado! Domaris possuía a capacidade de lhe proporcionar uma força que não era de todo física, o transbordamento de sua vitalidade abundante. Micon especulava se isso seria deliberado; que ela era capaz de tamanha generosidade efusiva, jamais duvidara. A gentileza e graciosidade de Domaris eram como uma dádiva dos deuses. Micon sabia que ela era bela, uma faculdade que ia muito além da visão.

Havia tristeza nos olhos de Rajasta. Amava Domaris; quão profundamente, jamais percebera até aquele momento, quando a paz dela estava ameaçada. Esse homem, a quem Rajasta também amava, andava cada vez mais íntimo da morte; a emoção que sentia entre Micon e Domaris era uma coisa muito frágil e maravilhosa para conter tais sementes de pesar. Rajasta sabia também que Domaris se daria com toda a generosidade, a ponto de privar a si mesma. Não tencionava e não podia proibir, mas sentia-se entristecido pelo fim inevitável que previa com tanta lucidez.

Micon disse de repente, com um comedimento que aumentou a ênfase de suas palavras: — Não sou totalmente egoísta, meu irmão. Também posso prever alguma coisa da luta iminente.

Mas você também sabe que minha linhagem deve sobreviver, a fim de que o Propósito Divino não tenha de enfrentar maiores dificuldades. Não é uma questão de orgulho.

Ele tremeu, como se estivesse com frio, e Rajasta apressou-se em ampará-lo, discretamente, com um braço.

— Sei disso — murmurou o Sacerdote da Luz. — Já falamos a respeito muitas vezes. A causa já se encontra em movimento e devemos cuidar para que não se volte contra nós. Compreendo tudo. Mas tente não pensar nisso esta noite. Não falta muito, agora.

Rajasta já testemunhara quando Micon se entregava à dor, e a lembrança não era das mais agradáveis.

A olhos acostumados ao brilho das estrelas, o Campo da Estrela era um lugar de beleza etérea. O céu pairava como asas dobradas, salpicado pelo faiscar de incontáveis estrelas; a doce fragrância da terra que respirava, o rumor de conversa abafada e o veludo profundo das sombras escuras produziam uma fantasia sonhadora ao redor, como se um mundo agreste dissolvesse a cena inteira e deixasse apenas um vazio. Rajasta murmurou:

— É... não há palavras para descrever... adorável...

— Sei disso. — O rosto moreno e inquieto de Micon exibiu um tormento momentâneo. — Posso sentir.

Domaris, de túnica clara com um brilho prateado, como se coberta pela geada, parecia flutuar na direção dos dois.

— Venham sentar conosco, Mestres da Sabedoria — convidou ela, com Deoris a seu lado.

— Agradecemos — respondeu Rajasta, conduzindo Micon atrás do vulto alto e atraente.

Deoris desvencilhou-se abruptamente do braço que a enlaçava pela cintura e se aproximou de Micon, sua figura esguia e imatura se fundindo nas imagens fantásticas do lugar e da hora.

— Pequena Deoris... — murmurou o atlante, com um sorriso afável.

A criança, com uma ousadia tímida, pôs a mão em seu braço. O sorriso de Deoris era de felicidade e, ao mesmo tempo, proteção; a mulher que nela despertava percebia tudo o que Domaris, mais sábia, não se atrevia a admitir que via.

Eles pararam ao lado de um arbusto baixo, fragrante, que se erguia branco contra a noite.

Domaris sentou-se, tirando o manto prateado dos ombros. Deoris puxou Micon com extremo cuidado, para sentar-se entre as duas. Rajasta sentou do outro lado de sua Acólita.

— Já observou as estrelas, Domaris; o que viu?

— Senhor Rajasta — respondeu a moça, formalmente —, Caratra assume uma estranha posição esta noite, em conjunção com a Harpa e a Foice. Se eu fosse interpretar...

Ela hesitou e tornou a erguer o rosto para o céu.

— Tem a oposição da Serpente. Eu diria... que uma mulher abrirá uma porta para o mal e uma mulher a fechará. A mesma mulher... mas é a influência de outra mulher que tornará possível fechá-la.

Domaris ficou em silêncio por um momento, mas logo acrescentou, antes que alguém pudesse falar:

— Uma criança nascerá... que vai gerar uma linhagem que conterà esse mal para sempre.

Com um movimento afoito, o primeiro que alguém já o vira fazer, Micon segurou-a pelos ombros, desajeitado, e indagou com voz rouca:

— As estrelas dizem isso?

Domaris encontrou seus olhos que não viam, num silêncio apreensivo, quase contente, por uma vez, pela cegueira de Micon.

— Dizem... Caratra se aproxima do zênite, e sua dama, Alderes, a acompanha. Os Sete Guardiães a cercam... protegendo-a não apenas da Serpente, mas também do Guerreiro Negro, El-Cherkan, que ameaça das garras de Escorpião...

Micon relaxou e por alguns minutos apoiou-se debilmente em Domaris. Ela o enlaçou gentilmente, deixando-o repousar contra seu seio; e transmitiu-lhe sua força, num impulso consciente.

Fê-lo de maneira discreta, graciosa, em resposta a uma necessidade que era premente; e no ato instintivo, entrou em comunicação com Micon. As vistas que se abriram para ela da mente do Iniciado estavam muito além de sua experiência ou imaginação, embora fosse uma Acólita dos Mistérios; a profundidade e segurança das percepções de Micon povoaram-na com uma reverência que nunca mais perderia; e a coragem persistente e força de propósito por ele demonstradas comoviam-na a um estado quase de adoração. As próprias limitações do homem proclamavam sua humanidade inata, uma imensa humildade se fundindo com uma espécie de orgulho que obliterava o sentido comum da palavra... Ela observou o controle disciplinado inibindo emoções que de outra forma se tornariam rebeldes e selvagens... e estremeceu de repente. Era o que vinha em primeiro lugar nos pensamentos de Micon!

Um rubor ardente e visível, mesmo à luz das estrelas, espalhou-se por seu rosto.

Domaris se retirou do contato rapidamente, mas com uma gentileza que não deixou dano no vazio repentino. O pensamento que surpreendera era tão adorável que se sentiu abençoada, mas também com alguma culpa por tê-lo vislumbrado.

Com um pesar evidente, Micon afastou-se de Domaris. Sabia que ela estava confusa; Domaris não era dada a especulações sobre o seu efeito nos homens.

Deoris, observando-os com uma mistura de perplexidade e ressentimento, rompeu o tênue contato que ainda persistia.

— Senhor Micon, ficou muito cansado — murmurou ela, estendendo seu manto de lã na relva para ele.

— Descanse um pouco, meu irmão — acrescentou Rajasta.

— Foi apenas um momento de fraqueza — balbuciou Micon. Mas ele cedeu, satisfeito pela oportunidade de se deitar ao lado de Domaris; e depois de um momento, sentiu a mão dela tocar na sua, num aperto suave, que não causou qualquer dor em seus dedos mutilados.

O rosto de Rajasta era uma bênção; observando-o, Deoris engoliu em seco. "O que está acontecendo a Domaris?" A irmã mudava diante de seus olhos, e Deoris, apegando-se ao que fora a única coisa segura no mundo instável do templo, sentiu-se subitamente apavorada. Por um instante, quase odiou Micon e ficou enfurecida com a evidente aceitação da situação por parte de Rajasta. Ergueu os olhos, transbordando de lágrimas iradas, e contemplou angustiada as estrelas embaçadas.

II

Uma voz nova murmurou uma palavra de saudação. Deoris teve um sobressalto e virou-se, estremeando com um excitamento estranho, em parte atração, em parte medo fascinado. Riveda! Já sintonizada numa onda de nervosismo, Deoris encolheu-se quando a sombra escura projetou-se sobre eles, bloqueando a luz das estrelas. O homem era misterioso; ela não podia desviar-lhe os olhos.

A saudação cortês e quase ritual de Riveda abrangeu a todos. Ele também se sentou na relva.

— Com que então, observa as estrelas com seus acólitos, Rajasta? Domaris, o que dizem as estrelas a meu respeito?

A voz do Iniciado, mesmo polida, parecia escarnecer do costume e do ritual menor. Domaris, franzindo um pouco o cenho, retornou com algum esforço para a realidade imediata. E falou com uma polidez fria:

— Não sou leitora de destinos, Senhor Riveda. Deveriam falar a seu respeito?

— De mim e também de qualquer outro — respondeu Riveda, com uma risada desdenhosa. — Venha sentar ao meu lado, Deoris.

A menina olhou ansiosa para Domaris, mas ninguém falou nem fez qualquer gesto de proibição.

Por isso, ela se levantou, em sua túnica curta, cintada, de um azul celeste, e foi para o lado de Riveda. O

Iniciado sorriu quando ela se acomodou de novo na relva.

— Conte-nos uma história, pequena escriba — pediu ele, sem muito empenho. Deoris sacudiu a cabeça, acanhada, mas Riveda insistiu: — Então cante para nós. Ouvi dizer que você... que sua voz é linda. O embaraço da criança tornou-se intenso; retirou a mão que Riveda segurava e afastou os cachos pretos da frente dos olhos. Ainda assim, ninguém veio salvá-la de sua perturbação, e Micon disse, na escuridão:

— Não quer cantar, minha pequena Deoris? Rajasta também falou de sua doce voz.

Um pedido de Micon era uma coisa tão rara que não podia ser recusado. Deoris murmurou, timidamente:

— Cantarei as Sete Guardiãs... se o Senhor Rajasta cantar os versos da Queda.

Rajasta deu uma risada.

— Eu, cantar? Minha voz provocaria outro sobressalto nas guardiãs do céu, criança!

— Eu cantarei — anunciou Riveda, incisivo. — Cante, Deoris.

Agora havia em sua voz uma determinação compulsiva. Deoris passou os braços pelos joelhos salientes e começou a cantar, com a voz firme e suave de soprano, que se elevou para as estrelas, como uma espiral de fumaça prateada:

*"Em noite antiga, esquecida,
Sete eram as Guardiãs Dos céus observando,
Vigilantes, apreensivas
Num dia escuro quando As estrelas deixaram seus lugares
Olhando a Estrela Negra do Destino.
Sete as Guardiãs Furtivas em seu movimento
Sete estrelas que saíam
Suaves de seus lugares Sob a cobertura
Do céu que as protegia.*

*A Estrela Negra paira
Silente nas sombras,
Pelas sombras se esgueirando,
Esperando a queda da Noite; sobre a montanha,
Pendendo, pairando, Sinistra, um corvo
Em nuvem escarlata.
As Sete suaves Como sombras caem,
Estrelas-sombras, apagadas
A luz do sol sem estrelas!
Numa chuva flamejante,
Sete estrelas caindo
Negras na Estrela Negra do Destino!"*

Outras pessoas reunidas no Campo da Estrela para observar os presságios se aproximaram, atraídas pela canção, e permaneceram em silêncio, apreciando. A voz de barítono de Riveda, profunda e ressonante, começou a cantar, num turbilhão de estranhas harmonias, em contraponto com a voz de soprano de Deoris.

*"A montanha treme!
Um trovão abala o pôr-do-sol,
Um trovão lá no alto.
As Sete Guardiãs Caem em chuvas,
Chuvas de estrelas caindo,
Cometas flamejantes caindo Sobre a Estrela Negra!
O Oceano treme em tormento,
Montanhas partem e esboroam!
Afogada está a Estrela Negra,
Morto está o Dia do Juízo Final!"*

Em voz suave, soando como um sino, Deoris entoou o lamento:

*"Sete estrelas caídas,
Caídas lá dos céus,
Caídas do céu-coroa,
Com a Estrela Negra afogadas!"*

*Manoah o Compassivo, Senhor da Luz, Os afogados levantou,
A Estrela Negra baniu Por eras intermináveis.
Até que em luz se eleve. As Sete Boas Guardiãs Em brilho ele
ergueu.
Coroando a montanha, Muito acima da montanha da Estrela,
Cintilam as Sete Guardiãs,
As Sete que velam Pela Terra e pelo Céu."*

A canção morreu na noite; um vento sussurrante soprou por um momento e parou. As pessoas ali reunidas, alguns acólitos e uns poucos sacerdotes, emitiram murmúrios de aprovação e tornaram a se afastar, conversando em voz baixa.

Micon continuou deitado, imóvel, com a mão ainda entre os dedos de Domaris. Rajasta observava, pensativo, aqueles dois que tanto amava; para ele, era como se o resto do mundo não existisse.

Riveda inclinou a cabeça para Deoris; suas feições rudes e atávicas eram atenuadas pelas sombras e luz das estrelas.

— Sua voz é maravilhosa. Gostaríamos de ter uma cantora assim no Templo Cinzento. Talvez um dia você possa cantar lá.

Deoris murmurou algumas palavras formais, mas fechou-se em si mesma. Os homens da seita dos Túnicas Cinzentas mereciam o maior respeito no templo, mas suas mulheres eram um tanto misteriosas. Sob votos estranhos e secretos, eram desdenhadas e escorraçadas, chamadas de *saji* — embora não conhecesse o significado da palavra, Deoris achava que tinha um som triste e horrível.

Muitas das mulheres dos Túnicas Cinzentas eram recrutadas entre a plebe e algumas eram filhas de escravos; isso explicava em grande parte por que eram desprezadas pelas esposas e filhas da Casta dos Sacerdotes. A sugestão de que Deoris, filha do Arquiaadministrador Talkannon, pudesse optar por se integrar entre as condenadas *saji* irritou tanto a criança que ela não deu a menor importância ao elogio de Riveda a seu canto.

Mas o Iniciado limitou-se a sorrir. Seu charme se irradiou para envolvê-la outra vez, e ele murmurou:

— Como sua irmã está muito cansada para me aconselhar, Deoris, não poderia interpretar as estrelas para mim?

Deoris corou e olhou para cima, atentamente, recorrendo aos poucos conhecimentos de que dispunha.

— Um homem poderoso... ou alguma coisa em forma masculina... ameaça... alguma função feminina, através da força dos guardiães. Um mal antigo... já foi ou será ressuscitado...

Ela parou de falar, percebendo que os outros a fitavam. Envergonhada por sua presunção, Deoris tornou a baixar os olhos, retorcendo as mãos nervosamente no colo.

— Mas isso pode não ter muito a ver com a sua pessoa, Senhor Riveda — murmurou ela, quase inaudível.

Rajasta riu.

— Foi muito bem, criança. Use todo o conhecimento que possui. Aprenderá mais, à medida que crescer.

Por algum motivo, a indulgente tolerância na voz de Rajasta irritou Riveda, que sentira algum espanto pela sensibilidade com que aquela criança destreinada interpretara uma configuração sinistra o suficiente para desafiar um vidente experiente. O fato de que sem dúvida ela ouvira os outros discutindo os presságios que envolviam Caratra não fazia muita diferença. Riveda disse, bruscamente: — Talvez, Rajasta, *você possa...*

Mas o Iniciado não concluiu a frase. O vulto corpulento do Acólito Arvath projetou sua sombra sobre eles.

III

— A história conta que o Profeta da montanha da Estrela fez um sermão no templo, na presença dos guardiães, antes de completar doze anos — disse Arvath, jovialmente. — Portanto, vocês podem muito bem escutar alguém menor.

O jovem Acólito parecia divertido ao fazer uma reverência formal para Rajasta e Micon.

— Filhos do Sol, estamos honrados por sua presença. E pela sua também, Senhor Riveda. — Ele inclinou-se para torcer um dos

cachos de Deoris. — Deseja agora ser uma profetisa, menina? — Voltou-se para a outra jovem. — Era você quem estava cantando, Domaris?

— Era Deoris — respondeu Domaris, irritada.

Será que ela jamais conseguiria se livrar da constante vigilância de Arvath? Percebendo que Micon estava quase nos braços de Domaris, Arvath franziu as sobrancelhas. Domaris lhe pertencia! Micon era um intruso e não tinha o direito de se intrometer entre um homem e sua prometida! O ciúme de Arvath impedia-o de pensar com muita lucidez; ele cerrou os punhos, furioso com o desejo reprimido e o senso de injustiça. *"Ensinarei boas maneiras a esse estrangeiro presunçoso!"*

Arvath sentou ao lado deles e passou um braço pela cintura de Domaris, num gesto possessivo.

Pelo menos podia mostrar ao intruso que estava pisando em terreno proibido! Num tom perfeitamente audível, mas que parecia íntimo e suave, Arvath perguntou a ela: — Estava me esperando há muito tempo?

Meio surpresa, meio indignada, Domaris fitou-o nos olhos. Era muito bem-educada para fazer uma cena; seu primeiro impulso, o de empurrá-lo bruscamente para longe, foi reprimido. Ela permaneceu imóvel, silenciosa; estava acostumada às carícias de Arvath, mas havia agora uma força ciumenta e exigente que a afligia.

Aborrecido pela falta de reação de Domaris, Arvath pegou-lhe as mãos e afastou-as de Micon. A jovem soltou uma pequena exclamação de surpresa e desvencilhou-se de ambos. Micon fez um murmúrio de indagação, enquanto ela se levantava. Como se nada tivesse percebido, Rajasta interveio: — O que lhe dizem as estrelas, jovem Arvath?

O hábito vitalício de deferência imediata a um superior prevaleceu. Arvath inclinou a cabeça, respeitoso.

— Ainda não cheguei a qualquer conclusão, Filho do Sol. A Dama dos Céus não alcançará o zênite absoluto antes da sexta hora e até lá não é possível fazer uma interpretação correta.

Rajasta acenou com a cabeça e disse, suavemente, mas num tom tão incisivo que fez Arvath baixar a cabeça:

— A cautela é uma virtude de grande valor.

Profeticamente, Riveda deu uma risada; e a tensão se desanuviou. Domaris tornou a sentar-se na relva, desta vez ao lado de Rajasta. O velho Sacerdote passou um braço paternal por seus ombros. Sabia que ela ficara profundamente perturbada... e não a culpava, embora achasse que ela poderia usar de mais tato ao lidar com os dois homens. "Mas Domaris ainda é jovem... muito jovem", pensou Rajasta, quase em desespero, "para se tornar o centro de tal conflito!"

Arvath, por sua vez, passou a pensar mais claramente e relaxou. Afinal, não vira realmente nada que justificasse seu ciúme; e Rajasta não podia permitir que seu Acólito agisse em oposição aos costumes dos Doze. Assim, Arvath confortou-se, esquecendo convenientemente todos os costumes, a não ser aqueles que desejava ver respeitados.

Talvez o fator mais poderoso para aliviar a ira de Arvath fosse o fato de que gostava muito de Micon. Além disso, eram conterrâneos. Não demorou muito para que os dois estivessem absorvidos numa conversa descontraída e amigável, embora Micon, hipersensível ao ânimo de Arvath, respondesse a princípio com alguma reserva.

Não mais escutando, Domaris escondeu-se do conflito interior no desempenho zeloso de seu dever. Com os olhos fixados nas estrelas, a mente aquietada em meditação, ela estudou os presságios da noite.

IV

Pouco a pouco, o Campo da Estrela foi ficando em sossego. Um a um, os pequenos grupos de observadores silenciaram: só algumas palavras estranhamente espectrais soavam isoladas, de quando em quando, de um círculo bastante alerta de jovens sacerdotes, a um canto distante. Uma brisa amena ondulava a relva, agitava mantos e cabelos compridos, mas não demorou a cessar; uma nuvem passou pela frente de uma estrela que pairava perto de Caratra; em algum lugar, uma criança choramingou e foi silenciada.

Lá embaixo, um bruxulear vermelho indicava o lugar em que fogueiras haviam sido acesas, no quebra-mar, para alertar os navios sobre as rochas. Deoris adormecera na relva, com a cabeça no colo de Riveda e o comprido manto cinzento do Iniciado em torno de seus ombros.

Arvath, como Domaris, continuava sentado, estudando os presságios das estrelas, num transe meditativo. Micon, por trás dos olhos cegos, concentrava-se em seus pensamentos silenciosos. Rajasta, por algum motivo desconhecido até para si mesmo, descobria seu olhar se fixando com insistência em Riveda. Imóvel, com a cabeça rude e as costas eretas ressaltando contra a luz das estrelas, Riveda mantinha-se em devaneio hora após hora; a visão fascinava Rajasta. As estrelas pareciam alternadamente definhar e cintilar por trás do Iniciado. Por um instante, passado, presente e futuro se fundiram e se tornaram uma só coisa para o Sacerdote da Luz. Ele observou o rosto de Riveda: mais pálido e de lábios contraídos em sombria determinação. As estrelas se desvaneceram por completo, mas uma claridade amarelo-vermelha, como de milhares de teias diáfanas e agitadas pela brisa, dançava em torno do Iniciado.

Subitamente, com a maior intensidade, um terrível halo de fogo envolveu a cabeça de Riveda. "O *dorje!*" Rajasta estremeceu, com um sobressalto que era ao mesmo tempo interior e exterior, enquanto o ambiente real se restabelecia. "Devo ter dormido", disse a si mesmo, abalado. "Não pode ter sido uma visão verdadeira!" E, no entanto, a cada piscar de olhos do Sacerdote da Luz, a terrível imagem persistia, até que Rajasta, com um pequeno gemido, desviou o rosto.

Um vento soprava através do sereno Campo da Estrela, convertendo a transpiração no rosto do Sacerdote da Luz em pequenas gotas geladas, enquanto Rajasta oscilava entre o horror insistente e insensato e ondas intermitentes de pensamento racional. Os momentos que transcorreram antes que Rajasta se acalmasse talvez tivessem sido os piores de sua vida, como se fossem interminável prisão do tempo.

O Sacerdote da Luz curvou-se, ainda incapaz de olhar na direção de Riveda, por puro medo. "Só pode ter sido um pesadelo", Rajasta disse a si mesmo, sem muita convicção. "Mas... e se não for?" Rajasta estremeceu outra vez por essa perspectiva, depois controlou-se com um grande esforço, obrigando a mente arguta a analisar o inconcebível.

"Tenho de conversar com Riveda a esse respeito", decidiu Rajasta, contra a vontade. "Não há outro jeito! Se não foi um sonho, então é uma advertência, um aviso de grande perigo para ele." Rajasta não sabia até que ponto Riveda chegara em suas investigações, mas talvez... talvez o Iniciado tivesse chegado tão perto da seita dos Túnicas Negras que eles haviam lhe aplicado sua marca infernal, a fim de se protegerem contra a descoberta.

"Só pode significar isso", Rajasta tranqüilizou-se, embora ainda tremesse, incontrolável. "Deuses e espíritos, protejam a todos nós!"

V

De olhos cansados e insones, Domaris observou o sol nascer, um brinquedo dourado num mar de nuvens rosas. O amanhecer espalhou-se avermelhado, lentamente, pelo Campo da Estrela; a luz pálida e implacável incidia sobre o rosto dos que dormiam ali, a tudo revelando.

Deoris estava imóvel, com a respiração regular. O manto de Riveda continuava a aconchegá-la, embora o próprio Riveda há muito já tivesse se retirado. Arvath estava estendido na relva com os braços e pernas abertos, como se o sono o invadisse sorrateiramente, tal qual um ladrão na noite.

Domaris percebeu quanto ele parecia um garotinho corpulento — cabelos escuros desgrenhados em torno da testa úmida e faces lisas relaxadas no sono profundo de alguém muito jovem. Os olhos de Domaris voltaram a Micon, que também dormia, repousando a cabeça em seu colo, a mão ainda na sua.

Depois que Rajasta fora embora, seguindo apressado atrás de Riveda, com uma expressão pálida e abalada, ela voltara para o lado

de Micon, indiferente ao que Arvath poderia dizer ou pensar. Durante toda a noite Domaris sentira as mãos finas e mutiladas do atlante se contraírem espasmodicamente, como se até no sono restasse ali um resíduo irreduzível de dor. Uma ou duas vezes, o rosto de Micon parecera tão pálido e sem forças, na claridade cinzenta e fantasmagórica que antecedia o amanhecer, que Domaris inclinara-se para ouvir sua respiração, a fim de ter certeza de que ele ainda vivia; reprimindo sua própria respiração ao silêncio, ela esperava até ouvir um tênue suspiro, sentindo-se ao mesmo tempo aliviada e aterrorizada... pois a vigília só podia trazer mais dor àquele homem que começava a adorar.

Na depressão da noite, Domaris descobrira-se meio desejando que Micon pudesse se desvanecer em silêncio para a paz que tanto desejava... e o pensamento tanto a assustara que mal conseguira se controlar para não abraçá-lo e restaurar sua plena vitalidade pela força do amor. "Como eu posso ser tão cheia de vida quando Micon está tão fraco?" E ela se perguntou, rebelde: "Por que ele está morrendo... e o demônio que o deixou assim continua a circular são e salvo, com sua vida indigna?"

Como se os pensamentos perturbassem seu sono, Micon remexeu-se, murmurando numa língua que Domaris não entendia. Depois, com um longo suspiro, os olhos cegos se abriram e o atlante soergueu-se lentamente, estendeu a mão num gesto curioso... e retirou-a abruptamente, surpreso, ao tocar na túnica de Domaris.

— Sou eu, Micon... Domaris — ela se apressou em dizer, na primeira vez em que o chamava pelo nome. — Domaris... lembro agora. Eu dormi?

— Por horas. Já está amanhecendo.

Ele riu, inquieto, mas com aquele estranho humor interior que parecia nunca lhe faltar.

— Que sentinela lamentável eu seria hoje em dia! É assim que se mantém a vigília?

O riso de Domaris, suave e gentil, tranqüilizou-o.

— Todos dormem depois da hora intermediária da noite. Você e eu somos provavelmente os únicos acordados neste momento. Ainda é muito cedo.

Quando Micon tornou a falar foi em voz mais baixa, como se temesse despertar os dorminhocos a que ela se referia de forma tão indireta:

— O céu está vermelho?

Domaris assumiu uma expressão intrigada.

— Está, sim. De um vermelho brilhante.

— Foi o que pensei — murmurou Micon, balançando a cabeça. — Os filhos de Ahtarrath são todos marujos; o tempo e as tempestades estão em nosso sangue. Pelo menos não perdi isso.

— Tempestades? — repetiu Domaris, olhando em dúvida para as nuvens distantes e serenas.

Micon deu de ombros.

— Talvez tenhamos sorte e não nos alcance, mas está no ar. Posso sentir.

Os dois ficaram em silêncio outra vez, Domaris subitamente inibida e constrangida à lembrança dos pensamentos da noite, e Micon refletindo: "Então eu dormi a noite inteira a seu lado..."

Em Ahtarrath, isso equivaleria quase a um compromisso". Ele sorriu. "Talvez isso explique a explosão de Arvath ontem à noite... mas ao final estamos todos em paz. Ela irradia paz, como uma flor exala seu perfume."

Enquanto isso, Domaris lembrara-se de Deoris, que ainda dormia junto deles, envolta pelo manto de Riveda.

— Minha irmã dormiu na relva durante a noite inteira. Preciso acordá-la e mandá-la para a cama.

Micon riu alegremente.

— Parece um exercício curiosamente inútil. Afinal, você não dormiu.

Não era uma pergunta e Domaris não tentou oferecer qualquer resposta. Diante do rosto luminoso de Micon, ela inclinou a cabeça, esquecida de que a luz da manhã não podia denunciar suas emoções para um cego. Desvencilhando seus dedos gentilmente, ela limitou-se a murmurar: — Preciso acordar Deoris.

Em seu sonho, Deoris vagueava por uma interminável sucessão de cavernas, acompanhando o faiscar bruxuleante na extremidade de uma vara de estranho formato, na mão de um vulto de túnica, encapuzado. Não sentia medo nem frio, embora soubesse, de uma maneira estranhamente alheia a seus sentidos, que as paredes e o chão das cavernas estavam gelados e úmidos...

Em algum lugar nas proximidades, uma voz familiar, mas não imediatamente reconhecível, chamava seu nome. Ela emergiu do sonho devagar, aninhada em dobras cinzentas.

— Não... — murmurou ela, sonolenta, estendendo os dedos sobre o rosto.

Com uma risada terna, Domaris sacudiu o ombro da criança.

— Acorde, dorminhoca!

Seus olhos parcialmente abertos, ainda com resquícios do sonho, pareciam violetas aturdidas; os dedos pequenos reprimiram um bocejo.

— Oh, Domaris, eu tencionava ficar acordada! — Deoris se levantou, alerta no mesmo instante, com o manto caindo de seus ombros. Abaixou-se para pegá-lo, mantendo-o à distância do braço.

— O

que é isto? Não é meu!

Domaris tirou o manto de suas mãos.

— É do Senhor Riveda. Você dormiu como um bebê em seu colo.

Deoris silenciou, com uma expressão mal-humorada. Domaris provocou-a: — Com certeza ele deixou o manto para poder vê-la de novo, Deoris. Já encontrou seu primeiro apaixonado, ainda tão jovem?

Deoris bateu com o pé, furiosa.

— Por que você é tão má?

— Ora, pensei que a idéia a agradaria — comentou Domaris, jovialmente, ajeitando o manto em torno dos ombros nus da irmã.

Deoris tirou-o, cada vez mais irritada.

— Acho que você é... horrível!

Ela desceu correndo pela colina, à procura do abrigo de sua cama, para chorar sozinha até dormir. Domaris começou a segui-la, mas logo parou; sentia-se muito cansada para lidar com os acessos da irmã naquela manhã. O manto do Túnica Cinzenta, áspero contra seu braço, aumentava o sentimento de inquietação e apreensão. Falara sem pensar, só para zombar da irmã, mas agora se descobriu a especular sobre suas palavras. Era inconcebível que o interesse do Iniciado por Deoris pudesse ser pessoal... a criança ainda não tinha catorze anos! Com um estremecimento de aversão, Domaris tratou de reprimir tais pensamentos, como indignos, e voltou para junto de Micon.

Os outros também despertavam, levantando-se, reunindo-se em pequenos grupos, a fim de contemplar o que restava do nascer do sol. Arvath aproximou e passou o braço pela cintura de Domaris; ela aceitou distraída. Seus serenos olhos cinzentos contemplaram imparciais o rosto do jovem Sacerdote. Arvath sentia-se magoado, perplexo. Domaris ficara diferente desde... isso mesmo!... desde que Micon entrara em suas vidas! Ele suspirou, desejando ser capaz de odiar Micon. Afastou o braço de Domaris, sabendo que ela estava tão consciente da sua ausência quanto da sua presença.

Rajasta subia pelo caminho, um vulto branco um pouco avermelhado pela claridade da manhã.

Ao se aproximar, abaixou-se para recolher o manto de Micon, de um branco imaculado. Era um pequeno serviço, mas espantou os que repararam, assim como o tom carinhoso da voz normalmente rigorosa de Rajasta:

— Conseguiu dormir?

O sorriso de Micon era uma bênção, quase êxtase.

— Como raramente sou capaz, meu irmão.

Os olhos de Rajasta desviaram-se por um instante para Domaris e Arvath, dispensando-os.

— Podem ir descansar, crianças... Micon, venha comigo.

Pegando o braço de Domaris, Arvath conduziu-a. Quase cansada demais para se manter de pé, ela apoiou-se pesadamente no braço oferecido, virou e encostou a cabeça por um instante no peito de Arvath.

— Está exausta, minha irmã — murmurou Arvath, quase em tom de censura.

Protetor agora, ele conduziu-a pela encosta, amparando-a, com a reluzente cabeça de Domaris quase na altura de seu ombro.

Rajasta observou-os por um momento, suspirando. Depois, tocando de leve a mão no ombro de Micon, levou-o discretamente pelo caminho oposto, que descia para o mar. Micon avançava com absoluta segurança, como se não tivesse a menor necessidade da orientação de Rajasta; a expressão do atlante era sonhadora e perdida.

Caminharam em silêncio por alguns minutos, antes que Rajasta falasse, sem alterar o ritmo lento das passadas:

— Ela é a mais excepcional das mulheres, nascida para ser não apenas uma esposa, mas também companheira. Você será um homem abençoado.

— Mas... ela será amaldiçoada! — disse Micon, quase inaudível, o sorriso torto e estranho tornando a aflorar em seus lábios.

— Eu a amo, Rajasta... e amo demais para magoá-la. Não posso lhe dar coisa alguma. Nenhuma promessa, nenhuma esperança de verdadeira felicidade, apenas o pesar, o sofrimento, talvez a vergonha...

— Não diga bobagem! — respondeu Rajasta, em tom brusco.

— Está esquecendo os seus próprios ensinamentos. O amor, sempre e onde quer que seja encontrado, mesmo que perdure apenas por uns poucos momentos, só pode proporcionar alegria... se não for frustrado! É uma coisa maior do que vocês dois. Não se interponha no caminho do amor...

nem no seu próprio caminho!

Pararam num pequeno rochedo acima da praia. Lá embaixo, o mar arremetia pela terra, inexorável, insistente. Micon parecia contemplar o Sacerdote da Luz com os olhos sem visão, e Rajasta sentiu por um instante que estava na presença de um estranho, pois o rosto do atlante dava a impressão de estar singularmente mudado.

— Espero que você esteja certo — disse Micon, depois de um silêncio prolongado, ainda fitando atentamente o rosto que não podia ver.

LIVRO DOIS

Domaris

"Se um pergaminho traz más notícias, a culpa é do pergaminho ou do que está descrito nele? Se o pergaminho é portador de boas novas, de que forma pode diferir daquele que traz más notícias?"

"Começamos a vida com uma lousa aparentemente vazia — e, embora os escritos que gradativamente aparecem nessa lousa não nos pertençam, nosso julgamento das coisas escritas determina o que somos e o que nos tornaremos. Da mesma forma, nossa obra será julgada pela maneira como as outras pessoas a aproveitam....Portanto, a questão passa a ser a seguinte: como podemos controlar seu uso quando escapa ao nosso controle, passando para as mãos de pessoas sobre as quais não temos qualquer controle?"

"Os ensinamentos mais antigos da Casta dos Sacerdotes apregoam que o desempenho de nosso trabalho com a vontade e o desejo seja pela melhoria do homem e do mundo, e nós lhe concedemos nossa bênção, que reduzirá o desejo do usuário de aproveitá-la para propósitos destrutivos. Sem dúvida, há alguma verdade nisso — mas redução não é prevenção."

— da introdução a *O Código do Iniciado Riveda*

Um

Sacramentos

I

Uma chuva forte caía sobre os telhados e pátios, em todas as áreas do templo; uma chuva que encharcava a terra sedenta, uma chuva que retinia, musical, nos pequenos lagos e fontes, inundando os caminhos de lajes e os gramados. Talvez devido à chuva, a biblioteca do templo encontrava-se apinhada. Cada banco e mesa estavam ocupados, por toda parte se viam cabeças inclinadas.

Parando no umbral, Domaris procurou com os olhos por Micon, que não se encontrava em seu recesso habitual. Lá estavam os capuzes brancos dos sacerdotes, os cinzentos dos magos, as faixas que envolviam a cabeça das sacerdotisas, a cabeça descoberta de estudantes-sacerdotes e escribas.

Finalmente, com um pequeno estremecimento de alegria, ela avistou Micon. Encontrava-se a uma mesa no canto mais remoto, absorvido em conversa com Riveda, cujo capuz cinzento e rosto esquelético e rude constituíam um estranho contraste com o Iniciado pálido e emaciado. Mas Domaris sentiu que ali estavam dois homens que no fundo eram muito parecidos.

Hesitando por um instante, ao se encaminhar para os dois, Domaris sentiu a aversão intensa e irracional a Riveda aflorar outra vez. Estremeceu um pouco. "Aquele homem, semelhante a Micon?"

Riveda estava inclinado para a frente, escutando atentamente; o rosto cego e moreno do atlante iluminava-se num sorriso. Qualquer observador ocasional poderia jurar que eles não sentiam emoção alguma, a não ser camaradagem... mas Domaris não pôde dissipar o sentimento de que havia ali duas forças, similares no poder, mas opostas na direção, a se enfrentarem.

Foi o Túnica Cinzenta quem primeiro percebeu a aproximação de Domaris. Levantando os olhos com um sorriso cordial, Riveda disse:

— A filha de Talkannon o procura, Micon.

Afora isso, ele não se mexeu nem dispensou a menor atenção à moça. Domaris era apenas uma acólita e Riveda um iniciado dos altos escalões. Micon levantou-se com dificuldade e disse, com deferência:

— Em que posso servi-la, Senhora Domaris? Embaraçada por essa violação pública da etiqueta apropriada,

Domaris parou, baixando os olhos. Não chegava a ser tímida, mas detestava a atenção que a atitude de Micon atraía para ela. Não pôde deixar de especular se Riveda não desdenhava secretamente a evidente ignorância de Micon dos costumes do templo. E sua voz era pouco mais que um sussurro quando disse:

— Vim em nome de sua escriba, Senhor Micon. Deoris está doente e não poderá servi-lo hoje.

— Lamento saber disso. — O sorriso torto de Micon era agora compadecido. — Flor-do-Sol, diga a ela que não precisa voltar enquanto não estiver completamente recuperada.

— Espero que sua doença não seja grave — interveio Riveda, despreocupadamente, com um olhar penetrante. — Já pensei muitas vezes que essas vigílias noturnas no sereno não fazem bem a ninguém.

Domaris sentiu-se subitamente irritada. Aquilo não era da conta de Riveda! Até mesmo Micon pôde sentir a frieza em sua voz quando ela disse: — Não é nada demais. Ela estará recuperada em poucas horas.

Domaris não tinha a menor intenção de revelar, mas a verdade é que Deoris chorara tanto que acabara com uma violenta dor de cabeça. Domaris sentia-se perturbada e culpada, pois fora responsável pela aflição da irmã, com seus comentários zombeteiros sobre Riveda naquela manhã. Mais do que isso, ela podia perceber que Deoris sentia um ciúme furioso de Micon. Suplicara repetidamente que Domaris não a deixasse, não procurasse Micon, mandasse alguma escrava para comunicar sua doença. Fora difícil para Domaris afastar-se da criança angustiada, e só conseguira fazê-

lo ao lembrar a si mesma que Deoris não estava realmente doente; que provocara a dor de cabeça com seu próprio choro e desespero; e que, se Deoris aprendesse de uma vez por todas que seus acessos histéricos não lhe serviriam para obter o que queria, deixaria de tê-los... e acabariam aquelas dores de cabeça.

— Vou visitá-la para verificar como está — anunciou Riveda, decidido, levantando-se. — Muitas doenças graves começam com uma enfermidade menor.

Suas palavras estavam longe de ser descorteses — na verdade, eram próprias das maneiras impecáveis de um sacerdote-curandeiro — mas Riveda sentia-se secretamente divertido. Sabia que Domaris nutria algum ressentimento por ele. Não sentia rancor contra ela; mas Deoris o interessava, e as tentativas de Domaris de mantê-lo à distância da irmã impressionavam-no como manobras absurdas e sem sentido.

Não havia mais nada que Domaris pudesse dizer. Riveda era um alto iniciado e, se estava interessado por Deoris, não cabia a uma acólita contestá-lo. Abruptamente, ela lembrou a si mesma que Riveda tinha idade bastante para ser seu avô, era um sacerdote-curandeiro de grande competência e um homem de austeridade excepcional, mesmo entre os Túnicas Cinzentas.

Os dois homens trocaram despedidas cordiais. Enquanto Riveda se afastava, calmamente, ela sentiu o toque leve de Micon em seu pulso.

— Sente-se ao meu lado, Coroada-de-Luz. A chuva me deixou sem ânimo para o estudo e me sinto solitário.

— Estava com uma companhia muito interessante — comentou Domaris, com alguma rispidez.

O sorriso torto de Micon surgiu e sumiu.

— É verdade. Ainda assim, eu preferia conversar com você. Mas... não seria inconveniente neste momento? Ou... é impróprio?

Domaris sorriu.

— Você e Riveda ocupam posições tão altas no templo que os monitores não censuraram sua ignorância de nossas restrições, mas eu não posso falar em voz alta. — Enquanto falava, num murmúrio, ela olhava para os escribas de rosto severo que guardavam os

manuscritos. E não pôde deixar de acrescentar, num sussurro ainda mais marcante: — Riveda deveria tê-lo avisado!

Mortificado, Micon deu uma risada.

— Talvez ele esteja acostumado a trabalhar na solidão — sugeriu ele, baixando a voz para acompanhar a moça. — Conhece este templo... onde podemos conversar livremente?

II

A altura de Micon fazia com que Domaris parecesse quase minúscula, e suas feições desfiguradas contrastavam com a suave beleza da moça. Quando deixaram o prédio, cabeças se voltaram para observá-los, curiosas; Micon, alheio a isso, mesmo assim foi afetado pela inibição de Domaris e não disse coisa alguma, enquanto percorriam uma passagem.

Graciosa, Domaris diminuiu os passos ágeis para acompanhar os de Micon, que apertou ainda mais seu braço. Ela puxou uma cortina, e entraram na ante-sala de um dos pátios internos. Toda uma parede era ocupada por uma enorme janela, com persianas de madeira; a suave fragrância da chuva caindo sobre as flores expectantes entrava pela janela, as gotas caindo sobre um laguinho e tamborilando no vidro tinha um ritmo musical.

Domaris — que antes nunca partilhara aquele seu recanto predileto e quase sempre deserto, nem mesmo com Deoris — disse a Micon:

— Venho aqui muitas vezes para estudar. Um sacerdote entrevado, que raramente sai de seus aposentos, vive no outro lado do pátio. Este aposento quase nunca é usado. Creio que posso lhe prometer que ficaremos a sós aqui.

Ela conduziu-o para um banco perto da janela e os dois se sentaram. Houve um silêncio prolongado. Lá fora, a chuva não parava de cair, projetando a umidade em seus rostos. As mãos de Micon estavam sobre seus joelhos, relaxadas; o vislumbre de um

sorriso, que jamais deixava seu rosto completamente, surgia e sumia a todo instante, como o relampejar do verão. Ele sentia-se contente só por estar junto de Domaris, mas a moça estava irrequieta.

— Encontro um lugar em que podemos conversar... e ficamos mudos como peixes!

Micon virou-se para ela.

— E há algo que precisa ser dito... Domaris! — Ele pronunciou o nome com um anseio tão intenso que a moça prendeu a respiração. E repetiu-o; em seus lábios era como uma carícia: — Domaris!

— Senhor Micon... Príncipe...

Uma ira súbita e inesperada aflorou na voz de Micon: — Não me chame assim! Deixei tudo isso para trás! Conhece o meu nome!

Ela sussurrou, como uma mulher num sonho:

— Micon...

— Domaris, eu... eu sou humildemente seu pretendente. — Micon falava em tom estranho, como se desprezasse a si mesmo. — Eu... a amei desde que entrou na minha vida. Sei que tenho pouco a lhe oferecer e ainda por cima apenas durante um curto período. Mas... você, a mais doce das mulheres...

Ele fez uma pausa, como se acumulasse uma força necessária, depois continuou, sempre hesitante:

— Gostaria que pudéssemos ter nos conhecido num momento mais feliz e nosso... nosso amor teria florescido... talvez, pouco a pouco, até a perfeição...

Micon fez outra pausa, e suas feições morenas revelavam uma emoção tão intensa que Domaris não podia encará-la. Desviou os olhos, satisfeita porque Micon não podia vê-la.

— Pouco tempo me resta, Domaris. Sei que você ainda é livre, pela lei do templo. É seu... direito escolher um homem e gerar seu filho, se assim o desejar. Seu compromisso com Arvath não é uma obrigação formal. Você... você concordaria em me aceitar como seu pretendente? — A voz ressonante de Micon estava agora trêmula com a emoção poderosa. — Acredito ser meu destino que eu, que tive todas as coisas, comandi exércitos e recebi o tributo de grandes famílias, tenha agora tão pouco a lhe oferecer... nenhuma promessa, nenhuma esperança de felicidade, nada... apenas com

uma grande necessidade de você... Espantada, Domaris murmurou:
— Você me ama?

Ele estendeu as mãos inquisitivas; encontrou os dedos de Domaris e segurou-os.

— Não tenho sequer palavras para descrever como meu amor é grande, Domaris. Posso dizer apenas... que a vida é insuportável quando não estou perto de você. Meu coração anseia... pelo som de sua voz, seus passos, seu... contato...

— Micon! — ela sussurrou, ainda atordoada, incapaz de compreender direito. — Você me ama!

Ela levantou o rosto para fitá-lo atentamente.

— Seria mais fácil falar se eu pudesse ver seu rosto — sussurrou Micon.

Com um movimento que afligiu a moça, ele ajoelhou-se a seus pés, tornando a pegar-lhe as mãos e comprimindo-as contra seu rosto. Beijou os dedos delicados e acrescentou, com a voz meio abafada: — Eu a amo demais, Domaris... Não poderia ter meu filho com nenhuma outra mulher... mas...

Domaris, Domaris, pode compreender quanto estou lhe pedindo?

Com um movimento rápido, Domaris inclinou-se para a frente e puxou-o, comprimindo a cabeça de Micon contra seu seios.

— Sei apenas que amo você, Micon... e este é o seu lugar...

Os longos cabelos vermelhos de Domaris cobriram os dois, enquanto seus lábios se encontravam, murmurando o verdadeiro nome do amor.

III

A chuva cessara, embora o céu ainda estivesse nublado, bastante cinzento. Deoris estava deitada em um divã no quarto que partilhava com a irmã, e uma serva lhe escovava os cabelos; o passarinho vermelho, presente de Domaris, cantava num alegre abandono; Deoris escutava e cantarolava baixinho, enquanto a escova se movia suavemente em seus cabelos e a brisa agitava as cortinas na janela e as folhas franjadas das árvores no pátio. O quarto era iluminado

por uma luz suave, refletindo o brilho envernizado de madeiras escuras, o faiscar das cortinas de seda e dos ornamentos de prata, turquesa e jade. Nesse luxo moderado, permitido a Domaris como Acólita e filha de Sacerdote, Deoris se aninhava como uma gatinha, repelindo um leve sentimento de constrangimento e culpa; os escribas e neófitos estavam obrigados a um rigor e austeridade em seus ambientes, e Domaris, na idade em que a irmã se encontrava agora, não tivera acesso a tais confortos. Deoris gostava do luxo e isso não era proibido, mas sentia na consciência uma vergonha secreta. Ela se desvencilhou das mãos da serva e disse, com alguma petulância:

— Já chega. Fez minha cabeça doer de novo. Além do mais, estou ouvindo minha irmã se aproximar.

Ela se levantou de um pulo e correu para a porta, mas a saudação morreu em seus lábios quando viu Domaris. A voz da irmã, no entanto, soou perfeitamente natural: — Quer dizer que já está melhor da dor de cabeça, Deoris? Eu esperava encontrá-la ainda na cama. Deoris observou-a atentamente, hesitante, e pensou: "Devo estar imaginando coisas". Em voz alta, disse:

— Dormi quase a tarde toda. E me senti melhor quando acordei.
— Ela ficou em silêncio por um momento, enquanto a irmã avançava pelo quarto. — Senhor Riveda...

Domaris interrompeu-a com um gesto impaciente.

— Já sei. Ele me disse que viria visitá-la. Pode me contar tudo em outra ocasião, está bem?

Deoris piscou, aturdida.

— Por quê? Está com pressa? É sua noite de serviço no templo?
Domaris sacudiu a cabeça, depois esticou a mão para tocar nos cachos da irmã, numa carícia ligeira.

— Fico muito contente que você esteja melhor — acrescentou ela, em tom mais gentil. — Quer chamar Elara para mim, querida?

A pequena mulher entrou e rapidamente ajudou Domaris a tirar os trajes externos. Domaris jogou-se sobre uma pilha de almofadas e Deoris foi se ajoelhar ao seu lado, preocupada.

— Irmã, aconteceu alguma coisa errada?

Domaris respondeu com um "Não" distraído e depois acrescentou, numa decisão súbita, sonhadora:

— Não, não houve nada de errado... nem haverá. — Ela se virou para fitar Deoris nos olhos, sorrindo. — Deoris...

Ela parou abruptamente.

— O que foi, Domaris? — pressionou Deoris, sentindo outra vez o inexplicável pânico interior que a dominara no instante em que vira a irmã, pouco antes.

— Deoris... irmãzinha... vou para a Gentil. — Ela pegou a mão de Deoris. — Quer ir comigo?

Deoris estava atordoada. A Gentil, a Deusa Caratra... seu santuário só era procurado para determinados rituais ou em momentos de intensa crise mental.

— Não estou entendendo — murmurou Deoris. — Por quê... por quê? — Estendeu subitamente a outra mão e apertou a da irmã entre as suas. — O que está acontecendo com você?

Confusa e exaltada, Domaris não foi capaz de falar. Nunca duvidara da resposta que daria a Micon — ele a proibira de tomar uma decisão imediata —, mas algo no fundo de seu coração a perturbava e exigia conforto; e não podia recorrer a Deoris, por mais íntimas que fossem, já que a irmã ainda era uma criança.

Deoris, que jamais conhecera qualquer mãe além de Domaris, sentiu intensamente a nova distância entre as duas e exclamou, numa voz ao mesmo tempo lamentosa e estrangulada: — *Domaris!*

— Oh, Deoris, por favor, não me faça perguntas! — Domaris retirou a mão, com alguma irritação, depois apressou-se em acrescentar, gentilmente, não querendo alargar a distância que as separava: — Mas... não quer ir comigo? Por favor?

— Claro que irei — respondeu Deoris, através do nó que se formara em sua garganta.

Domaris sorriu e se sentou. Abraçou Deoris e deu-lhe um beijo rápido; já ia se afastar, mas a irmã apertou-a com força, como se sentisse, com a amarga intuição dos jovens, que Micon descansara ali não havia muito tempo e quisesse expulsar seu espírito persistente. Domaris afagou os cachos sedosos, sentindo outra vez o impulso de se confidenciar; mas as palavras não saíram.

IV

O Santuário de Caratra, a Mãe Gentil, era distante; quase toda a extensão da área do templo separava o santuário da Casa dos Doze, uma longa caminhada, sob a umidade de árvores floridas. Ao frescor do crepúsculo, a fragrância de rosas e verbenas pairava na umidade do ar. As duas irmãs mantinham-se em silêncio, uma concentrada em sua missão, a outra sem saber o que dizer.

O santuário brilhava, alvo, na extremidade de um laguinho oval de água clara, tremeluzente, de um azul etéreo, sob a arcada do céu. Quando elas se aproximaram, o sol emergiu de trás de um prédio por um momento, incendiando as paredes de alabastro do santuário. Um cheiro pungente de incenso alcançou-as, através da água; luzes cintilantes acenavam do santuário.

Percebendo que Deoris se atrasava um pouco, Domaris sentou-se subitamente na relva, ao lado do caminho. Deoris alcançou-a no instante seguinte, e descansaram um pouco, de mãos dadas, observando as águas serenas do laguinho sagrado.

A beleza e mistério da vida, da recriação, estavam representados ali, na Deusa que era Primavera, Mãe e Mulher, o símbolo da força suave que é a Terra. Para chegar ao Santuário de Caratra, elas teriam de vadear o laguinho, com água na altura do peito. Aquele ritual sagrado era realizado pelo menos uma vez por todas as mulheres do templo, embora somente as que pertenciam à Casta dos Sacerdotes e as acólitas aprendessem o significado profundo daquele ato: cada mulher alcançava assim a maturidade, enfrentando marés relutantes, mais profundas do que a água, mas pesadas e mais difíceis de transpor.

Em orgulho ou maturidade, em alegria ou pesar, em relutância infantil ou maturidade, em êxtase ou rebelião, cada mulher passava um dia por isso.

Domaris estremeceu ao olhar através das águas claras, assustada com o simbolismo. Como Acólita, fora iniciada nesse mistério e compreendia; mesmo assim, ainda hesitava, apreensiva. Pensou em

Micon e no seu amor, tentando adquirir coragem para entrar na água; mas uma espécie de temor profético a dominava. Abraçou Deoris por um momento, pedindo silenciosamente para ser tranqüilizada.

Deoris sentiu-o, mas desviou os olhos da irmã, com uma expressão soturna. Experimentava a sensação de que seu mundo virara de ponta-cabeça. Não queria saber o que Domaris estava enfrentando; e ali, diante do mais antigo e sagrado santuário da Casta dos Sacerdotes, em que ambas haviam nascido, também estava com medo; como se aquelas águas pudessem arrebatá-la também para a corrente da vida, como qualquer mulher... E ela murmurou, melancólica:

— É cruel... como toda a vida é cruel! Eu gostaria de não ter nascido mulher!

E ela disse a si mesma que era uma atitude egoísta e errada tentar impor-se à atenção de Domaris, no momento em que enfrentava aquela prova, enquanto a sua ainda pairava num futuro distante. Mas ela insistiu:

— Por quê, Domaris? Por quê?

Domaris não tinha resposta, e a única coisa que pôde fazer foi apertar a irmã nos braços por um instante. Depois, recuperou a confiança. Era uma mulher profundamente apaixonada, havia regozijo em seu coração.

— Nem sempre vai se sentir assim, Deoris. — Ela baixou os braços. — E agora vou ao santuário. Quer me acompanhar pelo resto do caminho, irmãzinha?

Por um momento, Deoris não sentiu muita relutância; já entrara uma vez no santuário além da água, no ritual sagrado que toda moça do templo efetuava, ao início da puberdade, prestando o seu primeiro serviço na Casa da Grande Mãe. Nada sentira na ocasião, além de nervosismo pela solenidade do ritual. Agora, no entanto, enquanto Domaris se levantava, o pânico apertou a garganta de Deoris, como se fossem garras geladas. Se acompanhasse Domaris, por sua livre e espontânea vontade, sentia que seria agarrada e acuada, entregando-se cegamente à violência da natureza. Havia uma rebeldia assustada palpitando em sua recusa:

— Não... não quero ir!

— Nem mesmo se eu pedir?

Domaris parecia magoada, e estava mesmo; queria que Deoris compreendesse, partilhasse com ela aquele momento que dividia sua vida.

Deoris tornou a sacudir a cabeça, escondendo o rosto por trás das mãos. Um desejo perverso de magoar aflorou em sua mente: Domaris deixara-a sozinha... pois agora era a sua vez! E Domaris, para sua própria surpresa, descobriu-se a renovar o apelo: — Deoris... irmãzinha... por favor... quero você ao meu lado. Não quer ir comigo?

Deoris não descobriu o rosto, e suas palavras, quando saíram, eram quase inaudíveis... e ainda negativas. Domaris retirou a mão abruptamente do ombro da irmã.

— Desculpe, Deoris. Eu não tinha o direito de pedir. Deoris daria qualquer coisa agora para voltar atrás, mas já era

tarde demais. Domaris deu alguns passos, afastando-se, e Deoris permaneceu imóvel, comprimindo as faces febris contra a relva fria e chorando, um choro silencioso e amargo.

Sem olhar para trás, Domaris desvencilhou-se de suas vestes externas, deixando-as cair em torno dos pés. Soltou também os cabelos, que caíram por seu corpo numa suave cascata. Passou as mãos pelos cabelos e de repente um frêmito percorreu todo o corpo jovem, da cabeça aos pés: "Micon me ama!" Pela primeira e única vez em sua vida, Domaris compreendeu que era bela e se regozijou do conhecimento de sua beleza — embora ainda houvesse um calafrio de tristeza ao pensamento de que Micon nunca poderia contemplá-la.

O estranho excitamento durou apenas um momento; depois, Domaris dividiu os cabelos compridos em torno do pescoço e entrou no laguinho, avançando até que a água radiante chegasse à altura do seu peito, morna e borbulhante. Estranhamente, a água não parecia água, mas uma luz viva, efervescente... azul e de um violeta suave, que cintilava, tremeluzia e fluía serenamente em torno de seu corpo. Sentiu de novo um êxtase sufocante, quando a água lhe cobriu a cabeça, por um instante.

Depois, tornou a se endireitar, com a água escorrendo em gotas perfumadas de sua cabeça e ombros reluzentes. Continuando a avançar na direção do santuário, que parecia chamá-la, Domaris sentiu que a água parecia descartar, gota a gota, toda a sua vida passada, com pequenas irritações e egoísmos.

Inundada por um senso de força infinita, Domaris compreendeu — como não acontecera em sua visita anterior ao Santuário de Caratra — que, sendo humana, era também divina.

Ela saiu da água quase pesarosa e parou por um instante, antes de entrar no templo; solenemente, com uma austera concentração, a jovem Sacerdotisa vestiu os trajes sacramentais, guardados na ante-sala, tomando o cuidado de não pensar na próxima vez em que deveria se banhar ali.

Entrando no santuário, ela parou diante do altar, reverente, e prendeu no corpo a faixa nupcial.

Depois, abrindo os braços, Domaris ajoelhou-se, com a cabeça inclinada para trás, numa fervorosa humildade. Queria orar, mas as palavras não saíram.

— Mãe, deusa do amor — ela sussurrou finalmente —, não permita... que eu falhe...

Um novo ardor pareceu envolver Domaris; os olhos compadecidos da imagem sagrada davam a impressão de lhe sorrir, os olhos da mãe de que Domaris mal conseguia lembrar. Ela permaneceu ajoelhada ali por um longo tempo, em solene e atenta imobilidade, enquanto visões estranhas, suaves e desfocadas desfilavam por sua mente, indefinidas, até mesmo sem sentido, mas proporcionando-lhe uma paz e calma que jamais conhecera e que nunca mais perderia inteiramente.

V

O sol já se pusera e as estrelas haviam alterado de maneira considerável a sua posição no céu antes que Deoris, movendo-se por fim, compreendesse que já era bem tarde. Domaris deveria ter voltado há muitas horas, se tencionasse fazê-lo.

O ressentimento pouco a pouco predominou sobre o susto: Domaris a esquecera mais uma vez!

Infeliz e petulante, Deoris retornou sozinha à Casa dos Doze, onde descobriu que Elara não sabia mais do que ela — ou, pelo menos, a mulher recusou-se a discutir sobre a ama com Deoris. Isso não contribuiu para abrandar o temperamento agressivo da criança; suas palavras bruscas e exigências descabidas logo levaram Elara, geralmente paciente, a lágrimas silenciosas e exasperadas.

As servas e diversas vizinhas já estavam tão aflitas quanto a própria Deoris no momento em que Elis apareceu, à procura de Domaris, agravando ainda mais a situação, ao indagar inocentemente pelo paradeiro da prima.

— Como vou saber? — explodiu Deoris. — Domaris não me fala mais nada!

Elis tentou apaziguar a criança furiosa, mas Deoris nem mesmo queria escutar. Elis, que também tinha um temperamento meio explosivo, acabou dizendo: — Não sei por que Domaris deveria lhe contar qualquer coisa... afinal, as coisas que ela faz não são da sua conta... e ainda por cima você tem sido tão mimada que se tornou absolutamente insuportável. Eu bem que gostaria que Domaris recuperasse o bom senso e a pusesse em seu lugar!

Deoris não chorou; em vez disso, ficou arrasada. Já na porta, Elis virou-se e voltou rapidamente para junto dela, inclinando-se e murmurando, arrependida: — Deoris, sinto muito... desculpe. Eu não queria ser tão... — Num gesto raro de afeição, pois não tinha o hábito de demonstrar sua emoção, Elis pegou ternamente a mão de Deoris, acrescentando: — Sei que você se sente muito sozinha. Não tem mais ninguém além de Domaris. Mas a culpa é sua, pois podia ter muitas amigas, se quisesse. — Fez uma pausa. — Seja como for, não deveria ficar sozinha aqui lamentando-se. Lissa sente muita saudade de você. Venha comigo e fique brincando com ela. O sorriso de retribuição de Deoris era hesitante.

— Amanhã — murmurou ela. — Eu... eu prefiro ficar sozinha agora.

Elis tinha intuições quase clarividentes às vezes; e naquele momento uma impressão súbita e ocasional, quase tão nítida quanto

uma visão, levou-a a largar a mão da prima.

— Não vou tentar persuadi-la. — Após um momento de hesitação, Elis acrescentou suavemente, sem qualquer ênfase: — Deve se lembrar de uma coisa. Se Domaris não pertence a qualquer pessoa além de si mesma... então você também tem o direito de pertencer a si mesma. Boa noite, criança.

Depois que Elis se retirou, Deoris ficou olhando para a porta fechada. As palavras, que a princípio pareciam simples, tornaram-se estranhamente enigmáticas. Deoris não podia compreender o seu significado. Acabou concluindo que Elis estava apenas sendo Elis, mais uma vez, e tentou eliminar as palavras de sua mente.

Dois

O idiota

I

Os sacerdotes solteiros, acima de uma determinada posição, ficavam alojados em dois dormitórios. Rajasta e Micon, com vários outros dos círculos mais elevados, residiam no menor e mais confortável. Riveda poderia viver também ali — mas, por sua livre e espontânea vontade, por humildade ou alguma inversão de orgulho, o Iniciado optara por permanecer entre os sacerdotes de posições inferiores.

Rajasta encontrou-o a escrever, num aposento que servia ao mesmo tempo de quarto e estúdio, dando para um pequeno pátio murado. O cômodo era escassamente mobiliado, sem qualquer vestígio de luxo; o pátio era simples, apenas ladrilhado, sem laguinhos, flores ou fontes. Um par de cômodos menores, ao lado, alojava os atendentes do Túnica Cinzenta.

O dia estava quente; por todo o dormitório, a maioria das portas estava escancarada, a fim de permitir alguma circulação do ar abafado. Por isso, Rajasta pôde ficar na porta, despercebido, observando o concentrado Iniciado, por um longo momento.

O Sacerdote da Luz nunca tivera qualquer motivo para desconfiar de Riveda — e embora a visão do sinal de *dorje* ainda perturbasse Rajasta, a cortesia exigia que não tornasse a falar do assunto, depois do aviso que transmitira ao Iniciado na noite do zênite; fazê-lo seria uma insultuosa falta de confiança.

Mas Rajasta era Guardião do Templo da Luz e tinha uma enorme responsabilidade. Se Riveda não conseguisse impor a disciplina à sua Ordem, Rajasta partilharia a culpa plenamente; pela rigorosa interpretação de seu dever, o Guardião deveria ter persuadido e até mesmo forçado Micon a prestar depoimento sobre a sua provação

nas mãos dos Túnicas Negras. E o problema deveria ter sido levado à consideração do Conselho Superior.

Agora, pensando em todas essas coisas mais uma vez, Rajasta deixou escapar um suspiro profundo. "Assim acontece que até os melhores motivos nos prendem em teias cármicas", pensou ele, cansado. "Posso poupar Micon, mas apenas à minha própria custa — aumentando, assim, seus fardos e nos prendendo ainda mais a este homem..."

Riveda, empertigado à escrivania — ele costumava dizer que não lhe agradava ter um pirralho como escriba a tropeçar em seus pés —, acrescentou mais alguns caracteres, em movimentos firmes e decididos, que muito revelavam a seu respeito, depois largou abruptamente o pincel.

— E então, Rajasta? — O Iniciado riu da confusão momentânea do Sacerdote da Luz. — Uma visita amigável? Ou mais alguma de suas necessidades?

— Digamos que se trata das duas coisas — respondeu Rajasta, depois de uma breve hesitação.

O sorriso desvaneceu-se do rosto de Riveda e ele se levantou.

— Sejam objetivos... e depois, talvez, eu também tenha uma coisa a lhe dizer. O povo da minha Ordem está inquieto. Alegam que os guardiães se intrometem. Mas é claro... — ele fitou Rajasta nos olhos — a intromissão é o ofício dos guardiães.

Rajasta cruzou as mãos nas costas. Notou que Riveda não o convidara a sentar ou mesmo a entrar no aposento. A omissão irritou-o, e por isso falou com um pouco mais de veemência do que tencionara originalmente; se Riveda pretendia abandonar qualquer pretensão de cortesia, ele faria a mesma coisa.

— Há mais inquietação em todo o templo do que na sua Ordem — advertiu Rajasta. — Dia a dia, os sacerdotes ficam mais ressentidos. Os rumores aumentam, a cada momento, de que você é um líder negligente, que permitiu que formas aviltantes e decadentes se insinuassem em seus rituais, que se tornaram completamente distorcidos. As mulheres de sua Ordem...

— Eu já estava me perguntando quando chegaríamos a isso — interrompeu-o Riveda.

Rajasta carregou o cenho e continuou:

—... são submetidas a certos usos que muitas vezes violam até as leis da sua Ordem. Dizem que encobre os Túnicas Negras...

Riveda levantou a mão.

— Sou suspeito de bruxaria? O Guardiã sacudiu a cabeça.

— Não fiz acusações. Estou apenas repetindo os rumores.

— Rajasta, o Guardiã, dá ouvidos aos boatos dos portões? Essa não é a minha idéia de uma conversa agradável... nem do dever de um sacerdote!

Como Rajasta se mantivesse em silêncio, Riveda continuou, sua voz profunda ressoando como uma trovoadas:

— Vamos, fale mais! Tenho certeza de que não é só isso! Quem além dos Túnicas Cinzentas trabalha com a magia da natureza? Já não fomos acusados de destruir colheitas? E o que dizer dos meus curandeiros, que são os únicos homens que ousam entrar em cidades que estão apodrecendo com a praga? Já não foram também acusados de envenenar os poços?

Rajasta comentou, com ar cansado:

— Não há enxame que não comece com uma única abelha. Riveda riu.

— E onde está essa abelha, Senhor Guardiã?

— No fato de que você não se importa absolutamente com essas coisas — respondeu Rajasta, bruscamente. — É sua a responsabilidade por todos esses homens. Aceite-a... ou delegue a outro, que manterá uma vigilância maior sobre a Ordem! Não a negligencie... — a voz de Rajasta assumiu um solene tom de advertência —. . ou a culpa deles poderá determinar seu destino! A responsabilidade de quem comanda os outros é terrível. Cuide para que sua liderança seja sábia.

Prestes a falar, Riveda acabou engolindo a censura em silêncio, olhando fixamente para o chão ladrilhado; mas seu queixo se projetava numa expressão insolente. Depois de um longo momento, ele murmurou:

— Não se preocupe, cuidarei de tudo.

No silêncio que se seguiu, os dois puderam ouvir um assvio distante e desafinado. Riveda olhou por um instante pela porta

aberta, mas sua expressão quase não revelava a irritação que sentia. Rajasta tentou outro curso.

— Como está sua procura entre os Túnicas Negras? Riveda deu de ombros.

— No momento, todos os membros de minha Ordem podem explicar seus movimentos... à exceção de um.

Rajasta estremeceu.

— É mesmo? E quem é? Riveda abriu os braços.

— Um enigma, sob diversos aspectos. Ele usa o hábito de noviço, mas ninguém o reivindica como seu discípulo; e também não indicou quem era seu mestre. Eu nunca o vi antes, mas estava junto dos outros; e, quando interrogado, deu as respostas certas. Afora isso, parecia um obtuso.

— Não seria o irmão de Micon? — sugeriu Rajasta. Riveda deu uma risada desdenhosa.

— Um imbecil? Impossível! É mais provável que seja algum escravo fugitivo.

Rajasta perguntou, usando a sua prerrogativa de Guardião do Templo: — O que fez com ele?

— Por enquanto, nada. Como ele pode passar pelos portões e conhecer nosso ritual, tem direito a um lugar na Ordem, mesmo que seu mestre seja desconhecido. No momento, aceitei-o como meu discípulo. Embora seu passado seja uma tábula rasa e ele pareça não saber o próprio nome, tem intervalos de sanidade. Creio que posso fazer muito com ele e por ele.

Houve um breve momento de silêncio. Rajasta não disse nada, mas logo Riveda explodiu, na defensiva:

— O que mais eu podia fazer? Mesmo esquecendo por um momento que meus votos me obrigam a ajudar qualquer um que possa mostrar os sinais da Ordem, deveria soltar o rapaz para ser apedrejado e atormentado, capturado e metido numa gaiola para os tolos ficarem olhando como se fosse um louco... ou ser novamente apanhado para propósitos malignos?

O olhar firme de Rajasta não se alterou.

— Não o acusei de coisa alguma. É exclusivamente da sua conta. Mas se os Túnicas Negras contaminaram a mente do rapaz...

— Então cuidarei para que não possam mais usá-lo para o mal — prometeu Riveda, sombriamente. Seu rosto relaxou um pouco e ele acrescentou: — Mas o rapaz não tem espírito para o mal. — A ignorância é pior do que a intenção do mal — advertiu Rajasta, provocando um suspiro em Riveda.

— Pode verificar pessoalmente, se assim deseja.

Riveda foi até a porta aberta e falou em voz baixa para alguém que estava no pátio. Depois de um momento, um rapaz entrou no aposento, sem fazer barulho.

II

Ele era baixo e franzino, parecia muito jovem, mas a um segundo olhar podia-se reparar que seu rosto, embora liso como o de um menino, era desprovido de pestanas e também de barba. As sobrancelhas eram uma linha muito fina e clara, mas seus cabelos eram pretos e abundantes, escorridos, aparados nos ombros. Olhos cinzentos-claros fixaram-se em Rajasta, desfocados, como se ele fosse cego; e era bastante bronzeado, embora uma estranha palidez, por baixo da pele, lhe emprestasse uma aparência doentia. Rajasta estudou atentamente o rosto encovado, notando que o noviço se mantinha ereto, com os braços afastados do corpo, as mãos finas pendendo dos lados, contraídas como as de um recém-nascido. Ele se movimentara tão de leve, tão silenciosamente, que Rajasta não pôde deixar de especular, meio a sério, se não teria almofadas, como os gatos, nos pés. Ele fez sinal para que o noviço se adiantasse e perguntou, gentilmente:

— Qual é o seu nome, meu filho?

Os olhos opacos despertaram subitamente, com um brilho doentio. Ele olhou ao redor e deu um passo para trás, depois abriu a boca duas ou três vezes. Finalmente, em voz rouca — como se não estivesse habituado a falar —, murmurou:

— Meu nome? Eu sou... apenas um idiota.

— Quem é você? — insistiu Rajasta. — De onde veio?

O noviço deu outro passo para trás, e o giro dos olhos doentios aumentou.

— Posso ver que é sacerdote — disse ele, insinuante. — Não é bastante sábio para saber? Por que eu deveria forçar meu pobre cérebro para lembrar, quando os deuses superiores sabem e me impõem o silêncio, a cantar em silêncio quando as estrelas brilham, flutuando numa onda de luz...

Suas palavras saíam num murmúrio monótono. Rajasta ficou completamente espantado. Riveda gesticulou para o noviço, dispensando-o.

— Pode ir, agora. — Enquanto o rapaz se retirava, como uma aparição murmurante, o Iniciado acrescentou, em explicação para Rajasta: — As perguntas sempre o excitam... como se em algum momento tivesse sido interrogado até que... se retirou.

Recuperando a fala, Rajasta comentou:

— Mas ele é completamente avoado! Riveda exprimiu um riso amargo.

— Lamento muito. Há intervalos em que ele se mostra relativamente lúcido e pode falar de maneira racional. Mas se interrogá-lo... ele recai na loucura. Se puder evitar qualquer coisa que pareça uma pergunta...

— Eu gostaria que tivesse me avisado — disse Rajasta, em genuína consternação. — Disse que ele oferecia as respostas corretas...

Riveda deu de ombros.

— Nossos sinais e contra-sinais não são na forma de perguntas. Assim, pelo menos ele não pode revelar nenhum dos meus segredos. Não há segredos no Templo da Luz, Rajasta?

— Nossos segredos estão à disposição de quem os procure com sinceridade.

Os olhos frios de Riveda faiscaram de indignação.

— Como nossos segredos são mais perigosos, procuramos ocultá-los com mais cuidado. Os segredos inofensivos do Templo da Luz, suas lindas cerimônias e rituais... nenhum homem poderia causar mal a outro se assumisse um conhecimento indevido. Mas nós operamos com poderes perigosos... e se um homem tomar conhecimento e for indigno de confiança, então podem acontecer coisas como a que sucedeu a Micon de Ahtarrath!

Fez uma pausa, virando-se furioso para Rajasta.

— Todos vocês deveriam saber por que temos motivos para ocultar nossos segredos daqueles que não têm condições de usá-los!

Os lábios de Rajasta se contraíram.

— Como o seu noviço louco?

— Ele já os conhece; só podemos cuidar para que não os use erradamente em sua loucura. — A voz de Riveda era incisiva. — Não é mais criança para falar em ideais. Pense em Micon... Você o reverencia, eu o respeito muito, sua pequena Acólita... como é mesmo o nome dela? Domaris... o adora. Mas o que ele é além de um caniço quebrado?

— É o sinal de sua coragem — murmurou Rajasta.

— E a que preço? Acho que o meu louco é mais feliz. Micon, infelizmente... — Riveda sorriu — ... ainda é capaz de pensar e lembrar.

Uma ira súbita aflorou em Rajasta.

— Já chega! O homem é meu hóspede, pare de escarnecer dele! Olhe para sua Ordem e se abstenha de escarnecer dos que são melhores!

Voltou as costas ao Iniciado e deixou o aposento. Seus passos firmes ecoaram e se desvaneceram no chão de pedra, e ele não ouviu a risada lenta de Riveda, que o acompanhou por todo o caminho.

Três

A união

I

A câmara sagrada tinha janelas altas com arabescos intrincados na pedra. O luar difuso e a disposição das sombras conferiam uma qualidade indefinida e irreal às cadeiras simples e aos ornamentos ainda mais simples. Uma janela oval permitia que os raios prateados incidissem sobre o altar, onde ardia uma chama vigorosa.

Com Micon a um lado e Rajasta ao outro, Domaris passou pela arcada ensombreada; em silêncio, os dois homens pegaram suas mãos e levaram-na para uma das três cadeiras diante do altar.

— Ajoelhe-se — disse Rajasta, suavemente.

Domaris obedeceu, com um farfalhar de suas roupas. Micon retirou a mão da sua e colocou-a sobre sua cabeça.

— Concedei sabedoria e coragem a esta mulher, ó Grande Desconhecido! — orou o atlante em voz baixa, que contudo enchia a câmara com sua ressonância controlada. — Concedei-lhe paz e compreensão, ó Impenetrável!

Dando um passo para trás, Micon permitiu que Rajasta tomasse o seu lugar.

— Concedei pureza de propósito e o verdadeiro conhecimento a esta mulher — disse o Sacerdote da Luz. — Concedei-lhe crescimento de acordo com suas necessidades e a força para cumprir seus deveres plenamente. Ó Aquele que É, deixai-a ser em Vós e de Vós.

Rajasta retirou a mão da cabeça de Domaris e recuou. O silêncio era total. Domaris sentia-se estranhamente sozinha na plataforma diante do altar, embora não tivesse ouvido o farfalhar das túnicas e o ranger de sandálias que teriam acompanhado Micon e Rajasta para sair da câmara. As batidas de seu coração soavam abafadas em seus ouvidos, uma pulsação que diminuiu para um ritmo arrastado,

profundo, que parecia assumir o mesmo ritmo da chama bruxuleante no altar. Depois, sem qualquer aviso, os dois homens levantaram-na e sentaram-na entre eles.

Com as mãos sobre as deles, o rosto imobilizado numa beleza etérea, Domaris sentiu que estava se elevando, expandindo-se para tocar as estrelas distantes. Um ritmo firme, de cadência regular, preencheu-a e engolfou-a. Os sentidos de Domaris se transformaram, revertendo rapidamente, contorcendo-se sem dor numa fusão indescritível, em que toda a experiência passada se tornava de repente inútil. Estava ao seu redor, era ela, um princípio que de certa forma a alimentava; devagar, muito devagar, como se ao longo dos séculos a pulsação brilhante e estática das estrelas tivesse dado lugar à escuridão quente do coração pulsante da Terra. E disso também ela era parte: a Terra era ela, ela era a Terra.

Com essa compreensão, como se projetada para o lado pelas ondas ardentes das águas da vida, Domaris retornou à superfície da existência. Ao seu redor, a câmara sagrada estava silenciosa; nos lados, podia divisar o rosto de um homem, transfigurado como o seu havia ficado. Como se fossem uma só pessoa, os três respiraram fundo, levantaram-se e saíram, consagrados a um propósito que, por um curto período, quase conseguiram compreender.

Quatro

Avisos de tempestade

I

A brisa fresca agitava as folhas, e a luz que penetrava pelos galhos era uma dança tremeluzente e instável de dourado e verde. Aproximando-se pelo caminho margeado de arbustos, Rajasta refletiu que a árvore grande e o trio sob ela constituíam uma cena das mais fascinantes: Deoris, com seus cabelos crespos, parecia irreal, sentada no banco de escriba, lendo um pergaminho; à sua frente, em contraste, a palidez de Micon era luminosa, quase translúcida. Perto do atlante, mas não muito distante da irmã, Domaris era como uma chama quieta, e a serenidade controlada de seu rosto, um remanso de calma.

Como as sandálias que usava não faziam barulho na relva, Rajasta pôde chegar e parar bem perto sem ser percebido, sem prestar muita atenção às palavras que Deoris lia; era em Domaris e Micon que seus pensamentos se concentravam.

Quando Deoris fez uma pausa na leitura, Micon levantou a cabeça abruptamente e virou-se para Rajasta, exibindo o sorriso torto numa acolhida calorosa. Rajasta sorriu.

— Meu irmão, você é que deveria ser guardião aqui e não eu! Foi o único que me notou.

Houve um ondular de risos sob a árvore frondosa, enquanto o Sacerdote da Luz se adiantava.

Gesticulando para que as duas moças permanecessem sentadas, Rajasta parou por um momento para acariciar afetuosamente os cachos morenos de Deoris.

— Esta brisa é refrescante.

— Mas também é o primeiro aviso da tempestade iminente — comentou Micon.

Houve um breve momento de silêncio. Rajasta contemplou pensativo o rosto erguido de Micon.

"A que espécie de tempestade ele estará se referindo? Há mais problemas pela frente do que o simples mau tempo."

Domaris também estava perturbada. Sempre sensível, seu novo relacionamento com Micon lhe proporcionara uma percepção do atlante que era fantástica em sua plenitude. Podia, com um instinto inevitável, penetrar nos sentimentos de Micon; o resultado era uma devoção que ofuscava todos os outros relacionamentos. Ela continuava a amar Deoris como antes e sua reverência por Rajasta não se alterara na intensidade ou grau — mas a necessidade desesperada de Micon estava em primeiro lugar e absorvia todos os seus instintos protetores. Era o que ameaçava engolfá-la; pois Domaris, mais que os outros, possuía a faculdade para uma abnegação quase catastrófica.

Rajasta, é claro, há muito que sabia dessa característica de sua Acólita. Ocorreu-lhe agora, com uma força renovada, que era seu dever alertá-la para essa falha de caráter, já que era o seu Iniciador.

Mas Rajasta compreendia muito bem o amor que gerara aquele impulso.

"Mesmo assim não é saudável para Domaris concentrar todas as suas forças em uma só pessoa, por maior que seja a necessidade!" Mas antes de sequer haver concluído o pensamento, o Sacerdote da Luz sorriu tristemente. "Talvez seja melhor eu aprender também esta lição."

Acomodando-se na relva, ao lado de Micon, Rajasta pôs a mão sobre os dedos inertes e retorcidos do atlante, num gesto tranqüilizador. Apenas um momento depois, seu tato experiente sentiu o tremor ligeiro e denunciador. Rajasta sacudiu a cabeça, desconsolado. Embora o atlante desse a impressão de ter recuperado completamente a saúde, a verdade era justamente o contrário.

Mas naquele momento a tremedeira diminuiu e depois cessou, como se uma porta fosse fechada com uma fúria determinada. Micon permitiu que a força do Guardiã fluísse por seus nervos

torturados, confortando-o e dando-lhe forças. Sorriu agradecido e depois assumiu uma expressão solene.

— Rajasta... tenho de lhe pedir... para não fazer mais qualquer esforço de punição em meu nome.

E um esforço que não vai gerar qualquer fruto... ou então será um fruto amargo.

Rajasta suspirou.

— Já conversamos sobre isso muitas vezes — lembrou ele, sem impaciência. — Já devia saber, a esta altura, que não posso deixar a situação como está. O problema é muito grave para ficar impune.

— E não ficará, pode estar certo — garantiu Micon. Seus olhos cegos e brilhantes quase faiscaram com o fluxo da nova vitalidade. — Mas cuidado para que não haja a punição pela punição!

— Riveda deve purificar sua Ordem! — A voz de Domaris era fria como gelo. — Rajasta está certo... — Minha graciosa Senhora — advertiu Micon, gentilmente —, quando a justiça se transforma em instrumento de vingança, seu aço vira relva. É verdade que Rajasta deve proteger outros... mas aquele que se vingá acará sofrendo! As Leis do Carma destacam primeiro o ato e depois... se chegarem a tanto... a intenção! — Fez uma pausa e depois arrematou, com mais ênfase ainda: — E também não deveríamos envolver Riveda demais. Ele já se encontra na encruzilhada do perigo.

Rajasta, que se preparava para falar, ficou aturdido. Micon também tivera alguma visão ou revelação como a de Rajasta na Noite do Zênite?

A reação do Sacerdote da Luz passou despercebida, enquanto Deoris levantava a cabeça, subitamente impelida a defender Riveda. Mal começara a falar, no entanto, quando lhe ocorreu que ninguém acusara o Iniciado de coisa alguma; e voltou a ficar em silêncio. O rosto de Domaris mudou, seu rigor se transformou em ternura.

— Sou pouco generosa — reconheceu ela. — Permanecerei calada, até ter certeza de que é o amor pela justiça e não o desejo de vingança que me leva a falar.

— Coroada-de-Chamas — murmurou Micon —, se você não fosse mulher, não poderia ser outra coisa. Os olhos de Deoris ficaram enevoados; Micon falava num profundo tom de intimidade, e

Domaris não parecia ofendida, mas sim satisfeita. Deoris quase sufocou de ressentimento.

Com suas apreensões quase esquecidas, Rajasta sorriu para Domaris e Micon, com uma enorme aprovação nos olhos. Ah, como amava aqueles dois! Também contemplou Deoris com afeto, pois a amava igualmente e apenas aguardava o amadurecimento de sua natureza para convidá-la a seguir as pegadas da irmã, como sua Acólita. Rajasta sentia potenciais desconhecidos na moça e, se fosse possível, desejava orientá-la; mas, por enquanto, Deoris ainda era muito jovem.

Sensível aos pensamentos do Sacerdote da Luz, Domaris, levantou-se e foi para junto da irmã, abaixando-se com graça ao seu lado.

— Empenhe-se em seu trabalho, irmãzinha, escute e aprenda — sussurrou ela. — Foi o que eu fiz. E amo você, criança... profundamente.

Deoris, confortada, aninhou-se no braço da irmã; Domaris raramente demonstrava tanto seus sentimentos, e a carícia inesperada encheu-a de alegria. Domaris pensou, censurando a si mesma: "Pobre criança, ela se sente solitária, eu a tenho negligenciado tanto! Mas Micon precisa de mim agora!

Haverá tempo para Deoris mais tarde, quando eu tiver certeza... "

—... e ainda não tem qualquer notícia de meu meio irmão?

— Micon estava perguntando, infeliz. — Seu destino me pesa, Rajasta; sinto que ele ainda vive, mas sei que não está bem, onde quer que se encontre.

— Continuarei a investigar — prometeu Rajasta.

Soltou as mãos de Micon, a fim de que o atlante não percebesse a meia falsidade de suas palavras.

Rajasta fazia indagações... mas quase não tinha esperança de descobrir alguma coisa sobre o desa-parecido Reio-ta.

— Se ele é seu meio irmão, Micon — comentou Domaris, sua voz adorável mais suave do que nunca —, então deve encontrar o Caminho da Luz.

— Não é tão fácil assim, Domaris. Pensar sempre e apenas com compaixão e compreensão é...

uma disciplina difícil.

Rajasta murmurou:

— Você é Filho da Luz e alcançou...

— Pouco, muito pouco! — Havia um tom de rebeldia na voz ressonante do atlante. — Eu deveria ser... curandeiro, servir a meus semelhantes. Agora, não sou nada e o serviço ainda não foi prestado.

Por um longo momento, todos permaneceram em silêncio: a tragédia de Micon assomava na mente de cada um. Domaris decidiu que cada conforto da mente e corpo, cada serviço e amor que tinha a oferecer, deveriam ser concedidos a Micon, não importando quanto custasse. Deoris acabou rompendo o silêncio, em voz suave, mas agressiva: — Senhor Micon, o senhor é, para todos nós um exemplo de como um homem pode sofrer o infortúnio e ser mais do que homem. Quer dizer que isso está desperdiçado?

A temeridade da criança fez com que Rajasta cerrasse as sobrancelhas; ao mesmo tempo, interiormente, ele aplaudiu o sentimento, pois era muito próximo do seu. Micon apertou de leve os dedos esguios de Deoris e disse, gravemente:

— Minha pequena Deoris, sorte e infortúnio, valor e desperdício, não compete aos homens julgar esses valores. Eu acionei muitas causas, e todos os homens colhem o que semeiam. Se um homem encontra o bem ou o mal depende dos deuses que determinaram seu destino, mas cada homem... — seu rosto se contraiu por um instante num sorriso — e cada mulher tem liberdade para converter em felicidade ou infortúnio o que lhe foi concedido.

O sorriso pleno e glorioso do atlante retornou; ele desviou os olhos cegos de Rajasta e volveu sua cabeça em direção a Domaris, naquele estranho gesto que quase tinha o efeito da visão.

— Você pode dizer se nada de bom resultou de tudo isso! Rajasta inclinou a cabeça.

— Encontrei o meu bem, Filho da Luz.

— E eu também — murmurou Micon.

A surpresa de Deoris insinuava-se em seus olhos, e ela os observava com um vago descontentamento e um ciúme ainda mais vago. Retirou a mão do aperto leve de Micon e perguntou: — Não

vai mais precisar de mim hoje, Senhor Micon? Domaris disse no mesmo instante: — Pode ir, Deoris. Eu lerei, se Micon o desejar.

O ciúme não passava por sua cabeça, mas ressentia-se de qualquer coisa que afastasse Micon dela.

— Mas preciso falar com você, Domaris — interveio Rajasta com firmeza. — Deixe Micon e a pequena escriba entregues a seu trabalho e venha comigo.

II

Domaris levantou-se, muito séria pela censura implícita no tom de Rajasta e acompanhou-o em silêncio pelo caminho. Olhou para trás por um momento, a fim de contemplar seu amado, que não se mexera; só que agora ele estava com a cabeça inclinada e sorria para Deoris, que se enroscava a seus pés. Domaris ouviu o ressoar alegre do riso da irmã.

Rajasta contemplou a coroa reluzente de cabelos de Domaris e suspirou. Antes que ele decidisse qual a melhor maneira de falar, Domaris sentiu seus olhos observando-a, sempre gentis, mas mais sérios do que o habitual, e ergueu o rosto, anunciando: — Eu amo Micon, Rajasta.

As palavras e a emoção contida por trás delas desarmaram o Sacerdote. Pôs as mãos no rosto de Domaris e fitou-a nos olhos, não com a severidade com que planejava, mas com uma afeição paternal.

— Eu sei, filha. E isso me deixa contente. Mas você corre o perigo de esquecer seu dever.

— Meu dever? — repetiu ela, perplexa.

Domaris ainda não tinha deveres a cumprir na Casta dos Sacerdotes, a não ser o empenho nos estudos. Rajasta compreendeu sua confusão, mas também sabia que ela estava se esquivando ao autoconhecimento.

— Deoris também deve ser levada em consideração, Domaris. Ela igualmente precisa de você.

— Mas... Deoris sabe que a amo.

— Sabe mesmo, minha Acólita? — Rajasta empregou o termo deliberadamente, numa tentativa de fazer com que ela se lembrasse de sua posição. — Ou acha que você a deixou de lado, permitindo que Micon absorvesse toda a sua atenção?

— Ela não pode... não faria... mas nunca tive essa intenção!

Revisando em sua mente os acontecimentos das últimas semanas, Domaris concluiu que a censura era procedente. Ela reagiu a seu treinamento de modo característico e dispensou uma atenção total às palavras de seu mentor, gravando-as na mente e no coração. Depois de algum tempo, tornou a levantar os olhos, que desta vez estavam enevoados por um remorso profundo.

— Absolva-me, pelo menos, do egoísmo intencional, Rajasta. Deoris é tão querida e tão íntima que é como uma parte de mim, e esqueço que suas preocupações nem sempre são as minhas... Tenho sido negligente e tentarei remediar...

— Se já não for tarde demais. — Os olhos do Sacerdote mostravam profunda perturbação. — Deoris pode continuar a amá-la tanto quanto antes, mas ainda sentirá a mesma confiança?

Os olhos adoráveis de Domaris ficaram enevoados.

— Se Deoris não confia mais em mim, devo admitir que toda a culpa é minha — disse. — É minha.

Cinco

A coroa secreta

I

As chuvas estavam quase chegando. Num dos últimos dias de sol que se podia esperar, Domaris e Elis, acompanhadas por Deoris e sua amiga Ista, uma escriba como ela, foram colher flores; a Casa dos Doze deveria ser decorada pelos acólitos para uma pequena festa naquela noite.

Encontraram uma campina repleta de flores, no alto de uma colina que dava para o mar. Muito fraco, de longe, vinha o cheiro salgado dos juncos e algas, deixados pela maré vazante; a fragrância da relva ressequida pelo sol pairava em torno delas, misturando-se com o perfume intenso e inebriante das flores.

Elis estava com Lissa. A menina tinha então mais de um ano, e circulava por toda parte, arrancando flores e pisando nelas, derrubando cestos e puxando saias, até que Elis ficou completamente exasperada. Deoris, que adorava a criança, pegou-a no colo.

— Pode deixar que eu cuido dela, Elis. Já colhi flores em quantidade suficiente.

— Eu também — murmurou Domaris, largando seu fardo perfumado.

Passou a mão pela testa úmida. O sol estava quase ofuscante, mesmo quando não se olhava diretamente para ele. Domaris sentia-se um pouco tonta com o ar impregnado de aromas fortes. Juntando as cestas com flores, ela sentou na relva, ao lado de Deoris, que estava com Lissa nos joelhos, fazendo-lhe cócegas e arruinando palavras sem nexos.

— Você é como uma menina brincando com uma boneca, Deoris.

O rosto pequeno de Deoris contraiu-se num sorriso que não chegava a ser um sorriso.

— Mas eu jamais gostei de bonecas.

— É verdade. — O sorriso da irmã era reminiscente. Os olhos de Domaris fixaram-se afetuosamente em Lissa, mais do que em Deoris. — Preferia bebês vivos, como esta criança.

Esguia, de cabelos pretos, Ista sentou na relva, de pernas cruzadas, sacudiu as saias curtas e começou a trançar as flores em sua cesta, com extremo cuidado. Elis observou-a por um momento e depois jogou um punhado de flores brancas e vermelhas na cesta de Ista.

— Minhas grinaldas sempre se soltam — explicou Elis. — Faça as minhas também e poderá me pedir qualquer favor que quiser.

Os dedos hábeis de Ista não hesitaram, enquanto ela continuava a prender as hastes das flores.

— Está bem, farei isso com o maior prazer. Deoris me ajudará... não é mesmo, Deoris? Mas escribas trabalham apenas por amor e não por favores.

Deoris deu um aperto final em Lissa e entregou-a a Domaris; puxando uma cesta, começou a preparar as grinaldas. Elis abaixou-se e observou-as, murmurando, com uma risada: — É uma vergonha que eu tenha de aprender as leis do templo com duas escribas!

Ela se acomodou na relva, ao lado de Domaris. De um arbusto próximo, tirou um punhado de frutinhas douradas maduras, pôs uma na boca e deu as outras a Lissa, uma a uma. A criança se sacudia e arrulhava no colo de Domaris, e logo as duas estavam besuntadas com o sumo. Domaris apertou Lissa, com uma estranha ânsia. "Eu terei um filho", pensou ela, orgulhosa, "um menino, de olhos azul-escuros..." Elis observava atentamente a prima.

— Domaris, você está doente... ou apenas sonhando de olhos abertos?

A mulher mais velha tirou a trança de cabelos avermelhados dos dedos gordos e insistentes de Lissa.

— Apenas um pouco tonta do sol — murmurou ela, entregando a criança à mãe.

Mais uma vez Domaris fez um esforço deliberado para parar de pensar, para repelir o pensamento persistente que a forma das palavras, mesmo em sua própria mente, podia tornar inverídico.

"Talvez seja verdade desta vez... " Há semanas que ela desconfiava secretamente que tinha dentro de si o filho de Micon. E, no entanto, numa ocasião anterior, seu próprio desejo e esperança levaram-na a manifestar uma suspeita falsa, que acabara em desapontamento. Desta vez resolvera se manter em silêncio, até mesmo para Micon, enquanto não estivesse certa sem qualquer sombra de dúvida.

Deoris, levantando os olhos de suas flores, pousou as grinaldas e inclinou-se para Domaris, de olhos arregalados e ansiosos. A mudança em Domaris fizera o seu mundo desmoronar. Sabia que perdera a irmã e se sentia propensa a culpar todo mundo; tinha ciúme de Arvath, Elis, Micon e, acima de tudo, às vezes, de Rajasta. Domaris, envolta pela anestesia profunda de seu amor, não percebia o sofrimento da criança; sabia apenas que Deoris se mostrava irritantemente dependente nos últimos dias. Seu apego infantil, sem sentido, deixava Domaris quase frenética. Por que Deoris não podia se comportar de maneira sensata e lhe dar um pouco de sossego? Às vezes, sem intenção — pois Domaris, embora de irritação fácil e, naquela ocasião, dominada pela tensão nervosa, nunca era deliberadamente grosseira — ela magoava Deoris até o fundo com uma única palavra descuidada, só percebendo o que havia feito quando já era tarde demais.

Dessa vez a tensão se dissipou. Elis pegara Lissa, e a criança puxava insistente o vestido da mãe.

Elis riu, torcendo o nariz num aborrecimento simulado.

— Sei muito bem o que esta leitoazinha voraz quer. E fico contente que só restem mais uns poucos meses para acabar esse absurdo. — Ela abria a túnica enquanto falava e deu uma palmada de brincadeira na filha, quando Lissa segurou seu seio. — Terá então, minha querida, de aprender a comer como uma dama!

Deoris desviou os olhos, numa expressão que parecia de repulsa, e indagou: — Como consegue suportar?

Elis riu alegremente, sem se dar ao trabalho de responder; suas queixas não passavam de gracejos e achava que a pergunta de Deoris era igualmente frívola. Os bebês eram sempre amamentados por dois anos completos e somente uma escrava com excesso de trabalho ou uma prostituta pensariam em se esquivar a esse dever.

Elis inclinou-se para trás, com Lissa aninhada no braço, e pegou outro punhado das frutinhas.

— Você fala como Chedan, Deoris. Penso às vezes que ele odeia minha pobre criança. Mas... — Ela fez uma careta cômica e enfiou outra frutinha entre os lábios. — De vez em quando fico pensando, quando ela me morde...

— E não vai desmamá-la, apesar dos dentes de leite — comentou Ista, com uma solenidade jovial.

Domaris franziu o cenho; era a única que sabia que Deoris não estava gracejando. Os olhos de Lissa estavam agora fechados, num contentamento sonolento; seu rosto, emoldurado por cachos dourados, era como um botão de rosa enroscado no seio da mãe. Domaris sentiu uma súbita pontada de anseio, tão intenso que parecia quase uma dor física. Erguendo os olhos, Elis percebeu a emoção de Domaris; a sabedoria intuitiva da casta era especialmente forte em Elis, e ela adivinhou uma história parecida com a sua. Estendendo a mão livre para a prima, ela deu um pequeno aperto em seus dedos; Domaris retribuiu a pressão, furtivamente, agradecida pela compreensão implícita.

— Ah, minha pestezinha... — arrulhou Elis para a criança sonolenta. — Minha gordinha...

O sol escondeu-se por trás de uma massa de nuvens. Deoris e Ista balançaram a cabeça por cima de suas grinaldas. Domaris estremeceu subitamente, depois todo o seu corpo pareceu congelar, tenso, numa atitude de quem escuta, incrédula. E, mais uma vez, de algum lugar no fundo de seu corpo, houve um tênue e indescritível adejar, diferente de tudo o que ela já experimentara antes, mas inconfundível, como o esvoaçar de asas aprisionadas — veio e se foi tão depressa que ela mal teve certeza do que sentira. E, no entanto, Domaris *sabia*.

— Qual é o problema? — perguntou Elis, em voz baixa. Domaris percebeu que ainda segurava a mão de Elis e apertava

seus dedos dolorosamente. Largou Elis, retirando sua mão às pressas como se pedisse desculpas...

mas não disse nada, e a outra mão permaneceu pousada de leve, secretamente, em seu corpo, onde mais uma vez se manifestou

aquele adejar rápido. Domaris lembrou-se de respirar; mas permaneceu muito quieta, incapaz de pensar em qualquer coisa além daquela certeza suprema e inegável, de que o segredo oculto era agora uma verdade confirmável, que havia em seu ventre o filho de Micon — não ousava pensar que fosse outra coisa que não um filho — começando a se mexer, em vida.

Os olhos de Deoris, enormes e um pouco assustados, encontraram-se com os da irmã; havia neles tensão demais para Domaris. Ela começou a rir, a princípio baixinho, depois de maneira incontrolável — porque não ousava chorar, *não* ia chorar... Seu riso tornou-se histérico. Domaris levantou-se e desceu correndo pela colina, na direção da praia, deixando as três moças a se entreolharem, aturdidadas. Deoris fez menção de se erguer, mas Elis, num impulso intuitivo, puxou-a.

— Acho que ela prefere ficar sozinha por algum tempo. Tome... não quer ficar com Lissa enquanto ajeito a roupa?

Ela pôs a criança gorducha no colo de Deoris e ajeitou a túnica, bem devagar, demorando todo o tempo que podia, a fim de evitar uma pequena crise.

II

À beira do paul salgado, Domaris jogou-se na relva alta e ficou escondida, ali, sentindo o rosto contra a terra pungente, passando as mãos pelo corpo, com uma sensação de espanto em que havia um pouco de medo. Ficou imóvel, sentindo a relva oscilar ao vento, os pensamentos palpitem, mas sem aflorarem à superfície da mente. Tinha medo de pensar claramente.

O meio-dia empalideceu e se afastou. Soerguendo-se como que por instinto, Domaris viu Micon andando devagar pela praia. Ela se levantou. Cabelos soltos até a cintura, o vestido enfunado pelo vento, desatou a correr em sua direção, impaciente. Ele parou ao ouvir os passos rápidos e irregulares.

— Micon!

— Domaris... onde você está?

O rosto cego virou-se para acompanhar o som da voz de Domaris. Ela chegou e parou — não mais sequer pesarosa por não poder se jogar nos braços dele — a um passo de distância, cuidadosa; tocou de leve no braço de Micon e levantou o rosto para seu beijo.

Os lábios de Micon perduraram no beijar por um momento a mais do que o habitual; depois, ele recuou um pouco o rosto e murmurou:

— Coração-em-Chamas, está excitada. Traz notícias.

— Isso mesmo, trago notícias.

A voz de Domaris era suave e triunfante, mas ela não foi capaz de continuar. Pegou as mãos torturadas e apertou-as de leve, comprimiu-as contra seu corpo, suplicando para que ele compreendesse, sem que precisasse lhe dizer... Talvez Micon lesse seus pensamentos; talvez ele adivinhasse pelo gesto. Qualquer que fosse o caminho, o rosto de Micon iluminou-se com um brilho interior, seus braços se estenderam para envolvê-la.

— Você traz a luz — sussurrou ele, beijando-a de novo. Domaris escondeu o rosto em seu peito.

— É certo agora, meu amado. Não há qualquer dúvida desta vez. Há semanas que eu sabia, mas não queria falar, com medo de que... mas agora tenho certeza absoluta! Ele... *nosso filho...* se mexeu hoje!

— Domaris... querida...

Sua voz tremia, não pôde continuar. Domaris sentiu lágrimas ardentes caírem dos olhos cegos em seu rosto. As mãos de Micon, geralmente controladas, tremiam com tanta violência que ele não foi capaz de levantá-las. Enquanto o abraçava, amando-o e quase sufocando na intensidade desse amor, tão próximo da adoração, ela sentiu o tremor de Micon como o de uma árvore vigorosa que treme um pouco diante de um furacão.

— Minha amada, minha abençoada... — Com uma reverência que magoou e assustou a moça, Micon caiu de joelhos na areia e conseguiu segurar as mãos de Domaris, comprimindo-as contra as faces, contra os lábios. — Portadora da Luz, é minha vida que está com você, minha liberdade...

— Micon! Eu amo você, amo você... — balbuciou Domaris, meio incoerentemente, porque não havia mais nada que pudesse dizer.

O Iniciado levantou-se, recuperando um pouco o controle, embora ainda tremesse ligeiramente, e enxugou as lágrimas de Domaris.

— Domaris, eu... não há como lhe dizer... vou tentar, mas...

A expressão de Micon tornou-se ainda mais solene; a contração de dor, pesar e incerteza eram como facas se cravando no coração de Domaris. E quando ele voltou a falar, sua voz ressoava no tom de juramento que ela podia reconhecer:

— Domaris, eu... tentarei ficar com você, até nosso filho nascer. E Domaris compreendeu que ela anunciara o princípio do fim.

Seis

Na Irmandade

I

O Templo de Caratra, pairando acima do santuário e do lago sagrado, era um dos mais lindos prédios de toda a área. Era feito de pedra leitosa, com veios de fogo tremeluzentes e opalescentes, no coração da rocha. Jardins compridos, ligados por pérgulas cobertas por trepadeiras, cercavam o lago e o templo; fontes murmuravam nos pátios, onde uma profusão de flores desabrochava durante o ano inteiro.

Era no interior daquelas paredes brancas e reluzentes que nasciam todas as crianças do templo, quer fossem filhos de escravos ou de altas sacerdotisas. Era ali que todas as moças do templo prestavam um tempo de serviço (pois todas as mulheres deviam serviço à Mãe de Todos os Homens); ajudando as sacerdotisas, cuidando das mães e dos recém-nascidos, até mesmo (se fosse de um nível elevado na Casta dos Sacerdotes) aprendendo os segredos de trazer crianças ao mundo. E depois disso, todos os anos, cada uma continuava, por um prazo determinado — que variava de um único dia para as escravas e plebéias a um mês inteiro para acólitas e sacerdotisas — a viver e servir no Templo da Mãe; e desse serviço anual não estava isenta nem a mais humilde escrava nem a mais alta Iniciada.

Havia mais de um ano que Deoris fora julgada com idade suficiente para o serviço; mas sofrera um intenso ataque de febre, embora breve, e por algum motivo seu nome fora preterido. Agora, fora chamada outra vez; embora a maioria das moças da Casta dos Sacerdotes esperasse pelo serviço com alguma ansiedade, como um sinal de que alcançavam a maturidade como mulher, foi com uma

relutância que beirava a rebelião que Deoris fez os seus preparativos.

Uma vez — quase dois anos antes, por ocasião de seu primeiro acesso ao santuário — ela recebera a lição inicial no parto de um bebê. A experiência a deixara atordoada. Temia uma recorrência das questões que haviam surgido em sua mente. Testemunhara o esforço intenso e a agonia, sentiu-se revoltada com a aparente crueldade de tudo aquilo — embora também testemunhasse, depois, a acolhida extasiada que a mãe proporcionara àquele pingote de gente. Além da perplexidade diante daquele comportamento contraditório, Deoris ficara consternada com seus próprios sentimentos: a amarga dor porque um dia também seria mulher e deitaria ali, esforçando-se para gerar uma vida. O

eterno "por quê" martelara incessante em seu cérebro. Nesse momento, quando quase conseguia esquecer, tudo voltava.

— Não posso e não vou! — ela gritou em protesto para Micon. — É cruel... horrível...

— Cale-se, Deoris. — O atlante procurou as mãos da garota, que se contorciam nervosamente, pegando-as e segurando-as, apesar de sua cegueira. — Não sabe que viver é sofrer, e gerar vida é sofrer? — Ele suspirou com um som débil e contido. — Creio que a dor é a lei da vida... e se pode ajudar, ousa recusar?

— Não ousa... mas gostaria de poder evitar! Não sabe como é, Senhor Micon!

Reprimindo seu primeiro impulso de rir da ingenuidade de Deoris, Micon tranqüilizou-a, gentilmente:

— Acontece que eu sei; e gostaria de poder ajudá-la a compreender, Deoris, mas há coisas que todas as pessoas devem aprender sozinhas...

Deoris corou, horrorizada, e não pôde reprimir a pergunta balbuciada: — Mas como pode saber... isso?

No mundo do templo, o parto era rigorosamente um assunto para as mulheres; e para Deoris, cujo mundo era o templo, parecia impossível que um homem pudesse saber alguma coisa sobre as complexidades do nascimento. Não era por toda parte um costume rígido e inalterável que nenhum homem podia se aproximar de um

leito de parturiente? Ninguém, com toda a certeza, podia conceber aquela suprema indecência! Como Micon, bastante afortunado por ter nascido homem, podia sequer imaginar? Micon não pôde mais se conter e seu riso serviu apenas para magoar ainda mais os sentimentos de Deoris.

— Ora, Deoris, os homens não são tão ignorantes quanto você pensa! — Como o silêncio magoado da moça persistisse, ele tentou corrigir sua declaração. — Nossos costumes em Atlântida não são como os seus aqui, criança... não se esqueça disso...

Com um tom indulgente e provocante insinuando-se em sua voz, ele acrescentou: — Deve lembrar como somos bárbaros nos Reinos do Mar! E creia que nem todos os homens permanecem na ignorância, até mesmo aqui. E... pensa que não sei nada sobre dor, minha criança?

Micon hesitou por um momento; aquela seria a ocasião certa para contar a Deoris que sua irmã gerava um filho dele? O instinto lhe dizia que Deoris, oscilando no equilíbrio entre aceitação e rejeição, podia ser empurrada na direção certa pelo conhecimento. Mas concluiu que era um direito de Domaris e não seu falar a respeito ou se manter calada.

E sua voz passou a refletir um súbito cansaço:

— Gostaria de poder ajudá-la, querida. Procure se lembrar de uma coisa: para viver, você precisa de todas as experiências. Algumas acontecerão em glória e beleza, outras em dor e sob a aparência de feiúra. Mas ... tudo existe. A vida consiste de opostos em equilíbrio.

Deoris suspirou, impaciente com a repetição, pois já ouvira tudo aquilo antes. Domaris também lhe falara. Ela tentara, com o maior empenho, fazer com que Domaris compreendesse; Domaris limitara-se a fitá-la, sem entender e dissera:

— Mas toda mulher deve prestar o serviço.

— Mas é horrível! — insistira Deoris.

Domaris, com firmeza, aconselhara-a a não se comportar como uma criança tola; assim era a natureza e ninguém poderia mudá-la. Deoris não desistira, disposta a argumentar, chorar, suplicar, convencida de que a irmã poderia mudar, se assim desejasse. Domaris acabara se aborrecendo.

— Está sendo infantil demais, Deoris! Eu a estraguei, tentando protegê-la. Compreendo agora como errei. Você não é mais uma criança. Deve aprender a assumir as responsabilidades de uma mulher.

II

Deoris estava agora com quinze anos. As sacerdotisas presumiam que ela, como a maioria das moças de sua idade, já realizara as tarefas preliminares mais simples destinadas às que serviam pela primeira ou segunda vez. Muito inibida e angustiada para corrigir o erro, Deoris descobriu-se designada para uma tarefa avançada: como convinha a uma moça de sua idade, que era filha de sacerdote, tornou-se assistente de uma das sacerdotisas-parteiras, uma mulher que era também Curandeira da Ordem de Riveda, chamada Karahama.

Karahama não era da Casta dos Sacerdotes. Era filha de uma serva do templo que, antes do nascimento de sua filha, alegara estar grávida do próprio Talkannon. Numa atitude insólita, Talkannon, que casara pouco antes com a Sacerdotisa que mais tarde se tornara mãe de Domaris e Deoris, recusara-se a reconhecer a criança. Admitira ter tido intimidades com a mulher, mas dissera que não podia ter certeza de que era o pai da criança e apresentara outros homens que, em sua opinião e na deles, também podiam ser

Diante de tais provas incontestáveis de má conduta, os Anciãos concluíram que ninguém podia ser obrigado a reconhecer a criança. A mulher, despojada de seus privilégios como serva do templo, recebera apenas um mínimo de assistência, até a filha nascer, depois fora afastada. Homem e mulher eram livres para viver como quisessem antes do casamento, mas a promiscuidade não podia ser tolerada.

A criança Karahama, sem casta e sem nome, fora admitida pela seita dos Túnicas Cinzentas como uma de suas *saji* — e crescera para se tornar a própria imagem de Talkannon. Como não podia deixar de acontecer, o Arqui-Sacerdote acabara tomando

conhecimento das zombarias dos escravos do templo, dos comentários de seus subalternos. Era de fato um escândalo que o Arqui-Sacerdote tivesse uma pequena réplica sua entre os maiores párias do templo. Em autodefesa, ele finalmente sucumbiu à opinião popular. Depois de uma penitência prolongada por seu erro, adotara Karahama legalmente.

Como os Túnicas Cinzentas não tinham leis de casta, Karahama fora aceita por Riveda como Sacerdotisa-Curandeira. Quando Talkannon restaurara sua casta legítima e seu nome, ela resolveu ingressar no Templo de Caratra e era agora uma iniciada, com direito a usar a túnica azul — uma dignidade tão alta quanto qualquer outra no templo. Ninguém podia mais desdenhar da "sem nome", mas sua criação inicial incerta tornara seu temperamento estranho e indefinido.

Ao saber que a moça entregue à sua orientação era sua meia irmã, Karahama sentiu emoções estranhamente contraditórias, que logo se inclinaram em favor de Deoris. Os filhos de Karahama, nascidos antes de sua reintegração, eram párias, ilegítimos como ela fora, e nada se podia fazer por eles.

Talvez por isso Karahama tentasse ser particularmente gentil e amigável com aquela jovem e quase desconhecida parenta. Mas sabia que mais cedo ou mais tarde teria problemas com aquela criança, cuja rebeldia soturna fumegava por trás dos assustados olhos cor de violeta e cujo trabalho era sempre deliberado, como se Deoris fizesse cada movimento contra a vontade. Karahama refletiu que era uma pena que assim fosse, pois Deoris obviamente possuía todas as qualidades de uma curandeira nata: mãos firmes e observação aguçada, gentileza e firmeza, e um instinto infalível para a dor. Só faltava a vontade — e Karahama logo decidiu que era seu dever descobrir o fator oculto em Deoris que a conquistaria para o serviço da Mãe.

Ela pensava ter encontrado quando Arkati apareceu na Casa do Nascimento.

Arkati era a menina-esposa de um dos sacerdotes, uma coisinha bonita, mal saída da infância; era até mais jovem do que a própria Deoris. De pele alva, cabelos dourados, pequena, com ternos olhos

suplicantes, Arkati fora levada ao Templo de Caratra poucas semanas antes do momento apropriado, porque não estava passando bem; seu coração fora afetado por uma doença na infância e desejavam fortalecê-la antes que a criança nascesse. Todas, até mesmo a severa Karahama, tratavam a menina com ternura, mas Arkati era fraca, sentia muita saudade, chorava por qualquer coisa.

Ela e Deoris, logo se descobriu, conheciam-se desde a infância; e Arkati agarrou-se a Deoris como uma gatinha perdida.

Karahama usou sua influência e Deoris recebeu liberdade para passar o tempo que desejasse com Arkati. Ela notou, satisfeita, que Deoris tinha um bom instinto para cuidar da menina doente; seguia as instruções de Karahama com bom senso e um julgamento ponderado. Parecia que a rebeldia de Deoris proporcionava forças à menina-mãe. Mas havia uma inibição na amizade, nascida do medo de Deoris.

Mais do que medo, era um horror incontestável. Arkati não sentia medo? Ela nunca se cansava de sonhar, fazer planos e falar sobre o bebê; aceitava todas as inconveniências, a doença e o cansaço, sem pensar, até mesmo rindo. Como era possível? Deoris não podia imaginar e tinha medo de perguntar.

Houve uma ocasião em que Arkati pegou a mão de Deoris e pôs em seu ventre inchado e duro.

Deoris sentiu um estranho movimento sob a mão; uma sensação que a encheu de uma emoção que não foi capaz de analisar. Sem saber se o que sentia era prazer ou uma irritação intensa, retirou a mão bruscamente.

— Qual é o problema? — Arkati riu. — Não gosta de meu bebê?

De certa forma, aquele costume, falar de uma criança por nascer como se já fosse uma pessoa, deixava Deoris contrafeita.

— Não diga bobagem! — ela respondeu, rispidamente.

Mas, pela primeira vez em toda a sua vida, ela pensou conscientemente em sua própria mãe, a mãe que todos diziam gentil, graciosa e adorável, muito parecida com Domaris, que morrera quando Deoris nascera. Dominada pela culpa, Deoris refletiu

que matara a mãe. Seria por isso que Domaris tinha tanto ressentimento dela agora?

Ela nada disse a respeito, apenas cumpriu o que lhe fora ensinado com uma determinação nascida da raiva; e poucos dias depois Karahama constatou, surpresa, que Deoris já começava a demonstrar alguma habilidade, um conhecimento intuitivo que parecia equivaler a anos de experiência. Quando o período normal de serviço acabou, Karahama pediu-lhe — com bastante hesitação — para permanecer mais um mês no templo, trabalhando diretamente com ela.

Para surpresa de Karahama, Deoris aceitou, dizendo a si mesma que prometera a Arkati ficar a seu lado por tanto tempo quanto possível. Nem para si mesma Deoris podia admitir que começava a gostar do sentimento de controle que aquele trabalho lhe proporcionava.

III

A criança de Arkati nasceu numa noite chuvosa, quando o fogo-fátuo esvoaçava pela praia e o vento gemia numa triste litania. Karahama não teve motivos para se queixar de Deoris, mas em algum momento das horas escuras seu coração lesado parou de bater, e a luta — lamentavelmente breve, no final das contas — terminou em tragédia. Quando o sol surgiu, um recém-nascido chorava sem saber por que, enquanto Deoris, exausta, chorava amargurada em seu quarto, com a cabeça enterrada nos travesseiros, tentando expulsar da memória os sons e cenas que a atormentariam em pesadelos pelo resto da vida.

— Não deve ficar deitada aqui chorando!

Karahama inclinou-se sobre ela, depois sentou ao seu lado, pegando as mãos de Deoris. Outra moça entrou no dormitório, mas Karahama lhe fez um sinal brusco para que as deixasse a sós. E

continuou:

— Quero que me escute, Deoris, minha criança. Não havia nada que pudéssemos fazer...

Os soluços de Deoris misturaram-se a palavras incoerentes. Karahama comprimiu o rosto.

— Isso é um absurdo. Claro que a criança não matou a mãe. Apenas o coração dela parou; você sabe que Arkati nunca foi forte. Além do mais... — Karahama inclinou-se para mais perto e acrescentou, numa voz gentilmente resoluta, tão parecida com a de Domaris e ao mesmo tempo tão diferente: — Você é uma filha do templo. Conhecemos a verdadeira face da Morte, uma porta para a vida posterior e não uma coisa a ser temida...

— Deixe-me em paz! — balbuciou Deoris, desesperada.

— De jeito nenhum! — A autocompaixão não estava na categoria de emoções que Karahama se permitia e não sentia qualquer simpatia pelo raciocínio que levava Deoris a se enroscar como uma coisinha desamparada, querendo ficar sozinha. — Não devemos ter pena de Arkati. Portanto, pare de chorar. Levante-se. Tome um banho e vista-se direito, depois vá cuidar da filha de Arkati. Ela é sua responsabilidade até que o pai venha buscá-la e deve providenciar todos os encantamentos protetores, a fim de guardá-la contra os espíritos que arrebatam as crianças sem mãe...

Rebelde, Deoris obedeceu, assumindo todas as responsabilidades: providenciou uma ama-de-leite, envolveu a criança com os mistérios protetores e — como o verdadeiro nome da criança era um venerável segredo, escrito nos pergaminhos do templo, mas jamais pronunciado em voz alta, exceto em ritual: — deu-lhe o "nome de criança" pelo qual seria chamada até crescer: "Miritas". A criança se debatia debilmente em seus braços e Deoris pensou, com um desdém infeliz: "Encantamentos protetores! Onde estava o encantamento que poderia salvar Arkati?"

Karahama a tudo observava estoicamente, mais consternada do que gostaria de admitir. Todas sabiam que Arkati não sobreviveria; ela fora advertida, ao casar, que não deveria tentar gerar filhos; as sacerdotisas haviam lhe oferecido os mistérios, encantamentos e ensinamentos antigos para impedir a concepção. Arkati ignorara os conselhos por sua livre e espontânea vontade e pagara com a vida por essa desobediência. Agora, havia outra criança sem mãe a ser adotada.

Mas Karahama sabia também de outra coisa, pois compreendia Deoris ainda melhor do que Domaris. Por mais diferentes que fossem, tanto Deoris como Karahama haviam herdado de Talkannon uma determinação rude e obstinada. O ressentimento, mais do que o triunfo, impulsionaria Deoris para a frente; odiando a morte e a dor, ela assumiria o compromisso de derrotá-las. Enquanto testemunhar tal tragédia poderia liquidar outra neófito, afastando-a para sempre com sentimento de repulsa, Karahama sentia que seria um momento decisivo para Deoris.

Mas Karahama não disse mais nada; era bastante sensata para deixar que o conhecimento desabrochasse lentamente. Depois que tudo foi feito pela criança, Karahama disse a Deoris que ela estava dispensada de seus outros deveres, pelo resto do dia.

— Você não dormiu — ela acrescentou secamente, quando Deoris começou a agradecer. — Suas mãos e olhos estão sem condições de trabalhar. Trate de descansar.

Deoris prometeu que repousaria, em voz tensa; mas não subiu a escada para o dormitório reservado às mulheres que prestavam seu serviço no templo. Em vez disso, saiu por uma porta lateral e correu para a Casa dos Doze, com um único pensamento na mente — o hábito de toda uma vida de levar todos os seus pesares a Domaris. A irmã certamente a compreenderia agora. Tinha de compreender!

Um vento de verão soprava, úmido com a promessa de mais chuva; Deoris aconchegou o xale em torno do pescoço e dos ombros, enquanto corria desenfreada pelos gramados. Contornando um prédio, quase esbarrou no vulto imponente de Rajasta, que vinha da Casa dos Doze. Mal parando para recuperar o equilíbrio, Deoris balbuciou palavras ofegantes de desculpa e teria continuado a correr se Rajasta não a detivesse, gentilmente.

— Cuidado por onde vai, criança, ou acabará se machucando — advertiu ele, sorrindo. — Domaris me disse que você está servindo no Templo de Caratra. Já terminou o seu prazo?

— Não, mas fui dispensada pelo resto do dia.

Deoris falou com uma impaciência cortês, mas Rajasta pareceu não perceber.

— Esse serviço vai lhe proporcionar sabedoria e compreensão, minha filha. Fará com que uma criança se transforme em mulher. — Ele pôs a mão por um momento, em bênção, sobre os cachos emaranhados. — Que a paz e a luz guiem os seus passos, Deoris.

IV

Na Casa dos Doze, homens e mulheres se misturavam de uma maneira quase promíscua, numa inocência fraternal, fomentada pelo fato de terem sido criados juntos. Deoris, que passara os anos de formação na Escola de Escribas, ainda não se acostumara àquela liberdade; quando descobriu alguns acólitos se banhando na piscina do pátio interno, sentiu-se confusa e — em seu novo conhecimento — contrafeita. Não queria procurar a irmã entre eles. Mas Domaris muitas vezes a advertira, com tanto rigor quanto já demonstrara, que enquanto vivesse entre os acólitos ela devia se conformar com seus costumes, esquecendo as imposições absurdas que os escribas tinham de acatar.

Chedan foi o primeiro a ver Deoris e gritou para que ela se despisse e entrasse também na água.

Um rapaz jovial, o mais jovem dos acólitos, desde o início tratara Deoris com uma cordialidade e indulgência especiais. Deoris sacudiu a cabeça, e o rapaz jogou-lhe água, até que suas roupas ficaram encharcadas e ela teve de correr para longe de seu alcance. Parada sob a fonte, Domaris viu a brincadeira e pediu a Deoris que esperasse; torceu a água dos cabelos encharcados e encaminhou-se para a beira da piscina. Ao passar por Chedan, de costas para ela, Domaris sentiu-se tentada a uma brincadeira; recolheu um punhado de água nas mãos em concha e jogou nos olhos do rapaz. Diante do dilúvio em retaliação, ela esquivou-se e gritou, começando a correr... e depois se lembrou que não era sensato arriscar-se a uma queda em seu estado e controlou os passos.

Domaris chegou à parte rasa e Deoris, esperando, contemplou-a... e seus olhos se arregalaram em espanto. Não acreditava no que via. Abruptamente, Deoris virou-se e fugiu. Não ouviu Domaris gritar,

enquanto Chedan e Elis, às gargalhadas, agarravam-na à beira da piscina e arrastavam-na de volta para o fundo, ameaçando jogá-la no meio do chafariz. Pensavam que ela estava brincando quando se debateu no esforço para se desvencilhar de suas mãos firmes. Duas ou três outras moças aderiram à brincadeira e as risadas abafaram as súplicas de misericórdia de Domaris, mesmo quando, genuinamente apavorada, ela desatou a chorar.

Haviam-na levantado acima da superfície da água quando Elis subitamente agarrou-lhe as mãos e gritou: — Parem! Chedan, Riva, parem com isso! Larguem-na... tirem as mãos dela! Agora!

O tom de sua voz forçou os outros à obediência. Baixaram Domaris e soltaram-na, mas ainda estavam muito absorvidos na brincadeira para perceberem que ela chorava.

— Foi ela quem começou — protestou Chedan.

Todos ficaram incrédulos quando Elis passou um braço protetor pela moça abalada, ajudando-a a ir até a borda da piscina. Antes, Domaris sempre fora uma líder em suas brincadeiras mais rudes.

Ainda chorando um pouco, Domaris agarrou-se desamparada à prima, enquanto Elis a ajudava a sair da água. Pegando um roupão, Elis estendeu-o para Domaris.

— Ponha isto antes de pegar um resfriado. Eles a machucaram? Você deveria ter nos dito... pare de tremer, Domaris. Está tudo bem agora.

Domaris envolveu-se, obediente, com o roupão branco felpudo, olhando pesarosa para os contornos que o traje tanto enfatizava.

— Eu queria guardar segredo por mais algum tempo... mas suponho que agora todos saberão.

Elis enfiou os pés molhados nas sandálias e deu um laço na faixa de seu próprio roupão.

— Não contou nem mesmo a Deoris?

Domaris sacudiu a cabeça, em silêncio, enquanto as duas se levantavam e se encaminhavam para a passagem que levava aos aposentos das mulheres. Em retrospectiva, o rosto de Deoris, chocado e incrédulo, sobressaía-se em sua memória.

— Eu pretendia — murmurou Domaris —, mas...

— Conte imediatamente — aconselhou Elis —, antes que ela tome conhecimento por intermédio de outra pessoa. Mas seja gentil, Domaris. Arkati morreu ontem à noite.

Elas pararam diante da porta de Domaris, que murmurou, distraída: — Mas que pena!

Ela própria mal conhecera Arkati, mas sabia que Deoris amara a moça e agora... agora, em tamanho pesar, Deoris não podia vir procurá-las sem sofrer um choque. Elis virou-se, mas já se afastando olhou para trás e acrescentou: — É verdade. E você deve ter mais cuidado. Poderíamos tê-la machucado... e já pensou se Arvath estivesse lá?

Domaris entrou em seu quarto e bateu a porta.

V

Enquanto Elara a enxugava, vestia e trançava os seus cabelos úmidos, Domaris ficou absorvida em seus pensamentos, com o olhar no vazio. Podia haver dificuldades com Arvath — e ninguém sabia disso melhor do que ela —, mas não havia por que se preocupar com essa perspectiva agora. Ainda não tinha qualquer dever para com Arvath; agira dentro dos seus direitos, nos termos da lei. Deoris era um problema mais grave, e Domaris censurou-se por sua negligência. Tinha de encontrar alguma maneira de fazer Deoris compreender. Bem acomodada depois dos cuidados de Elara, ela se aconchegou num divã e ficou esperando pela volta da irmã.

E não demorou muito para que Deoris aparecesse, com as faces ardentes em sinal de perigo.

Domaris sorriu-lhe alegremente.

— Venha até aqui, querida — murmurou ela, estendendo os braços. — Tenho uma coisa maravilhosa para lhe contar.

Sem dizer nada, Deoris ajoelhou-se e abraçou a irmã, apertando-a com tanta força que Domaris ficou consternada, ao sentir o tremor nos ombros frágeis.

— Deoris, Deoris... — ela protestou, profundamente aflita; e, depois, odiou a si mesma por ter de acrescentar: — Não me aperte

com tanta força, irmãzinha... vai me machucar... pode machucar a nós dois, agora.

Ela sorriu enquanto falava, mas Deoris desvencilhou-se abruptamente, como se Domaris a tivesse agredido.

— Então é verdade!

— É, sim, querida. Você viu, quando eu saía da piscina. Já é bem crescida agora e pensei que saberia, antes mesmo que eu dissesse.

Deoris segurou o pulso da irmã num aperto doloroso, que Domaris suportou sem protesto.

— Não, Domaris! Não pode ser! Diga que está brincando! Deoris não acreditaria nem mesmo na evidência dos próprios olhos, se Domaris a negasse.

— Eu não brincaria com uma coisa tão sagrada, Deoris. Uma sinceridade profunda era evidente na censura. Deoris tornou a se ajoelhar, abalada, olhando fixamente para Domaris e tremendo violentamente, como se sentisse um frio intenso.

— Sagrada? — balbuciou ela, com a voz sufocada. — Você, uma estudante, acólita, sob disciplina... renunciou a tudo por *isso*?

Domaris estendeu a mão livre e soltou seu pulso, que Deoris ainda apertava freneticamente. A pele alva estava marcada pelos dedos da irmã.

Deoris, baixando os olhos quase sem compreensão, levantou subitamente o pulso machucado em sua palma e beijou-o.

— Não queria machucá-la. Eu... eu não sabia o que estava fazendo. — Ela respirava com dificuldade, em seu arrependimento. — Mas... não posso suportar a idéia, Domaris!

A irmã mais velha passou a mão por seu rosto, gentilmente.

— Não posso compreendê-la, Deoris. Renunciei a quê? Ainda sou estudante. Rajasta sabe e concedeu sua bênção.

— Mas... mas isso a afastará de sua Iniciação... Domaris fitou-a com absoluta perplexidade.

Pegando as mãos

de Deoris, que resistiam, ela puxou-a para o divã, dizendo: — Quem pôs essas idéias em sua cabeça, Deoris? Ainda sou sacerdotisa, ainda sou acólita, mesmo que... não, porque sou uma mulher! Já está servindo no Templo de Caratra há um mês e deveria

saber! Tenho certeza de que Ihe ensinaram que os ciclos da mulher e do próprio universo estão em sintonia, que... — Domaris parou de falar, sacudindo a cabeça numa risada jovial. — Ah, você às vezes até parece Rajasta! Deoris, querida, como mulher... e ainda mais como iniciada... devo conhecer a realização total. Pode-se oferecer uma taça vazia aos deuses?

Deoris respondeu histericamente:

— Ou uma taça maculada pelo uso?

— Mas isso é um absurdo! — Domaris sorriu, mas seus olhos permaneceram sérios. — Tenho de encontrar meu lugar, acompanhar a vida e... — ela pôs as mãos esguias, cheias de anéis, sobre o corpo, num gesto protetor; Deoris viu de novo, com um sobressalto, a protuberância quase imperceptível... — aceitar meu destino.

Deoris desvencilhou-se.

— Uma vaca também aceita seu destino!

Domaris tentou rir, mas o som saiu como um soluço. Deoris tornou a se aproximar da irmã e enlaçou-a.

— Oh, Domaris, eu sou mesmo horrível! Sei disso! Tudo o que faço é magoá-la... e não quero magoá-la, pois amo você... mas isso a profana, é horrível demais!

— Horrível? Por quê? — Domaris sorriu, um pouco tristemente. — Não me parece assim. Não precisa ter medo por mim, querida. Nunca me senti mais forte ou mais feliz. E quanto à profanação...

Seu sorriso agora não era tão triste, e ela tornou a pegar a mão de Deoris, comprimindo-a mais uma vez contra seu corpo.

— Sua criança tola! Como se ele pudesse me profanar... o filho de Micon!

— Micon? — Deoris baixou a mão, olhando para a irmã em absoluta confusão. — O *filho de Micon*? — Isso mesmo, Deoris... não sabia? O que estava pensando?

Deoris não respondeu, limitando-se a fitar Domaris, estarrecida. Domaris sentiu um soluço aflorar outra vez a seus lábios quando tentou sorrir, murmurando: — Qual é o problema, Deoris? Não gosta de meu bebê?

— Oh, não! — Atormentada pela terrível lembrança, Deoris repetiu: — Oh, não!

E deixou o quarto correndo, aos soluços, acompanhada pelos gritos desolados da irmã.

Sete

O que as estrelas revelaram

No divã em seu quarto, Domaris contemplava o desfile das nuvens de chuva pelo vale. Ondas de nuvens compridas e baixas, de um cinza profundo, debruadas de vapor branco, como a espuma na crista das ondas do mar, eram tangidas e alteradas pelos ventos fortes, enquanto passavam pelo céu, projetando flechas dispersas de sol sobre o rosto de Micon, meio reclinado numa pilha de almofadas, as mãos inúteis no colo, o rosto moreno em paz. O silêncio entre os dois estava impregnado de serenidade; o rumor distante de trovoadas e o tamborilar das ondas tempestuosas pareciam acentuar o conforto e a tranqüilidade no aposento.

Os dois suspiraram à batida na porta, mas quando o vulto alto de Rajasta passou pelo limiar, a irritação no rosto de Domaris se desvaneceu. Ela se levantou, ainda esbelta, ainda se movimentando graciosa como uma dançarina, mas o Sacerdote percebeu uma nova dignidade em sua postura, enquanto ela atravessava o quarto.

— Senhor Rajasta, leu as estrelas para a minha criança? Ele sorriu, afável, enquanto ela o conduzia para um assento junto da janela.

— Deseja que eu fale na presença de Micon, minha filha?

— Claro que sim!

Ao tom enfático, Micon levantou a cabeça, com uma expressão inquisitiva.

— O que isso significa, Coração-em-Chamas? Não entendo... o que vai dizer sobre nossa criança, meu irmão?

— Descubro agora que *alguns* dos nossos costumes são desconhecidos em Atlântida. — Rajasta sorriu jovialmente. — Perdoe a minha satisfação pela oportunidade que eu tenho agora, para variar, de fazê-lo *meu* discípulo.

— Você me ensina muita coisa, Rajasta.

— Obrigado, Filho do Sol. — Rajasta fez uma pausa. — Vou explicar rapidamente. Entre a Casta dos Sacerdotes, antes que seu filho possa ser reconhecido... e isso deve ser feito o mais depressa possível... a hora da concepção deve ser determinada, por suas estrelas e pelas da mãe. Assim, saberemos o dia e a hora de seu nascimento e poderemos dar à criança um nome apropriado.

— Antes mesmo do nascimento? — indagou Micon, atônito.

— Teria um filho nascido *sem nome*? — O espanto de Rajasta era quase um escândalo. — Como o Iniciador de Domaris, esta missão me pertence... assim como, antes de Domaris nascer, li as estrelas de sua mãe. Ela também foi minha Acólita e eu sabia que sua filha, embora o pai fosse Talkannon, seria uma autêntica filha de minha alma. Fui eu quem lhe deu o nome de Isarma.

— Isarma? — Micon franziu as sobrancelhas, confuso. — Eu não... Domaris riu alegremente.

— Domaris é apenas o meu nome de criança. Quando eu casar... — seu rosto se alterou abruptamente, mas ela continuou, com a voz controlada —... passarei a usar meu verdadeiro nome do templo, Isarma. Em nossa língua, significa "uma porta para a luz".

— É o que tem sido para mim, minha amada — murmurou Micon. — E Deoris?

— Deoris significa apenas... "gatinha". Ela parecia não ser maior do que uma gatinha, por isso lhe dei esse nome.

Domaris fez uma pausa, olhando para Rajasta; discutir o verdadeiro nome de uma pessoa era permitido, apesar de não ser uma prática comum. Mas o Sacerdote da Luz acenou com a cabeça, e Domaris continuou:

— Seu verdadeiro nome, nos registros do templo, é Adsartha, "filha da Estrela Guerreira".

Micon estremeceu; um calafrio convulsivo pareceu sacudir todo o seu corpo.

— Em nome de todos os deuses, por que um nome de presságio tão cruel para sua irmãzinha tão doce? A expressão de Rajasta era solene.

— Não sei, pois não fui eu quem leu suas estrelas; na ocasião, estava em retiro. Sempre pensei em conversar com Mahaliel para

descobrir, mas... — Rajasta parou de falar e demorou um momento para acrescentar: — De uma coisa eu sei. Ela foi concebida na Noite do Nadir. A mãe, que morreu poucas horas depois de Deoris nascer, disse-me, quase com o último suspiro, que a filha estava fadada a muito sofrimento.

Rajasta fez outra pausa, lamentando não ter encontrado tempo, na vertigem dos acontecimentos que se sucederam ao nascimento de Deoris, para interrogar Mahaliel, que tinha grande competência; mas o idoso Sacerdote já estava morto há muitos anos e não mais poderia ajudar. Respirando fundo, Rajasta continuou:

— É por isso que cuidamos da pequena Deoris com tanta ternura, para que os seus pesares possam ser atenuados por nosso amor e suas fraquezas sustentadas por nossa força... embora às vezes eu pense que cuidado demais não chega a diminuir a fraqueza...

Domaris interveio, impaciente:

— Já chega de tanto falar em presságios e augúrios! Diga-me uma coisa, Rajasta: terei um filho?

Rajasta sorriu e absteve-se de censurá-la pela impaciência, pois era um assunto que se sentia satisfeito em pôr de lado. Tirou da túnica um pergaminho coberto por figuras que Domaris não podia ler, embora tivesse lhe ensinado a contar e escrever os números sagrados. Para os cálculos corriqueiros, todos contavam com os dedos, a não ser os mais altos iniciados; os números constituíam o mistério sagrado guardado com mais zelo e nunca eram usados levemente ou para qualquer propósito frívolo.

Por eles, os sacerdotes interpretavam os movimentos das estrelas e calculavam os dias e anos em seus enormes calendários de pedras; os iniciados manipulavam as forças naturais, que eram a fonte de seu poder, através dos números sagrados. Além das figuras enigmáticas e suas permutações, Rajasta desenhara os símbolos mais simples das Casas do Céu... e que Domaris conhecia, como acólita dos Doze; por isso, foi aos símbolos que ele se referiu enquanto falava.

— Aqui está o signo de Libra, em que você nasceu, Domaris. Aqui, sob a Casa do Mensageiro, está o dia do nascimento de Micon. Não lerei tudo agora — ressaltou Rajasta, num aparte para o atlante, que

demonstrava o maior interesse. No momento, tenho certeza, o interesse primário dos dois é a data em que a criança nascerá.

Ele continuou, em tom pedante, proporcionando a si mesmo a oportunidade de ignorar as insinuações nas vozes de Domaris e Micon, ao trocarem murmúrios felizes.

— Nesta hora, pelo que me dizem as estrelas, sob os signos da lua que regulam essas coisas nas mulheres, seu ventre deve ter recebido a semente da vida... e neste dia, no signo de Escorpião, você vai gerar um filho... se meus cálculos estiverem perfeitamente corretos.

— Um filho! — exclamou Domaris, triunfante. Mas Micon parecia perturbado.

— Mas não... na Noite do Nadir?

— Espero que não — respondeu Rajasta. — Mas, com toda a certeza, será logo depois. De qualquer forma, lembre-se de que a Noite do Nadir não traz apenas o mal. Como eu disse, Deoris foi concebida na Noite do Nadir e é uma criança inteligente e querida, tanto quanto se poderia desejar.

Com os efeitos de equilíbrio da data de concepção de seu filho caindo entre seu aniversário e o de Domaris...

Rajasta continuou a discorrer assim, por algum tempo. Micon exibiu sinais evidentes de alívio, que no fundo Rajasta não partilhava completamente. O Sacerdote da Luz se intrigara com aquela carta por muitas horas, perturbado pelo conhecimento de que o filho de Micon poderia nascer na noite do presságio do mal. Por mais que tentasse, no entanto, Rajasta fora incapaz de excluir totalmente essa possibilidade, pois não conseguiria fixar o tempo da concepção com exatidão. "Se eu tivesse instruído Domaris mais completamente", pensou ele, não pela primeira vez, "ela própria poderia ter determinado o momento apropriado!"

— Na verdade — concluiu Rajasta, com um tom apropriado de tolerância divertida pelas preocupações parentais —, eu diria que a pior coisa que têm a temer por seu filho é que talvez ele venha a gostar demais de competições e antagonismos, além de ter uma língua afiada, como muitas vezes acontece com os escorpianos.

Sorriu para Domaris, que parecia mais adorável do que nunca; alguma coisa do esplendor e santidade da maternidade já se estampava em seu rosto, uma alegria radiante, que não era ofuscada por qualquer sombra de pesar. Contudo, essa sombra já existia, uma ameaça por enquanto indefinida, mas discernível até para Rajasta, relativamente desprovido de imaginação; e o Sacerdote sentia um ímpeto protetor em relação a Domaris.

— Chegou o momento em que posso transferir seu trabalho para o templo. Você é mulher e não está mais incompleta. — Percebendo a expressão de fugaz inquietação no rosto de Micon, Rajasta apressou-se em tranqüilizá-lo: — Nada receie, meu irmão. Não permitirei que ela fique exausta. Está segura comigo.

— Quanto a isso, não tenho a menor dúvida — murmurou Micon.

Rajasta voltou a concentrar a atenção em Domaris, cuja expressão pensativa tinha um quê de curiosidade intensa.

— Domaris... o que sabe sobre os guardiães?

Ela hesitou antes de responder, refletindo a respeito. O próprio Rajasta, Guardiã dos Portões Externos, era o único Guardiã assim chamado em público. Havia outros, é claro, mas ninguém no templo conhecia os seus nomes ou sequer se havia mais do que sete a sentar velados no Conselho, nas ocasiões mais importantes. Uma suspeita repentina arregalou os olhos de Domaris. Mas Rajasta continuou, sem esperar que ela respondesse:

— Minha amada filha, você mesma foi escolhida para ser Guardiã do Segundo Círculo, sucedendo a Ragamon, o Ancião... que permanecerá em seu posto para ensiná-la e instruí-la, até que você esteja madura em sabedoria. Assumirá esse dever assim que sua criança for reconhecida...

embora... — ele fez uma pausa, lançando outro sorriso na direção de Micon —... isso não vá lhe acarretar árduas obrigações até que cumpra suas responsabilidades com a criança por nascer. E, como conheço as mulheres... — o rosto de Rajasta foi dominado por uma terna indulgência, enquanto contemplava sua jovem Acólita —... tenho certeza de que o reconhecimento de seu filho terá precedência sobre a cerimônia maior!

Domaris baixou os olhos; um rubor intenso espalhava-se por suas faces. Sabia que se recebesse aquela enorme honraria em qualquer outra ocasião, teria ficado quase sufocada pela perspectiva; agora parecia uma consideração secundária remota e vaga, em comparação com a cerimônia que admitiria seu filho na vida do templo.

— É verdade — admitiu ela.

O sorriso de Rajasta era uma bênção.

— Nenhuma mulher agiria de outra forma.

Oito

A escolha do nome

Era responsabilidade dos Cinco Investidos manter os registros da Casta dos Sacerdotes e, como Anciãos do templo, investigar e determinar todas as questões relativas à posição atribuída a cada criança nascida ali. Suas túnicas volumosas eram bordadas com símbolos enigmáticos, de tanta antigüidade que somente os mais altos iniciados tinham uma concepção vaga do significado.

Lado a lado, Domaris e Micon estavam de pé diante deles, em silêncio meditativo, enquanto o incenso cerimonial ardia no vaso filigranado, povoando o ar com seu perfume. Quando os últimos fios de fumaça se elevaram e sumiram, um acólito adiantou-se para fechar a tampa do vaso de metal.

Pela primeira vez, Domaris estava de azul, a cor sagrada para a Mãe; seus lindos cabelos estavam trançados e presos com uma fita azul. Seu coração batia com uma enorme alegria, matizada de orgulho, enquanto Micon, alertado pelo débil som do fechamento do incensário, adiantava-se para falar aos Cinco Investidos. Numa túnica branca simples, com uma faixa dourada na cabeça, o atlante ocupou seu lugar com uma segurança de passos que não condizia com sua cegueira.

A voz treinada de Micon espalhou-se pela câmara com orgulho, mesmo sem ser alta.

— Pais, vim aqui com esta mulher, minha amada, para anunciar e reconhecer que minha eleita espera uma criança, e que essa criança de seu corpo é filho único de minha geração, meu primogênito e herdeiro de meu nome, posição e bens. Faço uma declaração solene da pureza desta mulher, e juro, pelo Fogo Central, pelo Sol Central e pelas Três Alas Dentro do Círculo que a lei foi respeitada.

O atlante deu um passo para trás, virou-se e, com uma determinação e moderação de movimentos que muito revelaram aos

Cinco Investidos, ajoelhou-se aos pés de Domaris.

— Esta mãe e esta criança são reconhecidas sob a lei, em gratidão e reverência; que meu amor não seja desperdiçado, que minha vida não deixe de ser abençoada, que meu dever não permaneça inacabado. E que eu possa oferecer honra a quem ela é devida.

Pondo a mão sobre a cabeça de Micon, a voz de Domaris ressoou firme e incisiva na câmara secular:

— Vim anunciar e reconhecer minha criança por nascer como filho deste homem. Eu, Doma...

Isarma, filha de Talkannon, assim o declaro. — Fez uma pausa, constrangida por ter vacilado no ritual; mas os anciãos não se alteraram, e Domaris continuou: — Declaro ainda que é uma criança da virgindade, uma criança do amor. É com reverência que assim o declaro.

Ajoelhou-se ao lado de Micon e acrescentou:

— Ajo dentro do meu direito, nos termos da lei.

O Ancião que sentava no meio dos Cinco indagou solenemente: — O nome da criança?

Rajasta apresentou o pergaminho com um gesto formal.

— Este pergaminho deve ser guardado nos arquivos do templo. Eu, Rajasta, li as estrelas para a filha de Talkannon e assim dou nome a seu filho: O-si-nar-men.

— O que significa? — sussurrou Micon para Domaris. Ela respondeu também num sussurro: — Filho da Compaixão.

Os Anciãos estenderam as mãos num gesto mais antigo do que a humanidade e entoaram: — O desabrochar da vida é reconhecido e bem-vindo, segundo a lei. Filho de Micon e Isarma, O-si-nar-men, seja abençoado!

Erguendo-se lentamente, Micon estendeu a mão para Domaris, que a pegou e também se levantou. Permaneceram em pé, de cabeça inclinada, enquanto a bênção em voz baixa e cadenciada continuava:

— Doador da Vida... Portadora da Vida... sejam abençoados. Agora e para sempre, abençoados sejam, abençoados seja seu fruto. Vão em paz.

Domaris ergueu a mão no antigo sinal de honra e depois de um momento Micon seguiu o seu exemplo, ouvindo o farfalhar da sua manga e lembrando as instruções que recebera de Rajasta. Juntos, com uma serena humildade, deixaram a câmara... mas Rajasta ficou, pois os Cinco Investidos desejariam interrogá-lo sobre detalhes específicos do horóscopo da criança por nascer.

No vestíbulo externo, Domaris encostou-se no ombro de Micon por um momento.

— Está feito — murmurou ela. — Mesmo enquanto eu falava, nosso filho se remexia dentro de mim! Eu... eu estarei sempre com você agora!

— Assim será, minha amada — prometeu Micon, ternamente, num tom ansioso que embargava sua voz, ao se inclinar para beijá-la.. — Ah, como eu gostaria de testemunhar sua glória próxima!

Nove

Uma questão de sentimento

I

Karahama, Sarcedotisa de Caratra, julgara Deoris com acerto. Nos dias subseqüentes à morte de Arkati, Deoris concentrou todas as suas faculdades naquele trabalho que antes desprezava. Seu conhecimento intuitivo transformou-se em segurança absoluta e extrema competência; ao final de seu período extra de serviço, foi quase com relutância que ela se preparou para deixar o templo.

Depois de concluir a purificação ritual, ela procurou Karahama para se despedir. Nas últimas semanas haviam se tornado tão íntimas quanto permitia a reserva da mulher mais velha. Apesar dos muitos maneirismos de Karahama, Deoris sabia que sentiria a sua falta. Depois de trocarem as saudações formais habituais, a Sacerdotisa deteve Deoris por mais algum tempo.

— Sentirei sua falta, minha criança. Tornou-se bastante competente.

Enquanto Deoris mostrava-se aturdida pela surpresa, sem saber o que dizer, pois o louvor de Karahama era raro e difícil de obter, a Sacerdotisa pegou um pequeno disco de prata, preso numa corrente. Aquele ornamento, inscrito com o sigilo de Caratra, era um emblema de serviço e realização concedido a cada mulher que servia à Deusa — mas raramente era conferido a alguém tão jovem quanto Deoris.

— Use-o com sabedoria — disse Karahama, prendendo a corrente no pulso de Deoris.

Isso feito, ela ficou olhando para Deoris como se tencionasse dizer mais alguma coisa. Karahama era uma mulher grande, alta e de peito largo, imponente, olhos de gato amarelados, cabelos castanho-claros. Como Talkannon, dava a impressão de uma ferocidade animal

sob controle; a túnica azul de sua posição acrescentava uma certa arrogância à sua dignidade natural.

— Você está na Escola de Escribas? — ela acabou perguntando.

— Deixei-a há muitos meses. E fui designada para ser escriba do Senhor Micon de Ahtarrath.

O desdém de Karahama fez definhar o orgulho de Deoris.

— Qualquer menina pode realizar esse trabalho de ler e escrever! Já decidiu que esse será o serviço de sua vida? Ou sua intenção é acompanhar a Senhora Domaris no Templo da Luz?

Até aquele momento, Deoris jamais duvidara seriamente que um dia procuraria a Iniciação no Templo da Luz, seguindo as pegadas da irmã. Agora, subitamente, compreendeu que isso era impossível, que sempre fora impossível para ela; e disse, na primeira decisão real de sua vida: — Não. Não desejo qualquer dessas duas coisas.

— Nesse caso, creio que o seu verdadeiro lugar é aqui, no Templo de Caratra... a menos que prefira ingressar na seita de Riveda.

— Os Túnicas Cinzentas? — Deoris estava chocada. — Eu, uma *saji*?

— Que Caratra a guarde! — As mãos de Karahama fizeram um encantamento rápido. — Que todos os Deuses proíbam que eu envie qualquer criança para isso! Não, minha criança... eu estava pensando como Curandeira.

Deoris pensou por um momento. Não sabia até então que mulheres eram admitidas na seita dos curandeiros. E murmurou, hesitante:

— Eu poderia... pedir a Riveda... Karahama riu.

— Riveda não é um homem muito acessível, criança. Seu parente Cadamiri é Sacerdote-Curandeiro, e seria muito mais fácil resolver tudo com ele. Riveda nunca se incomoda com noviços.

O sorriso de Karahama, por algum motivo, irritou Deoris, que disse: — O próprio Riveda me perguntou uma vez se eu não gostaria de entrar para os Túnicas Cinzentas!

A informação causou o efeito desejado, pois a expressão de Karahama se alterou consideravelmente, e ela fitou Deoris num silêncio curioso antes de dizer: — Pois muito bem. Se assim deseja, pode dizer a Riveda que a considerarei capaz. Não que minha palavra

tenha muito peso com ele, mas sabe que meu julgamento é firme em tais questões.

A conversa desviou-se para outros assuntos, tornou-se hesitante e logo definhou. Mas, observando Deoris partir, Karahama começou a se sentir perturbada. "Será que é realmente certo enviar essa criança pelo caminho de Riveda?", ela perguntou a si mesma. A Sacerdotisa de Caratra talvez conhecesse Riveda melhor do que os seus próprios noviços; e estava a par dos motivos dele. Mas Karahama tratou de descartar o pensamento inquietante. Deoris estava quase adulta e não aceitaria passivamente a intromissão de Karahama, mesmo com as melhores intenções. Riveda despertava fortes sentimentos.

II

Na Casa dos Doze, Deoris guardou a pulseira e vagueou a esmo por seus aposentos, sentindo-se solitária e negligenciada. Queria reparar a briga com Domaris, voltar à vida antiga, esquecer — pelo menos por enquanto — tudo o que acontecera nos últimos meses.

O vazio dos aposentos e pátios a perturbava vagamente. Parou de repente, olhando para a gaiola que continha seu passarinho vermelho. O bicho estava caído no fundo da gaiola, numa estranha imobilidade, com a plumagem vermelha amarfanhada e opaca. Sufocando um grito, Deoris correu para abrir a porta da gaiola pegou o pequeno corpo, com intensa angústia.

Virou o passarinho na palma da mão, desolada, quase chorando. Amara-o, era a última coisa que Domaris lhe dera antes de começar a mudar tanto... mas o que teria acontecido? Não havia gato por ali para matá-lo... além do mais, o passarinho não estava estropiado. Examinando a gaiola agora vazia, ela constatou que a pequena tigela não tinha mais água e que o alpiste acabara. A súbita entrada de Elara provocou-lhe um sobressalto. Virando-se abruptamente, Deoris avançou furiosa para a pequena mulher.

— Esqueceu meu passarinho, e agora ele está morto, morto! — acusou ela, veemente.

Elara deu um passo para trás, amedrontada.

— De que passarinho está falando? Mas... eu não sabia...

— Não minta para mim, sua desgraçada!

Numa raiva incontrolável, Deoris deu uma bofetada no rosto de Elara.

— Deoris! — Havia choque e ira na voz, e Deoris virou-se, prendendo a respiração, para deparar com Domaris na porta, pálida e atônita. — Deoris, o que significa essa... essa atitude?

Ela nunca falara antes tão bruscamente com Deoris, que levou a mão à boca, em súbito medo e culpa, o rosto vermelho, incapaz de falar, enquanto Domaris acrescentava: — O que está acontecendo? Ou tenho de perguntar a Elara? Deoris prorrompeu num fluxo de lágrimas furiosas.

— Ela esqueceu meu passarinho, que agora está morto!

— Isso não é motivo nem desculpa para o que você fez — insistiu Domaris, ainda zangada, com a voz tensa. — Sinto muito, Elara. Minha irmã vai pedir desculpa.

— A ela? — balbuciou Deoris, incrédula. — Não vou, não! Domaris precisou de algum esforço para manter a voz firme:

— Se você fosse minha filha e não minha irmã, deveria levar uma surra. Nunca me senti tão envergonhada em toda a minha vida!

Deoris virou-se para fugir, mas deu apenas alguns passos antes que Domaris a segurasse pelo pulso e a detivesse.

— Vai ficar aqui! Acha que vou permitir que me desobedeça?

Deoris desvencilhou-se, pálida e furiosa, mas balbuciou a desculpa exigida. Elara ergueu o rosto sereno; a marca dos dedos já avermelhava no rosto moreno. Sua voz tinha alguma dignidade, o equilíbrio inabalável dos humildes:

— Lamento sinceramente pelo seu passarinho, pequena ama, mas seu cuidado não me foi confiado; eu nada sabia a respeito. Já esqueci algum dia qualquer coisa que me pediu?

Depois que Elara se retirou, Domaris olhou para a irmã quase em desespero.

— O que há com você, Deoris? Não consigo mais reconhecê-la.

Os olhos de Deoris permaneceram fixados no chão, numa expressão soturna; não se mexera desde que murmurara a

"desculpa" para Elara.

— Criança, criança... — disse Domaris. — Também lamento por seu passarinho, mas poderia ter uma dúzia de outros, se pedisse. E Elara sempre foi gentil com você. Se ela fosse igual a você já seria horrível, mas bater numa serva é inadmissível. — Domaris sacudiu a cabeça. — O que vou fazer com você? Deoris não disse nada, e Domaris olhou para a gaiola aberta, tornando a sacudir a cabeça.

— Não sei quem é responsável, Deoris, mas se houve negligência você é a única culpada.

Deoris murmurou, num resmungo:

— Eu não estava aqui.

— O que não diminui a sua culpa. — Não havia misericórdia na voz de Domaris. — Por que não delegou o cuidado expressamente a uma das mulheres? Não pode culpá-las por negligenciar um dever que ninguém lhes atribuiu. Seu próprio esquecimento custou a vida do passarinho. Não tem senso de responsabilidade?

— Já não tive muito em que pensar? — Lágrimas desesperadas começaram a escorrer pelas faces de Deoris. — Se gostasse realmente de mim, *você* teria lembrado!

— Terei de assumir suas responsabilidades por toda a vida? O tom era tão furioso que Deoris parou de chorar. Vendo a

expressão chocada da irmã, Domaris abrandou um pouco. Tirou o passarinho morto de suas mãos e deixou-o de lado, acrescentando:

— Falei sério quando disse que podia ter todos os passarinhos que quisesse, Deoris.

— Não é com o passarinho que me importo! É com *você*!

Deoris enlaçou a irmã, chorando ainda mais do que antes. Domaris apertou-a firmemente, sentindo que Deoris começava a extravasar o ressentimento retido que não fora capaz de descarregar até então; talvez agora pudessem transpor a barreira que se interpunha entre as duas desde aquela noite no Campo da Estrela... mas, finalmente, ela teve de lembrar à irmã: — Calma, Deoris, calma... Não me aperte tanto, para não nos machucar...

Abruptamente, Deoris baixou os braços e virou-se, sem dizer nada. Domaris estendeu a mão, em súplica.

— Não se afaste assim, Deoris. Eu não tive intenção... Será que não posso dizer *nada* que não a magoe?

— Você não me quer! — acusou Deoris, angustiada. — Não precisa mais fingir!

— Oh, Deoris! — Seus olhos grandes estavam agora marejados de lágrimas. — Como pode ter tanto ciúme? Como é possível? Não sabe que Micon está morrendo, Deoris? Isso mesmo, morrendo! E

devo me interpor entre ele e a morte! — Domaris tornou a cruzar as mãos sobre o corpo, naquele estranho gesto. — Até nosso filho nascer...

Às cegas, Deoris abraçou a irmã, disposta a qualquer coisa para apagar aquele sofrimento terrível.

Sua autocompaixão se desvaneceu e, pela primeira vez na vida, experimentou um pesar que era mais do que pessoal, sabendo que podia apenas tentar confortar onde nenhum conforto era possível, tentar em vão dizer o que sabia não ser verdade... e pela primeira vez sua própria rebeldia se dissipou, sem qualquer importância, diante da tragédia da irmã.

Dez

Homens de propósito

I

De uma maneira tão categórica que não dava margem a qualquer contestação, Riveda finalmente comunicou a Rajasta que sua casa estava em ordem. Rajasta elogiou-o pelo trabalho bem-feito, o Iniciado fez uma reverência e se retirou, com um sorriso escarninho no fundo dos olhos empapuçados.

A investigação sobre bruxarias proibidas por membros de sua Ordem durara meio ano. Resultara em uma dúzia de açoites bem merecidos por blasfêmias e violações relativamente menores: abusos com objetos cerimoniais, emprego e ostentação de símbolos superados e outras ofensas similares. Houvera dois casos mais graves — que não pareciam relacionados — envolvendo iniciados subalternos, que haviam sido disciplinados fisicamente e depois expulsos da seita dos Túnicas Cinzentas. Um deles usara certas poções alquímicas para induzir diversos neófitos inocentes e *saji* a participar em atos de excessiva crueldade sexual, de que as vítimas não podiam se lembrar depois. No outro caso, o culpado arrombara uma prateleira trancada da biblioteca particular da Ordem e roubara alguns pergaminhos. Apenas isso já seria uma violação terrível, mas ainda por cima descobriu-se que o homem desenvolvia em seus aposentos culturas de doenças contagiosas. O trabalho de descontaminação ainda estava sendo processado, até agora com boas esperanças de um resultado satisfatório.

Mas tudo isso alertara os invisíveis para o fato de que Riveda estava a par de sua existência; com isso, o processo adicional não seria fácil.

Para o próprio Riveda, a maior recompensa, sob muitos aspectos, foi a descoberta de um novo campo de experiências, com um

tremendo potencial, que ele tencionava testar. A chave era o estranho que adotara como noviço. Sob hipnose, o rapaz revelara singulares conhecimentos e também singulares poderes — embora a hipnose fosse indispensável para causar qualquer impressão na estranha apatia do desconhecido, que existia (não se podia dizer que ele vivia) como numa carapaça de vidro escuro, pela qual os acontecimentos passavam como reflexos indefinidos, atraindo sua atenção apenas por um momento. Sua mente estava bloqueada, como se algum recente horror e vergonha o tivesse paralisado; mas, em raros delírios, ele dizia palavras estranhamente coerentes, que às vezes proporcionavam a Riveda pistas para grandes coisas — visões de um conhecimento profundo que o próprio Riveda podia apenas vislumbrar, que se encontravam ocultas naquela mente aparentemente danificada.

Riveda não sabia nem se importava se o homem era ou não o irmão de Micon. Sentia, com absoluta sinceridade, que qualquer tentativa de confrontar os dois poderia prejudicar a ambos.

Escrupulosamente, abstinha-se de efetuar qualquer investigação sobre a origem do noviço ou o mistério de seu aparecimento no Templo Cinzento.

Mas Riveda vigiava Micon — sempre fortuitamente, como convinha a um Mago entre os Sacerdotes da Luz, sempre à margem do círculo de conhecidos do atlante, mas a tudo observando atentamente. Riveda logo percebeu que Domaris passara a existir quase que apenas em função de Micon; também constatou a extrema preocupação de Rajasta com o Iniciado cego, um relacionamento que transcendia ao de companheiros no Sacerdócio e às vezes se aproximava do que havia entre pai e filho.

Já não era com tanta indiferença que ele observava Deoris.

Não era sempre que Riveda concordava com Rajasta, mas naquele caso ambos sentiam as estranhas potencialidades que havia na moça. Com o advento da maturidade, Deoris poderia se tornar poderosa, se fosse devidamente treinada. Mas embora passasse muito tempo em meditação, Riveda não podia determinar com exatidão as potencialidades que vislumbrava na menina — talvez porque fossem muitas e variadas.

Riveda notou que ela parecia ser discípula de Micon tanto quanto sua escriba. Isso irritou o Iniciado, como se Micon estivesse usurpando um privilégio que deveria ser apenas seu. A orientação impessoal e hesitante que o atlante dava aos pensamentos da moça impressionava Riveda como desajeitada, cautelosa demais e incompetente. Em sua opinião, estavam reprimindo Deoris, quando deveriam lhe permitir — e até mesmo compelir, se necessário — a se abrir e expandir.

Observou, com um humor neutro, o crescimento do interesse de Deoris por ele; e, ainda mais divertido, acompanhou o progresso infantil e tumultuado de seu relacionamento com Chedan, o Acólito e marido prometido de Elis. Os boatos do templo (a que Riveda não era surdo, por mais que tentasse) muitas vezes se referiam às relações tensas entre Elis e Chedan...

A atração de Chedan por Deoris podia ter começado, pura e simplesmente, como uma tentativa de despertar o ciúme de Elis. De qualquer forma, era agora mais sério do que isso. Quer gostasse ou não de Chedan — e nem mesmo Domaris ousava confirmar qualquer coisa — Deoris aceitava suas atenções com uma satisfação maliciosa. Micon e Domaris observavam e acolhiam com prazer aquela nova situação, acreditando que poderia levar Deoris a uma compreensão dos problemas que os dois enfrentavam, atenuando a hostilidade da moça ao amor entre eles.

Por acaso, Riveda deparou com eles certa manhã, num jardim: Deoris, sentada na relva, aos pés de Micon, cuidava de seu material de escrever; Chedan, esguio, de olhos castanhos, vestindo a túnica de Acólito, inclinava-se para ela, sorrindo. Riveda estava muito longe para ouvir o que diziam, mas as duas crianças — não eram mais do que isso, especialmente aos olhos de Riveda — discordaram de alguma coisa. Deoris levantou-se de um salto, indignada; Chedan saiu correndo, num terror simulado, e Deoris em seu encalço, rindo.

Micon ergueu o rosto ao ouvir os passos de Riveda se aproximando e estendeu a mão em boas-vindas... mas não se levantou. Riveda ficou mais uma vez impressionado com a devastação causada pela dor no rosto cego do Iniciado. Como sempre, por estar dominado por uma profunda paixão, ele

refugiou-se na deferência irônica com que encobria as suas emoções mais intensas.

— Salve, Senhor de Ahtarrath! Seus discípulos fugiram de ensinamentos sábios demais? Ou ameaçou incutir-lhes o conhecimento com uma vara de bétula?

Percebendo o sarcasmo, Micon ficou desconcertado. Tentara sinceramente reprimir a cautela com que encarava Riveda, e o fracasso o consternava. Superficialmente, Riveda era um homem fácil de se gostar; mas Micon achava que poderia odiá-lo com a mesma facilidade, se se permitisse.

Agora, controlando-se rigorosamente, Micon descartou o tom irônico de Riveda e pôs-se a falar sobre as febres que regularmente dizimavam as colinas costeiras e da fome que poderia ocorrer se homens demais fossem impedidos de trabalhar nas colheitas pela doença.

— Vocês, curandeiros, são os que mais podem fazer para remediar esse problema. Muito já ouvi falar sobre o excelente trabalho que realizou entre eles, Senhor Riveda. Esses mesmos curandeiros, se bem me lembro, não passavam de charlatães corruptos, há apenas dez anos...

— Creio que há algum exagero nisso. — Riveda sorriu, com a satisfação do reformador. — Mas é verdade que havia muita decadência no Templo Cinzento quando cheguei aqui. Não sou da Casta dos Sacerdotes... como imagino que Rajasta já lhe disse... mas um nortista de Zaiadan. Minha família era de pescadores e marujos. Em minha terra, sabemos que as drogas certas são mais eficientes do que as orações mais fervorosas, a menos que a doença esteja toda no cérebro. Quando garoto, aprendi a cuidar de ferimentos, porque era coxo de uma perna e minha família achava que eu não tinha capacidade para qualquer outra coisa.

Micon pareceu surpreso pela revelação, e Riveda deu uma risada.

— Fiquei curado... não importa como... mas já aprendera então que havia mais no corpo do que a maioria dos sacerdotes jamais poderá admitir... a não ser para suas taças. — Ele riu de novo, voltou a se compenetrar e continuou: — Também aprendi como a mente pode ser mais forte quando o corpo é controlado e posto sob a

disciplina da vontade. A essa altura, não sentia muito afeto pela aldeia em que nasci. Por isso, peguei meu cajado e saí pelo mundo, como se costuma dizer. Vim a conhecer os magos, que aqui são chamados de Túnicas Cinzentas.

Expressivamente ele deu de ombros, esquecido por um momento de que Micon não podia ver.

— Acabei chegando aqui, como Iniciado. Encontrei a Ordem dos Magos local, um culto de místicos de mente indolente, que se disfarçavam como curandeiros. Como já falei, não eram totalmente charlatães, pois tinham em suas prateleiras a maioria dos métodos que empregamos hoje. Mas haviam se tornado decadentes e relapsos, preferindo cantos e encantamentos ao trabalho honesto. Por isso, tratei de expulsá-los.

— Com ira? — murmurou Micon, com uma insinuação de desaprovação.

— Com enorme e sólida ira! — confirmou Riveda, com um sorriso de satisfação. — Para não mencionar alguns chutes bem aplicados. Para ser franco, expulsei alguns fisicamente, só parando para conversar depois...

Ele fez uma pausa, pensativo.

— Em seguida, reuni os poucos que pensavam como eu... tanto Sacerdotes da Luz quanto Túnicas Cinzentas... homens que também acreditavam que a mente possui determinados poderes curativos, mas que o corpo também precisa de tratamento. A maior ajuda foi das Sacerdotisas de Caratra, pois trabalham com mulheres vivas, não almas e ideais; não é tão fácil para elas esquecer a grande verdade, de que os corpos devem ser tratados simplesmente como corpos sofredores. Há séculos que usam os métodos corretos; e agora consegui fazer com que voltassem ao mundo dos homens, onde são igualmente necessárias, se não ainda mais.

Micon sorriu, um tanto pesaroso. Como Curandeiro, ao menos, sabia que devia admirar Riveda; e a ousadia mental da natureza de Micon tinha de saudar as qualidades do Iniciado. Mas Micon não pôde deixar de pensar:

"É uma pena que Riveda não empenhe a inteligência excepcional e o supremo bom senso em sua própria vida... e é também uma

pena que um homem assim se desperdice na conquista vazia da Magia!"

— Senhor Riveda — disse ele, bruscamente —, seus curandeiros estão acima de qualquer suspeita, mas alguns dos seus Túnicas Cinzentas ainda praticam a autoflagelação. Como um homem de sua inteligência pode admitir uma coisa assim?

Riveda retrucou:

— Você é de Ahtarrath; sem dúvida conhece o valor de... determinadas austeridades, não é mesmo?

Micon respondeu com um certo sinal da mão direita. Riveda ponderou sobre o valor de retribuir o gesto a quem não podia ver... mas continuou a falar, menos cauteloso: — Então deve conhecer o valor de aguçar os sentidos, elevar certos fatores mentais e físicos a um alto nível de percepção... sem concluir o padrão ou liberar a tensão. É claro que há métodos menos radicais disponíveis, mas, ao final, deve admitir que cada homem é senhor de si mesmo, e o que não prejudica a mais ninguém... bom, em última análise, não há muita coisa que se possa fazer a respeito.

O rosto do Iniciado traía a sua discordância; os lábios fortes se contraíam de forma excepcional.

— Sei disso... pode-se obter resultados com tais procedimentos... mas são resultados que considero sem valor. E... há o problema de suas mulheres, os... usos... a que são submetidas. — Micon hesitou, procurando formular as frases de maneira menos ofensiva. — Talvez o que vocês fazem possa produzir algum desenvolvimento... mas só pode ser desequilibrado, uma violência contra a natureza. E

a decorrência é que deve estar sempre de guarda contra a loucura dentro de seus domínios.

— A loucura tem muitas causas — comentou Riveda. — Seja como for, os Túnicas Cinzentas poupam suas mulheres da brutalidade de gerar filhos só para satisfazer seu orgulho!

O atlante ignorou o insulto, limitando-se a perguntar, suavemente: — Você não tem filhos, Riveda?

Houve uma pausa considerável. Riveda baixou a cabeça, incapaz de se livrar da compreensão absurda de que os olhos cegos daquele homem viam mais do que os seus.

— Nós acreditamos que um homem que não deixa filho para acompanhar seu nome está se esquivando ao poder — acrescentou Micon. — Quanto aos seus magos, é possível que o bem que prestam aos outros supere o mal que causam a si mesmos. Mas um dia eles podem desencadear coisas que não conseguirão mais controlar ou reparar. — O sorriso torto aflorou no rosto de Micon.

— Mas isso é apenas uma possibilidade. Não quero discutir a respeito, Senhor Riveda.

— Nem eu com você.

Havia mais do que cortesia em seu tom enfático. Riveda sabia que Micon não confiava completamente nele e não tinha o menor desejo de criar um inimigo em tão alta posição quanto a que o atlante ocupava no momento. Uma palavra de Micon podia levar os guardiães ao Templo Cinzento, e ninguém sabia melhor do que Riveda que determinadas práticas de sua Ordem não passariam impunes a uma investigação imparcial. Podiam não ser bruxaria proibida... mas não contariam com a aprovação dos rigorosos guardiães. Não, ele não queria brigar com Micon...

Deoris e Chedan, caminhando lado a lado, agora tranqüilos, aproximaram-se. Riveda cumprimentou Deoris com uma deferência que deixou Chedan aturdido, de boca entreaberta, incapaz de falar.

— Senhor Micon — disse o Iniciado —, vou tirar Deoris de você.

O rosto moreno e cego de Micon ficou rígido de contrariedade; ao virá-lo para Riveda, um instinto ominoso dominou-o. E foi muito tenso que ele indagou: — Por que diz isso, Riveda?

Riveda riu. Sabia muito bem o que Micon estava querendo saber, mas preferiu fingir que não compreendia.

— O que acha que estou querendo dizer? Preciso conversar com a pequena donzela por alguns minutos, pois Karahama, do Templo de Caratra, indicou-me seu nome para admissão entre os curandeiros. — Riveda tornou a rir. — E se pensa tão mal de mim, terei o maior prazer em falar na sua presença, Príncipe Micon!

Um cansaço intenso invadiu Micon, suplantando a sua ira. Seus ombros arriaram.

— Eu... não sei o que estava querendo dizer. Eu... — Ele parou de falar, ainda nervoso, mas incapaz de justificar-se, até para si mesmo.

— Também já tinha ouvido que Deoris deveria procurar a Iniciação. E me sinto muito contente... Pode ir, minha Deoris.

II

Pensativo, Riveda conduziu a moça pelo caminho. Deoris era sensível, todos os seus nervos estavam à flor da pele; instintivamente, ele sabia que o lugar da moça não era entre os curandeiros, mas sim entre os próprios Túnicas Cinzentas. Muitas das mulheres do Templo Cinzento eram apenas *saji*, desprezadas ou ignoradas — mas de vez em quando uma mulher podia ser aceita no Curso do Mago.

Umhas poucas, apenas umhas poucas, podiam procurar a realização na mesma base que um homem, mas seria difícil encontrar um lugar para Deoris entre elas.

— Diga-me uma coisa, Deoris: serviu muito tempo na Casa da Mãe? — indagou Riveda abruptamente.

Ela deu de ombros.

— Apenas os serviços preliminares que todas as mulheres devem fazer. — Fitou o Iniciado nos olhos, mas logo desviou o rosto, enquanto murmurava: — Trabalhei por um mês com Karahama.

— Ela me falou sobre sua competência. — Riveda fez uma pausa. — Talvez não esteja aprendendo isso pela primeira vez, mas recuperando alguma coisa que já fazia numa vida anterior.

Deoris tornou a levantar os olhos para os seus, demonstrando evidente espanto em sua expressão.

— Como assim?

— Não tenho permissão para falar a esse respeito a uma Filha da Luz — respondeu Riveda, sorrindo. — Mas você saberá de tudo, à medida que ascender no templo. E agora, vamos conversar sobre coisas práticas.

Percebendo que as pernas da moça, mais curtas, não estavam acostumadas a seus passos sempre rápidos, Riveda conduziu-a a um banco ao lado de um dos muitos regatos que corriam pelo terreno do templo.

— Karahama me disse que você deseja a admissão entre os curandeiros, mas há muitos motivos pelos quais eu não gostaria de aceitá-la agora. — Ele observou-a pelo canto dos olhos enquanto falava e sentiu-se vagamente satisfeito com seu desconforto. — Como curandeira, você permaneceria apenas como uma criança no templo, não como Sacerdotisa... Já se iniciou no Caminho da Luz?

As emoções de Deoris haviam oscilado tão depressa nos últimos minutos que a princípio conseguiu apenas sacudir a cabeça, incapaz de falar. Depois, recuperando o controle, explicou: — Rajasta disse que ainda sou muito jovem. Domaris só fez os votos quando tinha dezessete anos. — Eu não a deixaria esperar tanto tempo, mas também é verdade que não há necessidade de pressa... — Fez uma pausa, com o olhar perdido na distância. Acabou se virando de novo para Deoris.

— Vou lhe dar um conselho. Primeiro, procure a Iniciação no grau mais baixo das Sacerdotisas de Caratra. À medida que se tornar mais velha, pode chegar à conclusão de que seu verdadeiro lugar é entre os magos...

Riveda reprimiu a pergunta que Deoris começou a formular com um gesto autoritário e continuou:

— Sei que você não deseja ser uma *saji* e não é isso o que estou sugerindo. Mas, como Sacerdotisa Iniciada de Caratra, pode se elevar no serviço até os níveis mais elevados... ou ingressar no Templo Cinzento. A maioria das mulheres não tem condições de alcançar o grau de Iniciada em nossa Ordem, mas estou convencido de que você possui determinados poderes inatos. — Ele sorriu para a moça e arrematou: — Só espero que os use como deveria. Ela fitou-o com a maior ansiedade.

— Não sei como poderia...

— Mas vai aprender. — Riveda pôs a mão no ombro de Deoris. — Confie em mim.

— Eu confio — murmurou ela, com a súbita certeza de que era a pura verdade.

Com absoluta seriedade, Riveda advertiu-a:

— Seu Micon não confia em mim, Deoris. Talvez eu seja um homem que não mereça confiança.

Deoris baixou os olhos, triste, para as lajes do calçamento.

— Micon... Senhor Micon... foi tratado com a maior crueldade... talvez não confie em mais ninguém...

Ela não era capaz de encarar a idéia de que Micon podia estar certo. Não queria acreditar em qualquer coisa desagradável em relação a Riveda. O Iniciado retirou a mão de seu ombro.

— Pedirei a Karahama para tomá-la sob sua orientação pessoal.

Ele disse isso num tom de dispensa. Deoris, aceitando-a, agradeceu um tanto timidamente e se afastou. Riveda ficou observando-a, de braços cruzados sobre o peito; embora ainda houvesse um vestígio de sorriso irônico nos lábios, seus olhos estavam pensativos. Seria possível que Deoris fosse a mulher que ele visualizara? Ninguém sabia melhor do que Riveda que as memórias irregulares de vidas anteriores às vezes apareciam como pressentimentos do futuro... Se interpretava de maneira correta o caráter daquela moça, ela estava ansiosa... talvez até demais, com um ímpeto exagerado. Será que ela possuía alguma cautela?

Não querendo permitir que os pensamentos derivassem para muito longe da realidade atual, Riveda levantou-se e recomeçou a andar, na direção oposta da que Deoris tomara. Ela ainda era uma criança, e ele deveria esperar, talvez por anos, para se certificar de que não havia qualquer erro... mas já dera o primeiro passo.

O Iniciado Riveda não estava acostumado a esperar pelo que queria — mas, desta vez, era bem possível que a espera valesse a pena!

Onze

Bênçãos e maldições

I

As mãos estavam cruzadas humildemente à frente, os cabelos trançados com simplicidade, enquanto Deoris se postava diante das Sacerdotisas de Caratra.

Escutando com atenção solene as advertências de Karahama, Deoris sentia-se assustada, até mesmo em pânico; seus pensamentos disparavam em contraponto ansioso à palavras da Sacerdotisa. A partir daquele dia e hora, ela não seria mais a "pequena Deoris", mas uma mulher que escolhera a ocupação de sua vida — embora por muitos anos não seria mais do que uma aprendiz de Sacerdotisa.

Mesmo assim isso já lhe conferia as responsabilidades de uma adulta.

Karahama fez sinal para que ela se adiantasse. Deoris estendeu as mãos, como lhe fora instruído.

— Adsartha, filha de Talkannon, chamada Deoris, receba de minhas mãos estes ornamentos, que agora tem o direito de usar. Use-os sabiamente e nunca os profane. É filha da Grande Mãe, filha, irmã e mãe de todas as outras mulheres.

Karahama pôs nas mãos estendidas de Deoris os ornamentos sagrados que a moça deveria usar pelo resto de sua vida.

— Que estas mãos sejam abençoadas para o trabalho da Mãe, que sejam consagradas.

Karahama fechou os dedos de Deoris sobre as pedras rituais, mantendo-os assim por um momento, depois fez o Sinal do gesto protetor.

Deoris não se considerava absolutamente uma pessoa supersticiosa, mas esperava sentir de alguma forma o contato de

algum enorme poder místico fluindo para seu corpo — ou então que as próprias paredes a denunciassem como indigna. Mas não sentiu coisa alguma, apenas a persistência da tensão nervosa e um ligeiro tremor nas pernas por ficar de pé, quase imóvel, durante toda a longa cerimônia — que, obviamente, ainda não acabara. Karahama levantou os braços em outro gesto ritual, anunciando:

— Que a Sacerdotisa Deoris seja investida como convém à sua posição.

Mãe Ysouda, a velha Sacerdotisa que trouxera ao mundo Domaris e Deoris e que cuidara das duas depois da morte da mãe, encarregou-se de conduzi-la; Domaris, no lugar da mãe, acompanhou-as para a antecâmara.

Primeiro, o traje de escriba foi tirado e jogado ao fogo; Deoris ficou nua, tremendo, sobre as pedras. No silêncio prescrito, com a expressão de Mãe Ysouda muito intimidativa para tranquilizar qualquer das duas, Domaris soltou os cabelos abundantes da irmã. A idosa Sacerdotisa cortou-os e jogou os cachos escuros ao fogo. Deoris reprimiu as lágrimas de humilhação, enquanto os observava arder, mas não deixou escapar qualquer som; seria inconcebível chorar durante a cerimônia. Enquanto Mãe Ysouda cumpria os rituais elaborados de purificação e vestia Deoris com os trajes de Sacerdotisa de grau inferior, Domaris observava com olhos brilhantes. Não lamentava que Deoris tivesse escolhido um serviço diferente do seu; todos eram facetas da mesma hierarquia em que haviam nascido, e parecia certo que Deoris optasse pelo serviço da humanidade, em vez de, como sua própria escolha, pela sabedoria esotérica da Luz. Ao contemplar a irmã com o traje simples de noviça, Domaris ficou com os olhos cheios de lágrimas, que logo transbordaram e escorreram pelas faces, em alegria; sentia um orgulho de mãe diante de uma filha crescida, sem o pesar de mãe pela criança estar agora além de seu controle.

Depois que Deoris estava com o traje azul sem mangas, com listras brancas, elas puseram uma faixa azul e ali prenderam uma única pérola — a pedra da Grande Profundez, trazida do ventre da terra em perigo e morte, simbolizando o nascimento. Ao redor do pescoço de Deoris estava pendurado um amuleto de cristal

esculpido, que mais tarde ela aprenderia a usar como um pêndulo hipnótico e um canal psíquico, quando se tornasse necessário, em seu trabalho.

Assim vestida e adornada, foi levada de volta às sacerdotisas reunidas, que haviam rompido o círculo solene e agora se agrupavam em torno da moça para dar-lhe as boas-vindas a sua Ordem, beijando-a e abraçando-a, até mesmo afagando os cabelos cortados. Até Mãe Ysouda, austera e magra, descontraíu-se o bastante para contar reminiscências para a delicada Domaris — que se manteve apartada da aglomeração de mulheres de azul.

— Nem parece que já se passaram quinze anos desde que a coloquei em seus braços pela primeira vez!

— Como eu era? — indagou Deoris, curiosa.

Mãe Ysouda empertigou-se com um ar de extrema distinção.

— Parecia uma macaquinha vermelha. — Ela sorriu para Deoris e Domaris, afetuosamente. — Perdeu sua irmã, Domaris... mas muito em breve porei outra criança em seus braços, não é mesmo?

— Só faltam uns poucos meses — murmurou Domaris, timidamente, enquanto a velha apertava sua mão com evidente afeição.

II

Como os deveres formais de Deoris só começariam no dia seguinte, as irmãs voltaram juntas para a Casa dos Doze. Domaris pôs a mão no cabelo cortado de Deoris, com uma compaixão hesitante, lamentando:

— Ah, seu lindo cabelo... Deoris sacudiu a cabeça e mentiu: — Gosto assim. Agora não preciso passar tanto tempo escovando-o e fazendo tranças... Está muito feio, Domaris?

Domaris percebeu que a boca da irmã tremia e riu, apressando-se em tranquilizá-la: — Não, não, pequena Deoris, ficou adorável. Acho que o estilo lhe fica muito bem... mas faz com que pareça muito jovem. Chedan podia pedir prova de que já é mulher!

— Ele pode dispor dessas provas, como sempre — disse Deoris, em tom de indiferença —, mas não arriscarei minha amizade com Elis por causa daquele bebê crescido.

Domaris riu.

— Você pode conquistar a gratidão eterna de Elis se afastar Chedan por completo!

Seu riso definhou quando um pensamento irritantemente recorrente voltou a perturbá-la: ainda não sabia como Arvath se sentia por ela ter invocado sua liberdade legal. Já houvera momentos desagradáveis, e Domaris previa outros. Vira como Chedan se comportara quando Elis fizera a mesma coisa. Esperava que Arvath se mostrasse mais generoso, mais compreensivo — mas cada vez desconfiava que só com muita boa vontade poderia ter tal esperança.

Contraindo um pouco o rosto, Domaris deu de ombros, num gesto impaciente. Tomara a sua decisão; se acarretasse aborrecimentos, trataria de enfrentá-los quando chegasse o momento. Determinada, ela desviou os pensamentos para preocupações mais imediatas.

— Micon queria falar com você depois da cerimônia, Deoris. Vou tirar estas roupas pesadas que vesti para o ritual e depois me encontrarei com vocês.

Deoris teve um sobressalto. Inexplicavelmente, a perspectiva de se encontrar com Micon sem a presença de Domaris deixava-a perturbada.

— Esperarei você, Domaris.

— Não precisa. Acho que ele quer falar com você a sós.

III

Os servos atlantes de Micon conduziram-na a um aposento que se abria para uma sucessão de jardins em terraços, com árvores em flor, o murmúrio de pequenas cascatas e o som do canto de passarinhos. Eram aposentos espaçosos e frescos, como convinha a alojamentos oferecidos a visitantes de posição e dignidade; Rajasta

não poupara coisa alguma para assegurar todo o conforto ao hóspede.

Delineada contra a janela, a túnica luminosa de Micon proporcionava a seu vulto ereto e emaciado uma aparência quase translúcida, ao sol da tarde. Quando ele virou a cabeça, sorrindo jovialmente, Deoris percebeu um fulgor de cor radiante, como uma aura de luz faiscante em torno de sua cabeça, que em seguida desapareceu, tão depressa que Deoris não pôde deixar de duvidar da evidência dos próprios olhos. O instante de visão clarividente deixou-a um pouco tonta, e ela parou na porta; mas logo se arrependeu pela pausa, porque Micon ouviu-a e avançou com dificuldade em sua direção.

— É você, minha pequena Deoris?

Ao ouvir a voz de Micon, o nervosismo persistente de Deoris se desvaneceu. Ele sorriu.

— Não devo mais chamá-la de *pequena* Deoris, pelo que me disseram. — Micon pôs a mão fina e de veias azuis proeminentes na cabeça de Deoris, retirando-a em surpresa no mesmo instante. — Mas cortaram os seus lindos cabelos! Por quê?

— Não sei — respondeu ela, timidamente. — Acho que é o costume.

Micon sorriu de novo, aturdido.

— E muito estranho... Sempre me perguntei... você é parecida com Domaris? Tem os cabelos de fogo, como os dela?

— Não. Meus cabelos são pretos como a noite. Domaris é linda, e eu nem sou bonita.

Deoris falou sem qualquer subterfúgio, e Micon deu uma risada.

— Mas Domaris diz a mesma coisa a seu respeito... que você é linda e ela, feia! — Ele deu de ombros. — Imagino que irmãs são sempre assim, quando se amam. Mas tenho dificuldade em imaginá-la e sinto que perdi minha pequena escriba... o que de fato aconteceu, já que você estará muito ocupada agora para ficar comigo.

— Oh, Micon, não sabe como lamento isso!

— Não tem importância, criança. Estou contente... não por perdê-la, mas porque encontrou o trabalho que a levará à Luz.

Ela corrigiu-o, hesitante:

— Não serei uma Sacerdotisa da Luz, mas sim da Mãe.

— Mas você é uma Filha da Luz, minha Deoris. Há luz em você, mais do que imagina, pois brilha visivelmente. Já a vi, embora estes olhos sejam cegos. — Micon tornou a sorrir. — Agora, já chega disso. Tenho certeza de que já ouviu exortações vagas demais por um dia! Sei que não pode usar ornamentos enquanto for apenas aprendiz de Sacerdotisa, mas tenho um presente para você...

Ele virou-se e pegou uma pequena estatueta na mesa ao lado: um pequeno gato, esculpido numa única peça de jade verde, acorocado, com os olhos de topázio cintilando comicadamente para Deoris. No pescoço havia um colar de pedras verdes, lapidadas e polidas com perfeição.

— O gato lhe trará sorte, Deoris. Quando for a Sacerdotisa Adsartha e não mais houver a proibição de usar ornamentos... — Micon soltou o colar de pedras preciosas. — Mestre Gato lhe emprestará este colar para uma pulseira, se seu pulso continuar tão delicado quanto agora.

Pegando a mão esguia de Deoris, ele colocou-lhe o círculo de pedras no pulso, mas retirou-o um momento depois, rindo.

— Mas não devo tentá-la a violar o seu juramento — acrescentou Micon, tornando a prender o ornamento no pescoço do gato.

— É uma beleza, Micon! — exclamou Deoris, encantada.

— Sendo assim, só podia pertencer a você, pequena... minha amada irmãzinha... — Ele ficou em silêncio por um momento e depois acrescentou: — Até Domaris chegar, vamos passear pelo jardim.

O gramado estava ensombreado e fresco, embora as folhagens de verão estivessem ressequidas e amareladas. A árvore frondosa sob a qual haviam sentado tantas vezes, durante o verão, também estava ressequida, com cachos de bagas duras pelos galhos, filtrando um pouco os raios ardentes do sol.

Caminharam até ela, e Deoris se acomodou na relva, encostando a cabeça de leve nos joelhos de Micon, que estava sentado no banco, e fitando-o. O rosto bronzeado estava agora mais fino... mais contraído pela dor.

— Deoris — murmurou ele, com o estranho sorriso surgindo e sumindo de seu rosto como os relâmpagos de verão —, sua irmã sente muito a sua falta.

O tom não era de censura, mas Deoris sentiu que suas faces se avermelhavam de culpa.

— Domaris não precisa de mim, agora.

O contato da mão de Micon em seus cabelos cortados foi de imensa ternura.

— Está enganada, Deoris. Ela precisa de você agora mais do que nunca... Precisa de compreensão e... de seu amor. Eu não me intrometeria no que só diz respeito a vocês... — Ele sentiu seu frêmito de ciúme sob a sua mão. — Não, Deoris, espere um pouco. Quero lhe dizer uma coisa.

Micon mudou de posição, inquieto, como se preferisse falar de pé; mas uma estranha expressão estampou-se em seu rosto, e ele permaneceu sentado.

— Preste toda a atenção, Deoris. Não viverei por muito mais tempo.

— Não diga isso!

— Tenho de dizer, irmãzinha. — Um tom de pesar impregnava a voz ressonante do atlante. — Viverei... talvez... até meu filho nascer. Mas quero ter a certeza de que... depois... Domaris não estará sozinha. — As mãos mutiladas, cobertas de cicatrizes, mas nem por isso menos suaves e gentis, tocaram os olhos úmidos de Deoris. — Não chore, querida... eu a amo profundamente, pequena Deoris, sinto que posso confiar Domaris a seus cuidados.

Deoris não era capaz de falar ou se mexer, limitando-se a fitar os olhos cegos de Micon, que pareciam hipnotizados. Com uma ênfase assustadora, o atlante continuou: — Não estou tão apaixonado pela vida que não suporte perdê-la! — Depois, como se consciente de que a assustara, a terrível expressão de escárnio se desvaneceu de seu rosto. — Prometa, Deoris.

Micon tocou nos lábios e peito de Deoris num estranho gesto simbólico, que ela não compreenderia por muitos anos.

— Prometo — sussurrou Deoris, chorando.

O atlante fechou os olhos cegos e inclinou-se para trás, contra o tronco da enorme árvore. Falar em Domaris enfraquecera o controle rigoroso a que devia a vida, e era bastante humano para se sentir apavorado. Deoris percebeu a sombra que insinuou em seu rosto e levantou-se de um pulo, gritando: — Micon!

Assustada, Deoris inclinou-se para ele. Micon levantou a cabeça; o suor afluía em sua testa, ele balbuciou algumas palavras que Deoris não podia entender.

— Micon, não compreendi...

— Está chegando de novo! Senti na Noite do Nadir, projetando-se à minha procura... alguma força do mal... — Ele apoiou-se no ombro de Deoris, pesado, inerte, respirando com dificuldade. — *Não quero!*

Era como se respondesse a alguma presença invisível... e as palavras saíram ásperas, enrouquecidas, muito parecidas com seu tom habitual, mesmo naquele momento extremo.

Enquanto o puxava para seus braços, incapaz de pensar em qualquer outra coisa para fazer, Deoris descobriu-se subitamente a sustentar todo o peso de Micon. Ele resvalou, quase insensível, mas apegando-se à consciência com o que pareciam ser as suas últimas forças.

— Micon! O que devo fazer?

Ele tentou falar de novo, mas perdera o domínio da língua de Deoris e só pôde murmurar frases entrecortadas na língua dos atlantes. Deoris sentia-se muito jovem e aterrorizada: tinha algum treinamento, é claro, mas nada a preparara para aquilo... e a sabedoria do amor não existia em seus braços; a própria força do seu abraço angustiado era cruel para o corpo devastado pela dor de Micon.

Gemendo, ele desvencilhou-se ou pelo menos tentou; balançando, teria caído, se a moça não o amparasse. Tentou sustentá-lo mais gentilmente, mas os dedos gelados do pânico lhe apertavam a garganta; Micon dava a impressão de que estava morrendo, e ela não se atrevia a deixá-lo para pedir ajuda!

O sentimento de desamparo só serviu para aumentar seu terror.

Ela soltou um grito quando uma sombra se projetou sobre os dois, e outros braços retiraram o peso de Micon, abruptamente, de seus

frágeis ombros.

— Senhor Micon — disse Riveda, em tom firme —, como posso ajudá-lo?

Micon limitou-se a suspirar e ficou inerte nos braços do Túnica Cinzenta. Riveda olhou para Deoris, com severidade, avaliando-a friamente, como se quisesse se certificar de que a moça não estava prestes a desfalecer.

— Santo Deus — murmurou o Iniciado —, ele está assim há muito tempo?

Riveda não esperou por uma resposta. Levantou-se facilmente, sustentando o corpo inerte do cego sem qualquer esforço aparente.

— É melhor eu levá-lo para seus aposentos. Deuses misericordiosos, o homem não pesa mais do que você! Venha comigo, Deoris. Ele pode precisar de sua ajuda.

— Está bem — balbuciou Deoris. O rubor do embaraço causado pelo terror estava se desvanecendo. — Mostrarei o caminho.

Ela partiu apressada à frente de Riveda. Por trás dele, o noviço do Túnica Cinzenta procurava seu mestre, de olhos vazios e opacos. Um lampejo de vida brilhou neles por um instante, quando se fixaram em Micon. Movimentando-se silenciosamente, no encalço de Riveda, o rosto do noviço era um vazio perturbado, como uma lousa limpa de maneira imperfeita, com uma esponja meio úmida.

Ao entrarem nos aposentos de Micon, um dos servos do atlante gritou e correu para ajudar Riveda a deitar o homem inconsciente em sua cama. O Iniciado deu diversas ordens em voz baixa, depois empenhou-se em aplicar o tratamento restaurador.

Calada e apavorada, Deoris ficou parada ao pé da cama. Riveda esquecera sua existência; toda a sua atenção se concentrava no homem de quem cuidava. O noviço aproximou-se como um fantasma, em pés mais silenciosos que os de um gato, e parou na porta, indeciso.

O cego remexeu-se na cama, gemeu em delírio, murmurou alguma coisa na língua dos atlantes; e depois, abruptamente, em voz baixa, mas muito clara, ele disse: — Não tenha medo. Eles podem apenas nos matar, e seria melhor morrer do que se submeter...

Ele soltou outro gemido de agonia, e Deoris, desesperada, apertou com toda a força a armação alta da cama.

Os olhos do noviço encontraram Micon e se arregalaram perceptivelmente. Ele deixou escapar um som estranho, meio ofegante.

— Cale-se ou saia! — resmungou Riveda.

Sob as mãos do Túnica Cinzenta a contê-lo gentilmente, Micon se mexeu: primeiro, uma pequena agitação, como se recuperasse os sentidos... depois se contorceu, sacudindo a cabeça para trás num arranco convulsivo. Todo o seu corpo se arqueou em horror, e as mãos mutiladas fizeram movimentos terríveis para agarrar alguma coisa; e de repente Micon gritou, um grito alto e estridente, de desespero agoniado.

— *Reio-ta! Reio-ta! Onde está você? Onde está você?* Eles me cegaram!

O noviço estremeceu, como se atingido por um relâmpago, incapaz de sair do lugar. E gritou: — Micon!

Suas mãos se ergueram, cerradas, ele deu um passo para a frente... e depois o impulso se desvaneceu, a centelha se extinguiu. O noviço baixou as mãos, descerrando-as.

Riveda, que levantara a cabeça ao ouvir o grito, constatou que o rosto do noviço estava outra vez dominado pela loucura. Sacudindo a cabeça, o Iniciado voltou a se concentrar em sua tarefa. Micon tornou a se mexer, mas desta vez com menos violência. Depois de um momento, balbuciou: — Rajasta...

— Ele virá. — Riveda falara com uma gentileza inusitada, e então virou-se para o servo atlante, que fitava o noviço com olhos arregalados e incrédulos. — Procure o Guardiã, seu idiota! Não quero saber como vai encontrá-lo, *mas traga-o até aqui!*

As palavras não davam margem a contestação ou hesitação; o servo saiu correndo, depois de lançar um último e furtivo olhar para o noviço.

Deoris, que permanecera imóvel e rígida durante todo o tempo, cambaleou de repente, segurando-se com as mãos dormentes na armação da cama; teria caído, se o noviço não se adiantasse depressa e a amparasse, passando o braço por sua cintura. Era a

primeira ação racional que alguém já o vira fazer. Riveda disfarçou sua surpresa com aspereza: — Você está bem, Deoris? Se está se sentindo fraca, é melhor sentar. Não tenho tempo para cuidar de você também.

— Claro que estou bem!

Ela se desvencilhou do noviço com uma repulsa evidente. Como ele se atrevia a tocá-la? Micon murmurou:

— Minha pequena Deoris...

— Estou aqui — ela murmurou. — Quer que eu chame Domaris?

Ele acenou com a cabeça, de maneira quase imperceptível. Deoris apressou-se em sair, antes que Riveda pudesse fazer qualquer movimento para impedi-la. Domaris tinha de ser alertada, não podia chegar inesperadamente e encontrar Micon naquele estado. Na cama, Micon deixou escapar um suspiro irrequieto.

— É você... Riveda? Quem mais está aqui?

— Ninguém, Senhor de Ahtarrath — respondeu Riveda, mentindo compassivamente. — Procure descansar.

— Não há mais ninguém? — A voz do atlante era fraca, mas surpresa. — Eu... não acredito.

Senti... — Deoris estava aqui e seu servo também. Mas já saíram. Acho que sua mente divagava, Príncipe Micon.

Micon murmurou alguma coisa incompreensível, depois a voz cansada definhou, e as linhas de dor em torno de sua boca reapareceram, como se gravadas ali por palavras que não podia pronunciar.

Tendo feito tudo o que podia, Riveda acomodou-se para observar... olhando de vez em quando para o noviço de rosto impassível.

Não demorou muito para que o farfalhar de túnicas rompesse o quase silêncio. Rajasta praticamente empurrou Riveda para o lado, ao se inclinar sobre Micon. Seu rosto tinha uma expressão que ninguém mais viu. Espanto e indagação misturavam-se em sua voz quando disse o nome do Iniciado.

— Eu gostaria de poder fazer mais — respondeu Riveda, com uma ênfase solene —, mas nenhum homem vivo é capaz disso.

Levantando-se, o Túnica Cinzenta acrescentou:

— Em seu atual estado, ele parece não confiar em mim. — Riveda olhou para Micon, pesaroso.

— Mas a qualquer momento, de dia ou de noite, estou a seu serviço... e ao dele.

Rajasta virou o rosto, curioso, mas já se encontrava sozinho com Micon. Expulsando todos os outros pensamentos da mente, o Sacerdote da Luz ajoelhou-se ao lado da cama. Pegou os pulsos finos de Micon com todo o cuidado, transmitindo gentilmente suas energias fortalecedoras para o espírito abatido do atlante meio adormecido... Ouvindo passos, Rajasta emergiu de sua meditação. Fez um gesto para que Domaris se adiantasse e tomasse o seu lugar. Enquanto Rajasta levantava uma das mãos, no entanto, Micon tornou a se mexer, sussurrando, com grande esforço: — Havia... mais alguém... aqui?

— Apenas Riveda e um idiota a quem ele chama de seu noviço — respondeu Rajasta, surpreso.

— Descanse, meu irmão... Domaris está aqui.

A resposta de Rajasta à sua pergunta, Micon contraíra o rosto... mas à menção do nome de Domaris, todos os outros pensamentos se desvaneceram.

— Domaris! — suspirou. Sua mão procurou a dela, e suas feições tensas se relaxaram.

Mas Rajasta registrara a expressão anterior, e adivinhou no mesmo instante o seu significado. As narinas do Sacerdote da Luz tremeram em desdém. Havia algo muito errado no noviço de Riveda, e Rajasta decidiu descobrir o que era, na primeira oportunidade.

IV

Micon acabou adormecendo, e Domaris resvalou para o chão, ao lado da cama, numa imobilidade atenta. Rajasta inclinou-se e levantou-a. Levou-a até alguma distância onde as palavras sussurradas não incomodariam o homem adormecido.

— Deve ir agora, Domaris, minha filha. Ele nunca me perdoaria se eu a deixasse consumir suas forças.

— Mas... vai me chamar se ele despertar?

— Nem mesmo isso posso prometer. — Ele fitou-a nos olhos e percebeu sua exaustão. — Pelo bem do filho de Micon, Domaris, vá descansar.

A moça se retirou, obediente; estava ficando tarde, e a lua já se levantara, prateando a folhagem ressequida e envolvendo as fontes com uma bruma luminosa. Domaris andava devagar, com extremo cuidado, pois seu corpo estava agora pesado e sentia um pouco de dor de vez em quando.

Abruptamente, um vulto pálido surgiu no caminho. A moça deixou escapar um suspiro assustado, quando Riveda lhe barrou a passagem. Depois, soltou um suspiro aliviado, enquanto o Iniciado dava um passo para o lado, a fim de deixá-la passar. Ela inclinou a cabeça cortesmente em sua direção, mas o homem não respondeu; seus olhos, frios como o brilho gelado das luzes do norte, esquadriharam-na em silêncio. Depois, como numa repentina compulsão, ele descobriu a cabeça e inclinou-se diante de Domaris, num gesto antigo de reverência.

Domaris sentiu a cor se esvaír de seu rosto e o coração bater muito alto contra as costelas. O

Túnica Cinzenta tornou a inclinar a cabeça — desta vez numa cortesia mais informal — e puxou a túnica comprida, a fim de que ela pudesse passar mais facilmente. Como Domaris permanecesse parada no meio do caminho, pálida e abalada, a insinuação de um sorriso surgiu no rosto de Riveda, que passou por ela e se afastou.

Era evidente para Domaris que a reverência do Iniciado se dirigira não a ela pessoalmente ou à sua túnica de Iniciada, mas sim à sua maternidade. Contudo, isso levantava mais indagações do que respondia. O que impelira Riveda a lhe conceder aquela saudação tão honrosa e sagrada? Ocorreu a Domaris que teria ficado menos assustada se o Túnica Cinzenta a agredisse.

Sempre devagar, pensativa, ela seguiu em frente. Sabia muito pouco sobre o Templo Cinzento, mas já ouvira dizer que seus magos cultuavam as manifestações mais óbvias da força vital. Talvez, parada assim ao luar, ela parecesse com uma de suas estátuas obscenamente fecundas! Mas que pensamento horrível! Isso levou-a

a rir de forma incontrolável, num princípio de histeria. Deoris, atravessando o corredor externo da Casa dos Doze, ouviu a risada tensa e antinatural da irmã e avançou apressada em sua direção, dominada por um medo súbito.

— Domaris! O que aconteceu? Por que está rindo assim? Domaris piscou, sufocando o riso abruptamente.

— Não sei...

Deoris ficou angustiada.

— Micon... ?

— Está melhor. Dormindo. Rajasta não quis que eu ficasse.

Domaris sentia-se cansada e deprimida, ansiando por uma companhia confortante. Mas Deoris já se afastava. Hesitante, Domaris murmurou:

— Criança...

A moça virou-se e fitou-a, indagando com alguma impaciência: — O que é? Deseja alguma coisa? Domaris sacudiu a cabeça.

— Não, gatinha, não quero nada. Boa noite.

Ela inclinou-se para a frente e beijou o rosto da irmã, depois ficou observando enquanto Deoris se afastava. Deoris estava crescendo muito depressa naquelas últimas semanas... e era natural, pensou Domaris, que se apartasse da irmã. Ainda assim, ela contraiu um pouco o rosto, estranhando a situação, enquanto Deoris desaparecia à distância.

Quando Deoris anunciara sua decisão de procurar a Iniciação no Templo de Caratra, também recebera — como convinha a uma jovem de sua idade — seus próprios aposentos. Como ainda se encontrava, tecnicamente, sob a tutela de Domaris, os aposentos eram ali mesmo, na Casa dos Doze, perto dos que a irmã ocupava, mas não adjacentes. Domaris aceitava como um fato natural que todos os acólitos se misturassem espontaneamente, sem os rigores impostos no mundo exterior; havia um excelente motivo para essa liberdade e no fundo não era tão importante assim. Não se podia manter coisa alguma em segredo entre os acólitos, e todos sabiam que Chedan dormia às vezes nos aposentos de Deoris. Domaris sabia como isso pouco significava; desde os treze anos de idade passara muitas noites com Arvath ou algum outro rapaz ao seu lado,

inocentemente. Era um comportamento aceitável, e Domaris odiou-se pela maldade de sua suspeita. Afinal, Deoris estava agora com quinze anos... e se os dois eram de fato amantes, isso também era permitido. Elis era ainda mais jovem quando sua filha nasceu.

Como se suas mentes seguissem por caminhos similares, a própria Elis subitamente juntou-se a Domaris no corredor.

— Deoris está zangada comigo? — perguntou Elis. — Passou por mim sem dizer nada, um momento atrás.

Domaris, descartando suas preocupações, deu uma risada.

— Não... mas ela está levando muito a sério o processo de crescimento! Tenho certeza de que esta noite ela se sente mais velha do que a própria Mãe Lydara!

Elis riu também.

— Eu tinha esquecido que sua cerimônia tinha sido hoje. Agora, ela é uma mulher e uma postulante ao Templo de Caratra; talvez Chedan... — A expressão no rosto da prima, Elis se controlou e acrescentou: — Não fique assim, Domaris. Chedan não lhe fará qualquer mal, mesmo que... ora, você e eu não temos o direito de criticar.

O rosto de Domaris, em seu halo de cabelos avermelhados, estava pálido e tenso.

— Você sempre a mimou demais, Domaris. Ela já está bem crescida agora, e... nós duas escolhemos pessoalmente. Por que lhe negar esse privilégio?

Domaris levantou o rosto, com um sorriso desolado.

— Você compreende tudo, não é mesmo?

Não era uma pergunta. Bruscamente, para esconder seus sentimentos (não era com frequência que Elis demonstrava suas emoções), ela pegou Domaris pelo braço e arrastou-a para seu quarto.

Conduziu a prima até um divã e sentou ao seu lado.

— Não precisa me dizer nada. Sei de tudo o que está vivendo. Isso mesmo, Domaris, sei de tudo.

É preciso ter muita coragem, ser uma pessoa completa.

Domaris acenou com a cabeça. Elis compreendia mesmo.

Por lei, uma mulher tinha aquele direito; nos tempos antigos, era raro uma mulher casar antes de provar sua feminilidade gerando um filho do homem que escolhia. Pouco a pouco, o costume caíra em desuso; poucas mulheres ainda invocavam o privilégio antigo, por detestarem o inevitável acompanhamento de rumores e especulações.

— Arvath já sabe? — indagou Elis.

Domaris estremeceu, inesperadamente.

— Não sei... ele nada disse a esse respeito... mas já deve saber.

— Domaris fez uma pausa, antes de acrescentar, com um sorriso nervoso: — Ele não é estúpido.

Arvath mantivera um silêncio total e impassível nas últimas semanas, sempre que estava na presença de sua prometida esposa. Apareciam juntos quando o costume assim o exigia ou quando seus deveres no templo os punham em contato; afora isso, Arvath se mantinha à distância.

— Mas ainda não lhe contei expressamente... Oh, Elis! Num gesto raro de afeição, a jovem morena pôs a mão sobre a de Domaris

— Eu... sinto muito — ela murmurou, timidamente. — Ele pode ser cruel, Domaris... perdoe-me por perguntar, mas a criança é de Arvath?

Em silêncio, mas indignada, Domaris sacudiu a cabeça. Era proibido. Uma mulher podia ter um amante, mas se ela e o marido prometido possuíam um ao outro antes do casamento, isso era considerado uma desgraça; tal precipitação era causa suficiente para que ambos fossem excluídos do grupo de acólitos. O rosto atraente de Elis exibia agora alívio, embora ainda restasse um resquício de preocupação.

— Sei que não é verdade, mas tenho ouvido comentários nos pátios... perdoe-me, Domaris, sei quanto você detesta rumores assim, mas... mas estão pensando que a criança é de Rajasta!

Domaris abriu a boca e mexeu-a por um momento, sem emitir qualquer som, antes de cobrir o rosto com as mãos e se balançar de um lado para o outro, em desespero.

— Oh, Elis, como podem dizer isso?

Então era esse o motivo para os olhares frios e os sussurros pelas costas! Mas é claro! Seria uma vergonha insuportável e inadmissível; entre todos os relacionamentos proibidos no templo, o incesto espiritual com o próprio Iniciador era o mais inconcebível. O vínculo do Sacerdote com a discípula era determinado, tão imutável quanto os cursos das estrelas.

— Como podem pensar uma coisa assim? — soluçou Domaris, desolada. — O nome de meu filho e o nome de seu pai foram comunicados aos Cinco Investidos, reconhecidos por todo o templo!

Elis ficou vermelha, envergonhada pelo rumo que a conversa assumira.

— Sei disso. Mas... aquele que reconhece uma criança nem sempre é o verdadeiro pai... Chedan reconheceu minha Lissa, embora não tivéssemos deitado juntos uma só vez. Ouvei dizer... que Rajasta...

só não foi expulso do templo... por tê-la seduzido... porque era um Guardiã...

Os soluços de Domaris tornaram-se histéricos. Elis ficou assustada.

— Não deve chorar assim, Domaris. Vai ficar doente e fazer mal a seu filho.

Domaris fez um esforço para se controlar e conseguiu murmurar, angustiada: — Como podem ser tão cruéis?

— Eu... eu... — As mãos de Elis se retorciam nervosamente, inquietas como passarinhos engaiolados. — Eu não deveria ter lhe contado. Não passa de um boato nojento e...

— Não! Se há mais, quero que me diga! É melhor eu tomar conhecimento por seu intermédio. — Domaris removeu as lágrimas dos olhos. — Sei que você me ama, Elis. Prefiro saber tudo por você.

Demorou um pouco, mas Elis acabou revelando tudo.

— Foi Arvath quem disse isso... que Micon era amigo de Rajasta e assumiria o fardo... que era uma fraude tão evidente que recendia a podridão. Disse que Micon não passava de um destroço de homem e... não podia ser o pai de seu filho...

Ela parou de falar, pois o rosto de Domaris estava completamente branco, até os lábios, exceto por duas manchas de um vermelho

febril que pintavam as faces.

— Quero vê-lo dizer isso na minha cara — murmurou Domaris, com a voz baixa e terrível. — Quero que ele diga isso honestamente na minha frente, como o covarde repulsivo que é, se pode pensar em tamanha podridão! Entre todas as coisas mais nojentas e repugnantes...

Ela se conteve, mas tremia de maneira incontrolável.

— Domaris, Domaris, tenho certeza de que ele não falou a sério — protestou Elis, assustada.

Domaris inclinou a cabeça, sentindo a raiva se dissipar e outra coisa tomar o seu lugar. Conhecia o ciúme súbito e intenso de Arvath... e ele fora mesmo provocado. Tornou a esconder o rosto nas mãos, sentindo-se maculada por tantas línguas a falarem a seu respeito, como se estivesse nua e coberta de esterco. Mal conseguia respirar, sob o peso da vergonha. O que ela... descobrira com Micon era sagrado! E aquilo era a profanação, a desgraça!

Elis contemplava-a com uma compaixão impotente e angustiada.

— Errei ao lhe contar, Domaris. Sabia que não deveria fazê-lo.

— Nada disso, fez o que era certo. — Lentamente, Domaris começou a recuperar o autocontrole. — Está vendo? Não deixarei que me perturbe.

Contaria tudo a Rajasta, é claro; ele poderia ajudá-la a suportar, ajudá-la a aprender a viver com aquele pensamento vergonhoso... mas nenhuma palavra a respeito daquilo deveria jamais alcançar os ouvidos de Micon. Com os olhos secos, ela fitou Elis atentamente e murmurou: — Mas avise Arvath para manter a língua dentro da boca; a penalidade por calúnia não é leve.

— Já o adverti. — Elis desviou os olhos de Domaris, mordendo o lábio. — Mas... se ele é tão cruel... ou se fizer uma cena que a embarça... faça-lhe uma pergunta.

Ela fez uma pausa, respirando fundo, como se tivesse medo do que estava prestes a dizer.

— Pergunte a Arvath por que me deixou sozinha para me pôr à mercê de Chedan... para enfrentar sozinha os Cinco Investidos... a fim de que a minha Lissa não nascesse uma bastarda.

Num silêncio atônito, Domaris pegou lentamente a mão de Elis e apertou-a. Então Arvath era o pai de Lissa! Isso explicava muitas coisas; seu ciúme insano estava enraizado na culpa. Somente o fato de que todos sabiam com certeza que Chedan não era o verdadeiro pai da criança de Elis lhe permitira reconhecer honrosamente a paternidade... e mesmo assim não devia ter sido uma decisão fácil.
E

Arvath permitira que isso acontecesse!

— Elis, eu nunca imaginei! Elis sorriu, contrafeita: — Cuidei de que você não soubesse.

— Devia ter me contado — murmurou Domaris, consternada. — Talvez eu pudesse...

Elis levantou-se e começou a andar de um lado para outro do aposento, irrequieta.

— Não, você não poderia fazer nada. E não havia necessidade de envolvê-la. Para ser franca, estou quase arrependida de ter lhe contado. Afinal, você terá um dia de casar com... com o imbecil indigno!

Havia ira e pesar nos olhos de Elis, e Domaris não disse mais nada. Elis lhe fizera uma confiança, oferecera uma arma poderosa com que Domaris poderia um dia proteger seu filho contra o ciúme de Arvath... mas isso não dava a Domaris o direito de bisbilhotar.

Mesmo assim, ela não pôde deixar de desejar ter sabido antes. Em determinada ocasião, tivera bastante influência sobre Arvath para persuadi-lo a assumir sua responsabilidade. Elis se humilhara para dar uma casta à filha... e Chedan não ficara muito satisfeito com a situação, pois o risco de ambos fora enorme.

Domaris se conhecia bastante bem para saber que só numa situação crítica seria capaz de usar aquela arma tão poderosa contra a maldade de Arvath. Mas a nova compreensão da covardia latente de Arvath a ajudava a recuperar a perspectiva apropriada.

Conversaram sobre outras coisas, até que Elis bateu palmas de leve e Simila trouxe Lissa. A menina já passara dos dois anos e começava a falar; mais do que isso, Lissa falou sem parar, até que a mãe a sacudiu um pouco, exasperada.

— Cale-se, madame língua solta! — Para Domaris, Elis acrescentou: — Como ela é chata!

Mas Domaris não se deixou enganar, notando a ternura com que Elis tratava a filha. Um pensamento insinuante veio perturbá-la: Elis ainda amaria Arvath? Depois de tudo o que acontecera, parecia extremamente improvável — mas havia, além de qualquer negativa imaginável, um vínculo indissolúvel entre os dois... e sempre haveria. Sorrindo, Domaris estendeu os braços para Lissa.

— Ela cresce mais e mais, a cada dia que passa, Elis — murmurou Domaris, pegando a menina irrequieta e risonha e comprimindo-a contra o peito.

— Espero que ela seja uma boa mulher — comentou Elis, meio falando para si mesma.

— Ela não poderia ser mais compreensiva — disse Domaris, soltando a pesada criança e sorrindo, cansada.

Recostando-se, com um gesto agora familiar, Domaris comprimiu uma das mãos contra o ventre.

— Ah, Domaris! — Com um excesso de ternura, Elis tornou a pegar Lissa. — Agora você sabe!

E Domaris inclinou a cabeça diante do alvorecer do conhecimento.

V

Durante a madrugada silenciosa, Rajasta continuou sentado ao lado de Micon, poucas vezes deixando seu lugar por mais que uns poucos minutos. O atlante teve um sono irrequieto, remexendo-se e murmurando em sua língua natal, como se as aflições que o sono podia atenuar fossem substituídas por outras, mais profundas e menos suscetíveis de tratamento, um resíduo da angústia que corroera a fundo o espírito torturado de Micon, aumentando a cada momento que passava. A claridade que antecedia o amanhecer insinuava-se pelo céu quando Micon se mexeu ligeiramente e murmurou, com voz baixa e rouca:

— Rajasta...

O Sacerdote da Luz inclinou-se para ele.

— Estou aqui, meu irmão.

Micon fez um esforço para soerguer-se, mas não foi capaz de reunir a força necessária.

— Que horas são?

— Falta pouco para o amanhecer. Fique quieto, meu irmão. Descanse o máximo que puder.

— Preciso falar... — A voz de Micon, apesar de rouca e débil, tinha uma determinação que Rajasta reconheceu e que não admitia qualquer contestação. — Como você me ama, Rajasta, não me impeça. Quero que me traga Deoris.

— *Deoris?* — Por um momento, Rajasta especulou se o amigo não perdera o juízo. — A esta hora? Para quê?

— Porque estou pedindo!

A voz de Micon era categórica. Olhando para sua boca obstinada, Rajasta não sentiu o menor desejo de questioná-lo. Depois de persuadir Micon a se deitar e conservar as forças, ele foi cumprir a missão.

Deoris veio em sua companhia depois de alguma demora, aturdida e incrédula, vestida às pressas; mas as primeiras palavras de Micon acabaram com sua confusão sonolenta, pois ele fez um gesto para que Deoris se aproximasse e disse, sem qualquer preliminar: — Preciso de sua ajuda, irmãzinha. Fará uma coisa por mim? Sem hesitar, Deoris respondeu prontamente:

— Qualquer coisa que pedir.

Micon conseguira se soerguer um pouco, apoiado num cotovelo. Virou o rosto para ela com a expressão que lhe dava a impressão de vista aguçada. Seu rosto parecia remoto e firme quando perguntou:

— Você é virgem?

Rajasta teve um sobressalto e interveio:

— Micon...

— Há mais aqui do que você imagina! — disse Micon, com uma veemência inesperada. — Perdoe-me se eu o choco, *mas preciso saber*. E pode estar certo de que tenho bons motivos.

Diante da veemência insólita do atlante, Rajasta recuou. Deoris, por sua vez, não poderia ficar mais surpresa se todos no aposento

se transformassem em estátuas de mármore ou removessem a cabeça para usá-la como bola num jogo.

— Sou, sim — respondeu ela, com inibição e curiosidade mescladas na voz.

— Que os deuses sejam louvados! — Erguendo-se mais um pouco na cama, Micon acrescentou: — Rajasta, vá até minha arca de viagem. Encontrará lá um saco de seda vermelha e uma tigela de prata.

Encha a tigela com água pura de uma fonte. Não derrame uma gota sequer na terra e trate de voltar antes de o sol tocá-lo.

Rajasta fitou-o muito tenso, por um momento, surpreso e bastante insatisfeito, pois adivinhava a intenção de Micon; mas foi até a arca, pegou a tigela e se retirou, com os lábios contraídos em desaprovação; "por ninguém mais eu faria tal coisa!", ele disse a si mesmo.

Eles aguardaram a volta do Sacerdote da Luz em silêncio quase total. Deoris pressionou-o a princípio para que revelasse suas intenções, mas Micon limitou-se a dizer que ela saberia em breve; se não confiava nele, não tinha condições de fazer como lhe pedia.

Rajasta finalmente voltou, e Micon orientou-o, em voz baixa: — Coloque-a aqui, nesta mesinha... muito bem. Agora, pegue na arca uma fivela de couro trançado e entregue a Deoris... Deoris, tire-a da mão de Rajasta, mas não toque em seus dedos!

Depois que isso foi feito e que lhe entregaram o saco de seda vermelha, o atlante continuou: — Agora, Deoris, ajoelhe-se ao meu lado. Rajasta, afaste-se de nós... *nem mesmo sua sombra pode tocar em Deoris!*

Os dedos mutilados de Micon estavam trêmulos ao desfazer o nó, para abrir o saco de seda vermelha. Houve uma breve pausa e depois, mantendo as mãos de maneira a que Rajasta não pudesse ver o que continha, ele murmurou:

— Deoris... veja o que tenho nas mãos.

Observando com intensa desaprovação, Rajasta percebeu apenas um clarão momentâneo, mas quase ofuscante, de alguma coisa brilhante e de muitas cores. Deoris permaneceu imóvel, não mais se remexendo irrequieta, com as mãos na fivela de couro... um objeto

tosco, obviamente o trabalho de um amador. Gentilmente, Micon acrescentou:

— Olhe para a água, Deoris...

O silêncio no aposento era total. A túnica azul-clara de Deoris foi agitada por uma brisa súbita.

Rajasta continuava a reprimir uma raiva inusitada; detestava e desconfiava daquela magia... tais jogos raramente eram permitidos quando praticados pelos Túnicas Cinzentas, mas era um absurdo que um Sacerdote da Luz se metesse com tais manipulações! Sabia que não tinha o direito de impedir; por mais que amasse Micon, naquele momento, no entanto, se o atlante fosse um homem saudável, Rajasta poderia tê-lo agredido e se retirado com Deoris. Mas o código severo dos guardiães não permitia tal interferência; limitou-se a contrair os ombros e assumir uma expressão intimidativa... que, é claro, não teve qualquer efeito sobre o atlante.

— Deoris — murmurou Micon —, o que você vê? A voz da moça soou infantil, sem qualquer inflexão:

— Vejo um rapaz, moreno e ágil... de pele escura, cabelos escuros, numa túnica vermelha...

descalço... os olhos são cinzentos... não, são amarelos. Está tecendo alguma coisa com as mãos... é a fivela que seguro.

— Muito bem, você tem a Visão, Deoris. Posso reconhecê-la. Agora, largue a fivela e torne a olhar para a água... *onde ele está agora, Deoris?*

Houve um silêncio prolongado, durante o qual Rajasta rangeu os dentes e contou devagar, para si mesmo, a passagem dos segundos, mantendo-se calado pela força da vontade.

Deoris permaneceu imóvel, olhando para a tigela com água prateada, surpresa e um pouco assustada. Esperava alguma espécie de vazio mágico, de branco espectral; em vez disso, Micon falava em tom normal e ela... ela estava vendo imagens. Eram como devaneios; seria aquilo que Micon estava querendo? Indecisa, ela hesitou, e Micon disse, com alguma impaciência: — Diga logo o que vê!

— Vejo um pequeno aposento, com paredes de pedra... uma cela... não, apenas um pequeno aposento cinzento, com o chão de

pedra. Ele está deitado num catre, dormindo...

— Onde ele se encontra? *Está acorrentado?*

Deoris fez um movimento sobressaltado. As imagens se dissolveram, pareciam escorrer diante de seus olhos. Até que havia apenas a água ondulante na tigela. Micon respirava com dificuldade e teve de fazer um grande esforço para controlar sua impaciência.

— Por favor, Deoris, olhe bem e me diga onde ele está neste momento.

— Ele não está acorrentado. Apenas dorme. E agora... está se virando. Seu rosto... ei! — O grito de Deoris soou meio estrangulado. — O noviço de Riveda! O louco, o apóstata... oh, mande-o embora, mande-o...

Ela parou de falar abruptamente; parecia congelada, seu rosto era uma máscara de horror. Micon desfaleceu na cama, tentando se soerguer outra vez.

Rajasta não podia mais se manter alheio à cena. Sua emoção acumulada explodiu subitamente, com violência; adiantou-se, arrancou a tigela das mãos de Deoris e jogou o conteúdo pela janela, depois arremessou a tigela para um canto do aposento, onde caiu com um estridente som musical. Deoris escorregou para o chão, chorando silenciosamente, mas em grandes espasmos convulsivos, que sacudiam todo o seu corpo. Rajasta, inclinando-se para ela, disse bruscamente: — Pare com isso!

— Calma, Rajasta, calma — murmurou Micon. — Ela vai precisar...

— Sei muito bem do que ela vai precisar!

Rajasta empertigou-se, olhou para Micon e concluiu que a necessidade de Deoris era mais imperativa. Levantou a moça, mas ela pendeu em seu braço. Numa fúria sombria, Rajasta fez sinal para seu escravo e ordenou:

— Vá chamar o Sacerdote Cadamiri imediatamente!

Não demorou mais que uns poucos minutos para que um Sacerdote da Luz, de túnica branca, magro e ereto, entrasse no aposento, em passos disciplinados; Cadamiri estava se aprontando para a Cerimônia do Amanhecer e por isso chegara tão depressa. Alto e cadavérico, o Sacerdote Cadamiri ainda era jovem, mas o rosto austero era vincado e ascético. Seus olhos firmes absorveram

a cena no mesmo instante: a criança desfalecida, a tigela de prata caída no chão, a expressão sombria de Rajasta.

Rajasta falou-lhe tão baixo que nem mesmo os ouvidos aguçados de Micon puderam ouvir: — Leve Deoris para seus aposentos e cuide dela. Cadamiri alteou uma sobrancelha inquisitiva, enquanto pegava a moça desmaiada dos braços de Rajasta.

— É permitido perguntar...?

Rajasta olhou para Micon e depois disse, lentamente: — Sob extrema necessidade, ela foi enviada aos Lugares Fechados. Você saberá como trazê-la de volta. Cadamiri ergueu nos braços o corpo inerte de Deoris e virou-se para sair, mas Rajasta o deteve.

— Não fale nada sobre isso! Eu aprovei. Acima de tudo... não diga coisa alguma à Sacerdotisa Domaris! Não lhe diga mentiras, mas também não deixe que ela saiba da verdade. Encaminhe-a a mim, se ela o pressionar.

Cadamiri acenou com a cabeça e retirou-se. Deoris estava aninhada em seus braços como uma criancinha... mas Rajasta ainda pôde ouvi-lo murmurar: — Que necessidade pode ser tão grande para se sancionar uma coisa assim?

E, para si mesmo, Rajasta murmurou:

— Eu bem que gostaria de saber!

Virando-se para o corpo debilitado do atlante, ele ficou imóvel por um momento, pensativo. O

desejo de Micon de descobrir o destino do irmão Reio-ta era compreensível, mas submeter Deoris a tamanho risco era inadmissível.

— Sei o que está pensando — disse Micon, cansado. — Pergunta a si mesmo por que, se eu tinha esse método à minha disposição, não o usei antes... ou em condições mais seguras.

— Pela primeira vez — respondeu Rajasta, em tom ainda brusco, restando sua raiva —, você leu errado meus pensamentos. Na verdade, estou me perguntando por que você se envolve com essas coisas. Micon recostou-se nas almofadas, suspirando.

— Não tenho desculpas, Rajasta. Eu precisava saber. E... seus métodos falharam. Não tenha medo por Deoris. Eu sei... — Ele balançou a mão, debilmente, quando Rajasta fez menção de falar. —

. . . sei que há algum perigo, mas não mais do que ela já enfrentou antes, não mais do que você e Domaris correm... não mais do que o meu filho por nascer, não mais do que qualquer outra pessoa que me cerca. Confie em mim, Rajasta. Sei muito bem o que fiz... melhor do que você, ou não me sentiria assim. — Confiar em você? Eu confio, caso contrário não teria permitido coisa alguma. Mas não foi para tal propósito que me tornei seu discípulo. Cumprirei a promessa que lhe fiz... mas deve também fazer um acordo comigo, pois como Guardiã não posso mais permitir essa... essa *bruxaria!* Você tem razão, estamos todos em perigo apenas por mantê-lo entre nós... mas agora você proporcionou a esse perigo um foco mais definido. Descobriu o que queria saber, e por isso o perdoarei. Mas se eu soubesse antes o que tencionava exatamente...

Micon riu, de repente.

— Rajasta, Rajasta, você diz que confia em mim, mas ao mesmo tempo afirma não confiar. Mas você não falou nada sobre Riveda.

Doze

A garantia da Luz

I

Apenas uns poucos altos iniciados do Sacerdócio da Luz eram admitidos naquela cerimônia, e seus mantos brancos tinham um brilho fantasmagórico na câmara escura. Os sete Guardiães do Templo estavam reunidos, mas as insígnias sagradas em seu peito estavam encobertas por faixas de véus prateados. À exceção de Rajasta, todos estavam encapuzados, de tal forma que era impossível sequer determinar se se tratavam de homens ou mulheres. Como Guardião do Portão Exterior, Rajasta era o único que exibia o seu brasão claramente no peito, o símbolo como um brilho visível. Pondo a mão no braço de Micon, Rajasta murmurou:

— Lá vem ela.

O rosto encovado de Micon pareceu ficar radiante, e Rajasta sentiu — não pela primeira vez — a pontada de uma esperança quase dolorosa, enquanto Micon indagava: — Como ela está?

— Linda — respondeu Rajasta, contemplando sua Acólita. — Vestida num branco imaculado e coroada com os cabelos flamejantes... como se fossem uma luz viva.

Na verdade, Domaris nunca parecera mais bela. A túnica tremeluzente lhe emprestava uma graça e dignidade que eram novas, mas ao mesmo tempo plenamente suas. A maternidade próxima, perfeitamente perceptível, não a desfigurava. Seu encanto parecia uma radiância tão visível que Rajasta murmurou:

— Ah, Micon, ela é mesmo a Coroada-de-Luz! O atlante suspirou.

— Se eu pudesse... apenas uma vez... contemplá-la...

Rajasta tocou no seu braço com simpatia, mas não havia tempo para dizer mais nada, pois Domaris avançara e se ajoelhara diante da bancada alta dos guardiães.

Ao pé do altar, o mais idoso dos guardiães, Ragamon, agora velho e de cabeça branca, mas ainda de porte ereto, com uma serena dignidade, estendeu as mãos para abençoar a mulher ajoelhada.

— Isarma, Sacerdotisa da Luz, Acólita do Templo Sagrado, filha de Talkannon, consagrada à Luz e à Vida que é a Luz, jura pelo Pai da Luz e a Mãe da Vida sempre defender as forças da Vida e da Luz?

A voz do velho Guardião, agora débil, quase trêmula, ainda conservava uma força vibrante que ressoou pela câmara aberta na rocha. Seus olhos semicerrados eram aguçados, enquanto estudava o rosto da mulher vestida de branco.

— Você, Isarma, jura que, nada temendo, defenderá a Luz e o Templo da Luz, assim como a Vida do templo?

— Eu juro.

Ela estendeu as mãos na direção do altar... e nesse instante um único raio de sol cortou a escuridão, tornando ardente a luz dourada e pulsante sobre o altar. Até mesmo Rajasta sempre se impressionava com aquela parte do ritual... embora soubesse que uma simples alavanca, acionada por Cadamiri, fizera com que um pouco de água escorresse por um cano, alterando seu equilíbrio de peso e acionando um sistema de roldanas, que abria uma pequena abertura exatamente por cima. Era uma fraude, mas das mais inteligentes: os que faziam o juramento sinceramente eram tranqüilizados por aquele raio de sol, enquanto os que se ajoelhavam e juravam falsamente se sentiam preocupados, até mesmo apavorados; mais de uma vez, aquele pequeno artifício salvara os guardiães de infiltrações indesejáveis.

Domaris, com o rosto iluminado e reverente, pôs as mãos sobre o coração e disse: — Pela Luz, pela Vida, eu juro.

— Seja atenta, vigilante e justa — acrescentou o idoso Guardião. — Jure agora não apenas por si mesma, não pela luz dentro e acima de você, mas também pela Vida que possui; empenhe agora, como segurança e garantia, a criança que traz em seu ventre, a fim de não encarar sua missão levianamente.

Domaris levantou-se. Seu rosto estava pálido e solene, mas a voz não hesitou: — Empenho a criança em meu corpo como garantia.

Ela passou as mãos pelo corpo e depois tornou a esticá-las para o altar, num gesto de súplica, como se oferecessem alguma coisa à luz que ali incidia. Micon remexeu-se, inquieto, murmurando: — Não gosto disso...

— Esse juramento é costumeiro — garantiu Rajasta, baixinho.

— Sei disso, mas...

Micon se encolheu, como se estivesse com dor, e ficou calado. O velho Guardião voltou a falar: — Então, minha filha, que isto lhe pertença.

A um sinal seu, um manto branco foi estendido sobre os ombros de Domaris, uma vareta dourada e uma adaga de punho de ouro foram postas em suas mãos cruzadas.

— Use-os com justiça. Meu manto, meu bastão e minha adaga passam para você: puna, poupe, bata ou recompense, mas acima de tudo deve guardar; pois a Treva sempre ameaça a Luz.

Ragamon adiantou-se para tocar nas mãos de Domaris.

— Meu fardo é seu. — Ele tocou nos ombros encurvados dela, que se endireitaram. — Em você, o selo do Silêncio. — Puxou o capuz para cima de sua cabeça. — É uma Guardiã.

Com um gesto final de bênção, Ragamon desocupou o espaço mais elevado, deixando Domaris sozinha na parte central diante do altar.

— Que tudo lhe corra bem.

Treze

O noviço

O jardim estava seco; as folhas estalavam sob os pés e sopravam a esmo com o vento noturno.

Micon andava, devagar e silencioso, pelo caminho de blocos de pedra. Ao parar perto da fonte, uma sombra à espreita ergueu-se de súbito à sua frente.

— Micon!

Era um sussurro angustiado; depois, o vulto se adiantou, e Micon ouviu o som da respiração ofegante.

— Reio-ta... é você?

O vulto inclinou a cabeça, depois se ajoelhou, humilde.

— Micon... meu príncipe!

— Meu irmão!

Micon esperou. O rosto liso do noviço estava envelhecido, ao luar; ninguém poderia imaginar que era mais jovem do que Micon.

— Eles me traíram! — murmurou o noviço, com voz rouca. — Juraram que você iria embora, livre... e ileso! Micon... — Sua voz definiu em agonia. — Não me condene! Não me submeti a eles por covardia!

Micon disse com o cansaço dos mortos:

— Não cabe a mim condená-lo. Outros farão isso e com todo o rigor.

— Eu... eu não podia suportar... não foi por mim! Foi apenas para acabar com sua tortura, para salvá-lo...

Pela primeira vez, a voz controlada de Micon tinha sinais de ira, quando ele disse: — Eu pedi pela vida? Compraria a minha liberdade a esse preço? Pode aquele que sabe... o que você sabe... transformar tudo em uma... prostituição espiritual? *E ainda ousa dizer que foi por mim?* — Sua voz tremia. — Eu poderia... perdoá-lo, se você tivesse cedido sob tortura!

O noviço recuou um pouco.

— Meu príncipe... meu irmão... perdoe-me!

A boca de Micon era uma linha firme ao pálido luar.

— Meu perdão não pode atenuar seu destino final. Nem minhas maldições poderiam aumentá-lo.

Não lhe guardo rancor, Reio-ta. Não poderia lhe desejar destino pior do que você mesmo acarretou.

Espero que não colha algo pior do que semeou...

— Eu... — O noviço tornou a se adiantar, ainda meio agachado. — Eu me empenharei em conservar, com toda a dignidade, nosso poder...

Micon estava rígido, ereto, completamente imóvel.

— Essa missão não é mais sua, não agora. — Fez uma pausa, ainda imóvel, enquanto o chafariz jorrava murmurante no silêncio. — Irmão, nada tema: *não trairá a nossa casa duas vezes!*

O vulto diante de Micon gemeu e desviou o rosto, escondendo-o nas mãos. Implacável, Micon continuou:

— Isso eu posso impedir! Não diga mais nada! Você não pode, e sabe disso, usar os nossos poderes enquanto eu viver... e manterei a morte à distância, até ter certeza de que não poderá aviltar nossa linhagem! A menos que você me mate aqui e agora, meu filho herdará todo o meu poder!

O vulto agachado de Reio-ta desceu ainda mais, até que seu rosto prematuramente envelhecido encostou nos pés de Micon, calçados em sandálias.

— Meu príncipe... eu não sabia disso... Micon sorriu debilmente.

— Disso? Pois eu o perdôo por isso... e por não poder ver. Mas sua apostasia não posso perdoar, pois é um processo que você mesmo desencadeou, e seu efeito haverá de alcançá-lo. Você sempre será incompleto. Pode ir até aqui, mas não adiante. Meu irmão... — Sua voz se abrandou. — Ainda o amo, mas nossos caminhos se separam aqui. Vá, agora... antes que me prive das poucas forças que me restam. Vá... ou encerre a minha vida agora, tome o poder e tente mantê-lo. *Mas não será capaz!* Não está preparado para dominar a tempestade, as forças profundas da terra e do céu... e agora nunca mais estará! Vá logo!

Reio-ta gemeu num pesar angustiado e agarrou os joelhos de Micon.

— Não posso suportar...

— Vá! — pediu Micon, com firmeza. — Vá... enquanto ainda posso conter seu destino, assim como contenho o meu. E faça a reparação que puder.

— Não posso suportar minha culpa... — A voz do noviço estava agora trêmula, mais triste do que as lágrimas. — Diga-me uma palavra gentil... a fim de que eu possa saber que se lembra que um dia já fomos irmãos...

— Você é meu irmão — murmurou Micon, suavemente. — Já disse que ainda o amo. Não o abandono totalmente. Mas este momento deve ser a nossa separação final.

Ele inclinou-se e pôs a mão mutilada sobre a cabeça do noviço. Soltando um grito estridente, Reio-ta recuou.

— Micon! Seu ferimento... está queimando! Lentamente, com algum esforço, Micon empertigou-se e recuou também.

— Vá depressa! — Como se contra a sua vontade, numa voz torturada, Micon acrescentou: — *Não posso mais suportar!*

O noviço levantou-se e ficou parado por um momento, fitando desesperado o irmão, como se gravasse as feições de Micon em sua memória para todo o sempre; depois, virou-se e saiu correndo, meio trôpego, fugindo da presença do irmão.

O Iniciado cego permaneceu imóvel por muitos minutos. O vento aumentara de intensidade, e folhas secas esvoaçavam pelo caminho e ao seu redor; ele não notou. Hesitante, como se forçasse os passos através de areia movediça, Micon finalmente virou-se, encaminhou-se para a fonte e sentou na pedra úmida, lutando contra o terrível clamor da dor, a que se recusava a ceder mentalmente. Quase sem forças, deitou encolhido nas pedras, entre as folhas sopradas pelo vento, vitorioso senhor de si mesmo, mas tão exausto que não podia se mexer.

Em resposta a alguma inquietação interior, Rajasta veio... e o rosto do Guardiã era algo terrível de se ver, quando suspendeu Micon em seus braços fortes e levou-o.

No dia seguinte toda a força do templo reuniu-se para a busca. Riveda, suspeito de conivência, ficou sob custódia por muitas horas, enquanto todas as áreas do templo eram revistadas, e até mesmo a cidade lá embaixo, à procura do noviço desconhecido que fora, outrora, Reio-ta de Ahtarrath.

Mas ele desaparecera... e a Noite do Nadir estava um dia mais próxima de todos.

Catorze

O Deus Irrevelado

I

Cerca de três meses depois de Deoris ser recebida no Templo de Caratra, Riveda encontrou-a uma tarde nos jardins. Os últimos raios de sol poente transformavam a jovem Sacerdotisa num vulto inflamado de mistério, e Riveda estudou seu corpo esguio, em azul, e o rosto solene e delicado com um novo interesse, enquanto formulava seu pedido com extremo cuidado: — Quem a proibiria, se eu a convidasse a visitar o Templo Cinzento agora, em minha companhia?

Deoris sentiu sua pulsação acelerar. Visitar o Templo Cinzento... na companhia de seu mais alto Iniciado! Era uma grande honra que Riveda lhe prestava! Mesmo assim, ela perguntou, cansada: — Por quê?

O homem riu.

— Por que não? Há uma cerimônia esta noite. É linda... e haverá algum canto. Muitos dos nossos cerimoniais são secretos, mas para este posso convidá-la.

— Eu irei.

Deoris falou com recato, mas por dentro fervilhava de excitação: as confidências cautelosas de Karahama haviam despertado sua curiosidade, não apenas em relação aos Túnicas Cinzentas, mas também sobre o próprio Riveda.

Foram caminhando em silêncio, sob as estrelas que despontavam. A mão de Riveda pousava de leve no ombro de Deoris, mas ela estava intensamente consciente do contato, que a mantinha muito inibida para falar. Chegaram ao enorme templo sem janelas. Riveda puxou as pesadas portas de bronze para ela passar, e nesse instante Deoris encolheu-se num espanto aterrorizado pela aparição

encurvada que passou apressada... o noviço! A mão de Riveda apertou seu braço, até que Deoris quase gritou de dor. — Não diga nada a Micon, criança — ele advertiu. — Rajasta já está informado de que o noviço vive, mas Micon morreria se tivesse outra confrontação com ele.

Deoris inclinou a cabeça e prometeu. Desde a noite em que Cadamiri a levava desfalecida dos aposentos de Micon, ela tinha uma percepção do atlante quase tão completa quanto a de Domaris.

Podia entender as correntes de emoções e pensamentos de Micon, exceto no que se relacionavam com ela. Suas percepções expandidas haviam passado quase despercebidas, exceto por seu rápido domínio do trabalho, muito além de sua suposta competência no templo; nem mesmo Domaris percebera o despertar da percepção de Deoris. Domaris estava agora totalmente concentrada em Micon e no filho por nascer. E a espera, Deoris sabia — e havia ainda mais de um mês de expectativa — era um tormento insuportável para ambos, uma alegria e ao mesmo tempo uma terrível angústia.

As portas de bronze foram fechadas estrepitosamente. Estavam num corredor estreito, vagamente escuro, estendendo-se entre portas de pedra fechadas. O vulto atormentado do noviço não era visto em parte alguma.

Os passos eram silenciosos, abafados na atmosfera densa. Deoris sentia alguma tensão elétrica no homem ao seu lado, uma força contida que era quase sensível a seus nervos. Ao final do corredor havia uma porta arqueada, revestida de ferro. Riveda bateu, de uma maneira estranha. De algum lugar, uma voz alta, estridente, lançou um desafio em sílabas desconhecidas. Riveda respondeu com palavras igualmente enigmáticas; um sino invisível ressoou em pleno ar, e a porta se abriu para dentro.

Eles passaram para... o cinza.

Não havia ausência de luz, mas também não havia cor alguma; a iluminação era suave e fria, um mero tremeluzir, uma palidez, uma ausência de trevas em vez de uma luz positiva. A câmara era vasta, perdida por cima de suas cabeças num cinza difuso, como nevoeiro denso ou fumaça solidificada. Sob seus pés, o chão era de pedra

cinzenta, fria e salpicada de fragmentos de cristal e mica; as paredes também tinham um brilho translúcido, como o luar de inverno. Os vultos em movimento, como aparições na bruma, com uma tênue radiância, também eram cinzentos. Sombras tenebrosas estavam cobertas por mantos e capuzes, com a cor cinzenta dos magos — e havia também mulheres que se movimentavam inquietas, como chamas acorrentadas, usando véus cor de açafião, opacos, sem lustro.

Deoris olhava, cautelosa, para as mulheres, um momento antes de as mãos fortes de Riveda gentilmente fazerem-na voltar-se para ela se defrontar com...

Um Homem.

Ele podia ser um homem ou um ídolo esculpido, cadáver ou autômato. Simplesmente era. Mais nada. Existia, com uma estranha determinação. Estava sentado a uma plataforma na extremidade da vasta câmara, numa cadeira que parecia um trono, tendo um pássaro cinzento esculpido em pedra por cima de sua cabeça. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito. Deoris descobriu-se a especular se Ele estava realmente ali ou se ela apenas sonhava com a sua presença. Involuntariamente, murmurou: — Onde senta o Homem com as Mãos Cruzadas... Riveda inclinou-se e sussurrou: — Espere aqui. Não fale com ninguém.

Empertigando-se, ele se afastou. Observando-o, ansiosa, Deoris refletiu que seu vulto ereto, de túnica e capuz cinzentos, possuía uma certa nitidez, como se estivesse em foco, enquanto os outros eram indefinidos, como sonhos dentro de um sonho. Depois, ela divisou um rosto que conhecia.

Numa postura tensa, meio escondida por uma das colunas de cristal, uma moça observava Deoris timidamente; era uma criança, alta mas franzina, o corpo esguio sobressaindo por entre os véus cor de açafião, o rostinho fino um pouco levantado e ensombreado pela luz translúcida. Cabelos pálidos como a geada caíam-lhe pelos ombros, e o cintilar reprimido das luzes do norte aparecia nos olhos concentrados e descoloridos. O tecido diáfano em torno de seu corpo adejou ligeiramente, sob uma brisa invisível; ela parecia sem

peso, uma aparição de geada, um tremeluzir de flocos de neve no ar gelado.

Mas Deoris já a vira fora daquele lugar fantástico e sabia que ela era real; aquela garota de cabelos prateados às vezes entrava e saía dos aposentos de Karahama, como um fantasma. Karahama nunca falava sobre a criança, mas Deoris sabia que se tratava da criança sem nome, a criança que era uma "não-pessoa", nascida de Karahama, quando esta ainda era uma pária. Dizia-se que sua mãe a chamava de Demira, mas ela não tinha um nome real. Por lei, não existia.

Nenhum homem, por mais que estivesse disposto, poderia reconhecer Demira como sua filha; nenhum homem poderia reclamá-la ou adotá-la. A própria Karahama tinha uma existência legal discutível... mas Karahama, como filha de uma mulher livre do templo, tinha uma situação reconhecida, embora ilegítima. Demira, pelas leis rigorosas da Casta dos Sacerdotes, nem mesmo era ilegítima. Não era nada. Não estava incluída em qualquer lei, não era protegida por qualquer estatuto, não constava dos registros do templo; nem mesmo era uma escrava. Simplesmente *não existia*. Apenas ali, entre as *saji* à margem da lei, poderia encontrar abrigo e amparo.

O código implacável do templo proibia que Deoris, filha de um sacerdote e uma sacerdotisa, reconhecesse a garota sem nome de algum modo — mas embora nunca tivessem trocado uma só palavra, Deoris sabia que Demira era de certo modo sua parenta. Além disso, a beleza estranha e fantástica da criança despertava a compaixão e interesse de Deoris. Ela ergueu os olhos e sorriu timidamente para a moça pária. Demira retribuiu — com um sorriso rápido e furtivo.

Riveda voltou, com uma expressão distraída e vaga. Demira escondeu-se por completo atrás da coluna.

O templo estava agora apinhado, com homens de túnicas cinzentas e as *saji*, em mantos cor de açafreão, algumas segurando estranhos instrumentos de corda, chocalhos e gongos. Havia também muitos noviços, de saiotas cinzentas, com a parte superior do corpo despida, exibindo apenas estranhos amuletos, nenhum era muito velho, e a maioria tinha mais ou menos a idade de Deoris. Alguns eram apenas meninos de cinco ou seis anos. Olhando ao redor, Deoris contou apenas cinco vultos com a túnica e o capuz de um iniciado completo... e percebeu, surpresa, que um deles era de uma mulher; a única mulher ali, à exceção da própria Deoris, que não usava os véus de *saji*.

Pouco a pouco, os magos e iniciados formaram uma figura circular meio irregular, cada um se empenhando em ocupar uma posição exata. As *saji*, com seus instrumentos musicais, e os noviços menores retiraram-se para as paredes translúcidas. De suas fileiras partia uma música suave, entremeada pelo ressoar de um gongo.

Diante de cada Mago postou-se um noviço ou uma *saji*; às vezes três ou quatro se agrupavam diante de um dos iniciados ou um dos magos mais velhos. Os noviços estavam em maioria, havia apenas quatro ou cinco mulheres no anel interior. Uma delas era Demira; seus véus haviam sido empurrados para trás, de tal forma que seus cabelos prateados brilhavam como o luar sobre o mar.

Riveda fez um sinal para que Reio-ta ocupasse seu lugar no Círculo e um momento depois perguntou:

— Deoris, está disposta a ficar no meu lugar no Círculo dos Noviços esta noite?

— Ora, eu... — Deoris estava completamente aturdida. — Não sei de nada a esse respeito! Como poderia...

Havia uma insinuação de sorriso na boca firme de Riveda.

— Não há necessidade de nenhum conhecimento. Ao contrário, quanto menos você souber, melhor. Procure não pensar em nada... e deixe que tudo aflore.

Ele fez um sinal para Reio-ta orientá-la, e Deoris acabou se adiantando.

Flautas e gongos começaram a tocar subitamente, em acordes ásperos e dissonantes, como se estivessem sendo afinados,

aprontados para a música. Iniciados e magos inclinaram a cabeça, escutando, sondando alguma coisa invisível e intangível. Deoris, com o acorde estranho ressoando em seu cérebro, sentiu-se atraída para o Círculo, entre Reio-ta e Demira. Um espasmo de pânico fechou-lhe a garganta; os dedos pequenos e firmes de Demira agarraram os seus, como instrumentos de torturador.

Mais um momento e ela gritaria em horror...

O impacto da mão de Riveda atingiu seu dedo contraído, e o aperto frenético se afrouxou e soltou-a. Ele sacudiu a cabeça para Deoris e, sem dizer nada, fez um gesto para que ela deixasse o Círculo. Riveda não fez isso como se o fracasso significasse alguma coisa para ele; parecia absolutamente distante quando chamou uma moça *saji*, com um rosto de gaivota, para ocupar o lugar de Deoris.

Dois ou três noviços foram dispensados do Círculo; outros ocuparam os seus lugares. Os acordes suaves mas dissonantes soaram mais duas vezes e as posições se alteraram a cada uma delas. Na terceira vez Riveda levantou a mão, parecendo irritado e contrariado. Adiantou-se, correndo os olhos furiosos pelo Círculo dos Noviços. Fitou Demira, e rudemente, com um monossílabo abafado, agarrou-a pelo ombro e empurrou-a para longe, com toda a violência. Ela cambaleou e quase caiu. A mulher Iniciada saiu da linha e amparou a criança. Segurou Demira por um minuto; depois, com extremo cuidado, com as mãos encarquilhadas envolvendo o pulso fino da criança, levou-a de volta ao Círculo, com um olhar de desafio para Riveda.

Riveda amarrou a cara, ameaçador. A Iniciada deu de ombros e gentilmente deslocou Demira outra vez e mais outra, mudando sua posição, até que Riveda acenou com a cabeça. Ele desviou os olhos de Demira e aparentemente esqueceu sua existência.

Os acordes dissonantes de flautas, cordas e gongos tornaram a soar. Desta vez não houve interrupção. Deoris observava, um pouco aturdida. Os noviços responderam à música com um breve canto, em um lindo ritmo, mas tão estranho à experiência de Deoris que parecia sem sentido.

Acostumada ao misticismo exaltado do Templo da Luz e à simplicidade esparsa de seus rituais, aquela litania prolongada de

entonação e gestos, música, canto e resposta, era-lhe incompreensível.

"Isso é um absurdo", concluiu Deoris, "não significa coisa alguma." Ou será que significava? O

rosto da mulher que era uma iniciada parecia chupado, enrugado e gasto, embora ela desse a impressão de ser jovem em todo o resto; a aparência de Riveda, à luz implacável, dava a impressão de quase crueldade, enquanto a beleza fantástica e gelada de Demira parecia irreal, ilusória, com algo rígido e rancoroso maculando suas feições infantis. E de repente Deoris compreendeu por que, para alguns, as cerimônias do Templo Cinzento podiam parecer impregnadas pelo mal.

O canto se tornou mais profundo e mais rápido, ao ritmo de estranhas e vibrantes cadências.

Uma única dissonância era reiterada, parecendo um gemido; o silvo soava por trás de Deoris como um soluço abafado; um tambor trêmulo ressoava estranhamente.

O Homem com as Mãos Cruzadas a observava.

Nem naquele momento nem depois Deoris soube se o Homem com as Mãos Cruzadas era ídolo, cadáver ou um ser vivo, demônio, deus ou imagem. Também não foi capaz — naquele momento ou mais tarde — de determinar quanto do que via era ilusão...

Os olhos do Homem eram cinzentos. Cinzentos como o mar; cinzentos como a luz da geada. Ela se deixou absorver no olhar irresistível e compadecido, foi tragada e ali se afogou.

O pássaro por cima da cadeira agitou as asas de pedra cinzentas e voou, com um guincho estridente, para um lugar de areias cinzentas. Em seguida, Deoris estava correndo atrás do pássaro, entre rochas pontiagudas e suas sombras, sob um céu abalado pelos gritos roucos das gaivotas.

O ribombar das ondas era trazido de uma longa distância pelo vento; Deoris se encontrava perto do mar, num momento entre o amanhecer e o nascer do sol, de um cinzento frio, sem cor nas areias, mar ou nuvens. Pequenas conchas rangiam sob suas sandálias, e ela sentia o cheiro penetrante de água do mar, algas e juncos. A esquerda, havia um pequeno aglomerado de casas

cônicas, com telhados pontudos, de um cinza-esbranquiçado, causando uma pontada de horror no peito de Deoris.

A Aldeia dos Idiotas! A terrível pontada que sentiu pelo reconhecimento foi tão intensa que ela pôs de lado a certeza breve de que nunca vira aquele lugar antes.

Havia um silêncio tenebroso em torno, entre e acima dos gritos das gaivotas. Duas ou três crianças, com cabeça enorme, cabelos brancos, olhos vermelhos, boca babando sobre a barriga intumescida, estavam agachadas, apáticas, entre as casas, choramingando e murmurando entre si. Os lábios ressequidos de Deoris não podiam emitir os gritos que lhe arranhavam a garganta. Ela virou-se para fugir, mas torceu o pé e caiu. Fazendo um esforço para se levantar, avistou dois homens e uma mulher saindo da casa mais próxima, revestida de seixos; como as crianças, tinham olhos vermelhos e lábios grossos, e estavam nus. Um dos homens cambaleava ao peso da idade; o outro tateava, com os olhos vermelhos cobertos por crostas de sangue seco e sujeira; a mulher se movimentava desajeitada, inchada pela gravidez, numa feiúra animal, primitiva.

Deoris agachou-se na areia, num horror total, irracional. Os idiotas semi-humanos estavam agora balbuciando ainda mais alto, fazendo caretas para ela; os punhos cerrados batiam na areia sem cor.

Levantando-se, apavorada, Deoris olhou desesperada ao redor, à procura de um caminho de fuga. Um muro alto, de pedras pontiagudas, barrava a passagem, de um lado; de outro, havia um pântano de areia movediça, cheio de juncos, estendendo-se até o horizonte. A sua frente, os idiotas estavam agrupados, olhando, babando e grunhindo. Ela estava acuada.

"Mas como vim parar aqui? Havia um barco?"

Ela virou-se e divisou apenas o mar vazio e ondulante. A distância, montanhas afloravam da água e longas faixas de nuvens avermelhadas, como dedos sangrentos, riscavam o céu.

"E quando o sol se levanta... quando o sol se levanta..." O pensamento vago se desvaneceu. Mais dois aldeões de cabeça enorme saíam das casas. Deoris começou a correr, em pânico.

À sua frente, penetrando o cinzento e as listras sangrentas, uma súbita centelha se transformou num clarão dourado. "O sol!" Ela correu ainda mais depressa, seus passos como um eco do coração disparado; por trás dela, o tropel da perseguição era como uma inexorável maré enchente.

Uma pedra passou zunindo por sua cabeça. Seus pés entravam na água quando ela se virou, como um animal acuado. Alguém assomava à sua frente, com os hediondos olhos vermelhos de um brilho vazio, os lábios repuxados sobre dentes enegrecidos e quebrados, num rosnado bestial. Freneticamente, Deoris bateu nas mãos que a seguravam, contorceu-se e se desvencilhou. Ouviu os uivos irracionais da criatura, enquanto tropeçava, corria, tropeçava de novo... e caía.

A luz sobre o mar explodiu num jato dourado e ela estendeu as mãos em sua direção, chorando, gritando, sem mais coerência do que os idiotas que a perseguiam. Uma pedra atingiu seu ombro, outra roçou no crânio. Ela fez um esforço para se levantar, puxando as mãos pela areia úmida, debatendo-se para se livrar dos que tentavam agarrá-la. Alguém estava gritando, um uivo desesperado de angústia.

Alguma coisa acertou-a com toda força no rosto. Seu cérebro explodiu em fogo e ela afundou...

afundou... enquanto o sol explodia em seu rosto e ela morria.

III

"Alguém estava gritando."

A luz ofuscou seus olhos. Um cheiro adocicado, intenso, estonteante, penetrou por suas narinas.

O rosto de Elis emergiu da escuridão, e Deoris tossiu debilmente, empurrando para o lado a mão que segurava o líquido aromático perto de seu nariz.

— Não... não consigo respirar... Elis!

As mãos em seus ombros relaxaram um pouco e a acomodaram gentilmente sobre uma pilha de almofadas. Estava estendida num divã no quarto de Elis, na Casa dos Doze. Elis inclinava-se sobre ela;

mais atrás, Elara estava de pé, enxugando os olhos, com o rosto contraído e preocupado.

— Tenho de ir servir a senhora Domaris — balbuciou Elara, com a voz trêmula.

— Está bem, pode ir — autorizou Elis, sem erguer os olhos. Deoris fez um esforço para sentar, mas a dor explodiu terrível em sua cabeça, e ela tornou a cair.

— O que aconteceu? — murmurou debilmente. — Como vim parar aqui? O que aconteceu, Elis?

Para horror de Deoris, Elis, em vez de responder, começou a chorar, enxugando os olhos com o véu. — Elis... — A voz de Deoris tremia, como de uma criança. — *Por favor*, conte-me tudo. Eu estava... na Aldeia dos Idiotas... e eles jogavam pedras...

Deoris levou a mão ao rosto, ao crânio. Embora imaginasse sentir alguma dor, não havia lacerações, nada inchado.

— Oh, minha cabeça!

— Está delirando outra vez!

Elis segurou Deoris pelos ombros e sacudiu-a vigorosamente. O movimento provocou um súbito lampejo de horror; depois a vaga recordação tornou a se desvanecer, enquanto Elis dizia, rispidamente: — Não se lembra do que fez?

— Oh, Elis, pare com isso! Por favor... minha cabeça dói muito... Não pode me contar o que aconteceu? Como vim parar aqui?

— Você não se lembra de nada!

Havia choque e incredulidade na voz de Elis. Enquanto Deoris fazia outro esforço para sentar, Elis sustentou-a, passando o braço por seus ombros. Ainda tocando na cabeça, Deoris olhou pela janela. Era o final da tarde, o sol descia para o horizonte, alongando as sombras. "Mas a lua não surgira no céu quando ela fora com Riveda para o Templo Cinzento..."

— Não me lembro de nada — balbuciou Deoris. — Onde está Domaris?

A boca de Elis, que relaxara, tornou a assumir uma expressão firme e irada.

— Na Casa do Nascimento.

— Agora?

— Estavam com receio... — Uma fúria tensa apertou a garganta de Elis, obrigando-a a engolir em seco, antes de continuar: — Deoris, se Domaris perder a criança por causa disso, eu juro que vou...

— Elis, deixe-me entrar! — gritou alguém lá fora.

Antes mesmo que ela pudesse responder, Micon entrou no quarto, apoiado no braço de Riveda.

Trôpego, o atlante avançou até a cama.

— Deoris — murmurou ele —, pode me contar...

Um riso histérico misturou-se com soluços na garganta de Deoris.

— O que posso contar? *Será que ninguém sabe o que aconteceu comigo?*

Micon suspirou fundo, e seu corpo arrefeceu visivelmente.

— Era o que eu temia — comentou ele, amargurado. — Ela não sabe de nada, não lembra coisa alguma. Criança... minha querida criança! Nunca mais deve permitir que a... usem... assim!

Riveda parecia tenso e cansado; a túnica cinzenta estava amarfanhada, com manchas escuras.

— Micon de Ahtarrath, eu juro...

Abruptamente, Micon desvencilhou-se do apoio do braço de Riveda.

— Ainda não estou disposto a ouvir seu juramento!

A esta altura, Deoris conseguiu se levantar e ficou parada, oscilando, chorando de dor, medo e frustração. Micon, com o senso infalível que lhe servia tão bem no lugar da visão, estendeu os braços, desajeitado, em sua direção... mas Riveda apressou-se em puxar a moça para seus próprios braços, num gesto agressivo de proteção. Pouco a pouco, o tremor de Deoris foi se aquietando, com o rosto encostado no tecido áspero da túnica de Riveda.

— Não vai culpá-la! — protestou Riveda. — Domaris está sã e salva...

Micon murmurou, em tom conciliador:

— Eu não tencionava culpá-la, mas apenas...

— Sei muito bem que me odeia, Senhor de Ahtarrath, mas eu...

— Não odeio ninguém! — interrompeu-o Micon, bruscamente. — Está insinuando...

— De uma vez por todas, Senhor Micon, não estou insinuando coisa alguma! — Com uma extrema gentileza, que contrastava com as palavras ásperas, Riveda ajudou Deoris a voltar ao divã. — Odeie-me se quiser, atlante, você e sua Sacerdotisa... e a criança por nascer...

— *Tome cuidado!* — murmurou Micon, ameaçador. Riveda riu, desdenhoso... mas as palavras seguintes morreram

em sua garganta, pois do céu claro e sem nuvens, além da janela, veio o rumor de uma trovoada, impossível, enquanto Micon cerrava os punhos. Elis, esquecida, encolheu-se no canto, enquanto Deoris começava a tremer, incontrolável. Micon e Riveda se confrontaram, iniciados de disciplinas tão diferentes; a tensão entre os dois era como uma força invisível, mas tangível, palpitando no aposento.

Mas durou apenas um instante; Riveda engoliu em seco e disse: — Minhas palavras foram fortes. Falei com raiva. Mas o que fiz para merecer seus insultos, Micon de Ahtarrath? Minhas convicções não são as suas... ninguém pode deixar de perceber isso... mas conhece meu credo, tanto quanto eu conheço o seu. Pelo Deus Irrevelado, acha que *eu* faria mal a uma mulher com filho?

— Devo então acreditar que uma sacerdotisa de Caratra... *por sua livre e espontânea vontade...* faria mal à irmã que adora?

Deoris levou as mãos à boca, num grito silencioso; correu para Elis e abraçou-a, soluçando numa incredulidade de pesadelo.

— Eu convidei a criança para testemunhar uma cerimônia no Templo Cinzento — declarou Riveda, friamente. — Acredite, se quiser, que assim agi sem maldade e sem segundas intenções... que não invoquei os Poderes das Trevas. Mas dou minha palavra, a palavra solene de Iniciado, que não tive outra intenção além da cortesia... uma cortesia que é meu privilégio oferecer a qualquer sacerdote ou sacerdotisa.

Salvo pelo choro abafado de Deoris, ainda aninhada nos braços de Elis, o aposento estava em silêncio. A claridade do sol da tarde se desvanecera, como se a noite chegasse, enquanto o céu continuava a ser povoado por nuvens súbitas e escuras. As duas mulheres não se atreviam sequer a olhar para os iniciados em confronto.

Contudo, finalmente as terríveis tensões no aposento se atenuaram um pouco; as próprias pedras das paredes pareceram suspirar de alívio quando Micon virou-se parcialmente na frente de Riveda, que piscou várias vezes e enxugou o suor frio da testa.

— Durante a cerimônia — acrescentou o Túnica Cinzenta, com a voz mais suave — Deoris sentiu uma vertigem e caiu; uma das moças levou-a para respirar um pouco de ar fresco, lá fora. Não parecia ser nada grave. Ela me falou normalmente. Acompanhei-a até a entrada da Casa dos Doze. Isso é tudo o que sei. Absolutamente tudo.

Riveda abriu os olhos, olhou ao redor e perguntou a Deoris, gentilmente: — Não se lembra realmente de nada?

Deoris estremeceu, enquanto o terror em que pensara estar a envolvia de novo, apertando seu coração com garras geladas.

— Eu estava olhando para... para o Homem com as Mãos Cruzadas — balbuciou ela. — O... o pássaro por cima do trono voou! E depois eu estava na Aldeia dos Idiotas...

— Deoris! — O grito de Micon foi tenso e rouco. Ele respirou fundo, quase um soluço. — O

que está querendo dizer com... Aldeia dos Idiotas?

— Ora, eu... — Os olhos de Deoris se arregalaram, num crescente horror. — Não sei, nunca...

nunca ouvi falar...

— Oh, deuses! Deuses! — O rosto encovado de Micon tornou-se subitamente como o de um homem muito velho; desaparecera a força interior que lhe permitira invocar os poderes de Ahtarrath, enquanto ele cambaleava, tateando, para uma cadeira próxima. — Eu temia isso! E chegou!

Ele baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos finas e mutiladas. Vendo a repentina fraqueza de Micon, Deoris saiu dos braços de Elis e correu para o seu lado. Meio ajoelhado à sua frente, ela suplicou:

— Diga-me, Micon! *O que eu fiz?*

— Reze para nunca se lembrar! — exclamou Micon, com a voz abafada por trás das mãos. — Mas, pela misericórdia dos deuses, Domaris está ilesa!

— Mas... — Deoris descobriu-se estranhamente incapaz de dizer o nome que tanto transtornara Micon e por isso disse apenas: — Mas aquele lugar... o que... como eu pude...?

Ela parou, com a voz trêmula, e não pôde dizer mais nada. Recuperando o controle, Micon estendeu a mão trêmula para a cabeça de Deoris e puxou-a para seu peito.

— Um antigo pecado — murmurou ele, com a voz de um ancião —, uma vergonha quase esquecida da Casa de Ahtarrath... mas já chega! O ataque não foi dirigido a você, Deoris, mas sim...

contra um Ahtarrath que ainda não nasceu. Não se torture mais, criança.

Riveda estava em silêncio, imóvel como uma pedra, com os braços cruzados sobre o peito, os lábios contraídos, e os olhos azuis meio fechados. Elis continuava sentada no divã, trêmula, olhando para o chão, sozinha com seus pensamentos.

— Vá para junto de Domaris, minha querida — murmurou Micon.

Depois de um momento, Deoris removeu as lágrimas, deu um beijo reverente na mão do atlante e saiu. Elis levantou-se e seguiu atrás, na ponta dos pés. O aposento ficou em silêncio por um longo momento. Riveda rompeu-o, bruscamente:

— Jamais descansarei enquanto não souber quem fez isso! Micon levantou-se, com extrema dificuldade.

— Eu disse a verdade: foi um ataque a mim, através de meu filho. Pessoalmente, não sou mais digno de um ataque.

Riveda riu... um riso baixo e estridente, cético.

— Eu gostaria de ter sabido disso ainda há pouco, quando as trovoadas do céu vieram em sua defesa! — O Túnica Cinzenta fez uma pausa. — Ou fala assim porque não confia em mim?

Micon respondeu asperamente:

— Você é parcialmente culpado; levou Deoris ao perigo sem saber, mas mesmo assim...

A fúria de Riveda explodiu, transbordou.

— *Eu* sou culpado? E o que me diz de você? Se tivesse reprimido o seu condenável orgulho por tempo suficiente para testemunhar contra aqueles demônios, eles já teriam sido açoitados até a morte há muito tempo e isso não poderia mais acontecer! Senhor de

Ahtarrath, eu tenciono limpar minha Ordem! Agora não, para sua segurança ou mesmo para preservar minha reputação... que nunca foi tão boa! Mas a saúde de minha Ordem exige...

Ele percebeu de repente que estava gritando e baixou a voz ao continuar:

— Aquele que permite a bruxaria é pior do que aquele que a comete. Os homens podem pecar por ignorância ou loucura... mas o que dizer de um sábio homem que assumiu o compromisso de propagar a Luz, mas cuja caridade é tão grande que se recusa até a proteger os inocentes, com receio de prejudicar os culpados? Se esse é o caminho da Luz, então eu digo: Que venha a Treva!

Contemplando Micon, quase desfalecido, Riveda sentiu que o último resquício de sua raiva desaparecera. Pôs a mão no ombro frágil do atlante e murmurou: — Príncipe de Ahtarrath, eu juro que encontrarei quem fez isso, mesmo que me custe a própria vida! Micon respondeu, numa voz cuja estridência revelava a proximidade da exaustão total: — Não procure muito longe, Riveda! Já está envolvido profundamente, em demasia. Cuide de si mesmo, a fim de que não lhe custe mais do que a vida!

Riveda deixou escapar uma pequena risada, sinistra, sem qualquer humor.

— Guarde para si mesmo seus presságios e profecias, Príncipe Micon. Não tenho menos amor à vida do que qualquer outro homem... mas é meu dever descobrir os culpados e adotar as medidas necessárias para impedir a repetição desse... incidente. E também Deoris deve ser protegida... e é meu direito defendê-la, tanto quanto o seu é defender Domaris.

— Como assim? — murmurou Micon. Riveda deu de ombros.

— Talvez não signifique nada. É possível que sua profecia seja contagiosa e agora eu esteja vendo meu próprio carma refletido no seu. — Ele fitou Micon atentamente, com olhos arregalados, desolados e azuis. — Não sei direito por que disse isso. Mas você não me pedirá para poupar a punição aos responsáveis.

Micon suspirou, e suas mãos emaciadas tremeram um pouco.

— Não, não pedirei — murmurou ele. — E isso também é carma!

Quinze

O pecado que ressuscita

Somente em casos de extrema emergência ou morte os homens tinham permissão para penetrar pelos limites do Templo de Caratra; contudo, as circunstâncias eram excepcionais, e depois de alguns adiamentos Mãe Ysouda conduziu Micon ao pátio coberto em que Domaris se encontrava, para onde sempre era levada a se refrescar, depois que tiveram certeza de que a criança não teria um nascimento prematuro.

— Não pode ficar muito tempo — advertiu a idosa Sacerdotisa, para em seguida deixá-los a sós.

Micon esperou até que o som dos passos se desvanecesse, antes de dizer, com uma severidade irônica que zombava de sua própria ansiedade:

— Então assustou a todos nós por nada, minha querida! Domaris sorriu debilmente.

— Culpe a seu filho, Micon, não à mãe. Ele já se considera o senhor de seus arredores.

— E não é? — Micon sentou-se ao lado dela. — Deoris esteve com você?

Domaris desviou o rosto.

— Esteve...

A mão de Micon fechou-se gentilmente sobre a dela.

— Coração-em-Chamas, não fique ressentida. Nossa criança está sã e salva ... e Deoris é tão inocente quanto você, minha amada!

— Sei disso... mas seu filho é muito precioso para mim! — Domaris falou num sussurro, mas depois acrescentou com uma veemência implacável: — Aquele... maldito... Riveda!

— *Domaris!*

Surpreso e descontente, Micon cobriu os lábios de Domaris com a mão. Ela beijou a palma, e Micon sorriu, depois continuou, mais

gentilmente: — Riveda não sabia de nada. Sua única culpa foi não ter desconfiado do mal. — Ele tocou de leve nos olhos de Domaris, com os dedos retorcidos. — Não deve chorar, minha amada... — Hesitou por um instante. — Posso?

— Claro.

Adivinhando o desejo de Micon, Domaris pegou sua mão e guiou-a pelo corpo intumescido. E

de repente todos os sentidos de Micon se fundiram; passado e presente se uniram num único momento coerente de sensação, como se cada sentido se combinasse para lhe proporcionar o significado da vida.

Nunca antes ele se sentira tão intensamente vivo quanto naquele momento, ao cheirar o odor agridoce das drogas, o perfume dos cabelos de Domaris e a fragrância do linho; o ar estava úmido com a maresia e ele podia ouvir o ressoar distante das ondas, o borbulhar da fonte, o som abafado de vozes femininas em aposentos remotos. Sob a mão, sentiu a textura de seda e linho, a pulsação da mulher-corpo e, através da sensibilidade aguçada de seus dedos, sentiu uma súbita pressão, uma ligeira inchação, esquiva como uma borboleta.

Com um movimento rápido, Domaris empertigou-se e estendeu os braços para Micon, enlaçando-o num abraço tão leve que mal tocava em seu corpo. Ela aprendera a ter cautela, uma vez que um toque ou carícia descuidada podia representar a agonia para o homem que amava... e Domaris, jovem e ardente na paixão, tivera dificuldade para aprender essa lição! Mas Micon, por uma vez, esqueceu a cautela. Seus braços apertaram Domaris convulsivamente. Uma vez, apenas uma vez, ele deveria ter o direito de contemplar aquela mulher que amava com cada átomo e cada nervo de todo o seu ser... O momento passou, e ele advertiu-a suavemente: — Fique quieta, minha amada. Fizem-me prometer que não a perturbaria.

Ele soltou-a, e Domaris recostou-se, observando-o com um sorriso tão resignado que ela própria não sabia que era de pesar. Micon acrescentou, um pouco trêmulo:

— No entanto, temos sido tão covardes, não querendo falar de certas coisas... Há o seu dever com Arvath. Está obrigada por lei a...

a fazer exatamente o quê?

— Antes do casamento, somos livres. Assim determina a lei. Depois do casamento... estamos obrigados à fidelidade. E se eu não conseguir ou me recusar a dar um filho a Arvath...

— O que não deve acontecer — interrompeu-a Micon, com extrema gentileza.

— Não me recusarei — garantiu Domaris. — Mas se eu não conseguir, estarei desonrada, desgraçada...

— Esse é o meu carma — murmurou Micon, angustiado. — Nunca poderei ver meu filho, não viverei para orientá-lo. Pequei contra essa mesma lei, Domaris...

— Pecou? — A voz de Domaris traía seu choque. — *Você?* Ele baixou a cabeça, numa confissão envergonhada.

— Desejei as coisas do espírito e por isso sou... um iniciado.

Mas era muito orgulhoso para lembrar que também era um homem e tinha obrigações, pela lei.

— O rosto cego estava pensativo, distante. — Em meu orgulho, optei por viver como asceta e negar meu corpo, sob o falso nome de austeridade meritória... Domaris murmurou: — Isso é necessário para realizar tanto...

— Ainda não ouviu tudo, minha amada... — Micon respirou fundo, com o corpo trêmulo. — Antes do meu ingresso no Sacerdócio, Mikantor exigiu-me que arranjasse uma esposa e gerasse um filho, para minha Casa e meu nome.

Sua boca firme tremeu, seu rígido autocontrole vacilou.

— Como meu pai ordenava, aceitei o casamento, nos termos da lei. Ela era jovem, pura e adorável, uma princesa. Mas eu estava... cego a ela, como agora... — Micon cobriu o rosto com as mãos e demorou um pouco para continuar, com a voz sufocada: — E assim é meu destino; eu nunca poderei contemplar seu rosto... nunca poderei ver você, que amo mais do que a própria vida e mais do que a morte! Eu estava cego a ela e lhe disse, friamente... e cruelmente, Domaris... que jurara ser Sacerdote... e ela deixou o leito nupcial tão virgem quanto me chegara. Humilhei-a e pequei, contra meu pai, contra mim mesmo e contra toda a nossa Casa! Domaris... sabendo disso... ainda é capaz de me amar?

Domaris estava muito pálida; o que Micon confessara era considerado um crime. Mas ela limitou-se a sussurrar: — Você pagou o preço três vezes, Micon. E... e isso trouxe-o para mim. Continuo a amá-lo, e muito! — Não me arrependo por isso. — Ele comprimiu os lábios contra a mão de Domaris. — Mas...

pode compreender? Se eu tivesse tido um filho, poderia morrer, e meu irmão seria poupado de sua apostasia! — Seu rosto moreno estava angustiado. — Assim, eu tenho a culpa por seu pecado. E outro mal sucederá... pois o mal semeia o mal, a colheita se multiplica por cem, e o mal torna a ser semeado...

— Fez uma pausa. — Deoris precisa de muita proteção. Riveda está contaminado pelos Túnicas Negras.

Diante do murmúrio de horror de Domaris, ele se apressou em acrescentar: — Não, o que você está pensando não é verdade. Ele não é um Túnica Negra e até os despreza; mas é inteligente e procura conhecimento, não é muito escrupuloso com quem o adquire... Nunca subestime a força da curiosidade intelectual, Domaris! Leva a mais problemas do que qualquer outro motivo humano! Se Riveda fosse mau ou deliberadamente cruel, seria menos perigoso! Mas ele serve apenas a uma causa: a força impetuosa de uma mente poderosa que nunca foi realmente desafiada. É

totalmente desprovido de qualquer ambição pessoal. Procura e serve ao conhecimento pelo conhecimento. Não para servir, não para alcançar a perfeição. Se ele fosse mais egoísta, eu me sentiria mais tranqüilo. E... Deoris o ama, Domaris.

— Deoris ama aquele velho abominável? Micon suspirou.

— Riveda não é tão velho assim. E Deoris não o ama como... como você e eu compreendemos o amor. Se fosse apenas isso, eu não ficaria tão preocupado. O amor não deve ser compulsivo. Ele não é o homem que eu escolheria para Deoris, mas também não sou o guardião dela.

Micon sentiu a confusão de Domaris e tratou de acrescentar: — É outra coisa. E isso me perturba. Deoris mal tem idade suficiente para conhecer esse tipo de amor ou sequer saber que existe. E também... — Ele fez uma pausa. — Não sei como dizer isso... Ela não é uma

moça que aprenderá facilmente o que é paixão. Deve amadurecer lentamente. Se for despertada cedo demais, temo o que poderá lhe acontecer. E ela ama Riveda. Adora-o... embora eu tenha a impressão de que ela mesma não saiba disso. Para fazer justiça a Riveda, não creio que ele tenha estimulado o sentimento. Mas quero que você me compreenda: ele pode violá-la além da mais sórdida prostituição e deixá-la virgem... ou pode mantê-la na inocência, embora ela lhe dê uma dúzia de filhos!

Perturbada e um pouco atordoada pela veemência inesperada de Micon, Domaris mordeu o lábio e murmurou:

— Não estou entendendo!

— Conhece as *s a ji*. . . — murmurou Micon, com evidente relutância.

— Oh, não! — Era um grito de horror. — Riveda não ousaria!

— Espero que não. Mas Deoris pode não ser muito sábia no amor.

— Ele forçou um sorriso cansado. — Você mesma não foi tão sábia assim, diga-se de passagem! Mas... — Ele tornou a suspirar.

— Deoris deve seguir seu carma, como nós seguimos o nosso.

Ouvindo o suspiro de Domaris, um eco do seu, Micon acusou a si mesmo: — Eu a cansei!

— Não... mas ele está pesado agora e... seu filho me machuca.

— Sinto muito... se ao menos eu pudesse gerá-lo por você... Domaris riu um pouco e depois pegou as mãos de Micon.

— Você é o Príncipe de Ahtarrath, e eu sou sua serva e escrava mais obediente. Mas esse é um privilégio que você não pode ter! Conheço os meus direitos, meu príncipe!

O rosto rígido de Micon tornou a se desanuviar, e um sorriso de satisfação tomou seu lugar, enquanto ele se inclinava para beijá-la.

— Nós de Ahtarrath temos certos poderes sobre a natureza, é verdade. Mas, infelizmente, nem todos os meus poderes poderiam permitir esse pequeno milagre!

Domaris relaxou; o momento de perigo passara. Micon não teria outro colapso.

Mas a Noite do Nadir estava quase chegando.

Dezesseis

A Noite do Nadir

I

"Os últimos meses não foram generosos com Micon", pensou Rajasta, triste e perplexo com o persistente fracasso do atlante em se recuperar, por pouco que fosse.

O Iniciado estava agora de pé diante da janela, seu corpo esquelético mal barrava a passagem da claridade difusa do anoitecer. Com um movimento nervoso, que se tornava cada vez mais comum, Micon manuseava a estatueta de Nar-inabi, a Estrela-Criadora.

— Onde encontrou isto, Rajasta?

— Pode reconhecer?

O cego baixou a cabeça, virando-a para o outro lado.

— Não posso responder... agora. Mas... conheço este tipo de arte. Foi feita em Ahtarrath, e acho que só poderia pertencer a meu irmão ou a mim. — Ele hesitou. — Obras como esta são...

extremamente dispendiosas. Este tipo de pedra é muito raro. — Micon quase sorriu. — De qualquer forma, creio que não sou o único Príncipe de Ahtarrath que já viajou ou de quem roubaram alguma coisa. Onde a encontrou?

Rajasta não respondeu. Encontrara a estatueta naquele mesmo prédio, nos aposentos dos servos.

Dissera a si mesmo que aquilo não incriminava necessariamente nenhum dos residentes, mas as implicações o assustavam e consternavam, pois também agora era impossível eliminar qualquer um da lista de suspeitos. Riveda podia ser tão inocente quanto alegava, e o verdadeiro culpado estar em outro lugar, talvez entre os próprios guardiães... Cadamiri, Ragamon, o Ancião, ou até mesmo o

próprio Talkannon! Essas suspeitas abalavam o mundo de Rajasta até os alicerces.

Uma tristeza persistente estampava-se no rosto de Micon quando, depois de um último toque delicado, ele pôs a estatueta opalescente na mesinha ao lado da janela.

— Meu pobre irmão... — murmurou ele, de forma quase inaudível.

Rajasta não teve certeza se ele se referia a Reio-ta. Compreendendo que tinha de dizer alguma coisa, o Sacerdote da Luz refugiou-se em amenidades: — Já estamos na Noite do Nadir, Micon, e você não precisa ter medo. Com toda a certeza, seu filho não nascerá esta noite. Acabei de visitar Domaris; ela e as mulheres que cuidam dela me asseguraram que isso não vai acontecer. Ela dormirá profundamente em seus aposentos, sem despertar e sem medo de presságios e augúrios. Pedi a Cadamiri que lhe desse uma poção para dormir...

No exato momento em que falou, no entanto, o Sacerdote da Luz hesitou ao nome de Cadamiri, e sua apreensão recém-adquirida entrou em conflito com o desejo de tranquilizar Micon. Sentindo isso e sem conhecer o motivo preciso para o nervosismo de Rajasta, o atlante ficou rígido de tensão.

— A Noite do Nadir? — murmurou Micon. — Já? Perdi a conta dos dias!

Uma rajada de vento entrou pelo aposento, trazendo um tênue eco: um canto, um estranho lamento, cadenciado e prolongado. Rajasta franziu as sobrancelhas e inclinou a cabeça para escutar, enquanto Micon se virava e voltava à janela, não depressa, mas com uma intensa determinação. Havia uma expressão transtornada em seu rosto, e o Sacerdote foi postar-se a seu lado.

— Micon? — balbuciou ele, numa angústia inquisitiva.

— Conheço esse canto! — exclamou o atlante. — E o que pressagia... — Ergueu as mãos mutiladas e segurou os ombros de Rajasta. — Fique comigo, Rajasta! Eu... — A voz fraquejou. — *Estou com medo!*

O homem mais velho fitou-o com um horror indisfarçado, contente porque Micon não podia vê-

lo. Rajasta estivera ao seu lado em momentos que pareciam do maior desespero humano... mas nunca antes o Iniciado revelara seu medo de tal forma!

— Não o deixarei, meu irmão.

O canto soou de novo, frases entrecortadas trazidas pelo vento, enquanto o sol mergulhava ao crepúsculo. O Sacerdote da Luz sentiu que Micon ficava tenso, as mãos mutiladas apertavam os ombros de Rajasta, o rosto nobre estava muito pálido e trêmulo, num tremor que pouco a pouco espalhou-se pelo corpo inteiro, até que cada nervo parecia vibrar... E depois, apesar do temor visível no rosto e na postura, o atlante soltou Rajasta e virou-se mais uma vez para a janela, olhando sem ver para a escuridão que aumentava e escutando atentamente.

— Meu irmão vive — murmurou Micon, depois de um longo momento. Suas palavras soavam lentamente ao cair da noite, como tambores do juízo final. — E ele não faria isso! Ninguém da linhagem de Ahtarrath canta assim... a menos... a menos...

Sua voz tornou a definhar, cedendo lugar a uma imobilidade atenta. Micon virou-se abruptamente, encostando a testa no ombro de Rajasta, segurando-o sob o domínio de emoções tão intensas que encontraram um espelho na mente de Rajasta. Os dois tremiam com um medo irracional; horrores indescritíveis afluíam em seus pensamentos.

O vento se firmara: as cadências entrecortadas eram agora mais constantes, subindo e descendo com uma insistência de pesadelo, exigente, monótona e angustiante, mantendo o mesmo ritmo que o sangue que latejava em seus ouvidos.

— Eles clamam pelo *meu poder* — balbuciou Micon. — É a mais sinistra traição! Rajasta! — Ergueu a cabeça, com uma expressão de desespero que aumentava ainda mais o terror do momento. — *Como sobreviverei a esta noite? E preciso! Tenho de sobreviver! Se eles conseguirem... se o que invocam...*

atender ao chamado... apenas minha vida se interpõe entre esse horror e toda a humanidade!

Micon fez uma pausa, ofegando para respirar, tremendo incontrolavelmente.

— Se a ligação for efetuada... então nem mesmo eu terei certeza se é possível resistir ao mal! — Segurando Rajasta, ele balançava, ao mesmo tempo contorcido e totalmente ereto. — Apenas três vezes, em toda a nossa história, Ahtarrath convocou essa força! E nas três vezes foi muito difícil controlá-la!

Rajasta levantou as mãos e também segurou os ombros de Micon, angustiado.

— *O que devemos fazer, Micon?*

O atlante relaxou as mãos que apertavam Rajasta e baixou-as.

— Você me ajudaria? — balbuciou ele, com a voz embargada, quase infantil. — Significa...

— Não me diga o que significa! — interrompeu-o Rajasta, com a voz também trêmula. — *Mas eu o ajudarei!*

Micon respirou fundo, e um pouco de cor voltou a seu rosto. E ele murmurou, ligeiramente mais firme: — Então vamos... não resta muito tempo.

II

Tateando na arca em que guardava seus tesouros pessoais, Micon tirou um manto flexível de algum material metálico e ajeitou-o nos ombros. Depois, pegou uma espada envolta por um tecido transparente, que prendeu ao lado do corpo. Murmurando para si mesmo em sua língua natal, vasculhou na arca por mais algum tempo, até encontrar um pequeno gongo de bronze, que entregou a Rajasta, com a advertência de que não devia encostar no chão ou nas paredes.

Durante todo o tempo o terrível canto subia e descia, descia e subia, com um lamento assustador, cadências selvagens; um diapasão de tons menores que martelava o cérebro, com uma repetição abaladora. Rajasta ficou segurando o gongo, com toda sua atenção concentrada em Micon, que tornou a se inclinar para a arca, fechando a mente e os ouvidos ao som.

Os murmúrios irados do atlante transformaram-se num suspiro de alívio ao encontrar um último objeto — um pequeno braseiro de

bronze, curiosamente trabalhado, com figuras gravadas que se projetavam e entrelaçavam de uma maneira que confundia a vista e criava a ilusão de que se movimentavam. Depois de um momento, Rajasta reconheceu o que era: uma representação dos fogos dementais.

Com a economia de movimentos que lhe era característica, Micon levantou-se, segurando a espada com uma das mãos.

— Dê-me o gongo, Rajasta. — Depois que isso foi feito, o atlante acrescentou: — Leve o braseiro para o centro do cômodo e acenda um fogo... com pinheiro, cipreste e ultar.

Suas palavras eram incisivas, como se fossem a repetição de uma lição bem decorada. Ignorando os pensamentos seguintes, que já o assediavam, Rajasta empenhou-se na tarefa com determinação.

Micon foi até a janela outra vez e pôs a espada na mesinha, ao lado da estatueta de Nar-inabi.

Desenrolando o pano, ele expôs a lâmina trabalhada e o punho cravejado de pedras preciosas da espada cerimonial. Tornou a empunhá-la, firmemente, ficando de frente para a janela, numa atitude tensa e atenta. Rajasta quase podia ver o Iniciado reunindo forças; em súbita compaixão, ele pôs a mão no braço de Micon. O atlante mexeu-se, impaciente.

— O fogo está pronto?

Contrafeito, o Sacerdote inclinou-se para o braseiro, ateando fogo às lascas de madeira fragrante, espalhando grãos de incenso por cima. Nuvens de fumaça branca se elevaram; as lascas de madeira eram como olhos pequenos e soturnos, faiscando através da fumaça.

A distância, o canto subia e descia, descia e subia, aumentando em força e volume. A tênue coluna de fogo elevou-se através da fumaça e tornou a baixar.

— Está pronto — murmurou Rajasta.

O canto aumentou de intensidade, um fluxo crescente de som; em torno do som havia o silêncio, como se as próprias pulsações dos vivos estivessem abafadas, lentas, sufocadas.

Quase majestoso na aparência, muito diferente do Micon que Rajasta conhecia tão bem, o Iniciado atlante deslocou-se lentamente

para o meio do aposento, encostou a ponta da lâmina cerimonial na beira do metal do braseiro, descreveu um semicírculo, de maneira a ficar de frente para a janela outra vez. Com a ponta da espada ainda tocando no braseiro, Micon levantou o gongo e manteve-o à sua frente por um momento, à distância de seu braço estendido; o incenso fumegante enroscou-se no gongo, como aparas de metal atraídas por um ímã.

— Rajasta! — A voz de Micon era categórica. — Fique ao meu lado, passe o braço por meus ombros. — Ele estremeceu quando o Sacerdote da Luz obedeceu. — Gentilmente, meu irmão. Assim está bem. E agora... — Respirou fundo. — vamos esperar...

O lamento estridente aumentou, num crescendo de vibrações que se projetavam além e acima dos tons audíveis. E a seguir... silêncio.

Eles esperaram. A súbita quietude se prolongou, sinistra, sugerindo as vastidões sem estrelas do universo, afogando todos os sons num enorme peso de silêncio, que os oprimia como as dobras das mortalhas fúnebres.

Rajasta podia sentir o corpo de Micon ereto, rígido e real, por baixo do manto metálico; de certa forma, era a única coisa real em todo aquele silêncio vazio e sufocante. Com um sussurro rouco, um vento soprou pela janela, e a claridade diminuiu; o ar em torno dos dois parecia tremer, e Rajasta sentiu a pele arrepiar. E sentiu, mais do que viu, uma bruma palpitante na obscuridade e pequenas distorções no aposento familiar.

A ressonância treinada da voz do Iniciado rompeu o peso do silêncio: — Eu não chamei! Pelo Gongo... — Movendo-se subitamente, ele desferiu um golpe vigoroso no gongo com o punho da espada; o clamor ressoou pelo silêncio. — Pela Espada... — Micon levantou a espada e estendeu-a na direção da janela. — E pela Palavra da Espada... pelo ferro e bronze e fogo — Ele mergulhou a espada na chama e houve um crepitar de centelhas.

E então a Palavra aflorou lentamente pela garganta de Micon, quase visível, em um longo tremular de lenta vibração, que ecoou oitava acima de oitava, reverberando... interminavelmente... para algum infinito inimaginável de tempo e espaço, palpitando, universo após universo, num movimento e ritmo que não tinham lugar nem

momento, mas abrangiam o começo, o fim e tudo o que existia de intermediário.

A tremeluzente distorção turbilhonou e fiascou, cada vez mais depressa, como se as paredes girassem e se fechassem sobre eles. Mais uma vez, Micon ergueu a espada e bateu no gongo com o punho; outra vez mergulhou a ponta da lâmina no braseiro. Houve um rugido abafado e distante, enquanto o fogo aumentava e as chamas envolviam a lâmina. As distorções continuaram a turbilhonar, cada vez mais próximas, mas agora menos vertiginosas; o aposento não mais parecia prestes a desmoronar.

Vermelha e laranja, a luz forte iluminava o rosto moreno do Iniciado. Lentamente, bem lentamente, as luzes bruxuleantes envolveram a lâmina da espada, assim permanecendo por um momento, como uma coroa azul e branca a pulsar, antes de descer de volta ao braseiro... que se extinguiu, com um silvo e um sussurro. O chão tremeu com estrondo. A seguir, voltou o silêncio.

Micon apoiou-se em Rajasta, tremendo. Toda sua aura de poder e majestade desaparecera. A espada ainda permanecia de pé, sobre as brasas consumidas do braseiro. Rajasta estava prestes a falar quando soou, à distância, um rugido final, ensurdecedor.

— Nada tema — murmurou Micon. — A força volta através daqueles que tentaram usá-la sem permissão. Nosso trabalho está... concluído, por enquanto. E eu...

Ele arriou de repente, inerte, um peso morto nos braços de Rajasta. O Sacerdote da Luz levantou o corpo do atlante e levou-o para a cama. Deitou Micon, afrouxou e removeu a tira de couro de seu pulso, em que o gongo estivera suspenso. Pondo o instrumento de lado, ele molhou um pedaço de pano e lavou o rosto suado do homem desfalecido. Micon mexeu-se e gemeu.

Rajasta contraiu o rosto e os lábios, em preocupação. O atlante tinha uma palidez profunda, quase de morte, que não pressagiava nada de bom. "É exatamente isso o que não me agrada na magia!", refletiu Rajasta. "Enfraquece o forte, enerva o fraco! Seria demais se Micon removesse um perigo para sucumbir a isso!"

O atlante tornou a gemer, e Rajasta levantou-se, encaminhando-se para a porta, tendo tomado uma decisão súbita. Chamando um

escravo, o Sacerdote disse apenas: — Chame o Curandeiro Riveda.

III

Para Domaris, drogada mas tensa, meio desperta, envolta por sombras e horrores indefinidos, a Noite do Nadir era um pesadelo confuso. Foi quase um alívio lutar para recuperar a consciência e encontrar a dor física imperativa a substituir os sonhos de pavor; o nascimento de seu filho, ela concluiu de repente, era iminente.

Num impulso fatalista, não mandou avisar Micon ou Rajasta. Deoris não foi encontrada em parte alguma, e só Elara soube quando ela foi, sozinha e a pé, como o costume exigia, para a Casa do Nascimento.

E depois houve a longa espera, mais cansativa a princípio do que dolorosa. Ela se submeteu aos pequenos incômodos dos estágios preliminares de bom grado, pois era muito disciplinada para desperdiçar suas forças em ressentimento: respondendo a perguntas, dando todos os tipos de informações íntimas, sendo manipulada e examinada como um animal ("como uma gata parindo", ela disse a si mesma, tentando se sentir divertida, em vez de contrariada), conseguiu manter os pensamentos afastados do desconforto.

Não estava exatamente com medo: em comum com todas as mulheres do templo, já servira muitas vezes no Templo de Caratra, e os processos de nascimento não lhe eram misteriosos. Mas sua vida sempre fora de saúde radiante, e aquela era praticamente sua primeira experiência de dor pessoal.

Além disso — o que era ainda pior — estava com pena da garota que haviam deixado para lhe fazer companhia durante o primeiro período de espera. Era evidente que se tratava de seu primeiro acompanhamento de um parto, e a menina estava apavorada. Isso não contribuiu para aumentar a segurança de Domaris, que detestava qualquer tipo de erro; se tinha um medo mais profundo, era o de ser entregue a mãos inábeis quando nada pudesse fazer. E, no entanto, irracionalmente, sua contrariedade aumentou em vez de

diminuir quando a pequena Cetris lhe disse, a fim de tranqüilizá-la, que a Sacerdotisa Karahama decidira cuidar pessoalmente do parto.

"Karahama!", pensou Domaris. "Aquela filha-dos-ventos!"

Parecia que um longo tempo transcorrera, embora mal passasse da metade do dia quando Cetris chamou a Sacerdotisa. Para surpresa total de Domaris, Karahama apareceu acompanhada por Deoris.

Era a primeira vez desde a cerimônia que Domaris via a irmã com o traje de Sacerdotisa de Caratra; por um momento, ela teve até dificuldade para reconhecer o pequeno rosto pálido sob o véu azul. Pareceu-lhe que o rosto de Deoris era a coisa mais bem-vinda que já vira em toda a sua vida.

Domaris virou-se para a irmã — haviam-na mantido de pé —, e estendeu os braços. Mas Deoris parou na porta, aterrada, não fazendo qualquer movimento para se aproximar. As articulações de Domaris ficaram brancas quando ela cerrou as mãos e suplicou: — Deoris!

Em passos relutantes, Deoris foi até a irmã e parou a seu lado, enquanto Karahama levava Cetris para um canto e a interrogava em voz baixa.

Deoris sentiu-se desesperada, vendo a agonia familiar dominar Domaris. Domaris! Sua irmã sempre parecera um pouco mais que humana para Deoris. A compreensão abalou alguma coisa no fundo do coração dela; acalentara o pensamento de que seria diferente com Domaris, de alguma forma. As coisas comuns não poderiam afetá-la! Tudo aquilo — a dor, o perigo e o sangue — nunca poderia acontecer com Domaris!

E, no entanto, podia e aconteceria. Já estava acontecendo agora, diante de seus olhos.

Karahama dispensou Cetris — as garotas de doze e treze anos só tinham permissão para cumprir as tarefas mais simples, durante a espera — e aproximou-se de Domaris, fitando-a com um sorriso tranqüilizador.

— Pode descansar agora — disse ela, jovial.

Domaris afundou, agradecida, no divã. Ajudando-a com mãos rápidas e firmes, Deoris sentiu que ela tremia... e sentiu também,

com uma terrível sensibilidade, o esforço que a irmã fazia para não lutar ou chorar. E Domaris obrigou-se a sorrir para Deoris e murmurar: — Não fique com essa cara, sua criança tola!

Domaris estava aturdida; o que havia com Deoris? Ela vira o trabalho de Deoris, fizera questão de se informar, por razões pessoais, sobre os progressos da irmã. Sabia que Deoris já tinha permissão para trabalhar sem supervisão, até mesmo para ir à cidade e fazer os partos de esposas de mercadores que podiam merecer a presença de uma sacerdotisa; era um símbolo de competência que nem mesmo Elis já adquirira.

Karahama, notando seu sorriso e controle rigoroso, acenou com a cabeça, com satisfação.

"Ótimo! Esta Domaris tem coragem!" Ela sentia alguma afeição pela meia irmã mais afortunada; inclinou-se em sua direção e disse, muito amável: — Creio que vai descobrir que a espera é mais fácil agora. Deoris, ainda não chegou o momento... Pode ir.

Domaris ouviu a frase com um aperto no coração. E suplicou: — Oh, por favor, deixe-a ficar comigo! Deoris acrescentou sua súplica: — Vou me comportar direito!

Karahama tornou a sorrir, tolerante, e recordou-lhes a lei: as duas deviam saber que na Casa de Caratra era proibido a uma irmã acompanhar o parto de outra.

— Além disso — acrescentou Karahama, com um movimento deferente da cabeça —, como Iniciada da Luz, Domaris deve ser cuidada apenas por suas iguais.

— É muito interessante que minha própria irmã não seja minha igual! — comentou Domaris, secamente.

Karahama respondeu com alguma irritação:

— A regra não se refere à igualdade de nascimento. É verdade que vocês duas são filhas do Arqu-Sacerdote... mas você é Acólita do Guardiã do Portão e sacerdotisa iniciada. Deve ser atendida por uma sacerdotisa de posição equivalente.

— O Sacerdote-Curandeiro Riveda, assim como você, não declarou que Deoris era capaz? — argumentou Domaris, persistente, apesar da certeza interior que de nada adiantaria.

Karahama, sempre deferente, repetiu que a lei era a lei; se uma exceção fosse feita agora, outras se seguiriam, até que a lei não tivesse mais sentido. Deoris, com medo de desobedecer, inclinou-se desesperada para dar um beijo de despedida na irmã. Os lábios de Domaris se contraíram em ira: aquela meia irmã bastarda tinha a presunção de lhes fazer um sermão sobre a lei e a falar em iguais... por nascimento ou realização! Mas uma súbita pontada de dor interrompeu os protestos que afloravam à sua língua; ela agüentou a dor por um momento, depois gritou, agarrando as mãos de Deoris, torcendo-as em seu tormento. Deoris não poderia se desvencilhar, mesmo que tentasse; e Karahama, observando com simpatia, apesar de toda a sua reserva gelada, não fez qualquer movimento para interferir.

O espasmo finalmente passou, e Domaris levantou o rosto; o suor brilhava em sua testa e no lábio superior. Sua voz era cortante quando disse: — Como Iniciada da Luz, tenho o direito de suspender essa lei! Fique, Deoris! Porque eu assim *o desejo!* — E ela arrematou com a fórmula categórica: — Tenho dito!

Era a primeira vez que Domaris usava a sua nova posição para dar uma ordem dessa natureza.

Uma estranha animação dominou-a, para desaparecer no instante seguinte com a dor recorrente. Um reflexo irônico aflorou no fundo de sua mente: tinha o poder sobre a dor para os outros, mas era impotente para resguardar-se. Podia suspender as leis dos homens quase que a seu critério; mas não podia revogar as leis da Natureza por uma fração sequer, para o seu próprio bem, qualquer que fosse o seu poder, pois devia experimentar tudo, para ser completa. E suportou a dor.

As mãos pequenas de Deoris tinham marcas vermelhas quando Domaris as soltou. A irmã mais velha, cheia de remorso, levou-as à boca e beijou-as.

— Estou pedindo demais, gatinha?

Deoris sacudiu a cabeça, atordoada. Não podia recusar qualquer coisa que Domaris pedisse... mas em seu coração desejava que Domaris não lhe pedisse aquilo, que não tivesse o poder para

revogar as leis. Sentia-se desorientada, jovem demais, totalmente incapaz de assumir aquela responsabilidade.

Karahama, indignada com aquela afronta, à sua pessoa e à sua autoridade, retirou-se. O prazer de Domaris por isso foi de curta duração, pois Karahama voltou minutos depois com duas noviças discípulas. Domaris soergueu-se, com o rosto lívido de fúria.

— Isso é inadmissível! — protestou ela, e a ira baniu a dor por um momento.

As mulheres do templo deveriam estar isentas de serem objeto de aulas; Domaris, como Sacerdotisa da Luz, tinha o direito de escolher suas atendentes e não podia estar sujeita àquela... àquela humilhação!

Karahama não deu a menor atenção e continuou calmamente a falar às discípulas, insinuando indiretamente que mulheres em trabalho de parto, às vezes, desenvolviam estranhas noções... Fervilhando de ressentimento, Domaris submeteu-se. Ainda estava furiosa, mas havia agora, com uma freqüência cada vez maior, intervalos em que era incapaz de se expressar... e não havia qualquer eficácia em se descarregar a raiva com frases entrecortadas. O mais humilhante era perder o fio da invectiva a cada paroxismo.

A retaliação de Karahama não foi, no entanto, totalmente desalmada. Não demorou muito para que ela concluísse seus comentários e dispensasse as discípulas. Domaris conseguiu concentrar bastante coerência para ordenar:

— Você também pode ir! Disse que eu deveria ser atendida por minhas iguais... sendo assim...
deixe-me!

Era uma dispensa cáustica: retribuía, plenamente, a indignidade conferida a Domaris. Falar assim a uma igual, sem testemunhas, já seria bastante cruel e insultuoso; falar a Karahama, na presença de suas discípulas, era mais ofensivo do que um tapa na cara.

Karahama empertigou-se, meio propensa a protestar; mas, forçando um sorriso, limitou-se a dar de ombros. Afinal, Deoris era competente; e Domaris não corria o menor perigo. Karahama só poderia se aviltar ainda mais se tentasse argumentar.

— Que assim seja — murmurou ela, bruscamente, saindo em seguida.

Domaris, consciente de que violara a lei no espírito, se não mesmo na letra, quase se sentiu compelida a chamá-la de volta... mas seria insuportável não ter Deoris a seu lado! Domaris não era perfeita; era muito humana e estava zangada. Além disso, foi outra vez sacudida por uma terrível onda de dor, que parecia dilacerar seu corpo em uma dezena de direções diferentes. Esqueceu a existência de Karahama.

— Micon! — gemeu ela, contorcendo-se de dor. — Micon! Deoris inclinou-se sobre a irmã, murmurando palavras tranquilizadoras, segurando-a, aquietando sua rebelião com plena eficiência.

— Micon virá, se você pedir, Domaris. — Quando a irmã se acalmou um pouco, ela indagou: — É isso o que quer?

Domaris cravou as mãos convulsivamente no leito. Finalmente, podia compreender — que não era a lei, mas o costume, que determinava que uma mulher devia ter seu filho à distância e sem conhecimento do pai.

— Não — sussurrou ela —, não, vou me controlar.

Micon não devia saber do preço de seu filho! Se ele estivesse com a saúde melhor... Mãe Caratra!

Será que aquilo acontecia com todas?

Embora tentasse manter a mente nas instruções detalhadas que Deoris lhe dava, os pensamentos de Domaris volta e meia resvalavam em lembranças torturadas. "Micon", pensou ela, "Micon! Ele suportou mais do que isso! E não chorou! Só agora começo a compreendê-lo!" Ela riu então, um pouco histérica, ao pensamento de que já orara aos deuses para que pudesse partilhar alguns dos tormentos de Micon! "Que ninguém diga que os deuses não atendem a nossas orações! E é a pura verdade! Eu suportaria com alegria coisas piores do que isso por Micon!" A essa altura, seus pensamentos tornaram a resvalar na incoerência. A tortura deve ser assim, o corpo dilacerado numa onda de dor... e assim eu partilho o que ele sofreu a fim de libertá-lo de toda dor para sempre! Dou à luz ou dou à morte? As duas coisas!"

Um riso sinistro e assustador sacudiu-a em frenesim histéricos, até que qualquer movimento se tornou uma agonia insuportável. Ela ouviu Deoris protestando, furiosa, sentiu mãos a contê-la, mas nenhuma persuasão ou ameaça podia aquietar a histeria de Domaris. E ela continuou, rindo em delírio, até que se tornou mais do que riso, era um soluço incontrolável, inconsciente a tudo, exceto à dor e à súbita cessação desta. Ficou chorando, em absoluta exaustão, sem saber o que estava acontecendo, sem se importar.

— Domaris... — A voz tensa da irmã finalmente penetrou por seus soluços. — Domaris, querida, por favor, tente parar de chorar... por favor... Está acabado. Não quer ver seu bebê?

Inerte e consumida depois da histeria, Domaris mal pôde acreditar em seus ouvidos. Lânguida, abriu os olhos. Deoris a fitava, com um sorriso cansado. Virou-se para pegar a criança... um menino, pequeno e perfeito, com uma penugem avermelhada cobrindo a cabecinha arredondada, o rostinho contraído e contorcido, berrando esgoelado, na necessidade de viver e respirar separado da mãe.

Os olhos de Domaris tornaram a se fechar. Deoris suspirou e pôs-se a envolver o recém-nascido em toalhas de linho. "Por que um pedaço de carne tão indefinido deveria causar tanta dor?", ela perguntou a si mesma, não pela primeira vez. Alguma coisa se perdera irremediavelmente em seu sentimento pela irmã. Domaris nunca soube quão perto Deoris esteve de odiá-la naquele momento, por tê-la feito passar por aquela situação...

Quando os olhos de Domaris voltaram a se abrir, a razão já residia ali outra vez, embora a expressão fosse exausta. Estendeu a mão hesitante e murmurou, assustada: — Meu bebê...

Receando que a irmã pudesse desatar de novo em soluços histéricos, Deoris suspendeu o bebê enfaixado para que Domaris pudesse vê-lo.

— Não pode ouvi-lo? — ela perguntou, gentilmente. — Ele grita tão alto quanto dois gêmeos.

Domaris tentou soerguer-se, mas recaiu no leito, cansada. E suplicou, ansiosa:

— Oh, Deoris, dê o bebê para mim!

Deoris sorriu pelo milagre inesgotável e inclinou-se para ajeitar o bebê no braço da mãe. O rosto de Domaris estava extasiado, brilhando intensamente, enquanto aconchegava o bebê a se remexer... e depois, com súbita apreensão, mexeu nos panos que o envolviam. Deoris tornou a se inclinar e impediu-a, sorrindo a isso também... mais uma prova de que Domaris não era diferente de qualquer outra mulher.

— Ele é perfeito, Domaris. Preciso contar cada dedo das mãos e dos pés para você?

Com a mão livre, Domaris tocou no rosto da irmã.

— Querida Deoris...

Ela jamais gostaria de suportar tudo aquilo sem Deoris a seu lado, mas não havia como dizer isso à irmã. Limitou-se a murmurar, tão baixo que Deoris podia, se assim quisesse, fingir não ter escutado: — Obrigada, Deoris! — Depois, ela recostou a cabeça, exausta, ao lado do bebê. — Pobre menino... Será que está tão cansado quanto eu? — Os olhos dela tornaram a se abrir. — Deoris! Não conte nada disso a Micon! Preciso pôr nosso filho em seus braços. Esse é o meu dever... — ela contraiu os lábios, mas acrescentou: — . . . e meu grande privilégio.

— Ele de nada saberá por meu intermédio — prometeu Deoris, tirando o bebê dos braços relutantes da mãe.

Domaris quase dormiu, sonhando, embora estivesse consciente da água fria em seu rosto quente e no corpo dolorido. Documente, comeu e bebeu o que foi levado a seus lábios e percebeu que Deoris — ou alguma outra pessoa — escovava seus cabelos emaranhados, cobria-a com roupas limpas, ajeitava-a entre lençóis de linho. O crepúsculo e o silêncio predominavam no aposento; ela ouviu passos suaves, vozes abafadas. Dormiu, acordou, tornou a dormir.

Houve um momento em que teve consciência de que o bebê era posto de novo em seus braços e aconchegou-o, completamente feliz naquele instante.

— Meu filhinho — murmurou ela, ternamente; depois, sorrindo para si mesma, Domaris deu-lhe o nome que usaria até que se tornasse um homem: — Meu pequeno Micail!

IV

A porta foi aberta sem ruído. O vulto alto e intimidativo de Mãe Ysouda surgiu no limiar. Ela acenou para Deoris, que lhe fez um gesto para que não falasse alto; as duas saíram para o corredor na ponta dos pés.

— Ela dorme de novo? — murmurou Mãe Ysouda. — O Sacerdote Rajasta espera por você no Pátio dos Homens, Deoris. Vá mudar de roupa. Pode deixar, que tomarei conta de Domaris. — Ela virou-se para entrar no quarto, depois hesitou e olhou para a filha de criação, indagando num sussurro: — O que aconteceu, menina? Como Domaris deixou Karahama tão furiosa? Houve palavras iradas entre as duas?

Timidamente, precisando de muita exortação, Deoris relatou o que acontecera. Mãe Ysouda sacudiu a cabeça grisalha.

— Domaris não é assim!

O rosto encarquilhado se contraíra. Deoris perguntou, apreensiva: — O que Karahama vai fazer?

Mãe Ysouda empertigou-se, percebendo que falara demais para uma mera sacerdotisa inferior.

— Você não será punida por ter obedecido à ordem de uma sacerdotisa iniciada — disse ela, com austera dignidade. — Mas não lhe cabe questionar Karahama. Ela é uma sacerdotisa da Mãe, e não seria apropriado que ela guardasse ressentimento. Se Domaris falou de maneira impensada, em momento de dor, sem dúvida Karahama sabe que foi a ira temporária e não se sentirá ofendida. E agora vá, Deoris. O Guardiã a espera.

As palavras eram de censura e dispensa, mas Deoris analisou-as, profundamente perturbada, enquanto trocava de roupa — as túnicas que usava dentro do Santuário da Mãe não deviam ser profanadas pelos olhos de qualquer homem. Deoris podia adivinhar muito do que Mãe Ysouda não quisera dizer: Karahama não era da casta dos Sacerdotes, e suas reações não podiam ser previstas com precisão.

No Pátio dos Homens, poucos minutos depois, Rajasta andava de um lado para outro. Ao avistar Deoris, encaminhou-se apressado

para ela.

— Está tudo bem com Domaris? — perguntou ele. — Disseram-me que ela teve um filho.

— Um filho lindo e saudável — respondeu Deoris, surpresa ao ver o calmo Rajasta traindo tanta ansiedade. — E está tudo bem com Domaris.

Rajasta sorriu, com alívio e aprovação. Deoris não mais parecia uma criança mimada e petulante, mas uma mulher competente e segura em sua esfera de atuação. Sempre se considerara o mentor de Deoris, assim como o de Domaris; embora um pouco desapontado por ela ter deixado o caminho do Sacerdócio da Luz e assim se colocado além de seu alcance como futura acólita ou iniciada, aprovara a sua escolha. Muitas vezes indagara a seu respeito, desde que fora admitida no Templo de Caratra, ficando satisfeito ao ouvir elogios à sua capacidade. Com uma genuína afeição paternal, ele disse: — Está crescendo depressa em sabedoria, minha filha. Disseram-me que foi você quem fez o parto. Eu pensava que isso era contrário a alguma lei...

Deoris cobriu os olhos com uma das mãos.

— A posição de Domaris a coloca acima dessa lei. Rajasta assumiu uma expressão preocupada.

— É verdade, mas... ela pediu ou ordenou?

— Ela... ordenou.

Rajasta ficou perturbado. Uma Sacerdotisa da Luz tinha o direito de escolher suas atendentes, mas essa lei fora feita para permitir a leniência em determinadas circunstâncias excepcionais. Ao invocá-

la deliberadamente, para seu próprio conforto, Domaris cometera um erro. Percebendo seu ânimo, Deoris apressou-se em defender a irmã:

— *Elas* violaram a lei! Uma filha de Sacerdote está isenta de ter discípulos ou vozes ao seu lado, e Ka... Ela parou de falar, corando. No calor do momento, esquecera que falava a um homem. Além disso, era inadmissível argumentar com Rajasta; mesmo assim, ela sentiu-se compelida a acrescentar, obstinada:

— Se alguém errou, foi Karahama! Rajasta conteve-a com um gesto.

— Sou Guardiã do Portão, não dos Pátios Internos! — Mais gentilmente, ele disse: — Você é muito jovem para merecer tanta confiança, minha criança. Com ou sem ordem... ninguém teria deixado a filha do Arqui-Sacerdote em mãos incompetentes.

Timidamente, Deoris murmurou:

— Riveda me disse...

Ela parou, lembrando que Rajasta não gostava muito do Iniciado. O Sacerdote disse: — O Senhor Riveda é sábio; o que ele disse?

— Que... quando eu vivi antes... — Deoris corou e continuou rapidamente: — Eu conhecia todas as artes curativas e usava-as para o mal. Ele disse que... nesta vida, eu deveria expiar por isso...

Rajasta refletiu por um momento, com um aperto no coração, recordando o destino escrito nas estrelas para aquela criança.

— É possível, Deoris — comentou ele, em tom neutro. — Mas tome cuidado para não se tornar orgulhosa demais; os perigos de vidas anteriores tendem a reaparecer. E agora me diga: foi difícil para Domaris?

— Um pouco — respondeu Deoris, hesitante. — Mas ela é forte, e tudo deveria ter sido fácil.

Contudo, houve muita dor que não pude aliviar. Receio... — Ela baixou os olhos por um instante, depois tornou a fitar Rajasta, bravamente. — Não sou alta sacerdotisa nesta vida, mas receio muito que outra criança possa representar um grande risco para Domaris.

A boca de Rajasta contraiu-se, tornando-se uma linha fina. Domaris de fato se comportara de maneira errada, e o efeito de sua rebeldia já a estava atingindo. Tal recomendação, partindo de uma pessoa com a competência de Deoris, era uma grave advertência — mas sua posição no templo não era equivalente a seu valor, e ela ainda não tinha autoridade para formulá-la. Se Domaris tivesse sido devidamente atendida por uma sacerdotisa de elevada posição, embora de menor competência, sua palavra, quando jurada e confirmada, significaria que a moça nunca mais teria permissão para arriscar a vida; uma mãe viva para um filho vivo era considerada, no Templo da Luz, como mais valiosa do que a esperança de um

segundo filho. Agora, Domaris deveria assumir o efeito da causa que desencadeara.

— Não cabe a você recomendar — disse ele, tão gentilmente quanto possível. — Mas, por enquanto, não precisamos falar a respeito disso. Micon...

— Ah, quase esqueci! — exclamou Deoris. — Não devemos contar a ele. Domaris quer...

Ela parou de falar, ao ver a enorme tristeza estampada no rosto de Rajasta.

— Precisa pensar em alguma coisa para dizer a ele, minha filha. Micon está gravemente doente, e não podemos permitir que se preocupe com Domaris.

Deoris descobriu-se subitamente incapaz de falar; seus olhos se arregalaram. Com a voz embargada, Rajasta acrescentou:

— Isso mesmo, é o fim... acho que é o fim...

Dezessete

Destino e morte

I

Micail tinha três dias de idade quando Domaris levantou-se e vestiu-se, com um cuidado meticuloso, que lhe era excepcional. Usou o perfume que Micon apreciava, a fragrância de sua terra... o primeiro presente que lhe dera. Seu rosto estava controlado, mas não calmo; embora Domaris conseguisse conter o choro enquanto Elara a preparava para a provação, a própria serva prorrompeu em lágrimas quando pôs a criança em seus braços.

— Não chore! — suplicou Domaris.

A mulher saiu correndo. Domaris aconchegou o filho, pensando, angustiada: "Criança, eu a gerei para dar a morte a seu pai".

Cheia de remorso, inclinou o rosto para Micail. A dor era uma parte do seu amor por aquela criança, uma dor profunda e amarga, que abalava sua felicidade. Esperara três dias e ainda não tinha certeza se o seu corpo ou mente poderiam levá-la por aquele dever final ao homem a quem amava.

Hesitante, ainda protelando, ela esquadrinhou as feições em miniatura, ainda um pouco indefinidas, de Micail, procurando alguma forte semelhança com o pai. Um soluço subiu por sua garganta ao beijar a penugem avermelhada em sua testa.

Finalmente, erguendo o rosto, numa atitude orgulhosa, ela encaminhou-se para a porta e saiu, com Micail no colo. Seus passos eram firmes; a relutância de seus pés não traía o seu receio.

Havia um sentimento de culpa em seu íntimo. Sentia que aqueles três dias a fazer com que um homem torturado se apegasse à vida haviam sido um egoísmo. Mesmo agora, ela só agia sob a compulsão do dever jurado, e seus pensamentos eram como açoites de desdém

por si mesma. Micaíl choramingou em protesto, e ela percebeu que o apertava demais contra o peito.

Foi caminhando, devagar, vendo apenas com metade dos olhos o tumulto de cores nos jardins; embora puxasse automaticamente a manta sobre a cabeça da criança, Domaris via apenas o rosto encovado e mortificado de Micon, sentia apenas a amargura de sua própria dor.

Não era um caminho longo a percorrer, mas para Domaris parecia toda a extensão até o fim do mundo. A cada passo, ela deixava para trás o último resquício de sua juventude. Mas, depois de algum tempo, um período indefinido, a confusão de pensamento e sentimento gradativamente se desanuviou, e ela se descobriu a entrar nos aposentos de Micon. Titubeou um pouco com a plena compreensão.

"Agora não há mais retorno." Vagamente, refletiu que, para ela, nunca houvera.

Seus olhos vasculharam o aposento numa súplica inconsciente, e o desespero em seu rosto jovem provocou uma angústia sufocante na garganta de Deoris. Os olhos de Rajasta se tornaram ainda mais compadecidos, e até a boca firme de Riveda perdeu um pouco da severidade. Foi a última coisa que Domaris viu, e lhe proporcionou uma nova força, nascida da raiva.

Orgulhosa, ela se empertigou, com a criança no colo. Seus olhos fixaram-se no rosto consumido de Micon; excluiu os outros de sua mente. Aquele era o momento em que tinha de se entregar; agora, podia dar mais de si mesma, podia renunciar — e por sua própria decisão — às esperanças de qualquer futuro pessoal. Em silêncio, ela foi se postar ao lado de Micon. A mudança que nele ocorrera em poucos dias atingiu-a como um golpe.

Até aquele momento, Domaris se permitira manter alguma tênue esperança de que Micon ainda fosse poupado para ela, mesmo que apenas por mais um pouco... Agora, constatava a verdade.

Contemplou-o em silêncio por um longo tempo, e cada feição do rosto nobre de Micon gravou-se para sempre em sua vida, com a amargura da agonia.

Os olhos sem vista de Micon finalmente se abriram, e parecia que ele via, com algo mais intenso do que a visão, pois falou diretamente a Domaris, embora ela nada tivesse dito e fosse recebida com o silêncio.

— Minha Dama da Luz — murmurou ele, com alguma coisa em sua voz que desafiava qualquer definição. — Deixe-me segurar... nosso filho!

Domaris ajoelhou-se, e Rajasta se adiantou discretamente para amparar Micon, enquanto o atlante se erguia. Domaris colocou a criança em seus braços magros e murmurou palavras que, por si mesmas, não tinham a menor importância, mas que adquiriam um enorme significado para o homem agonizante.

— Nosso filho, meu amado... nosso filho perfeito.

Os dedos mutilados de Micon percorreram ternamente o rostinho do menino. Seu rosto, parecendo uma delicada máscara mortuária, inclinou-se sobre o do filho; lágrimas se acumularam e caíram de seus olhos cegos, e ele suspirou, com uma melancolia infinita.

— Se eu pudesse... apenas uma vez... contemplar meu filho!

Um som áspero como um soluço rompeu o silêncio, e Domaris ergueu os olhos, inquisitiva.

Rajasta estava silencioso como uma estátua, e a garganta de Deoris nunca poderia ter produzido aquele som... — Minha amada... — A voz de Micon estava um pouco mais firme. — Resta uma coisa a fazer.

Rajasta... — O rosto encovado do atlante virou-se para o Sacerdote da Luz. — Cabe a você orientar e zelar por meu filho.

Assim falando, ele deixou que Rajasta tirasse a criança de seus braços. No instante seguinte Domaris aninhou a cabeça de Micon contra o peito. Sorrindo debilmente, ele se afastou.

— Não — murmurou ele, com enorme ternura. — Estou cansado, meu amor. Deixe-me terminar tudo, agora.

Ele se levantou, lentamente. Riveda, rápido como uma sombra, estava ali para pôr seu braço forte sob Micon. Com um pequeno sorriso de agradecimento, Micon aceitou o amparo do Túnica Cinzenta.

Deoris pegou as mãos geladas da irmã em suas mãos quentes, mas Domaris nem percebeu o contato.

Micon inclinou o rosto sobre a criança, dócil nos braços de Rajasta; com as mãos mutiladas, tocou de leve nos olhos fechados.

— Veja... o que lhe dou para ver, Filho de Ahtarrath! Os dedos retorcidos tocaram nas pequenas orelhas, enquanto

a voz treinada do Iniciado ressoava pelo aposento: — Escute... o que lhe dou para escutar!

Ele passou as mãos de leve pelas têmporas cobertas por penugem.

— Conheça o poder que eu conheço e que lhe concedo, filho da herança de Ahtarrath!

Tocou na boca rosada e voraz, que chupou seu dedo por um instante, e depois cuspiu.

— Fale com os poderes da tempestade e do vento... do sol e chuva, água e ar, terra e fogo! Fale apenas com justiça e com amor.

A mão do atlante repousou então sobre o coração do bebê.

— Bata apenas ao chamado do dever, aos poderes do amor! Assim, eu, pelo Poder que disponho... — A voz de Micon murchou subitamente. — Pelo... Poder que disponho, a você entrego...

esse Poder...

O rosto de Micon se tornara de um branco espectral. Palavra a palavra, movimento a movimento, ele liberara as forças tremendas que constituíam a única coisa que o afastava da dissolução. Com o que parecia um enorme esforço, ele fez um sinal sobre a testa da criança; depois, apoiou-se pesadamente em Riveda.

Com uma ternura ansiosa, Domaris correu para o seu lado, mas Micon, por um momento, não lhe deu atenção, enquanto balbuciava:

— Eu sabia que assim seria... eu sabia... Senhor Riveda, deve concluir... terminar a missão! — Micon respirou fundo, com a maior dificuldade. — Não me traia!

E essas palavras foram pontuadas por uma trovada distante. Sombrio, sem dizer nada, Riveda deixou que Domaris sustentasse o peso de Micon, liberando-o para a missão. O Túnica Cinzenta sabia muito bem por que ele e não Rajasta ou qualquer outro fora escolhido para fazer aquilo. O aparente sinal de confiança do atlante

era, na verdade, justamente o oposto: ligando o carma de Riveda ao da criança, mesmo em grau tão pequeno, Micon procurava garantir que Riveda, pelo menos, não ousaria atacar seu filho e o Poder que ele representava...

Os olhos azuis gelados de Riveda ardiam sob as sobrancelhas enquanto, com voz e atitude bruscas, ele assumia o ritual interrompido:

— A você, filho de Ahtarrath, Caçador Real, Herdeiro-do-Mundo-do-Trovão, o Poder passa.

Sacramentado pela Luz...

O Iniciado desfez, com suas mãos fortes e hábeis, as mantas em torno do bebê, expondo-o, com um gesto peculiarmente cerimonial, aos raios do sol, que pareceram beijar a pele coberta por penugem.

Micail esticou-se com um arrulho de satisfação.

A solenidade do rosto do Mago não se desanuviou, mas seus olhos sorriam, enquanto devolvia a criança às mãos de Rajasta e levantava os braços para a invocação.

— De pai para filho, de era para era — disse Riveda —, o Poder passa, conhecido aos que foram gerados na verdade. Assim foi e assim é, assim sempre será. Salve Ahtarrath... e para Ahtarrath, adeus!

Micail olhava com uma gravidade plácida e sonolenta para o círculo de rostos ao seu redor — mas não por muito tempo. Terminada a cerimônia, Rajasta apressou-se em passar o bebê para os braços de Deoris. Depois, tirou Micon do abraço de Domaris e ajudou-o a se deitar, gentilmente. As mãos do atlante tatearam debilmente, à procura das mãos de Domaris, que se aproximou para abraçá-lo de novo. A dor intensa nos olhos de Domaris era uma crucificação.

Deoris, com a criança comprimida contra o peito, chorava silenciosamente, com o rosto no manto de Rajasta; o Sacerdote da Luz passava um braço por seus ombros, mas seus olhos estavam fixos em Micon. Riveda, de braços cruzados sobre o peito, contemplava a cena com uma expressão sombria; seu vulto maciço bloqueava a luz do sol.

O príncipe estava imóvel, tão imóvel que os espectadores também prenderam a respiração... Ele acabou se movendo, muito fraco.

— Dama... vestida de luz... — sussurrou Micon. — Perdoe-me. — Ele esperou, e gotas de suor afloraram em sua testa. — *Domaris*. — A palavra era uma oração.

Parecia que Domaris nunca falaria, que o discurso fora represado na fonte, que o mundo inteiro permaneceria em silêncio até o fim da eternidade. Mas, finalmente, os lábios brancos de Domaris se entreabriram, sua voz soou clara e triunfante no silêncio: — Está bem, meu amado. Vá em paz.

O rosto pálido continuou imóvel, mas os lábios se contraíram num arremedo do antigo sorriso radiante de Micon.

— Amor da minha vida... — ele balbuciou, para depois acrescentar, ainda mais baixo: — Coração... em chamas...

Um suspiro cortou o silêncio e depois se extinguiu. Domaris inclinou-se para a frente... e seus braços, em um gesto estranho e patético, caíram para os lados de seu corpo, vazios. Riveda adiantou-se até a beira da cama, fitou o rosto sereno e fechou os olhos mortos.

— Está acabado — murmurou o Iniciado, quase ternamente e com pesar. — Que coragem, que força... E que desperdício!

Domaris levantou-se, com os olhos secos, e virou-se para Riveda.

— Isso é uma questão de opinião — declarou ela, lentamente. — É nosso triunfo! Deoris... dê-

me meu filho. — Ela pegou Micail, e seu rosto brilhava, espectral, na sublimação do pesar. — Con-templem nosso filho... e nosso futuro. Pode me mostrar algo igual, Senhor Riveda?

— É de fato um triunfo — reconheceu Riveda, inclinando-se em profunda reverência.

Deoris adiantou-se para pegar a criança outra vez, mas Domaris conservou o filho, acariciando-o com as mãos trêmulas. Depois, com um último olhar para o rosto moreno e sereno que fora de Micon, ela virou-se, e os homens ouviram-na sussurrar uma oração desolada: — Ajude-me... O Aquele Que É!

Deoris saiu com a irmã, que não ofereceu qualquer resistência.

II

Aquela noite foi fria. A lua cheia, subindo cedo, inundou o céu com uma claridade que apagou as estrelas. Baixo no horizonte, chamas soturnas luziram no quebra-mar, enquanto luzes-fantasmas, azuis e tremeluzentes, surgiram ao norte.

Riveda, pela primeira e última vez em sua vida, vestia o branco imaculado da Casta dos Sacerdotes, andava em passos cadenciados e solenes diante dos aposentos de Micon, de um lado para o outro. Não tinha a menor idéia do motivo pelo qual ele fora o escolhido para aquela vigília, em vez de Rajasta ou algum outro dos guardiães — e não mais tinha tanta certeza por que Micon suportara sua ajuda ao final! Fora confiança ou desconfiança o principal fator na aceitação derradeira de Micon?

Era evidente que o atlante o temia, pelo menos um pouco. Mas por quê? Ele não era um Túnica Negra! As confusões apresentavam um enigma além de sua compreensão... e Riveda não gostava do sentimento de ignorância. Contudo, sem protesto ou orgulho, ele tirara naquela noite a túnica cinzenta que usara por tantos anos e vestira a túnica ritual da Luz. Sentia-se curiosamente transformado, como se também adquirisse, junto com a túnica branca, alguma coisa do caráter daqueles escrupulosos sacerdotes.

Apesar de tudo, porém, sentia um pesar profundamente pessoal e um senso de derrota. Nas derradeiras horas, a fraqueza de Micon comovera Riveda de uma forma que sua força nunca seria capaz. Um respeito relutante fora substituído por uma afeição profunda e sincera.

Raramente Riveda permitia que os eventos o perturbassem. Não acreditava no destino... mas sabia que os fios passavam pelo tempo e as vidas dos homens, e que uma pessoa podia neles se emaranhar. *Carma*. Era como as avalanches das montanhas do norte, pensou Riveda, sombriamente. Uma única pedra desprendida por um passo descuidado e todos os poderes do mundo e da natureza não podiam conter o movimento. Riveda estremeceu. Sentia uma estranha certeza de que a morte de Micon trazia o destino e juízo

final para todos. Como não gostasse da idéia, Riveda preferia acreditar que podia dominar o destino, escolher um caminho pelos perigos do carma, apenas por sua força e vontade.

Ele continuou a andar de um lado para o outro, de cabeça baixa. A Ordem dos Magos, conhecidos ali como Túnicas Cinzentas, era antiga e em outros lugares tinha um nome mais honrado.

Em Atlântida havia muitos adeptos e iniciados da Ordem, entre os quais Riveda ocupava uma posição de destaque. E agora Riveda sabia uma coisa que ninguém mais adivinhara, e sentia que era legítima-mente sua.

Uma ocasião, em delírio desvairado, uma palavra e um gesto escaparam despercebidos de seu noviço, Reio-ta. Riveda registrara ambos, embora parecessem não ter sentido no momento. Mais tarde, vira o mesmo gesto ser trocado entre Rajasta e Cadamiri, quando julgavam que ninguém os observava; e Micon, no delírio da agonia que precedera o sossego de suas últimas horas, murmurara frases em atlante... uma delas repetindo o que Reio-ta dissera. O cérebro de Riveda arquivara todas essas coisas para futura referência. Conhecimento, para ele, era uma coisa a ser adquirida; uma coisa oculta era algo a ser procurado com mais perseverança.

No dia seguinte o corpo de Micon seria incinerado, as cinzas levadas de volta à sua terra. E ele, Riveda, deveria assumir essa missão. Quem tinha um maior direito a isso do que o Sacerdote que consagrara o filho de Micon ao poder de Ahtarrath?

III

Ao romper do dia, Riveda puxou cerimoniosamente as cortinas, deixando a luz do sol inundar o aposento em que Micon se encontrava. O amanhecer era um mar vivo de vermelho e rosa, de fogo lívido; a luz se projetava como chamas dançantes no rosto morto do Iniciado. Riveda, franzindo o rosto, sentiu que a morte de Micon não terminara nada.

"Isso começou no fogo", pensou Riveda, "acabará no fogo... mas será apenas o fogo do funeral de Micon? Ou há chamas mais altas

se elevando no futuro... ?" Ele sacudiu a cabeça. "Que absurdo estou sonhando? Hoje, o fogo vai incinerar o que os Túnicas Negras deixaram de Micon, Príncipe de Ahtarrath... e, no entanto, à sua maneira, ele derrotou todos os elementos."

Com o nascer do sol, sacerdotes vestidos de branco entraram e pegaram Micon, ternamente, levando-o pelo caminho sinuoso da manhã. Rajasta, com o rosto contraído de dor, seguia na frente do esquife; Riveda, em passos silenciosos, com a cabeça baixa, ia atrás. E depois vinha uma longa procissão de sacerdotes em mantos brancos e sacerdotisas com faixas prateadas e mantos azuis, num tributo ao estrangeiro, o Iniciado que ali morrera... e lá atrás caminhava uma sombra cinzenta, um vulto encurvado como um ancião, sacudido por soluços convulsivos, o manto cinzento cobrindo o rosto, as mãos escondidas na túnica puída e remendada. Mas nenhum homem viu como Reio-ta Lantor de Ahtarrath seguia seu príncipe e irmão para as chamas.

Também sem ser vista, no topo da grande pirâmide, estava uma mulher, alta e sublime, o rosto avermelhado pelo sol nascente, o céu da manhã ardendo em seus cabelos. Uma criança estava aninhada em seus braços; enquanto a procissão se desvanecia em sombras escuras contra a luz radiante do leste, Domaris ergueu o filho para o sol nascente. Em voz firme, começou a entoar o hino da manhã:

*"O beleza sobre o horizonte do leste,
Derrame sua luz pelo dia, ó estrela oriental;
Estrela do Dia, desperte, levante!
Alegria e criadora da vida, desperte.
Dona e criadora da vida,
Espalhe sua luz, ó Estrela do Dia,
Estrela do Dia, desperte, levante!"*

Lá embaixo, as chamas dançavam e se elevavam, em espiral, da pira fúnebre, e o mundo se afogava em fogo e luz do sol.

Table of Contents

[Série Avalon](#)

[Agradecimentos](#)

[LIVRO UM](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)